

Tenso, cativante e obsessivo, uma leitura compulsiva

J. L. BUTLER

TU ÉS MEU!

ELE QUER QUE A MULHER DESAPAREÇA.
E NÓS TAMBÉM...

 Planeta





Tenso, cativante e obsessivo, uma leitura compulsiva

J. L. BUTLER

TU ÉS
MEU!

ELE QUER QUE A MULHER DESAPAREÇA.
E NÓS TAMBÉM...

 Planeta

J. L. Butler

Tu És Meu!

Tradução
Mário Dias Correia

Para JP

Prólogo

Não recordo grande coisa da noite em que devia ter morrido. É engraçado como a mente consegue bloquear as recordações que já não quer guardar. Vocês sabem como é. Mas, se fechar os olhos, ainda consigo ouvir os sons daquela noite de Maio. O uivo de um vento frio tão a despropósito da estação. O bater da janela do quarto. O mar a raspar os seixos da praia, ao longe.

Também estava a chover. Lembro-me desta parte porque o leve tamborilar da chuva no vidro continua nítido na minha cabeça. Por um instante foi hipnótico. Por um instante disfarçou o som dos passos dele lá fora: *tap, tap, tap*, solas de sapatos contra lajes de pedra em passos lentos, determinados.

Eu sabia que ele vinha e sabia o que tinha de fazer.

Deitada debaixo do edredão na cama de ferro, obriguei-me a ficar calma. A fraca luminosidade dos candeeiros do caminho costeiro insinuava-se no quarto. Em circunstâncias normais, aquela penumbra espectral apaziguar-me-ia, mas nessa noite fez-me sentir mais sozinha, como se estivesse a flutuar no espaço sem uma amarra.

Cerrei os punhos, a esperar, a pedir que o reconfortante crepúsculo do novo dia se apresentasse à janela. Mas sabia, mesmo sem olhar para o relógio, que isso estava ainda a pelo menos quatro ou cinco horas de distância e não precisava de dizer a mim mesma que seria demasiado tarde. Os passos estavam mesmo ao pé da casa e o leve ruído metálico de uma chave a ser introduzida na fechadura ecoou escada acima. Era difícil distinguir os sons no grande e velho casarão, estava demasiado cansada e sem forças para isso...

Como fora que me metera naquilo? Tinha ido para Londres em busca de uma vida melhor, para me enriquecer com novas experiências, para conhecer pessoas mais interessantes. Para me apaixonar. E agora ali estava eu: um exemplo, um aviso...



Ouvi o ranger da porta da frente a abrir-se. Uma corrente de ar gelado entrou pelas frinchas do caixilho da janela e picou-me o nariz. Estava frio como numa morgue; uma comparação macabramente adequada. Eu até estava estendida como uma múmia, os braços pousados de ambos os lados do corpo, os dedos trémulos enfiados debaixo das coxas, pesados e imóveis como se fossem pesos mortos, a ancorarem-me à cama.

Quando os passos chegaram ao alto das escadas, tirei as mãos do seu quente esconderijo e pousei-as no algodão fresco da capa do edredão. Tinha os dedos enclavinados, as unhas a fazer pressão contra as palmas das mãos, mas pelo menos estava pronta para lutar. Suponho que era a advogada que havia em mim.

Ele hesitou do outro lado da porta do quarto e o momento pareceu comprimir-se num silêncio frio, suspenso. Ir para ali não tinha sido boa ideia. Fechei os olhos e desejei com muita força que aquela lágrima solitária não escorresse para a minha face.

Um suave roçar de madeira na alcatifa quando a porta se abriu. Todos os instintos do meu corpo me gritavam que saltasse da cama e fugisse, mas eu tinha de esperar para ver se ele o faria, se seria capaz de o fazer. O coração martelava-me no peito, tinha os membros paralisados pelo medo. Mantive os olhos fechados, mas sentia-o de pé a meu lado, o meu corpo a recuar para uma sombra ameaçadora. Até conseguia ouvi-lo respirar.

Uma mão tapou-me a boca, o seu toque frio e alienígena contra os lábios secos e franzidos. Abri os olhos e vi uma cara a poucos centímetros da minha. Estava desesperada por ler-lhe a expressão, desesperada por saber o que estava a pensar. Separei os lábios à força, pronta para gritar, e então esperei que as coisas seguissem o seu curso.

Capítulo 1

Três meses antes

Tinha chegado há cinco minutos quando senti uma presença à porta do meu gabinete.

– Anda, volta a vestir o casaco. Vamos sair – disse uma voz que reconheci sem ter de olhar.

Continuei a escrever, concentrada no som do aparo da caneta a deslizar pela página, um som do mundo antigo nesta idade digital, na esperança de que se fosse embora.

– *Chop-chop* – disse ele, a exigir a minha atenção.

Olhei para o nosso presidente e ofereci-lhe um sorriso relutante.

– Paul, ainda agora voltei do tribunal. Tenho trabalho para fazer, ordens para dactilografar... – protestei, tirando um punhado de papéis da minha mala de piloto. Reparei que tinha um rasgão no couro e tomei uma nota mental para o mandar reparar.

– Almoço no Pen and Wig – anunciou. Tirou o meu casaco preto do cabide e segurou-o de modo a permitir-me enfiar os braços.

Hesitei um instante, e então resignei-me ao inevitável. Paul Jones era uma força da natureza e insubordinação não constava da lista de opções.

– Qual é a ocasião? – perguntei, a olhar para ele como se uma excursão para o almoço fosse a mais extraordinária das sugestões. A maior parte das vezes era. Acho que não tinha comido mais do que uma sanduíche sentada à secretária nos últimos seis meses.

– Entrou uma nova associada na Mischon's. Achei que era altura de se encontrarem.

– Alguém que eu conheça?

– Veio de Manchester. Vão dar-se bem.

– Aliciar clientes com o cartão do Norte – disse eu com um sorriso, a puxar pelo meu sotaque nortenho por uma questão de efeito cómico.

Peguei na mala, saímos do gabinete e descemos a comprida escada em curva que mergulhava nas entranhas do edifício. Parecia uma cidade-fantasma, se bem que naquela altura do dia – pouco depois da uma – isso não fosse invulgar. Os funcionários tinham ido almoçar, os telefones tinham-se calado e os advogados ainda estavam no tribunal ou no caminho de regresso.

Quando chegámos à rua, o vento cortante de Fevereiro bateu-me na cara e fez-me suster a respiração. Ou talvez tenha sido a visão de Middle Temple que, depois de quinze anos a trabalhar lá, ainda era capaz de me deslumbrar. Naquele dia tinha uma beleza particularmente sombria. Ensanduichado entre o rio e Fleet Street, Middle Temple, um dos quatro Inns of Court de Londres, é um dédalo de claustros e edifícios históricos, uma pedaço de Londres que ficou encravado no tempo, um dos poucos lugares da cidade que à noite ainda tem iluminação a gás, bem a condizer com dias húmidos e cinzentos como aquele.

Enfiei as mãos nos bolsos enquanto nos dirigíamos ao *pub*.

– Um bom dia?

Aquilo era, na linguagem de Paul, o equivalente a perguntar *Ganhaste?*

Era importante para ele saber como nos estávamos a sair em todos os nossos casos. Gostava muito do nosso escrivão de direito. Era quase patronal no apoio que nos dava, embora eu não tivesse ilusões quanto ao altruísmo da sua preocupação. O trabalho para todos os advogados da sociedade chegava através de referências e recomendações pessoais, e Paul, que devido às suas funções controlava todo o sistema, recebia uma percentagem de todo o dinheiro que entrava.

– Não tens nada de interessante esta tarde, pois não? – perguntou.

– Reunião preliminar com advogado e cliente. Divórcio, muita massa.

– Quanta? Já sabes?

– Não na ordem do Paul McCartney. – Sorri. – Mas a suficiente.

O nosso presidente encolheu os ombros.

– É pena. Davam-nos jeito mais uns quantos casos daqueles que fazem os cabeçalhos dos jornais. Mas, mesmo assim, bom trabalho, doutora Day. Um divórcio dessa ordem de grandeza é regra geral trabalho para um seda, mas o procurador foi explícito: quer-te a ti.

– É o Dave Gilbert. Mando-lhe uma garrafa de excelente *scotch* no Natal e ele é bom para mim todo o ano.

– Talvez saiba que, em termos de qualidade-preço, és a melhor advogada de Londres. Eu não hesitava em ir bater-te à porta se a patroa fugisse com um milionário da sucata – disse, e piscou-me o olho.

O Pen and Wig, um típico *pub* de advogados que matava a fome e a sede a causídicos desde o tempo da rainha Vitória, ficava a poucos minutos de distância dos escritórios. Fiquei grata pela lufada de ar quente que nos sugou para o interior da acolhedora sala de paredes forradas a madeira.

Franzi a testa, surpreendida, ao ver um grupo de colegas reunidos num dos compartimentos da área sobrelevada, no extremo mais afastado do balcão. Era invulgar ver tantos juntos no mesmo lugar, a menos que estivessem a festejar uma vitória na sede.

– Que se passa?

– Feliz aniversário! – Paul sorriu enquanto Charles Napier, o nosso presidente, se voltava e acenava por cima das cabeças das nossas duas estagiárias.

– Não íamos encontrar-nos com uma procuradora? – perguntei, a sentir-me enganada e embaraçada. Embora o meu trabalho exija que me destaque no tribunal, detesto ser o centro das atenções. Além disso tinha, de intenção deliberada, mantido em segredo o facto de fazer trinta e sete anos naquele dia. Uma das razões, e não a mais despicienda, era querer esquecer a minha caminhada em direcção aos quarenta.

– Não neste almoço.

Paul sorriu e guiou-me até ao outro lado do *pub*.

– Raios, a plateia está composta – murmurei, sabendo como era difícil encurralar tantos dos meus colegas no mesmo sítio.

– Não deixes que te suba à cabeça. Corre o rumor de que o velho Charlie conseguiu um lugar na lista dos elegíveis para juiz do Supremo. Penso que está com vontade de festejar e prometeu champanhe a todos os que aparecessem.

– E eu a pensar que ele queria fazer-me um brinde.

– Que vais beber, menina dos anos? – perguntou Paul.

– Lima e refrigerante – disse enquanto ele se dirigia ao balcão, deixando-me continuar sozinha até chegar junto de Vivienne McKenzie, uma das advogadas de contencioso mais antigas da Burgess Court.

– Parabéns, Fran – disse Viv, com um afectuoso abraço.

– Acho que cheguei àquela idade em que gostamos de fingir que é um dia igual aos outros – respondi, despindo o casaco e dobrando-o nas costas de uma cadeira.

– Disparate! – sentenciou Viv, num tom animado. – Tenho mais vinte anos do que tu e continuo a gostar da ideia de novos começos e resoluções frescas... um pouco como o Ano Novo sem o chavão e a pressão de faltar a todas elas antes do Dia de Reis. Então, sabes que dia é amanhã? – continuou, com uma sugestão de cumplicidade.

– O dia a seguir aos meus anos?

– É publicada a Queen's Counsel List. O que significa...

Sorri.

– A realização do sonho de uma vida de alguém.

– Significa que começa a fase de candidaturas à lista de sedas ou seja ao grupo de advogados da coroa do próximo ano – respondeu ela, num murmúrio de palco.

Eu sabia o que vinha a seguir. Na esperança de evitar a conversa, deixei o olhar vaguear pelo *pub*.

– Estás a pensar em candidatar-te? – insistiu ela.

– Não – respondi, com uma irrevogabilidade que não tinha querido admitir nem ante mim.

– Não és demasiado nova, sabes disso, não sabes?

Olhei para ela com uma expressão sardónica.

– É mesmo o que uma mulher quer ouvir no dia em que faz anos.

– A intenção era ser um elogio.

Viv estudava-me com atenção. Já lhe tinha visto aquela expressão noutras ocasiões. As narinas a fremeir ao de leve, as sobrancelhas um tudo-nada arqueadas, os olhos cinzentos sem pestanejar. Tinha a melhor cara de tribunal no ramo e aperfeiçoara-a para obter o máximo efeito. Quando era a mentora do meu estágio, costumava observá-la no tribunal e praticar em casa em frente do espelho.

– És uma das melhores juniores na área – disse, com sentimento. – Os procuradores adoram-te. Assim de repente, sou capaz de nomear uma dúzia de juízes que te dariam excelentes referências. Tens de começar a acreditar em ti.

– Não estou muito segura de que seja o momento certo para me candidatar.

– Vinho e refrigerante para ti. – Paul piscou-me o olho enquanto fazia malabarismos com dois copos de balão, uma garrafa de *Pinot Grigier* e uma lata pequena de *Schweppes*.

– Como soubeste que fazia anos? – perguntei a sorrir, enquanto lhe tirava os copos da mão.

– Faço questão de saber tudo o que se passa na Burgess Court.

Serviu o vinho e ergueu os olhos para mim.

– Então. Seda. Sentes-te à altura, Fran?

– Paul, agora não – disse eu, a tentar levar o interrogatório para a brincadeira.

– Por que não agora? As candidaturas abrem amanhã – respondeu ele, a olhar para Viv.

As costas largas que estavam à minha frente estremeceram e então voltaram-se.

– Acho que chegou o momento de entrar nesta conversa – disse uma suave voz de barítono.

– Viva, Tom – disse eu, a olhar para aquele que era o meu colega desde que entrara para a

sociedade. Era vários centímetros mais alto do que eu, com um físico de remador afinado no Tamisa.

– Pensava que Eton te tinha ensinado a arte das boas maneiras.

– E ensinou, mas não resisto a escutar uma conversa. Sobretudo quando o assunto é tão interessante.

Sorriu e acabou de encher o copo com o nosso vinho.

– Então? – disse Paul. – Que pensam os mais distintos juniores da Burgess Court? Candidatam-se ou não à seda...?

– Bem, por mim estou à espera do tiro de partida. Tu não, Fran?

– Não é uma competição, Tom.

– Claro que é – respondeu ele, sem rodeios. – O primeiro dia de estágio, lembras-te? O que disseste? Não obstante a minha «suposta educação superior e espantosa autoconfiança», ias bater-me não só na corrida para a seda mas também em todo aquele ano.

– Devo tê-lo dito para te chatear – disse eu, com fingida segura.

– Disseste-o muito a sério.

Olhei para ele em silêncio, a admitir a minha surpresa por Tom Briscoe ainda não ser conselheiro. A sua reputação como o advogado a procurar pelas esposas-troféus envolvidas em casamentos infelizes não parava de crescer – e que esposa não quereria tê-lo a representá-la? O bonito, inteligente e solteiro Tom Briscoe. Tom não se limitava a dar às mulheres aconselhamento legal, dava-lhes esperança.

– Parece que o Charles está a preparar-se para fazer um pequeno discurso – disse Tom, a fazer um gesto de cabeça na direcção do nosso presidente, que batia com uma colher num copo de vidro. – Vou arranjar um lugar na primeira fila.

Paul saiu para receber uma chamada e eu fiquei sozinha com Viv.

– Sabes qual é o problema do Tom?

– Demasiada testosterona na corrente sanguínea?

Sorri, a vê-lo namoriscar com uma das estagiárias.

– Devias ao menos pensar nisso – disse Viv, num tom mais sério.

– O tempo, o esforço, a despesa de candidatar-me à seda... E para quê? Dois terços de nós serão recusados.

– Vejo que fizeste os trabalhos de casa. – Viv cruzou os braços sobre o peito e bebeu um pouco de vinho, pensativa. – Sabes, Francine, tenho uma teoria sobre a questão das diferenças de salários entre os géneros.

– E qual é?

– As mulheres pura e simplesmente não pedem.

Bufoi pelo nariz.

– Não estou a brincar. Tenho-o visto vezes sem conta. Os homens acreditam na sua excelência... seja essa crença justificada ou não. – Manteve por instantes um silêncio interrogativo. – O que está de verdade a reter-te?

– Pessoas como o Tom.

– Não permitas que ele te afecte – disse ela, e rolou os olhos nas órbitas.

– Não é ele. É o sistema – murmurei, dando voz ao medo, à paranóia que sentia desde que fora chamada à barra. – Não podes negar que é um *snob*.

– As coisas estão a mudar – disse Viv, com aquelas vogais abertas da Cheltenham Ladies' College que me recordavam que ela não compreendia de verdade.

– Quantos estagiários saídos de escolas inclusivas há, Viv? Quantas mulheres, do Norte, minorias étnicas... O topo da nossa profissão continua cheio de homens brancos, da classe média alta, de Oxbridge, como o Tom.

– Pensei que encararias isso como um desafio – disse ela, enquanto o som cada vez mais insistente de metal contra vidro ecoava pelo *pub*. – Só precisas de um grande caso, Fran, um desses que viram o jogo, para te tornar notada.

– Um caso que mude a minha vida – disse eu em voz baixa.

– Uma coisa nesse género. – Viv sorriu, aprovadora, e voltámo-nos as duas para ouvir Charles.

Capítulo 2

Só fiquei no Pen and Wig o tempo suficiente para uma bebida antes de voltar ao escritório. Optei pelo caminho mais comprido, através do labirinto de tranquilas ruas secundárias, para poder fumar um cigarro. Ainda não eram duas e já o dia parecia estar a chegar ao fim, os esqueletos das árvores nuas impressos no céu cor de peltre como pinturas rupestres, as nuvens escuras a pesar sobre os telhados, dando à cidade uma tristeza invernal.

Cheguei a Burgess Court poucos minutos depois das duas, a tempo de uma reunião marcada para as duas e um quarto. A nossa associação é sobretudo um grupo que se dedica ao direito de família, com um pouco de trabalho criminal à mistura. Gosto da palavra «grupo» para descrever a colecção de advogados contenciosos que ocupa os vários gabinetes. Faz-me lembrar texugos, uma imagem que resume bastante bem este ramo da lei: homens sérios e industriais com as suas compridas togas pretas e as suas perucas de crina de cavalo e a sua pele caucasiana, embora já se note um pouco mais de diversidade na nossa associação, o que é talvez a razão por que me aceitaram – uma mulher do Norte com a marca de um *piercing* no nariz e educada numa escola inclusiva.

Actualmente, tenho duas áreas de especialidade. Finanças matrimoniais e casos relacionados com crianças. Pensava que a segunda me proporcionaria um trabalho gratificante, com significado social, mas a realidade é feita de casos difíceis, desoladores. Por isso agora concentro-me na área dos divórcios de elevado rendimento, pela mais do que prosaica razão de o trabalho ser regra geral menos perturbador e, durem os processos o que durarem, sabemos que os clientes têm dinheiro para pagar os honorários. Não vou para casa a pensar que mudei o mundo, mas sei que sou boa naquilo que faço e pago a hipoteca de um apartamento com um código postal N1.

David Gilbert, o procurador que me contratara, já estava à minha espera na recepção. Tinha-se vestido para o frio, com um pesado sobretudo de lã azul-escuro, embora a cabeça fosse calva e brilhante como se fosse um ovo castanho da Burford.

– Estive agora mesmo com a Vivienne – disse ele, pondo-se de pé para me depositar um beijo na face gelada. – Ao que parece, a associação em peso foi até ao *pub* festejar os anos de alguém e nem me disseram.

– Terias vindo e trazido presentes? – brinquei.

– Teria vindo ao escritório com champanhe, no mínimo. Parabéns, a propósito. Como estás?

– Mais velha. Mais sábia.

– O senhor Joy estará connosco daqui a pouco.

– Só tenho de dar um pulinho lá acima. Queres ir entrando? – disse, a apontar para a sala de reuniões. – A Helen pode acompanhar o senhor Joy quando ele chegar.

Subi as escadas até ao meu gabinete, um pequeno espaço por baixo do beiral mesmo lá em cima. Era pouco mais do que um cubículo, mas pelo menos não tinha de partilhá-lo com ninguém.

Peguei nos *dossiers* do caso, tirei uma caneta da caneca e passei a língua pelos lábios, a desejar ter ainda uma embalagem de *Tic Tac* na secretária para disfarçar o cheiro a álcool e a tabaco do meu hálito. Quando voltei a descer, a sala de reuniões dois tinha sido preparada da maneira habitual, com uma travessa de sanduíches e um pequeno prato de biscoitos da Marks and Spencer no meio da mesa de conferências.

A máquina de café de alavanca com que nunca consegui trabalhar mirava-me, ameaçadora, de cima de um pequeno armário de arquivo junto à porta, acompanhada por várias miniaturas de garrafas de *Evian*.

David estava a falar ao telemóvel. Ergueu os olhos e fez-me um gesto a dizer que não demorava.

– Água? – perguntei, e fiz um gesto na direcção das nossas virtualhas.

– Café – murmurou, a apontar para os biscoitos.

Peguei numa chávena e enfrentei a máquina, determinada. Puxei a alavanca com força. Nada aconteceu, de modo que voltei a puxá-la, ainda com mais força, e um jorro de café saltou-me para as costas da mão.

Fiz uma careta de dor quando o líquido me queimou a pele.

– Está bem?

Alguém me entregou um lenço de papel, que usei para limpar a mão escaldada.

– Odeio estas coisas – resmunguei. – Devíamos comprar uma máquina *Nespresso* e acabar com isto.

– Ou talvez só uma cafeteira.

Ergui os olhos e vi um homem de fato a olhar para mim com atenção, o que me distraiu por momentos da sensação de queimadura na pele.

David fechou o telemóvel com um estalido e voltou-se para nós.

– Já se conhecem?

– Não – apressei-me eu a dizer.

– Martin Joy... Francine Day. A Fran faz anos hoje. Talvez possamos pôr um fósforo num desses biscoitos finos e cantar o *Parabéns a Você*.

– Parabéns – disse Martin, os olhos verdes ainda fixos em mim. – Devia ir pôr essa mão debaixo da torneira da água fria.

– Está óptima – respondi, e virei-me para atirar o *kleenex* para o cesto dos papéis.

Quanto tornei a voltar-me para a mesa, já Martin tinha servido duas chávenas de café. Foi sentar-se à minha frente, ao lado de David, o que me deu uma oportunidade para o examinar. Não era particularmente alto mas tinha uma presença que enchia a sala, uma coisa que notava muitas vezes com pessoas bem-sucedidas. O fato era excelente e o nó da gravata impecável. Devia andar por volta dos quarenta, mas não saberia dizer uma idade exacta. Não havia vestígios de grisalho nos cabelos escuros, apesar de um restolho mínimo de barba à volta do queixo brilhar em tons de castanho-avermelhado sob as fortes luzes da sala de reuniões. As sobrancelhas eram lisas e horizontais por

cima dos olhos verde-musgo. As duas linhas que lhe atravessavam a testa davam-lhe uma intensidade que sugeria um duro negociador.

Baixei os olhos e ordenei os pensamentos. Estava nervosa, mas a verdade é que ficava sempre nervosa quando me reunia com clientes pela primeira vez. Tinha consciência do meu desejo de agradar àqueles que me pagavam os honorários, e há sempre um certo embaraçado quando lidamos com pessoas convencidas de que são mais duras e mais espertas do que nós.

– Assumo que leste o processo – disse David. – O Martin é o visado. Recomendei-te como advogada principal.

– É então você que vai bater-se por mim no tribunal – disse Martin, a olhar para mim.

– Tenho a certeza de que o David já lhe explicou que ninguém quer ir a tribunal – disse, e bebi um gole do meu café.

– Excepto os advogados – replicou Martin, no mesmo instante.

Eu sabia como aquilo funcionava. Tinha estado vezes suficientes naquela situação para não me ofender. Os clientes do Direito de Família tendem a ser pessoas zangadas e frustradas, até – senão *sobretudo* – com a sua equipa legal, de modo que as primeiras reuniões são com frequência tensas e quezilentas. Eu preferia lembrar às pessoas que estávamos todos do mesmo lado.

– Na realidade, sou membro de uma organização chamada Resolution. Somos a favor de uma abordagem não confrontacional das disputas conjugais, evitamos o tribunal sempre que possível e encorajamos soluções legais colaborativas.

– Soluções legais colaborativas – repetiu ele devagar. Fiquei sem saber muito bem se estava a troçar de mim por ter recorrido ao legalês. Estava-me a julgar, disso não tinha dúvidas. A mulher. A nortenha. A júnior.

Inclinou-se para a frente na cadeira e olhou para mim.

– Não quero que isto seja difícil, doutora Day. Não sou um homem irrazoável; quero que este processo seja o mais justo possível, mas não posso ficar de braços cruzados e deixar a minha mulher levar tudo o que quer.

– Receio que não possam ser o senhor nem a sua esposa a definir o conceito de «justo» – disse eu, cuidadosa. – É para isso que temos tribunais, juízes, o direito...

Neste ponto, tentei uma nova abordagem.

– Temos alguma ideia da posição de partida da sua mulher?

Claro que já sabia alguns pormenores do caso, depois de passar duas horas da noite anterior a digeri-lo. Mas era sempre melhor ouvir a fonte original.

– Quer metade de tudo. Das casas, do dinheiro, da empresa... Mais uma parte dos lucros futuros.

– O que faz? – perguntei, sem rodeios.

– Dirijo um fundo de arbitragem.

Assenti com a cabeça, como se soubesse o que aquilo queria dizer.

– Negociamos em anomalias no mercado.

– Então é um jogador?

– É um investimento financeiro.

– E dá dinheiro?

– Sim. Muito.

Recordei as palavras de Vivienne McKenzie. A respeito dos homens e da alegre autoconfiança que os faz acreditar que são os reis do mundo.

– Temos apenas trinta empregados, mas é um negócio muito lucrativo. Fundei a empresa com o meu sócio, Alex Cole. Tenho sessenta por cento, e ele o resto. As minhas acções na empresa constituem o grosso dos meus activos. A minha mulher quer que a minha posição accionista seja avaliada pelo valor mais alto possível. Prefere dinheiro a acções.

– Quando criou a empresa? – perguntei, a anotar tudo.

– Há quinze anos.

– Antes do casamento – murmurei. De acordo com o *dossier*, estavam casados há onze anos.

– Talvez devêssemos dar uma vista de olhos ao Formulário E – disse David Gilbert.

Assenti. Já tinha visto as declarações de situação financeira de Martin e da mulher. A dele era muito parecida com as dúzias de outras que tinha visto ao longo dos anos. As propriedades espalhadas pelo mundo, os carros, as obras de arte, as contas bancárias no estrangeiro.

Passei o dedo pela declaração que a mulher tinha entregado.

Donna Joy, trinta e quatro anos, com uma morada em Chelsea, tinha, tipicamente, as grandes despesas e o baixo rendimento pessoal que parecia ser padrão entre as mulheres na sua situação.

A declaração ocupava várias páginas, mas os meus olhos detiveram-se nos pormenores mais notáveis.

– Despesas anuais com almoços: 24 000 libras – murmurei numa voz audível.

– É uma porção de *sushi* – disse Martin.

Ergui o olhar e os nossos olhos encontraram-se. Estava a pensar o mesmo.

– A sua mulher afirma que não pode trabalhar. Fragilidade mental... – notei.

Martin bufou ao de leve pelo nariz.

– Ela alguma vez trabalhou?

– Quando nos conhecemos, era gerente de uma loja de roupas, mas despediu-se quando casámos. Disse que queria educar-se, de modo que paguei um monte de cursos. Sobretudo de arte. Montei-lhe um estúdio. Trabalha lá, mas não lhe chama trabalho por causa do divórcio.

– E vende alguma coisa?

– Muito pouco. Para ser franco, é mais um projecto de vaidade, mas ela gosta. Tem quadros bastante bons.

O rosto dele suavizou-se e dei por mim a perguntar como seria ela. Bonita, um pouco boémia... um modelo com altos custos de manutenção, claro. Senti que a conhecia sem nunca a ter visto.

– E o que está aqui listado. É tudo?

– Quer saber se estou a esconder alguma coisa?

– Preciso de saber tudo. Pensões, contas *off-shore*, participações accionistas, heranças. Não queremos surpresas. Além disso, ela está a pedir uma auditoria forense aos seus negócios.

– A si que lhe parece? – perguntou Martin por fim.

Reparei que a camisa dele era muito branca.

– A sua mulher é jovem, mas desfrutou de um elevado padrão de vida durante o casamento. Vocês têm aquilo a que chamamos um casamento de média duração. As exigências dela teriam mais peso se fossem casados há mais de quinze anos, menos se fossem casados há menos de seis.

– Estamos então nessa área cinzenta que a lei adora.

– As provisões a favor do cônjuge financeiramente mais fraco são generosas. O ponto de partida é em regra a igualdade. Mas podemos argumentar que ela não contribuiu na realidade para a acumulação de riqueza, que a empresa não deve ser incluída na comunhão de adquiridos. – Examinei o processo, para verificar um pormenor. – Não têm filhos. Isso ajuda.

Olhei para ele a aperceber-me de que não devia ter dito aquilo. Tanto quanto sabia, a relação podia ter falhado por causa da incapacidade de constituir família. É uma daquelas coisas que nunca descobri como advogada de divórcios. Sabia que as pessoas queriam divorciar-se e aconselhava-as sobre a maneira de o fazer. Mas nunca soube na verdade *porquê*, exceptuando os casos óbvios de infidelidade ou comportamento irrazoável. Nunca cheguei de verdade a saber o que levava duas pessoas que em tempos se tinham amado a, em alguns casos, odiarem-se uma à outra.

– Queremos um acordo definitivo.

– Com certeza – assenti.

– Que espécie de partilha acha que posso realisticamente esperar?

Eu não queria ser forçada a avançar um número, mas Martin Joy era o género de cliente que espera respostas.

– Podemos começar com setenta-trinta e avançar a partir daí.

Pousei a caneta, a sentir-me exausta, espremida. Desejei não ter tocado no vinho com refrigerante à hora do almoço.

Martin abanou a cabeça, a olhar para o tampo da mesa. Tinha pensado que ficaria satisfeito com a sugestão de que talvez pudéssemos evitar uma partilha *fifty-fifty*, mas a verdade era que parecia em estado de choque.

– Que acontece a seguir?

– Daqui a dez dias teremos a audiência preliminar.

– E nessa altura serão tomadas decisões?

Parecera composto durante toda a reunião, mas começavam a surgir sinais de ansiedade.

– A resposta está no nome. Tudo muito preliminar, receio.

– Ótimo – disse ele, desconfortável.

Lá fora escurecia. Martin pôs-se de pé e puxou os punhos da camisa de dentro das mangas do casaco. Primeiro uma, depois a outra. Então olhou para mim.

– Fico à espera do nosso próximo encontro, doutora Day.

Estendi-lhe a mão e quando ele fechou os dedos à volta dos meus percebi que também eu ia ficar à espera do nosso próximo encontro.

Capítulo 3

Gostava de apanhar o autocarro do escritório para casa, e não só por ser um pouco claustrofóbica e detestar o metro. O número 19 levava-me de Bloomsbury até casa, em Islington. Não era a maneira mais rápida de viajar de e para o meu local de trabalho, mas era a minha maneira preferida. O passeio a pé por Fleet Street até à paragem do autocarro em Kingsway, passando pelas cabinas telefónicas encarnadas em frente do Old Bailey e a igreja de St Clement Danes, desanuviava-me a cabeça, sobretudo quando os lamentosos sinos tocavam a música da velha canção de embalar *Oranges and Lemons*. E depois de embarcar no autocarro, gostava de desfrutar as vistas e os sons da cidade. Quando vim para Londres, costumava passar dias inteiros a fazer a rota do número 19, a cara encostada ao vidro, a ver a cidade passar: Saddler's Wells, as brilhantes luzes do Ritz, as lojas caras de Sloane Street, e então descer até Cheyne Walk e Battersea Bridge. Era uma versão destilada do melhor que a cidade tinha para oferecer, tudo pelo preço de um *Travelcard*. Era a Londres dos meus sonhos de infância.

Enquanto me sentava e limpava com os dedos a condensação da janela, perguntei-me se não deveria ter-me esforçado um pouco mais no dia dos meus anos. Até David Gilbert, um viciado em trabalho como nunca conheci outro, pensou que eu ia sair para uma bebida no meu aniversário. Mas a verdade é que não vi razão para quebrar a minha rotina semanal só porque estava um ano mais velha. Um dos perigos do meu trabalho sempre foi a ausência de vida social. Havia montes de *pubs* à volta de Temple, e pessoas com quem beber um copo, mas eu sempre fora de opinião que, se queremos fazer as coisas bem feitas, há que aceitar sacrifícios.

Tirei o telemóvel da mala e liguei para o meu *takeaway* chinês do costume. Não consegui decidir-me entre a carne de vaca com manjerição fresco e o frango com feijão-amarelo, de modo que pedi os dois, além de uma dose de bolinhos de massa e *chow mein*. Que diabo, era o meu dia de anos.

Terminada a chamada, recordei a minha conversa com Viv McKenzie a respeito de candidatar-me à seda, e perguntei-me o que significaria passar a ser Francine Day QC.

O facto era que não tinha havido outras grandes mudanças na minha vida nos últimos cinco anos. Morava no mesmo apartamento nos mal definidos limites de Islington desde os vinte e muitos anos, tinha-me acomodado a uma rotina bem ordenada. Ia ao ginásio duas vezes por semana, sempre nas mesmas tardes. Todos os anos, em Agosto, fazia dez dias de férias em Itália. Dois romances de curta duração pontuavam um longo período de celibato. Via os meus amigos menos vezes do que devia. Até os mais pequenos pormenores da minha vida tinham uma familiaridade reconfortante. Comprava o mesmo café Starbucks a caminho do emprego, o mesmo exemplar da *Big Issues* ao mesmo romeno junto à entrada do metro em Holborn. Uma parte de mim gostava desta reconfortante monotonia, e não via qualquer razão para alterar o *statu quo*.

Ao espreitar por entre as gotas de chuva no vidro frio da janela, apercebi-me de que estávamos em St Paul's Road. Acordei o sujeito que ressonava no lugar ao lado do meu e apeei-me do autocarro, disposta a fazer a pé o resto do trajecto até ao apartamento descendo a rua que vai dar a Dalston.

Quando estava já muito perto, gemi ao ver uma motocicleta encostar ao passeio. Comecei a correr, mas o pavimento estava molhado. Quase a escorregar, praguejei entre dentes e abrandei até parar. Rebusquei dentro da mala à procura da carteira, bilhetes e papéis de rebuçados a caírem para o chão como pétalas arrancadas pelo vento a uma árvore em flor. Inclinei-me para apanhar o lixo, mas já a motocicleta se afastava e desaparecia na escuridão.

Cheguei à porta do prédio sem fôlego. No umbral, uma figura segurava um saco de plástico branco cheio de caixas de cartão.

– Deves-me vinte e três libras – disse o meu vizinho Pete Carroll, aluno de doutoramento na Imperial e ocupante do apartamento do rés-do-chão há dezoito meses.

– Deste-lhe gorjeta? – perguntei.

– Sou um estudante – respondeu ele, com fingida reprovação.

Considereei a hipótese de correr atrás do rapaz das entregas. Eram meus fornecedores habituais. Ofereciam-me hóstias de camarão gratuitas e não queria enganá-los nem que me julgassem forreta.

– Liguei-lhes há só um quarto de hora. Costumam demorar séculos.

Dei-lhe uma nota de vinte e outra de cinco, e entrei no nosso negligenciado átrio, peguei no correio e enfiei-o na mala.

– Encomendar comida de fora numa terça-feira à noite é um pouco decadente – comentou Pete, de braços cruzados e um sorriso embaraçado.

– Faço anos – respondi sem pensar.

– Eu bem estranhei ver os sobrescritos coloridos no meio da publicidade. Então, não vais sair?

– Estamos a meio da semana, tenho trabalho para fazer.

– Desmancha-prazeres.

– Tenho de preparar-me para o tribunal, amanhã.

– És uma chata. Vão levar-te ao *pub*, nem que seja à força.

– Pete, não. Tenho mesmo que fazer. Trabalho com bolinhos de porco e *pickles* para desenjoar – respondi, erguendo o saco com a comida. – Eu sei que pode parecer uma maneira estranha de alguém festejar o dia de anos, mas é o que acontece quando se tem quase quarenta.

– Não aceito um não como resposta – disse ele, com uma veemência que me disse que estava a falar a sério.

– Acho que mandei vir demasiada comida. Forneço o *chow-mein* desde que tenhas alguma coisa que se beba. Mas daqui a uma hora tenho de estar à secretária.

– Subo já – prometeu ele, a sorrir.

Pete desapareceu no seu apartamento do rés-do-chão e eu subi a escada até ao meu.

Deixei a porta encostada, pousei a mala no *hall* e pendurei o casaco no bengaleiro. Descalcei os sapatos, a saborear o suave toque da alcatifa debaixo dos pés, e desapertei o botão de cima da blusa.

O meu apartamento era o meu santuário. Um refúgio seguro, tranquilo e fresco para uma pessoa. Arrependi-me no mesmo instante de ter convidado alguém para o partilhar.

Resignada, tirei dois pratos do armário da cozinha e nesse instante Pete apareceu com uma embalagem de quatro latas de cerveja.

– Passa-me um copo. Assumo que não és do género de beber da lata.

Serviu-me um espumoso copo de cerveja enquanto eu levava a comida para a sala de estar.

– Tens então quase quarenta – disse ele e empoleirou-se na beira do sofá a meu lado. – Não pareces.

– Faço trinta e sete – respondi, e apercebi-me do pouco que eu e Pete sabíamos a respeito um do outro.

Falávamos mais do que a maior parte dos vizinhos londrinos: encontrávamo-nos na paragem do autocarro, ele era um hábil e sempre disponível reparador de portáteis e caixas de fusíveis. Certa vez, no Verão anterior, ia a passar em frente do *pub* local e ele estava a beber uma cerveja cá fora. Convidou-me para lhe fazer companhia e eu aceitei porque estava calor e a passagem pelo ginásio tinha-me deixado cheia de sede, mas não o considerava um amigo.

– A propósito, ontem recebi uma carta do meu senhorio – disse Pete, enquanto tirava a tampa de alumínio da caixa de *chow mein*. – Vai subir-me a renda. O administrador do condomínio diz que o telhado está a precisar de obras. Calcula que os dois condóminos vão ter de pôr quinze mil no fundo de amortização.

– Merda, ninguém me falou disso.

– Mas quinze mil representam um dia de trabalho para uma distinta advogada – acrescentou ele, com um sorriso.

– Quem me dera.

– Vá lá! Estás cheia dele.

– Não estou, juro – respondi, a abanar a cabeça. – Sou uma advogada independente, endividada por causa de milhares de libras em honorários não pagos.

– Hão-de pagar-te. Os bancos sabem que és um crédito seguro. E então serás rica.

Rica, ri baixinho. A minha família achava que eu era rica, mas tudo é relativo, e em Londres, a dar-me com advogados e homens de negócios como Martin Joy, era mais fácil ver a minha situação financeira através de outro prisma. Talvez se conseguisse chegar à seda as coisas mudassem. Conseguiria casos grandes e suculentos, a minha tabela horária duplicaria, de modo que talvez um dia pudesse comprar uma daquelas casas georgianas em Canonbury – as que me tinham atraído para o código postal N-1, aquelas pelas quais tanto gostava de passar e sonhar.

Pensei nas 15 000 libras que ia ter de arranjar algures e bebi um gole de cerveja para me consolar, apesar de saber que não devia.

– Sabes, hoje estive a lidar com alguém que gasta 24 000 libras por ano em almoços – disse, e enfiei um bolinho de massa no molho de soja.

Pete abanou a cabeça.

– E estás a perder uma noite de aniversário por causa dessa gente.

Riu, e eu soube que tinha razão.

– Represento o marido neste divórcio. Mas gostarás de saber que o caso de amanhã, aquele para o qual devia estar a preparar-me, é uma causa mais meritória.

– Mais um pobre marido rico prestes a ser lixado.

– Por acaso, não. O meu cliente é um homem que está à beira de perder o acesso aos filhos. Um tipo normal que encontrou a mulher na cama com outro homem.

– Pessoas – disse Pete em voz baixa.

Assenti com a cabeça.

– Aposto que estás todo contente por só ter de lidar com computadores o dia inteiro. Coisas que não têm sentimentos.

– Por enquanto.

– Por enquanto?

– Se te limitares a um único modelo de como o nosso cérebro cria consciência, convencer-te-ás de que nunca haverá computadores sencientes. Mas outras escolas de Inteligência Artificial acreditam que se aproxima o dia em que os computadores serão capazes de imitar os humanos.

– É uma ideia assustadora. Vão tornar-nos a todos redundantes, não vão?

– Algumas profissões são mais à prova de futuro do que outras.

– Como os advogados de divórcios?

– As máquinas são lógicas. O amor e as relações são tudo menos isso. Diria que estás safa pelo futuro previsível.

– Folgo em sabê-lo, agora que tenho de pagar um telhado novo.

Seguiu-se um longo silêncio. Tínhamos comido a nossa comida e esgotado a conversa.

– Tenho mesmo de ir trabalhar um pouco.

Juntei os restos e levei os pratos para a cozinha. Quando me volvei, Pete estava no umbral. Deu um passo para mim e segurou-me o queixo com a mão.

A arquejar de surpresa, não tive tempo para pensar se ele tinha interpretado, mal, o convite para jantar como um sinal do meu desejo, porque os seus lábios já estavam colados aos meus. Senti o cheiro a gengibre e feijão-amarelo no hálito dele. Tinha-me besuntado a cara com saliva.

– Pete, és meu amigo. E estás bêbedo – disse eu, e afastei-me.

– Por vezes uma pessoa precisa de embebedar-se – respondeu ele.

Recuei um passo. Não podia dizer que a iniciativa tinha sido uma surpresa total. A maneira como esperara à porta com o saco da comida devia ter-me alertado.

– É a diferença de idades, não é? – Registei o ressentimento na voz dele. Os homens e a sua autoconfiança. – Se eu fosse um homem de trinta e sete anos e tu tivesses a minha idade, toda a gente acharia muito natural.

Senti-me culpada, cruel. Suponho que ele não tinha qualquer razão para pensar que ia recusá-lo. Afinal, tinha-o convidado para o meu apartamento, para jantar, no dia do meu aniversário.

– Lamento – disse em voz baixa. – Sei que sou uma pobre velha solteirona, mas é assim que gosto.

– É? – perguntou ele, a desafiar-me.

– Trabalho onze horas por dia, Pete, venho para casa e trabalho um pouco mais. Não há espaço para mais nada.

– Pára de culpar o trabalho.

Tinha havido um tempo em que não me teria importado o facto de Pete não ser o meu tipo, em que teríamos acabado na cama, mas naquela noite só queria que se fosse embora.

– É melhor eu ir – disse ele, numa voz átona.

Assenti com a cabeça e ele saiu do apartamento sem mais uma palavra. E quando fechei a porta inclinei-me para a frente, apoiei a testa na madeira e enchi as bochechas de ar.

– Feliz aniversário – murmurei, desejosa de que aquele dia acabasse.

Capítulo 4

Não havia maneira de contornar o problema: precisava de uma mala nova. Ao longo da semana anterior, o rasgão na costura da minha velha *Sansonite* tinha crescido, e crescido. O trabalho nunca fora tão intenso, com casos novos e casos antigos que voltavam à vida ao cabo de semanas de letargia, e os muitos *dossiers* que tinham de ser transportados entre tribunal, escritório e casa significavam que a minha mala estava à distância de um correr do fecho-*éclair* mais vigoroso de sofrer um colapso súbito e fatal.

Fui educada para ser poupada, e uma parte de mim achava que só precisava de a mandar arranjar. Mas não fazia a mínima ideia de quem reparava malas nos tempos que corriam. Sapateiros? Alfaiates? Na nossa sociedade de consumo, parecia que a única opção era comprar uma nova.

Olhei para o relógio e reparei que ainda não eram sete da tarde. Burgess Court estava bem situada em termos de *pubs*, mas menos na área de terapia de compras. Calculei que se apanhasse um táxi conseguiria estar em Oxford Street às sete e um quarto, despachada às sete e meia e em casa a tempo de ver a série *ScandiCrime*, que começava naquela semana na televisão por cabo.

– Vais para casa?

Paul estava à porta do meu gabinete, com um maço de *dossiers*.

– Daqui a nada – respondi, a remexer na gaveta da secretária.

– Tenho uma coisa para ti amanhã, se quiseres.

Eu sabia que devia ter recusado, mas dizer não a trabalho nunca foi o meu forte.

– O que é?

– Um pedido de congelamento de bens. Amanhã, às nove e meia.

Hesitei; só tinha decidido passar aquela noite em frente da televisão porque a minha agenda para o dia seguinte não estava muito carregada.

– Posso dá-lo à Marie ou ao Tim – ofereceu Paul.

– Não, deixa-o comigo. – Suspirei. – Sempre te poupo ter de ficar à espera do estafeta.

Paul olhou para mim, um sorriso a bailar-lhe nos lábios.

– Sabes, é bom tirar uma noite de folga de vez em quando.

– Durmo quando estiver morta – respondi. Não encontrando o que procurava na gaveta da secretária, olhei para ele. – Suponho que não tens uma mala a mais, pois não? A minha está a rebentar pelas costuras e receio que não chegue até casa.

– Tenho a certeza de que consigo melhor do que uma mala para alguém tão sofisticado como tu.

Riu e desapareceu escada abaixo. Voltou um par de minutos mais tarde com uma sacola de lona de pôr ao ombro estampada com o logótipo da Burgess Court.

– O que é isso?

- *Marketing*. A propósito, meti lá dentro os formulários de candidatura a conselheira.
- Um mestre da subtileza, como sempre.



Saí do gabinete e atravessei Middle Temple a passo rápido, deixando para trás o nosso magnífico pavilhão isabelino e a fonte que projecta um prateado penacho de água para o céu nocturno. O lugar adquiria tons fantasmagóricos depois do pôr do Sol, quando os candeeiros a gás se acendiam. Os claustros lançavam sombras à volta do pátio e o bater dos nossos sapatos nas lajes criava a ilusão de não estarmos sozinhos. Estuguei ainda mais o passo e meti pela estreita e escura viela de Devereux Court, um dos caminhos que vão dar ao Strand, no preciso instante em que começou a chover. Um táxi respondeu ao meu sinal de mão erguida e saltei para o interior antes que ela começasse a cair a sério. O condutor perguntou-me para onde queria ir e eu respondi com o nome do primeiro grande armazém que me veio à cabeça: o Selfridges.

Não sou grande compradora. Esse gene escapou-se-me e não acredito que seja por em tempos ter aproveitado os jantares grátis na escola. Lembro-me de uma cliente, uma modelo russa, que num fôlego me contou como costumava apanhar nos mercados fruta podre que levava para casa para alimentar a família, e no fôlego seguinte me disse que ia exigir pelo menos um milhão de libras de pensão de alimentos ao magnata da construção civil de que estava a divorciar-se. Crescer pobre tanto pode encaminhar-nos para um lado como para o outro.

O táxi deixou-me em Cumberland Street. A chuva caía com força e o pavimento parecia negro e oleoso. A amaldiçoar o tempo, corri para o interior.

Bastaram-me poucos minutos para perceber que estava no lugar errado. Quase nunca ia ao Selfridges e tinha esquecido como era caro. Uma fila de *boutiques* alinhava-se ao longo da parede do perímetro exterior: Chanel, Gucci, Dior, cada uma delas um cofre de jóias, refulgente e polido. Preferia as lojas da City, onde parecia tudo mais ordenado e menos deslumbrante para pessoas sem tempo a perder como eu. Mas no West End, em Knightsbridge, as lojas eram cavernas de tentação para turistas e esposas-troféus, labirintos consumistas concebidos para fazer uma pessoa perder-se e gastar dinheiro, e tudo o que eu queria era comprar uma mala e ir para casa.

Inspirei fundo e disse a mim mesma que dar uma vista de olhos não ia fazer mal, que a minha mala, a minha insígnia, era o meu cartão-de-visita. Passei em revista a secção de malas e uma delas, exposta num pedestal, prendeu-me a atenção. Era mais pequena do que a mala de piloto que eu carregava comigo há cinco anos, de couro preto e macio e amanteigado ao toque. Era uma mala de conselheiro, percebi, enquanto lhe pegava e procurava a etiqueta com o preço.

- Bem me pareceu que era você – disse uma voz nas minhas costas.

Voltei-me e por um segundo não o reconheci. Tinha o cabelo molhado da chuva e usava uns óculos com armação de tartaruga.

- Senhor Joy.
- Martin – corrigiu ele, com um sorriso.
- Martin, peço desculpa – respondi.
- Terapia de compras?

Comecei a rir.

– Dito assim até parece agradável. A verdade é que estou aqui numa missão de misericórdia para substituir a minha velha pasta.

– Uma mulher que não gosta de fazer compras – disse ele, os olhos a brincarem com os meus.

– Ainda somos algumas.

– Bonita mala – disse ele, a apontar com o queixo para as minhas mãos, e eu encolhi os ombros.

– Bem, não consigo encontrar a etiqueta com o preço, o que nunca é bom sinal. Se precisa de perguntar o preço é porque não tem dinheiro para comprar, e tudo isso – respondi, e de repente senti-me embaraçada por estar a falar de dinheiro com um cliente.

– Ainda há pouco fez anos. Tem direito a uma prenda.

– É verdade, fiz anos – disse eu, surpreendida por ele se lembrar. – Parece que já foi há muito tempo.

Ele sustentou-me o olhar e eu pude contar as gotas de chuva que lhe perlavam a testa.

– Que faz aqui?

– O meu escritório fica mesmo ao virar da esquina. Quis passar pela loja de vinhos lá em baixo antes de ir para casa.

– Parece boa ideia.

– É melhor que seja.

Seguiu-se um breve silêncio. Não sabia se devia despedir-me e sair, embora não me apetecesse.

– Vemo-nos então na sexta-feira...

Assenti com a cabeça.

– A audição preliminar. Tudo muito inofensivo.

– Inofensivo? Sabe como chamam ao advogado da Donna? *Piranha*.

– Bem, nem queira saber o que me chamam a mim...

– Vai comprar isso?

A voz dele foi suave e baixa, com um toque de rouquidão que falava de noites perdidas e cigarros.

Baixei os olhos e vi que ainda estava a segurar a mala. As minhas mãos tinham deixado no couro duas grandes marcas de suor.

– Peço desculpa, não. Se calhar estão a pensar que quero roubá-la. – Voltei a pôr a mala no pedestal. – O melhor é deixá-lo ir comprar o seu vinho.

Ele ainda não tinha desviado os olhos de mim.

– Algumas dicas de última hora para sexta-feira? Enquanto pensa, venha comigo. Venha ajudar-me a escolher um bom tinto.

Antes que pudesse pensar em recusar, estava a acompanhá-lo na escada rolante a caminho da cave, consciente de que a excitação subia à medida que a escada descia.

– É ali adiante – disse ele e segui-o até à secção dos vinhos.

Fiquei impressionada. Era grande, bem abastecida e até tinha um bar que parecia tirado do *set* de um filme feito em Manhattan. Filas e filas de copos pendiam do tecto. A luz era rica e baixa.

– Uma bebida? – perguntou Martin. – Ou está com pressa de ir para casa?

– Tenho tempo para uma – respondi sem pensar.

Encaminhámo-nos para o bar e ele apontou-me um banco. O *barman* levou-nos a carta. Eu não devia beber, mas escolhi o *1909 Smash*, uma deliciosa mistura de gim, pêssago e menta. Afinal, é o que as pessoas devem fazer nos filmes.

Empoleirei-me, desajeitada, no banco alto e desejei que o meu *cocktail* chegasse depressa.

– Portanto, em relação à audiência de sexta-feira...

Olhei para ele e percebi que provavelmente estava a tentar informações de borla. Não havia folhas de horas ali na loja de vinhos do Selfridges, e de repente senti-me desapontada e enganada.

– Dicas para sexta-feira? – respondi, no tom mais frio de que fui capaz. – Mantenha-se calmo.

– Porquê? Está à espera de alguma coisa? – disse ele, com um sorriso lento, irónico.

– Por vezes as coisas podem aquecer, e regra geral isso não ajuda nada.

O *barman* voltou com os nossos *cocktails*. Provei o meu e era frio, doce e refrescante.

Martin mexeu o dele com uma vareta misturadora, fazendo os cubos de gelo tilintar contra o vidro do copo.

– O David tem-na em muita consideração.

Tentei descartar o elogio com um modesto encolher de ombros.

– O David é bom. Muito bom. E não digo isto só por ele me ter recomendado. Por que o escolheu?

– perguntei, sempre interessada no processo.

– Googlei «principais advogados de divórcio» e o nome dele apareceu.

– É assim que funciona, não é? Como escolher um canalizador.

– Uma coisa do género – admitiu ele, a olhar para mim por cima da beira do copo.

– E obrigada por me ter escolhido a mim. A maior parte dos homens prefere advogados do sexo masculino. Suponho que acham que serão mais aguerridos numa luta. Por isso tiro-lhe o chapéu por não ter pensado com um macho alfa.

– A verdade é que tive as minhas dúvidas a seu respeito – disse ele, pousando o copo no balcão de mármore.

A franqueza apanhou-me desprevenida.

– Ui! – disse para dentro da bebida.

– Estou só a ser sincero. Eu sei que o divórcio não tem a ver com ganhar ou perder, mas queria um conselheiro. E o facto de a Francine não ser preocupava-me.

– A palavra «júnior» pode ser enganadora – disse eu, a olhar para ele. – Conheço advogados que foram chamados à barra há trinta anos e não são sedas, não por não serem brilhantes mas porque não era a decisão certa para eles.

– É o seu caso?

– Sou capaz de me candidatar este ano.

– O que significa que se o meu caso se arrastar não poderei pagar-lhe.

– Duvido muito.

– À Francine Day QC – disse ele, e tocou com o copo no meu. – Estou contente por tê-la a representar-me. Mas vai ter de me explicar qual é a vantagem de ter um procurador e um advogado contencioso.

Ri. Era uma pergunta que me faziam muitas vezes, e dei a resposta-padrão.

– Em tempos teve a ver com o direito de ser ouvido em tribunal. – Encolhi os ombros. – Agora tudo isso mudou, mas eu diria que os advogados contenciosos estão regra geral mais à vontade com a parte da advocacia. Os procuradores trazem-nos os casos mais complicados.

– Está então a dizer que vocês são mais espertos do que os procuradores.

– Temos um conjunto de competências diferente, é só isso.

– É o que se costuma dizer, não é? – replicou ele. – Os políticos e os advogados não passam de actores frustrados.

– É isso que se diz?

Detectei o tom brincalhão da minha voz e tive consciência de que estava a flertar com ele.

Martin examinou-me com atenção, como se estivesse a avaliar-me. Fez-me sentir interessante.

– Consigo imaginá-la a pisar os palcos em Oxford.

– Isso está tão longe da verdade que nem é engraçado.

– Ah sim? LLB Birmingham. Primeira classe.

Olhei para ele, surpreendida.

– O seu CV está no *website*.

– O meu pai era motorista de autocarros. Frequentei uma escola inclusiva. Fui a primeira pessoa da minha família a ir para a universidade.

– Nesse caso não somos assim tão diferentes, nós os dois.

Sorri, irónica. Cada centímetro dele tinha o polimento de um colégio particular e de Oxbridge. Ele captou-me o olhar e soube o que estava a pensar.

– Vamos comer qualquer coisa – disse, e fez sinal ao empregado.

Nunca fui grande coisa a ler os sinais dos homens, mas percebi que estava a exhibir-se.



Comemos e dançámos à volta um do outro, a conversa a fluir fácil entre garfadas, pequenos pratos de tapas que partilhámos. Só de longe em longe senti fugazes lampejos de pânico por estar ali, com um cliente, num bar com luzes discretas três dias antes de audiência preliminar do processo de divórcio dele.

– Mais uma bebida?

Reparei que o bar estava vazio.

– É melhor não.

Ele puxou as mangas da camisa para cima e reparei que tinha uns bons antebraços: fortes e bronzeados, com uma ligeira camada de pêlos na parte de cima.

– Provavelmente pensa que sou um tipo detestável.

– Por que havia de pensar uma coisa dessas?

– O marido com dinheiro. A preparar-se para lixar a mulher.

– Estou aqui para ajudar, não para julgar.

– Mesmo assim, o mais certo é ter conhecido montes de homens como eu.

– Gosto de representar homens. Acho que muitas vezes são tramados, sobretudo quando há filhos envolvidos.

– O seu trabalho... deve dar-lhe uma má ideia do casamento.

– Como sabe que não sou casada?

– Não sei.

– Não sou – disse, e sustentei-lhe o olhar por um instante mais do que devia enquanto o ambiente emocional entre nós mudava de repente.

– Acho que estamos prestes a ser postos fora – disse Martin, a olhar em redor.

A sala estava vazia. O empregado preparava-se para começar a arrumar. Não podiam ser mais de nove horas, mas parecia muito mais tarde, havia uma sensação de intimidade e recolhimento, como ao fim de um longo dia.

O *barman* levou-nos a conta numa pequena bandeja de prata. Martin pegou-lhe e pagou-a antes que eu tivesse tempo de procurar a carteira.

– Vamos – disse, e pousou a mão direita no fundo das minhas costas.

Fomos escoltados até à porta por um segurança e saímos para Duke Street. Chovia ainda mais intensamente do que quando eu tinha entrado na loja, com tanta força que a chuva ressaltava dos passeios alagados. Os saltos dos meus sapatos riscaram uma poça, salpicando-me as meias de água fria e suja.

– Onde está um táxi quando precisamos dele? – gritei acima do barulho do West End. O meu saco de lona da Burgess Court já estava ensopado e receei que os formulários de candidatura a conselheira não sobrevivessem ao dilúvio.

– Ali – disse ele. Levantámos os casacos para tapar a cabeça, a rir e a praguejar enquanto chapinhávamos nas poças. – Onde mora?

– Islington.

– Então podemos partilhar – disse ele.

Abriu a porta, e antes que eu desse por isso já tinha saltado para dentro do táxi.

Capítulo 5

Esperava que ele morasse num lugar diferente. Notting Hill ou Chelsea, pensei, a tentar recordar os pormenores da relação de propriedades do Formulário E. Mas Martin indicou ao taxista que seguisse para leste.

– Spitalfields? – disse eu, quando ele deu ao condutor as nossas moradas.

– Surpreendida?

– Tinha-o por um homem de West London.

– Desconfio que isso não é um elogio – disse ele, a olhar pela janela.

– Não, suponho que não.

– Quando comprei a propriedade, antes do meu casamento, antes da Gassler Partnership, trabalhava no Deutsche Bank em Finsbury Square, de modo que dava jeito. A Donna nunca gostou do sítio. Mudámos logo que ela conseguiu convencer-me. Mas eu conservei-o e voltei para lá quando nos separámos. Se uma pessoa vai viver em Londres, então o melhor é viver *em* Londres. Para mim, está lá tudo o que esta cidade é. Sente-se a coragem e a determinação dickensianas, a presença dos fantasmas de Jack, *o Estripador*, e de Fagin. As luzes brilhantes da City, os candeeiros a gás das velas. É o crisol absoluto. Todos lá viveram... os huguenotes, os judeus, os paquistaneses. É lá que encontra os melhores *bagels*, o melhor caril de Londres.

– Começa a parecer um agente imobiliário.

– Adoro o sítio. Não quero deixá-lo.

– Deixá-lo?

– Divisão de bens... Desculpe, esqueci-me de que não devemos conversar a respeito do caso.

Quando entrámos em Clerkenwell, tentei imaginar Donna a viver ali. Claro que sabia como ela era... uma pesquisa no Google depois do meu primeiro encontro com Martin tinha-me dado algumas imagens. Donna numa festa na Serpentine, numa exposição de fotografia: cabelos compridos louro-escuros, grandes olhos de gata, um seco desafio no desenho da boca. Não parecia uma pintora, parecia uma esposa de Chelsea, o seu lugar não era Spitalfields. Mas o de Martin também não.

– Gosta de viver perto do território de caça de Jack, *o Estripador*? – perguntei, a tentar aligeirar o tom.

– Agora está a fazer-me sentir esquisito.

– Bem, foi o que disse.

– Referia-me à atmosfera, às igrejas de Hawksmoor, à história.

– É um velho romântico – disse eu, a provocá-lo.

Olhámos um para o outro e foi como se não conseguíssemos desviar os olhos. Senti as pontas dos nossos dedos tocarem-se em cima do macio estofado do banco traseiro, e o doce choque do seu

contacto cortou-me a respiração por um instante. Não afastei a mão e Martin inclinou-se para a frente e disse ao taxista, como se tivesse lido os meus pensamentos:

– Spitalfields primeiro, está bem?

Olhou para mim em busca de aprovação, mas eu não precisei de dizer uma palavra. Pegou-me na mão e pareceu a coisa mais natural do mundo, aquilo que eu queria, apercebi-me, desde aquele primeiro encontro na Burgess Court. Voltámos ambos a cabeça e ficámos a olhar cada um pela sua janela. O táxi pareceu acelerar e o tremular do perigo era palpável.

Spitalfields era Londres em microcosmo, uma estranha mistura orgânica do antigo e da era espacial, com angulosos foguetões de prata e vidro apontados para o céu ao lado de degradados prédios de habitação sujos de fuligem, inalterados desde que o *Estripador* caçava no meio do nevoeiro. Mas a garra ávida da gentrificação estava por todo o lado: velhos armazéns transformados em cafés mexicanos da moda, com cactos de néon pregados nas fachadas centenárias, o sótão de um tecelão transformado numa coelheira de estúdios para joalheiros, *DJ* e gurus da *web*. Mesmo numa noite fria, havia jovens a percorrer as ruas, à procura de cerveja artesanal e de ambiente.

Mas nem tudo tinha sido tocado pelo progresso. O edifício de Martin ficava mesmo atrás da refulgente mole branca de Christ Church em Hawksmoor, a curta distância do alpendre de ferro de Spitalfields Market. Por alguma misteriosa razão, aquela bolsa da velha Londres tinha sobrevivido à Luftwaffe e aos empreiteiros, uma cápsula do tempo de estreitas ruas calcetadas ladeadas por gradeamentos de ferro negro e falsos candeeiros a gás. Ensanduichado entre filas de prédios georgianos com degraus de entrada e aldrabas de latão, era um velho armazém convertido que ainda ostentava o nome dos antigos ocupantes: W. H. Miller and Co, gravado numa sanefa de pedra calcária à volta do telhado. Parecia novo e ao mesmo tempo antigo, como o cenário de um filme dickensiano; estava meio à espera de ver aparecer Patrick Stewart vestido de *Scrooge* ou uma horda de miúdos de rua irromper de trás do candeeiro a cantar *Who Will Buy?*

O táxi parou e Martin pagou ao motorista. Não se falou de ele prosseguir viagem até Islington para me levar a casa. Limitei-me a sair do carro.

A rua estava deserta, mas mesmo assim olhei em redor para me certificar de que ninguém me via. Não naquela rua, com as suas pálidas luzes amareladas e as suas altas janelas tapadas por portadas. Não havia ali ninguém, só fantasmas.

Martin pegou no meu encharcado saco de lona e enfiou uma chave na fechadura. O cavernoso átrio era escuro e tinha o mesmo cuidado ar industrial – paredes de tijolo exposto e traves de aço – que o exterior do edifício.

– Último andar – disse ele, enquanto me guiava até um antiquado elevador construído para transportar carga. O barulho dos meus saltos, a tiquetaquear no chão de cimento, ecoava pelo edifício. A grade de ferro fechou-se com uma pancada metálica e o elevador estremeceu e começou a subir. A luz era muito fraca. Num filme, aquela era a parte em que começávamos a beijar-nos, a foder. Ele apertar-me-ia contra a fria parede de aço, prender-me-ia os braços acima da cabeça e levantar-me-ia a saia. Em vez disso, mantivemos os dois um reservado silêncio até que o elevador parou, seis andares mais acima.

– Por aqui – disse ele, apesar de só haver uma porta em todo aquele piso.

Deixou-me entrar à frente no apartamento, seguiu-me e fechou a porta. Estava escuro, mas entrava alguma luz por uma série de janelas em arco do chão ao tecto com vista para a City. O vestíbulo, vazio com excepção de uma bicicleta de corrida com todo o ar de ter sido cara, abria para um vasto espaço que fazia lembrar um sótão de Nova Iorque, onde não havia mais mobília além de um conjunto de grandes sofás e uma mesa de jantar à qual poderiam sentar-se pelo menos doze pessoas. As paredes pintadas de uma cor clara estavam cobertas de quadros, mas vi muito pouca coisa em termos de objectos pessoais – fotografias ou quaisquer outras pistas a respeito do que ele gostava. Fez-me lembrar uma luxuosa suíte de hotel – uma ideia que achei sedutora.

– Olhem só para aquilo – murmurei, fascinada pela ponta em forma de torpedo do Gherkin.

Voltei-me e vi Martin despir o sobretudo. Ficámos ali imóveis por alguns momentos, sem afastar os olhos um do outro, e então ele avançou para mim. O meu coração batia muito depressa. Por um instante tive medo de que alguém nos visse através daquelas grandes janelas, mas esqueci essa efêmera preocupação quando ele ficou tão perto que o ouvia respirar.

– Está encharcada.

– Eu sei – murmurei.

Ele segurou-me a cara entre as mãos e limpou-me as faces molhadas com os polegares.

Os dedos desceram para o pescoço, para os ombros e detiveram-se na parte superior dos braços, a agarrar-me com suavidade.

– É melhor tirar isto.

Voltou-me, devagar, com cuidado, como se tudo estivesse a acontecer em câmara lenta, e ajudou-me a despir o casaco.

Fechei os olhos para bloquear a vista. Ele estava agora atrás de mim. Senti o tecido da camisa contra a fina seda da minha blusa. Empurrou-me os cabelos por cima do ombro esquerdo e senti o seu hálito quente, e depois o roçar dos lábios pela pele macia da base do pescoço. Inclinei a cabeça para um lado e inspirei pelo nariz, com um ligeiro estremecimento de satisfação.

Talvez ele tenha interpretado o som como autorização para continuar. Queria que continuasse. Queria que baixasse o fecho de correr na parte de trás da minha saia e a deixasse cair no chão. Queria que as mãos dele deambulasse pelas curvas do meu corpo, pela minha cintura, pelas minhas ancas, até pararem na parte exposta das coxas acima das meias. Queria-o.

Deslocou as mãos para o cóis das calças e ouvi-o desapertar o cinto. A correia de couro saltou contra o fundo das minhas costas como uma brusca e seca palmada. Comecei a desapertar os botões da blusa até que o tecido se abriu e senti o ar fresco na pele. Ele puxou-me a blusa para trás dos ombros e beijou a suave curva do pescoço como se estivesse a provar-me. E quando a blusa deslizou para o chão sem resistir, voltei-me para ele e havia entre nós a distância suficiente para poder observar-me. Nua, com excepção do *soutien*, cuecas, meias e sapatos. Vi-o sorrir, uma pequena curva no canto direito da boca, e fiquei excitada, não só pela ideia do que ia seguir-se, mas também pela maneira como o tinha feito sentir-se. O meu poder sobre ele.

Uma parte de mim sabia que íamos acabar assim desde o momento em que o tinha visto pela primeira vez. Desde o segundo em que queimara a mão e ele pusera um lenço de papel sobre a minha pele.

Estávamos no sofá, deixando para trás um rasto de roupa. Ele sentou-se e pegou na minha mão, puxou-me para si até que fiquei montada sobre o seu baixo-ventre. Fechou os olhos e eu passei os dedos pelos finos pêlos do peito, cada vez mais baixo até que lhe agarrei o membro e o apontei para dentro de mim. Havia já algum tempo que não tinha relações sexuais, mas sabia o que estava a fazer e vi o prazer na cara dele.

Por um instante pensei em Vivienne McKenzie e em David Gilbert, imaginei o que diriam se nos vissem assim. Mas o calor que me subiu às faces não foi uma onda de vergonha e sim de ardente desejo, uma necessidade urgente de senti-lo cada vez mais fundo dentro de mim.

Rodei as ancas à volta dele e arqueei as costas. Ele agarrou-me um seio com uma das mãos e inclinou-se para a frente para o chupar. Excitou-me o mamilo com a língua, brincou com ele, mordeu-o, primeiro ao de leve, com gentileza, depois com mais força até que eu gritei. Não havia espaço suficiente em redor para a nossa necessidade, o nosso desejo. Caímos no chão e senti algures o ligeiro roçar da alcatifa contra a minha pele, mas esqueci-o quando ele enfiou as mãos no meu cabelo, devorou com uma boca ávida os meus lábios, as minhas faces, os lóbulos das minhas orelhas. Estava agora por cima de mim. Com uma das mãos abriu-me ainda mais as pernas e eu quase não conseguia respirar. Comecei a arquejar à medida que a pressão crescia. O meu âmago irradiava calor. Gritei, a cravar-lhe as unhas na pele, a esticar o ventre enquanto lançadas de doce e delicioso clímax me percorriam o corpo. Queria capturar aquela sensação, engarrafá-la, queria que nunca mais acabasse. E enquanto olhava para o tecto, à espera de ouvir a minha respiração normalizar, a senti-lo rolar de cima de mim e deitar-se a meu lado, perguntei-me quanto tempo teria de esperar antes que voltássemos a fazer tudo outra vez.



No dia seguinte, a audiência no tribunal foi uma coisa relativamente simples. O pedido de congelamento de bens não era nada de muito complicado, ainda que eu o tivesse conseguido mesmo que fosse.

Na minha primeira semana com a associação, Viv McKenzie tinha-me dito que a vida na barra tinha tudo a ver com confiança, e naquela manhã, no tribunal, fui brilhante: eloquente, hábil, preparada para enfrentar tudo o que a parte contrária pudesse ter no seu arsenal. Não importara ter-me limitado a passar os olhos pelo processo nessa manhã, na Central Line. Não importara estar exausta da noite anterior, uma noite em que tínhamos passado mais tempo a foder por todos os cantos do apartamento do que a dormir. Não importara ter chegado ao tribunal poucos minutos antes das nove e meia, a hora marcada para a audiência, com a mesma roupa que usara no dia anterior e um par de *collants* baratos comprado na Boots da estação de Liverpool Street. Não precisava da minha armadura, das minhas meias, do meu batom encarnado, das minhas blusas acabadas de engomar. Tinha as recordações dele.

Depois de alguns minutos de conversa de circunstância com o advogado da cliente nos degraus do tribunal, voltei ao escritório, descendo Fleet Street até ao santuário de Midle Temple. Surpreendeu-me a maneira como tudo o que me rodeava e que eu tão bem conhecia me pareceu fresco e diferente. Os umbrosos claustros e as passagens que por vezes me enervavam eram agora lugares para encontros secretos e escapadelas amorosas. Não tomara os meus medicamentos na noite anterior nem

naquela manhã, e sabia que em breve ia sentir-me deprimida, assustada ou desorientada, mas de momento a minha mente estava consumida por ele e parecia tudo bem.

Detive-me na recepção da Burgess Court e perguntei a Helen, a nossa recepcionista, se tinha alguma mensagem.

– Enviei-lhe um *e-mail* com os nomes de todas as pessoas que telefonaram – disse ela, a procurar debaixo da secretária. – E veio este embrulho para si.

Franzi a testa ao olhar para a grande caixa preta atada com uma fita de seda.

Aquilo não era um processo. Nem vindo de uma das mais prestigiadas firmas de advogados.

Levei-a para o meu gabinete e pousei-a em cima da secretária. Hesitei um instante antes de puxar a fita e abri-la. Lá dentro havia um saco de pano e dentro do saco uma mala. *A mala*. A mala de couro preto macio como manteiga que tinha visto no Selfridges na noite anterior. Senti a boca seca e mordi o lábio para parar de sorrir.

Puxei o fecho de correr com cuidado. Não chegara a descobrir quanto custava, mas parecia luxuosa e cara. Enfieei a mão lá dentro, a perguntar-me se haveria algum cartão ou nota, apesar de saber muito bem de quem era. Enquanto a minha mão desaparecia cada vez mais fundo no seu interior, senti outra coisa. Não os contornos duros e lisos de um cartão, mas qualquer coisa de tecido macio.

Intrigada, tirei-a da mala para a inspeccionar e ri alto quando vi uma delicada tanga de renda.

– Muito bem, Fran – disse a voz de Paul nas minhas costas. – Tenho aqui um par de serviços para ti.

Voltei a enfiar as cuecas na mala e tentei compor a minha cara de tribunal, mas quando me voltei para Paul fiquei sem saber quem estava mais embaraçado. Eu. Ou ele.

Capítulo 6

Não sei quem foi o primeiro a dar a alcunha de *Piranha* a Robert Pascale, mas era mais do que adequada no tocante à sua reputação como causídico. Antigo gestor na área da banca de investimento tornado advogado de divórcios, conseguira arranjar um lucrativo nicho para si mesmo no topo do mercado – sendo a sua especialidade o género de casos que esvaziavam contas bancárias, espremiam a vítima até ao tutano, chegavam aos cabeçalhos do *Daily Mail* e faziam tremer os homens de negócios milionários.

Mas Robert Pascale não parecia em nada um carnívoro implacável. A sua aparência era a de um *dandy* da velha escola, cabelos prateados penteados para trás, fatos impecáveis com o bolso do peito de seda numa cor contrastante. Fora do tribunal, era sempre o encanto em pessoa, e eu soube que esse encanto ia ser apontado para mim mal o vi nos corredores do High Holborn's Central Family Court.

Guardou o telemóvel no bolso quando me aproximei.

– Francine, como estás? Tens um ar tão radioso que teria de beijar-te se não tivesse receio de que a minha cliente nos visse e pensasse que estava a confraternizar com o inimigo.

Ri, nervosa, ao ouvi-lo mencionar a cliente. Tinha ido mais cedo, e sozinha, por duas razões. A ideia de estar a sós com Martin enchia-me de terror e excitação. Não voltara a vê-lo depois de ter deixado o apartamento em Spitalfields dois dias antes. Tínhamos enviado SMS um ao outro como um par de adolescentes na tarde do dia em que recebera a minha mala de couro e as cuecas, mas a nossa conversa derivara para temas mais sóbrios que tinham envolvido eu tranquilizá-lo a respeito da audiência preliminar, e o nervosismo que invariavelmente se seguira tinha-me levado a pensar que talvez o ter esquecido a medicação tivesse tido efeitos mais graves do que julgara.

Mas também quis ir mais cedo para a ver. Para ver Donna. Não queria que a primeira vez que via a mulher de Martin fosse numa sala de tribunal sem janelas, sabendo que todos os olhos estariam postos em mim, e sem ter a certeza absoluta de que seria capaz de esconder a minha curiosidade e as minhas emoções.

– Estou muito bem, Robert – disse, a olhar em redor. – Onde estão as tuas tropas? Pensei que ia encontrar-te fechado numa sala de reuniões.

– O Jeremy Mann está cá. Estamos só à espera da cliente – disse ele, e começou a enviar mais uma mensagem antes de voltar a dedicar-me toda a sua atenção. – Então. Fala-me do rumor que por aí corre de que desta vez vais candidatar-te à seda.

Soprei pelo nariz, bem-humorada. Calculei que não prejudicaria a minha carreira se fizesse constar que estava na corrida.

– Significaria que talvez recorresses aos meus serviços de vez em quando? – perguntei num tom intencional, sem precisar de lhe lembrar que era um dos poucos procuradores de Direito de Família

de topo que nunca o tinham feito. Suspeitava que isso se devia ao facto de Robert Pascale ser um *snob* e, não obstante ganhar a vida a representar mulheres, também um misógino empedernido.

Inclinou-se para mim e tocou-me no ombro.

– Se vais candidatar-te a QC, Francine, tem cuidado com os truques mediáticos. Isto é um caso de divórcio, as vidas de duas pessoas, não uma montra profissional – disse, com uma nota de aviso.

– Sabes bem que eu faço sempre jogo limpo – respondi enquanto olhava para o grande relógio e pensava que David e Martin não tardariam a aparecer.

Pedi licença e fui procurar uma sala de reuniões livre. Enviei uma mensagem a David a dizer-lhe onde poderia encontrar-me.

Tirei uma pequena garrafa de *Evian* da mala, bebi um gole e olhei em redor. O Central Family Court não tinha a grandiosidade dos Royal Courts of Justice no Strand, onde uma pessoa podia sentir o peso de séculos de História. Tinha o ar e atmosfera de uma escola inclusiva e a sala onde eu estava era fria e sem graça.

Alguns minutos mais tarde, ouvi a porta abrir-se nas minhas costas e Robert e Martin entraram. Eu tinha estado a fazer um esforço de vontade para permanecer calma, mas vê-lo pôs-me o coração a bater muito depressa e só conseguia pensar nas palavras de uma mensagem que ele me tinha enviado dois dias antes.

Gosto do sabor da tua cona.

Evitei os apertos de mãos apontando para a mesa. Eles sentaram-se e eu lancei-me num discurso preparado a respeito do que podíamos esperar naquela manhã, de como tencionava pedir que fosse um juiz do Supremo a presidir à audiência de Resolução das Questões Financeiras e de como manter todo o processo o mais simples e menos confrontacional possível.

– O Jeremy Mann trouxe o Richard Simms – disse, dirigindo-me a David.

– Quem é esse? – interveio Martin.

Bebi mais um gole de água e notei que as minhas mãos tremiam.

– O Richard é o advogado júnior do Jeremy.

Martin franziu a testa.

– E nós não devíamos ter mais alguém?

Havia na voz dele uma nota de acusação e pânico.

– Não precisamos de mais ninguém na Audiência Preliminar.

– Então por que trouxeram esse?

A hostilidade dele enervou-me. Não sabia o que tinha esperado. Que ele flertasse comigo? Fizesse um comentário a respeito da nova mala de couro que eu tinha levado?

– A presença de advogados não é necessária nestas audições preliminares – disse eu, a sentir o coração bater mais depressa.

– Então que está aqui a fazer? E por que tem a Donna dois advogados?

Olhei para David Gilbert e mexi-me na cadeira, pouco à vontade.

– Jogos – respondi, com toda a autoridade de que fui capaz. – Dois advogados numa Audiência Preliminar é o equivalente legal a uma exibição de poderio militar. Os russos a mostrarem as suas armas. Mas não serve para nada, é desnecessária e cara. Sou toda a favor de um pouco de pose, mas

dentro dos limites do razoável. O Robert Pascale, em contrapartida, é perito em gastar o dinheiro dos outros.

– Talvez seja por isso que é tão bem-sucedido. Gastar para ganhar.

– Martin, tem de confiar em nós.

Os nossos olhos encontraram-se e vi a expressão dele suavizar-se num pedido de desculpas. Sabia que não devia levar tudo aquilo muito a peito, mas estava determinada a fazer tudo o que pudesse por ele.

– São quase dez – disse, e recolhi os meus *dossiers*. – É melhor irmos entrando.

Dirigimo-nos em silêncio para a sala de audiências, uma das pequenas usada para os procedimentos mais informais.

O juiz já lá estava, à cabeceira da comprida mesa de reuniões. Jeremy Mann e o seu júnior também já estavam sentados. Robert estava de pé num canto, a verificar as mensagens. Não vi Donna Joy em parte alguma.

Sentei-me em frente de Mann, espalhei os meus papéis e ordenei as ideias. Pus a caneta em posição horizontal sobre o *dossier*, com o bico apontado para a esquerda. De um lado e do outro pus uma lapiseira e um bloco de *Post-it*, como um garfo e uma faca.

Murmúrios baixos corriam pela sala. Exceptuando isso, só se ouvia o tiquetaque do relógio na parede.

Passavam poucos minutos das dez e continuava a não haver sinal da senhora Joy. Olhei para o juiz Barnaby e captei-lhe o olhar. Era um juiz da velha escola, à beira da reforma, irascível mas eficiente, e percebi pelo arquear das sobrancelhas que estava desejoso para começar mais um dia na mina escura do desmoronar das relações humanas.

– Estamos prontos? – perguntou por fim o juiz Barnaby.

Robert Pascale estava com um ar infeliz.

– Estamos à espera da minha cliente – explicou.

– E esperamo-la para breve? – replicou o juiz, acintoso.

– A qualquer momento – disse Pascale, a olhar para o relógio. – Vou lá para fora esperar por ela. Talvez se tenha perdido.

Não me atrevi a olhar para Martin, que falava com David numa voz tão baixa que não conseguia ouvir o que dizia.

Robert deixou a sala pelo que pareceu imenso tempo. Quando ouvi a porta abrir-se, não pude resistir a olhar, à espera de a ver, imaculada e imperturbável apesar da chegada tardia, mas era outra vez Pascale, que parecia inusitadamente agitado.

– Nenhum sinal – disse.

– Telefonou-lhe? – perguntou Jeremy Mann, pomposo.

– Tentei, mas as chamadas vão directas para o *voice-mail*. Falei ontem com ela e estava tudo combinado para hoje.

– Talvez o trânsito esteja mau – disse Martin, com o ar de quem não acreditava nisso.

– Mais cinco minutos – disse Barnaby, gelado. – Tenho um dia muito ocupado.

– Sugiro que comecemos sem a senhora Joy – disse David, a olhar para mim em busca de aprovação.

Eu sabia o que ia pedir antes mesmo de ele abrir a boca.

Robert objectou, mas o juiz Barnaby ergueu a mão.

– Muito bem – disse, impávido.



– Foi embaraçoso – cuspiu Martin quando saímos da sala, quarenta minutos mais tarde.

– A presença dela não era necessária – tranquilizou-o David.

Ficámos a ver Robert e a sua equipa afastarem-se pelo corredor.

Martin continuava a abanar a cabeça.

– Vai falar com ela? – perguntei.

Ele soprou pelo nariz.

– Não acredito que o que quer que seja que eu diga tenha algum impacte no comportamento dela.

– Comportamento?

– É mesmo típico da minha mulher.

David arvorou um ar de compreensão.

– Não é a primeira vez que um cliente deixa de aparecer no tribunal. Acontece mais vezes do que pode imaginar. E talvez o Robert tenha dado a entender que se tratava apenas de uma audiência muito rudimentar...

Tentei captar o olhar de Martin, tentei perceber o que estava a pensar, mas ele parecia infeliz e distraído.

– Que acontece agora? – perguntou, a focar toda a sua atenção em David. Senti uma ligeira pontada de desapontamento.

– Como viu ali dentro, estabelecemos um calendário. Agora temos de reunir informação, manter contacto com o Robert, esperar pela data da audiência.

– Que deverá ser quando?

– Dentro de seis a oito semanas, com um pouco de sorte. Se a auditoria forense não nos atrasar.

– Mantenha-me informado. Vou amanhã para a Suíça; está marcado há algum tempo e não quero cancelar, mas é só por uma semana.

Eu já tinha esta informação. Fora mencionada de passagem no sótão de Spitalfields e na altura perguntara a mim mesma se ele estaria a preparar-se para me pôr a andar.

– Muito bem – disse David, e os dois trocaram um aperto de mão.

Martin voltou-se para mim para repetir o gesto. Peguei-lhe na mão e retive-a um tudo-nada mais do que teria sido necessário. Quando os seus dedos se fecharam à volta dos meus, pensei neles dentro de mim. Onde tinham estado na noite de terça-feira. Onde eu os queria naquele preciso instante.

– Até à próxima – disse por fim.

Ele assentiu com a cabeça e depois fez meia volta e afastou-se sem mais uma palavra. Fiquei a ver a sua figura desaparecer na distância e estava tão hipnotizada que nem me detive a pensar se David Gilbert teria reparado em qualquer faísca ou embaraço entre mim e o nosso cliente.

– Um destes dias as pessoas com dinheiro hão-de aprender a ter modos – disse David, quando ele já não podia ouvir-nos.

– O Martin? – perguntei, em pânico.

– A mulher. É tão desrespeitoso.

– Talvez tenha adoecido. Ou percebido mal o dia.

– Talvez – disse David, cínico. – Penso que devíamos considerar a possibilidade de contratar um investigador – acrescentou ao cabo de uma pausa.

– Para quê?

– Tratei de um divórcio, há pouco tempo. Do ponto de vista legal não tinha nada de notável, mas era uma autêntica novela. A mulher também não apareceu na audiência preliminar. Pensámos que estava só a ser indelicada até que descobri que se tinha mudado para LA sem dizer nada ao marido. Tinha-se juntado a um produtor discográfico milionário enquanto tentava sacar ao meu cliente metade da sua empresa.

– Então também não confias na Donna Joy – disse eu, consciente da satisfação na minha voz.

– Só quero saber com o que estamos a lidar do lado dela – disse o procurador que me tinha contratado. – Se conseguíssemos provar que anda com alguém... alguém rico... poderia ajudar o nosso caso.

– E eu conheço a pessoa que pode ajudar-nos – respondi.

Pouco mais havia que dizer a David. Os pensamentos dele já estavam voltados para a próxima reunião com outro cliente. Despedimo-nos e eu deixei-me ficar pelo átrio, a perguntar-me como ia matar o tempo até ao pedido de uma ordem judicial restritiva marcado para o meio-dia. Não valia a pena voltar ao escritório, de modo que fui até ao Starbucks beber um café e ler as minhas notas.

Sentada junto à montra, peguei no *iPad* e usei-o para navegar na internet. Regra geral via os cabeçalhos dos jornais ou o boletim meteorológico, mas dessa vez dei por mim a teclar *Donna Joy*. O resultado das primeiras três páginas da pesquisa não deram nada que eu não tivesse já lido, mas quando cavei mais fundo, encontrei o nome do estúdio onde ela trabalhava, uma galeria que tinha exposto o seu trabalho, uma festa onde tinha estado no Verão do ano anterior. Mais reveladora ainda foi a conta do Instagram – infindáveis fotografias de lugares exóticos, amigos glamorosos e *selfies* sorridentes, uma janela para um mundo dourado que fazia a minha vida parecer solitária e sem cor.

Voltei a enfiar o *tablet* na mala, fui à casa de banho retocar o *bâton* e voltei ao tribunal para apresentar o meu pedido de ordem restritiva. Passei o casaco e a mala pelos detectores de metais e disse olá a alguns conhecidos da Faculdade de Direito que também acabavam de chegar. O procurador que me tinha contratado para o meu próximo caso já enviara uma mensagem a dizer que ia chegar atrasado, de modo que fiquei ali pelo átrio e aproveitei para ler a lista de audiências marcadas para aquele dia.

Reparei nela pelo canto do olho. Foi o casaco que me chamou a atenção – cor-de-rosa-brilhante e com aspecto de caro, o género de peça de roupa que eu não podia usar por causa da cor, mas podia admirar.

Olhei com mais atenção e soube que era ela. Era mais baixa do que esperava, da mesma maneira que as duas únicas celebridades que alguma vez conheci eram formato de bolso. O cabelo era mais

escuro, mais um caramelo-rico do que um louro-escuro. A mala era grande e tinha um ar exótico – uma pele qualquer que não reconheci. Lagarto, aligátor? Perguntei-me se teria sido ele que lha comprara.

– Posso ajudá-la? – perguntei.

Voltou-se para mim e eu tentei absorver todos os pormenores do seu rosto. Lábios finos, sobrancelhas fortes, muito pouca maquilhagem, o que me surpreendeu, na pele pálida e lisa, um comprido pescoço de cisne do qual pendia um delicado fio de ouro e um medalhão com a inicial «D».

Murmurou qualquer coisa entredentes, com indisfarçado desagrado.

– Não, a menos que seja capaz de fazer o tempo voltar para trás.

Queria dizer-lhe que estava uma hora e cinquenta e dois minutos atrasada. Que o procurador dela tinha voltado ao seu escritório e que as engrenagens do divórcio tinham começado a girar. Queria perguntar-lhe por que razão tinha chegado tão tarde. Teria ido ao cabeleireiro para impressionar o marido, perguntei-me ao olhar para as suaves ondas que lhe caíam sobre os ombros. Ou pura e simplesmente não se dera ao incómodo de anotar os pormenores das ocupações da manhã na sua agenda sem a mínima dúvida sobrecarregada?

Fiquei imóvel por um momento, o coração a bater com força, sem saber se devia apresentar-me. Mas sabia que ela ia achar uma estranha coincidência o facto de a advogada que conhecera no átrio do tribunal ser a advogada do marido.

– Receio que nisso não possa ajudar – respondi, a apertar com mais força as pegadas da minha mala.

O seu rosto suavizou-se, e quando me sorriu eu soube o que fora que Martin Joy tinha visto nela. O colarinho da camisa apertou-me a garganta e encaminhei-me para a saída, desesperada por um pouco de ar fresco.

Capítulo 7

Não fui eu que sugeri encontrarmo-nos em Islington. Martin enviou-me um SMS da Suíça a convidar-me para jantar, e quando eu disse que sim minutos mais tarde já ele tinha uma mesa reservada no Ottolenghi.

Interpretei isto como um bom sinal. O Ottolenghi não ficava no Soho ou em Chelsea. Ficava em Upper Street, a curta distância do meu apartamento, à distância de um curto cambalear no regresso, e eu sabia que tinha de – e queria – preparar-me para essa eventualidade. Anos de celibato auto-imposto não favorecem elevados padrões vestimentários e há muito que a *lingerie sexy* tinha dado lugar a peças mais confortáveis: não se pode ter tudo. Quase todos os sábados de manhã estava no centro de aconselhamento legal gratuito de Toynbee Hall em Stepny, onde fazia voluntariado há anos, mas naquela semana resolvi faltar e em vez disso passar a manhã num pequeno salão de beleza coreano em Holloway Road para ao menos estar depilada e macia. A seguir fui à minha charcutaria preferida, La Fromagerie, e comprei *brie* cremoso e uvas *fragolino* para abastecer o frigorífico, mudei os lençóis da cama e até os aspergi com um pouco de essência de alfazema numa tentativa de os fazer cheirar como aqueles lençóis muito bem engomados e frescos que encontramos nos hotéis caros. Queria tornar o meu apartamento um refúgio delicioso de onde ele nunca quisesse sair. O que, começava a aperceber-me, era o que desejava.

Escolhi um vestido preto e uns sapatos cor-de-rosa-escuros e, de propósito, saí de casa cinco minutos atrasada. Era um desastre naquele género de jogos, sempre tinha sido, mas aquilo era a minha única concessão ao jogo de «armar-me em difícil».

Enquanto caminhava por Upper Street, cruzando-me com a malta do princípio da noite, grupos de quatro ou cinco, barulhentos, a rir, inspirei fundo, a querer sentir um pouco daquela energia, um pouco daquele abandono, a sensação de que naquela noite tudo podia acontecer. Um sorriso insinuou-se-me nos lábios. *Tudo*.

Atravessei a rua, os meus saltos a matraquearem no asfalto, o casaco a adejar. Ele já lá estaria à minha espera? Iria encontrar um bar deserto e uma mensagem no meu telemóvel, uma desculpa qualquer a respeito de trabalho ou de voos atrasados? Nunca me convenci de que Martin Joy voltaria a contactar-me depois da audiência preliminar, mas uma vez que tínhamos marcado uma data, assumira, ingénua que sou, que ele ia aparecer. Naquele momento não tinha assim tanto a certeza. Devia telefonar-lhe a perguntar se ia a caminho? *Pensamento positivo*, disse para mim. *As coisas boas podem acontecer. Até a ti*.

E lá estava ele. O meu coração falhou uma batida quando o vi através do vidro. De costas para a rua, encostado ao balcão, os ombros largos a moverem-se, as mãos fortes a rasgarem o ar. Estava a falar com alguém. O sorriso na minha cara desapareceu; não, estava *com* alguém. Um casal. Detive-

me, a mão a pairar sobre a maçaneta da porta, a lutar contra a decepção. Teria interpretado mal a situação? Aquilo não era um encontro-encontro? Mas não podia ficar ali parada, a hesitar. A porta era de vidro e de todos os modos Martin tinha-se voltado e vira-me.

– Fran – disse com calor quando entrei. Agarrou-me na mão e puxou-me para si. Um crepitar de estática saltou entre nós quando as nossas peles se tocaram, mas ele nem pestanejou, limitou-se a sorrir e a murmurar-me ao ouvido uma palavra que só eu ouvi:

– *Sexy*.

– Francine – disse, voltando-se para os outros –, apresento-te o Alex, o meu sócio, e a mulher dele, a Sophie.

– Só a *mulher* dele – disse ela com um piscar de olho conspirativo, e avançou um passo para me apertar a mão. – Ninguém importante.

Mas era impressionante: loura, alta, um nadinha cavalgar, género capitão da equipa de *lacrosse*. Era pelo menos quinze centímetros mais alta do que eu. Mesmo de saltos altos, eu mal chegava ao metro e sessenta e cinco, mas nunca me tinha sentido mais baixinha do que naquele instante.

Apesar de Alex ter rido da graça, notei nele mais reserva. Magro, direito, sem uma ruga no fato cinzento. Talvez eu não fosse a primeira mulher que Martin apresentava ao sócio e amigo desde o início do divórcio, ou talvez Alex se mantivesse leal a Donna – os amigos faziam coisas assim, não faziam? Escolhiam lados.

Houve uma curta e embaraçada pausa, e então Martin encheu o espaço.

– Recebeste a minha mensagem?

– Que mensagem?

– A respeito de o Alex e a Sophie jantarem connosco.

Abanei a cabeça.

– Não ficamos muito tempo e prometo que o Alex vai portar-se bem – disse Sophie, e lançou-me um olhar conciliatório.

Martin verificou o telemóvel enquanto os amigos iam andando para a mesa.

– Não a enviei. Mensagem falhada.

Tocou-me nos dedos, num gesto de desculpa, e eu senti o seu calor na pele.

– Não tem importância. Quero conhecer os teus amigos – disse eu, a perguntar-me se aquilo teria soado muito convincente.



Fomos acompanhados até à nossa mesa e Martin pediu duas garrafas de vinho laranja e uma selecção de entradas. Foi tudo tão bem escolhido que eu soube que ele já ali tinha estado muitas outras vezes.

– Estiveste então a fazer esqui? – disse eu, consciente de que tinha de contribuir com a minha parte de conversa de circunstância desde o início. Não fazia a mínima ideia do que Sophie e Alex sabiam da nossa relação, tal como era, mas até que recebesse um sinal de Martin a confirmar que aquilo era um «encontro», e que os amigos sabiam que era um «encontro», decidi avançar com cautela, mantendo a conversa no vago

– Heli-esqui – disse Martin, a assentir com a cabeça.

– O verdadeiro e único James Bond de Spitalfields – brincou Alex.

– É ótimo. Já experimentou? – perguntou Sophie, com a confiança de quem passou a vida de esquis.

– Sinto-me mais feliz com um chocolate quente e um *croissant* cá em baixo – respondi, a não querer admitir que as únicas vezes que deslizara por encostas nevadas fora num tobogã no parque, quando era pequena. Precisei de toda a minha força de vontade para não apertar mais com ele, desesperada por saber com quem tinha estado na Suíça – ninguém vai fazer heli-esqui sozinho, pois não? –, mas a saber que estaria a dar o flanco se perguntasse.

– Trabalham então com o Martin? – perguntei, já sentados a uma mesa escondida no fundo do restaurante.

Alex assentiu, mas Sophie franziu os lábios e abanou a cabeça.

– Eu não. Já não. Tenho a certeza de que sabe melhor do que ninguém que trabalhar juntos nem sempre contribui para uma vida familiar feliz. Tentámos nos primeiros tempos, mas acabámos por querer estrangular-nos um ao outro, de modo que me afastei e assumi um papel mais – inspirou por entre os dentes – de conselheira.

– Quer ela dizer que diz aos dois o que fazer – sorriu Martin.

– Ele gosta de fazer parecer que eu sou uma espécie de chata – disse Sophie. – Mas sem o olho de uma mulher para o pormenor, atrever-me-ia a dizer que as luzes já se teriam apagado há muitos anos.

Alex pegou-lhe na mão e beijou-a.

– Pronto... estás recompensada, querida.

Ela deu-lhe uma brincalhona palmadinha na cara e eu senti uma pontada de ciúme. Estavam casados há quanto tempo?... Pelo menos uma década, e era óbvio que ela continuava a adorar o marido.

Pouco a pouco, comecei a relaxar e a divertir-me enquanto os três brincavam e implicavam uns com os outros, como só os velhos amigos podem fazer. Martin falou da sua recente viagem, «sair do meio da poalha como *Frosty, o Homem de Neve*», e Sophie falou de umas desastrosas férias de esqui em Courcheval, onde uma total ausência de neve transformara a estância no «sétimo círculo do inferno» onde os turistas russos não tinham nada que fazer senão exibirem-se.

– O único sítio onde tinha visto mais peles foi no Zoo de San Diego – disse, com uma gargalhada.

– Onde todos se conheceram? – perguntei, invejosa do laço que os unia.

– Na universidade – disse Alex.

– A Sociedade de Economia.

– Foi aquela viagem a Nova Iorque, não foi? A Wall Street. Fomos companheiros de quarto naquele hotel merdoso na East Village.

– Gosto de pensar em mim como uma casamenteira. Sabia que os dois iam dar-se bem, de modo que tratei de tudo.

– Pensei que ela se tinha tornado presidente da Soc Econ para avançar na carreira, mas do que gostava de verdade era fazer de Cilla Black.

– Culpada – disse Sophie, erguendo a mão.



A conversa fluiu com o vinho, um branco delicioso com um aroma a laranja que me encheu a cabeça, e comecei a sentir-me contente por Martin ter convidado os amigos para o nosso encontro. O restaurante moderno, agradável, a inteligência fácil de Alex, os oportunos apartes de Sophie: era uma inebriante mistura do chique e do metropolitano, e eu ansiava fazer parte daquilo. Bem via os olhares de admiração que recebíamos de casais noutras mesas; éramos a gente bonita, sofisticada e urbana, e por uma vez eu era um deles, mesmo no palpitante coração de Londres.

– A verdade é que ainda não nos contou nada a seu respeito – começou Sophie, depois de dizer à empregada o que queria para sobremesa. – Numa outra vida, gostava de ter sido advogada de divórcios. Fui cortejada por algumas empresas de caçadores de cabeças, mas parecia tudo demasiado monótono. O Direito de Família, pelo contrário, deve ser fascinante.

– Fascinante por vezes – disse eu, com sinceridade. – Muitas vezes difícil e emocional. Tendemos a descobrir que, em matéria de divórcio, os sentimentos assumem o controlo. As pessoas pagam enormes quantidades de dinheiro em horas facturáveis a discutir as coisas mais insignificantes porque não querem que a outra ganhe. Ainda há pouco tempo tive um casal que andou às turras durante seis meses por causa de um bule.

– Um bule? – exclamou Alex.

Assenti.

– Um bule muito bonito, mas que valeria no máximo duzentas libras. Tinham-no comprado na lua-de-mel e ambos pagaram o equivalente a todo o recheio da casa que tinham em Kensington para que o outro não ficasse com ele.

Todos riram, mas foi um momento constrangedor, como quebrar um feitiço e recordar a toda a gente quem eu era e como fora que Martin me tinha conhecido.

– Na verdade, Fran, queria perguntar-lhe uma coisa – disse Sophie. – Uma pergunta profissional...

– Há alguma coisa que eu deva saber, querida? – perguntou Alex, de olhos comicamente abertos, mas ela ignorou-o.

– É óbvio que o Martin está a divorciar-se, e todos nós nos temos perguntado...

– A borrar-nos de medo seria mais exacto – voltou Alex a interromper.

– ... em que medida isso vai afectar o negócio – continuou Sophie. – A Donna pode ir atrás de nós? Quer dizer, sempre fomos amigos, mas como disse, as pessoas fazem coisas esquisitas quando entram numa sala de tribunal.

Olhei em redor, a sentir-me exposta e enganada. Tinha pensado que aquilo era um encontro amoroso, mas cada vez mais parecia que tinha sido levada até ali para dar informação.

– Preocupa-nos a hipótese de a Donna exigir ao Martin uma parte dos lucros futuros.

– Opor-nos-emos, claro – disse eu, a apertar com força o pé do copo.

– Então? – insistiu Sophie.

– É verdade que o divórcio pode ter ramificações ao nível das empresas. Mas a Gassler Partnership não está na Bolsa, de modo que espero que qualquer possível impacte seja limitado. Para julgar pelo seguro, posso recomendar-lhes um RP especializado em deflectir atenções negativas... mas, para ser franca, não me parece que seja necessário.

Olhei para Martin, que me fez um sorriso tranquilizador. Percebi que a minha avaliação era em grande medida o que Sophie e Alex queriam ouvir.

– Por falar em divórcio, já sabem do Mungo Davis? – disse Alex. – Apanhou a mulher na cama com o motorista... e sabem o que disse?

Fiquei sem saber o que a mulher de Mungo Davis disse porque pedi licença e dirigi-me aos lavabos.

Quando cheguei ao santuário da casa de banho, apoiei ambas as mãos nos lados do lavatório e inspirei fundo. Quando olhei para o meu reflexo no espelho, perguntei-me o que teria de fazer para ser feliz. Gostava de Martin Joy. Pensava que ele gostava de mim, mas era evidente que tinha lido mal a situação.

Tirei o *lip gloss* da mala e apliquei-o com cuidado. As luzes do tecto faziam-me parecer mais pálida do que de costume e levantei a mão para tocar na face.

Consegues fazer isto, disse a mim mesma enquanto me preparava para voltar à sala. *Mantém a tua dignidade*.



Quando voltei, Martin estava a pagar a conta e Sophie a vestir o casaco.

– Os penetras vão-se embora – disse ela, com um sorriso.

– Acompanhamo-los até à porta – disse Martin.

Fiquei no passeio, constrangida, enquanto nos despedíamos. Quando Sophie e Alex desapareceram no interior de um táxi, apertei melhor o casaco à volta do corpo, pronta para começar a andar de regresso a casa.

– Foi óptimo – disse, numa voz tensa. – São os dois muito divertidos.

– Mesmo assim, lamento muito – disse ele, a mudar o peso do corpo de um pé para o outro.

Senti os meus ombros relaxarem.

– O Alex ligou-me para a Suíça. Estava preocupado com o meu divórcio e começou a falar em arranjar-me o seu advogado. Quando eu lhe disse que ia estar contigo, perguntou-me se podiam vir também. Não pensei que ficassem o jantar todo.

Encolhi os ombros e sorri. Não queria expor-me e sugerir o que fazer a seguir.

– A noite ainda é uma criança – disse ele, a olhar para mim por baixo das pestanas escuras.

O meu coração deu um pequeno salto, apesar de eu tentar manter-me calma.

– Em que estás a pensar? – perguntei, com um encolher de ombros.

– Não moras aqui perto? – disse ele, e aproximou-se um passo.

– Já ali adiante, se quiseses acompanhar-me a casa.

Quando ele passou o braço pelo meu, todo o meu corpo relaxou.

– É verdade? – perguntei passado um momento. – Aquilo de ter sido a Sophie a juntá-los, a ti e ao Alex?

– Foi ela quem organizou a viagem e reservou os quartos, de modo que acho que sim. Devo muito à Sophie. Até me conseguiu uma bolsa para eu ir a Nova Iorque. De outro modo não teria podido.

Olhei para ele, surpreendida. Já tinha sugerido que tínhamos origens semelhantes, mas eu assumira que era só conversa.

– Os meus pais morreram quando eu tinha cinco anos. Fui criado pelos meus avós. Eram pessoas que valorizavam muito a educação, fizeram tudo o que puderam para me ajudar a fazer o secundário e a universidade. Mas não havia muito dinheiro.

Olhou em frente, como se não quisesse continuar a falar daquele assunto.

– Fala-me da Suíça – pedi enquanto caminhávamos, a saborear o calor dele através da manga do casaco.

– Estivemos em Verbier.

Tinha uma vaga recordação de Tom Briscoe ter uma vez falado de Verbier, no escritório. Parecera-me um viveiro de gente endinheirada, com descidas pelas pistas mais perigosas e muitas festas *après-ski*, e não pude impedir-me de imaginá-lo com um bando de louras num *jacuzzi* ao ar livre. Fosse como fosse, não gostei daquele «estivemos».

– Primeiro tive algumas reuniões em Genebra, mas consegui um par de dias nas encostas. Foi bom afastar-me de tudo isto.

– Obrigada – disse eu, com uma gargalhada.

Martin deteve-se e olhou para mim.

– Não era isso que queria dizer – declarou com tanta intensidade que me fez pele de galinha. – E tu, que tens andado a fazer?

Encolhi os ombros.

– Trabalhar. Escrever.

– Um John Grisham no feminino, eh?

– Não exactamente. Um trabalho académico: «Mediação para recolocação no exterior envolvendo países não membros da Convenção de Haia».

– A leitura perfeita para um dia de praia – riu ele.

– Eu sei, eu sei. – Ergui as mãos. – É para a minha candidatura à seda. É sempre bom ter qualquer coisa publicada.

– Penso que consegues fazer seja o que for em que te empenhes. Na realidade, tenho a certeza de que consegues. Talvez eu possa lê-lo mais tarde.

Havia calor nas suas palavras. Gostei da assunção de que não ia só acompanhar-me até à porta. E, no entanto, a referência à candidatura à seda escapara-se-me com uma pequena nota de dúvida, uma vozinha distante a lembrar-me que ele era um cliente. Por isso abrandei o passo, tentei manter a conversa num terreno neutro

– Queria ser escritora – disse. – Quando era nova, quando a nossa casa me parecia demasiado pequena, ia para a biblioteca local e perdia-me por lá. Sempre adorei as palavras, a maneira como conseguem fazer-nos rir ou chorar, magoar-nos, ajudar-nos... a maneira como conseguem transportar-nos para um lugar diferente. Sempre pensei que as palavras tinham magia.

Ergui os olhos e ele estava a olhar para mim como se eu fosse a pessoa mais interessante do mundo.

– O que foi então que te levou a escolher Direito?

Encolhi os ombros.

– Cresci numa casa no meio de muitas outras iguais em Accrington, frequentei uma escola inclusiva. Não conhecia ninguém que fosse bem-sucedido, quanto mais alguém que vivesse da escrita. Em vez disso via crimes, e casamentos desfeitos, e ordens de despejo, e percebi que as únicas pessoas que pareciam beneficiar com tudo aquilo eram os advogados. Quer os desgraçados ganhassem ou perdessem, os advogados ganhavam sempre.

– De modo que agora usas as palavras para vencer e ganhar dinheiro.

– Sim, suponho que sim. Achas que é egoísta?

Martin riu.

– Estás a perguntar ao tipo errado. Tenho a palavra «capitalista» estampada na testa. – Olhou para mim, agora sério. – Mas ganhar dinheiro é fácil. Admiro as pessoas como tu, que conseguem encontrar uma fendazinha na armadura do adversário para ganhar uma batalha. Acho que não teria suficiente agilidade mental.

– Não acredito nisso – disse eu.

Não queria mencionar que tinha lido quase tudo o que conseguira descobrir a respeito de Martin Joy. O consenso geral nos áridos jornais de negócios que vasculhara era que se tratava de um génio, uma das melhores cabeças financeiras da sua geração. Adorei o facto de ele ser tão modesto.

Enquanto caminhávamos, trocámos segredos a respeito das nossas vidas. Falámos das séries que ambos gostávamos de ver, mas para as quais não tínhamos tempo, revelámos os nossos recantos favoritos da cidade – Postman’s Park na City, as estátuas de bronze de Roosevelt e Churchill em Bond Street, o restaurante Bleeding Heart em Clerkenwell pelo seu excelente vinho tinto. Gostava de como era fácil falar com ele. Gostava do muito que tínhamos em comum. Ele tinha em tempos vivido em Islington, em Highbury Fields, a poucas ruas de distância do meu apartamento, e apesar de se ter mudado para Spitalfields antes de eu ter chegado, saber que as nossas vidas tinham a dada altura partilhado a mesma rotina e o mesmo ritmo era para mim causa de um secreto prazer.

– Anda. – Peguei-lhe na mão e guiei-o para uma rua lateral. – A minha casa é por aqui.

Ele apertou-me os dedos com mais força e eu perdi a noção de tudo o que me rodeava, encolhidinha na minha pequena bolha.

Por um instante, fez-me lembrar eu quando era mais nova, nas raras ocasiões em que conhecia alguém novo e interessante. Não era diferente dos outros jovens em busca de sexo, amor, a sair de *pubs* ou discotecas com um rapaz, uma rapariga, a sugerir bares locais ou festa, a querer esticar um pouco mais a noite, a não querer quebrar o feitiço.

Mas naquela noite era uma adulta. Naquela noite íamos directos para casa e ambos sabíamos como aquilo ia acabar.

– A Donna quer encontrar-se comigo – disse ele de repente. – Na terça-feira.

O coração voltou a afundar-se-me no peito, e apercebi-me, naquele preciso instante, de quanto gostava daquele homem. Não queria sentir-me carente, mas sentia... e era de Martin que necessitava.

– Quer pedir desculpa por ter faltado à audiência preliminar? – perguntei, a olhá-lo de esguelha.

– Penso que só quer falar.

– E estás a perguntar-me a minha opinião ou já decidiste ir?

– O que achas?

O meu coração estava a bater muito depressa. Sentia a espada de Dâmocles suspensa sobre a minha cabeça no escuro céu nocturno, como as nuvens negras que por vezes desciam.

– Acho que deves ir – disse, sabendo que não havia outra resposta possível.

– Foi também o que pensei – disse e apertou-me a mão ainda com mais força. – Tu disseste que é sempre melhor mantermo-nos longe dos tribunais, não foi? É melhor tentar um acordo.

– Falar, sim. Mas não faças acordo nenhum.

– É só uma conversa, Fran. Quero ouvir o que ela tem para dizer. Sem os advogados à nossa volta. Só quero saber o que está ela a pensar...

Disse isto com um sorriso, mas eu senti-o como uma reprimenda. *Sem os advogados à nossa volta. Sem mim.*

– Como acabou, Martin? – perguntei, as palavras a saírem-me da boca antes que pudesse travá-las.

– Quero dizer, o que aconteceu?

Olhou para mim. Foi evidente que estava a ponderar se seria uma boa ideia contar-me.

– Fui a Hong Kong – disse por fim. – Negócios. – Regressei a casa dois dias mais cedo do que o previsto e a Donna não estava lá. Tinha desaparecido. Por isso não fiquei surpreendido quando desapareceu desta vez. É o *modus operandi* dela. Acabei por encontrá-la em Nova Iorque, graças a uma conta de 47 000 dólares no cartão de crédito. Não tinha pensado em dizer-me. Nunca pensava em mim. Eu não era uma pessoa, um parceiro. Era só um fornecedor de dinheiro – concluiu, num tom duro.

– E isso magoou-te?

Abanou a cabeça.

– Na altura, não. Não sentia a falta dela. Lembro-me de estar sentado em casa, às escuras, a ouvir o silêncio, e a pensar em como era bom estar sozinho, a pensar *é assim que quero estar*.

– Vim jantar com um eremita – ri, nervosa.

Ele parou e olhou para mim.

– Sou apenas uma pessoa que queria sair de um casamento que tinha passado há muito o prazo de validade. Quando ela voltou de Nova Iorque, disse-lhe que queria o divórcio.

– Mas ela meteu os papéis primeiro – observei.

Conhecia o *dossier* do caso de trás para a frente. Sabia que ela tinha assinado o pedido de divórcio primeiro.

– Teve o cuidado de o fazer – respondeu, como se por dentro estivesse a amaldiçoar-se por ter sido demasiado lerdo.

– E aqui estamos nós – disse eu.

– E aqui estamos nós – repetiu ele.

O número 19, o meu autocarro, parou poucos metros à nossa frente, um relâmpago de encarnado, como um sinal de aviso. Apeou-se um punhado de pessoas, a abotoar os casacos por causa do frio, e eu apercebi-me sobressaltada que reconhecia uma delas. Pete.

Merda.

Num gesto instintivo, larguei a mão de Martin.

Pete olhou primeiro para Martin e depois para mim.

– Olá.

– Viva, Pete – respondi, delicada, a tentar não pensar na última vez que o tinha visto, quando os lábios dele me tinham roçado o pescoço.

– Foste sair?

– Fui só dar um pulinho ao Ottolenghi.

– Um pulinho, hem? – repetiu ele, a olhar para Martin com um ar inquisitivo.

– Oh, Martin... este é o Pete Carroll, o meu vizinho.

– Martin Joy – disse ele, estendendo a mão. Pete manteve a sua no calor do bolso.

– O Pete está na Imperial. A fazer um doutoramento – disse eu, a tentar quebrar o constrangimento.

– Impressionante – disse ele. – Em quê?

– Inteligência Artificial.

– Oh, eu trabalho em *fintech*. Devíamos voltar a falar quando acabar.

Martin hesitou por um instante. Pensei que ia sacar de um cartão-de-visita e fiquei aliviada quando não o fez. Talvez Pete esquecesse o nome dele, embora no fundo soubesse que estava a enganar-me.

– Bem, preciso de leite – disse Pete, e afastou-se em direcção ao minimercado local.

– Vemo-nos por aí – disse eu, o mais casualmente que consegui.

– Acho que ele gosta de ti – murmurou Martin quando Pete desapareceu no interior da loja.

– Estás com ciúmes?

– Um pouco. Porque eu também gosto de ti.

Entretanto, tínhamos chegado à minha porta. Eu sabia que aquela era a minha oportunidade de lhe dizer o que sentia em relação a Donna. Que tinha ciúmes e que o encontro previsto me perturbava. Mas estávamos diante da minha porta, perto, tão perto, e não queria fazer fosse o que fosse que pudesse pôr em perigo a noite, e sabia que isso significava ficar calada.

– Foi uma boa noite – disse por fim.

– Ainda não acabou.

Martin sorriu e empurrou a porta quando eu rodei a chave na fechadura.

Capítulo 8

A minha ligação a Clare Everett vem de muito longe. Do dia em que viajei de Accrington para Birmingham com todos os meus bens terrenos enfiados numa mochila de cinquenta litros comprada no Millets, em Manchester.

Tinham-lhe atribuído o quarto ao lado do meu na nossa residência universitária e ela era diferente de todas as pessoas que eu tinha conhecido: uma beldade dos chamados Home Counties que tinha um cavalo e um carro e frequentara um colégio interno. A nossa amizade devia ter sido passageira, uma amizade de geografia e conveniência, que se dissiparia logo que conhecêssemos pessoas nas nossas residências, e nos nossos cursos, com as quais tivéssemos mais em comum. Ela era um pouco tipo clube hípico, naquele tempo, mas eu gosto de pensar que a ajudei a tornar-se fixe. Pelo Natal, já tinha trocado os vestidos da Next por uns *jeans* e umas *Doc Martens*. Pelo seu lado, Clare ajudou-me a encaixar nas classes médias. Não obstante as nossas diferenças, e o nosso mais que improvável começo, tornámo-nos muito próximas e assim continuámos, mesmo depois de ela ter casado com o namorado da universidade, Dominic, faz agora dez anos.

Clare acomodou-se no seu banco alto no bar do Ham Yard Hotel e puxou para si um prato de sementes de *wasabi*. Não costumávamos frequentar lugares como aquele e apesar de eu estar a usar um vestido novo que me apertava em todos os sítios certos, sentia-me deslocada. Clare, pelo contrário, tinha perdido o seu ar de boneca e encaixava no cenário sofisticado como uma esguia mão numa elegante luva de pelica. Para ser franca, naquela noite achei que parecia uma Loura de Hitchcock. Demasiado Loura de Hitchcock, de repente nervosa a respeito de aonde íamos e com quem íamos encontrar-nos.

– Estou esfomeada. Devíamos ter ido comer qualquer coisa. Achas que ainda temos tempo? – disse ela, a torcer os cabelos de tamanho médio por cima do ombro esquerdo.

– A festa começa às sete e meia e já são sete e vinte – respondi eu, ansiosa por ir.

– Diz-me mais coisas a respeito dessa festa a que vamos.

– É a inauguração de uma exposição qualquer.

Tirei da mala os convites que Martin me tinha dado e estendi-lhos.

– Arte – disse ela, e lançou-me um olhar sardónico. – Tornaste-te colecionadora?

– Brincas! Ofereceram-me os convites, só isso.

– Delauney Gallery – leu ela, a esticar a mão que segurava os convites, como se estivesse a ficar míope. – Helen North. Nunca ouvi falar dela. Embora deva ser boa, para conseguir uma exposição na Delauney. – Olhou para mim com uma expressão brincalhona. – Ao menos deve haver por lá alguns homens interessantes. Coleccionar arte é o novo golfe, dizia-me alguém aqui há dias.

– Pensava que andar de bicicleta era o novo golfe.

Clare riu.

– Ou isso. Estou contente por andares a sair um pouco mais. A propósito, espero que vás à inauguração do restaurante do Dom. Estou a arrebanhar todos os homens solteiros que conhecemos para te servir.

Acabei a minha bebida e olhei para ela. Clare era a única pessoa a quem podia dizer tudo. Conhecia todas as minhas histórias, todos os meus cantos escuros. Não só por ser minha amiga, mas também porque era esse o seu trabalho como psicóloga.

– Por acaso, até foi por isso que quis que viesses esta noite – disse, hesitante.

– Não vais?

– Claro que vou à inauguração do Dom's. Estava a falar desta noite. Quero apresentar-te uma pessoa.

Clare sacudiu o rabo-de-cavalo.

– Sou uma mulher casada, querida.

– Trata-se de mim – arrisquei, cuidadosa. – Conheci uma pessoa. E ele vai lá estar, mais tarde.

A minha amiga endireitou-se no mesmo instante. Eu sabia como eram as coisas com os casais felizes. Contavam com os amigos solteiros para coscuvilhar e ter conversas picantes sobre a vida na frente de batalha, quanto mais não fosse para recordarem a si mesmos como estavam gratos por já não andarem à procura «do tal». Eu era um desapontamento constante nessa área, sendo do género de reservar a minha privada, mas naquele momento estava a oferecer qualquer coisa.

– Porra! – disse ela, passados dois segundos.

– Não é assim tão chocante – observei, e acabei o meu falso *cocktail*.

Ela cravou em mim o seu mais interrogativo olhar de psicoterapeuta.

– Quem é ele?

– Chama-se Martin – disse eu, sem adiantar.

– Um nome bom, sólido. Onde se conheceram? Há quanto tempo andas com ele? O que faz ele?

– Detesto isso. – Fiz uma careta e agitei a mão. – É estenografia para: «qual é o potencial dele?»

– Tens razão. Vou examiná-lo. Tem de ser suficientemente bom para a minha melhor amiga. Assumo que é por isso que queres que o conheça.

– Ando com ele há cerca de seis semanas. Trabalha na finança – respondi, ignorando a pergunta a respeito de onde nos tínhamos conhecido.

– Oh, Fran! Um banqueiro não. – Suspirou e deixou descair os ombros. – E estava tudo a parecer tão promissor.

Não percebi se estava ou não a brincar, mas decidi que a melhor maneira de prosseguir com aquilo era com leveza.

– Desancar nos banqueiros é tão previsível.

– Não tem nada a ver com o dinheiro que ele ganha. Os banqueiros partilham muitas características com os psicopatas – disse ela, e cruzou as pernas. – Falta de empatia, um ego descomunal, com frequência pessoas encantadoras. Encontras os níveis mais altos de psicopatia em banqueiros, CEO e psiquiatras.

– Estás a dizer que o meu novo namorado é um psico – disse eu, a tentar rir.

– Estou a dizer que tenhas cuidados com os machos alfa ricos.

– De todos os modos, ele é mais homem de negócios do que banqueiro. Tem uma espécie de fundo que faz previsões sobre o mercado.

Ela começou a rir.

– Quer dizer, é o CEO de uma empresa financeira. Duas vezes melhor.

Não ia deixá-la safar-se com aquilo.

– Dizes que tenho um problema, que evito relacionamentos por causa do meu trabalho, mas não és melhor do que eu. Psicanalisas as pessoas e fazes o teu julgamento antes que elas tenham tempo de provar que estás errada.

– Ou certa. – Sorriu. – De qualquer maneira, só te podes culpar a ti.

Franzi a testa e peguei na mala.

– Eu?

– Foi por tua culpa que me tornei mirra-cabeças – disse Clare, pegando na mala e saímos do bar.

Capítulo 9

A galeria ocupava um impressionante pedaço de um edifício em Mayfair. Grandes janelas de vidro derramavam uma luz branca e prateada sobre uma enfiada de carros de luxo estacionados no exterior. A multidão que fazia fila para entrar arvorava expressões solenes. Mas eu estava contente por ter chegado.

Clare fizera demasiadas perguntas a respeito de Martin pelo caminho. Eu não queria divulgar nada a respeito da situação dele, e muito menos sobre a maneira como nos tínhamos conhecido, e queria manter as partes boas em privado: os fins-de-semana que tínhamos passado na cama, a ver séries na televisão e a comer comida encomendada, ou a nossa viagem num domingo à tarde até Lulworth Cove, onde nos sentámos nas falésias e vimos as cores da maré mudar de esmeralda para azul-pavão. E não queria dizer-lhe como ficara perturbada na noite em que Martin tinha ido encontrar-se com Donna para «conversar» a respeito do divórcio. Como eu tinha ido ao ginásio nessa tarde depois do trabalho e me levava até aos meus limites físicos, levantando pesos, correndo até o suor jorrar de todos os poros do meu corpo, na esperança de distrair a cabeça do facto de eles irem encontrar-se. E como isso não me impedira de lhe ligar – de lhe digar três vezes, apesar de todas as chamadas terem ido parar ao *voice-mail* –, e de como fora para casa e bebera duas garrafas de vinho e de acordar na manhã seguinte e encontrar a sanita suja de vomitado. Não lhe disse nada disto porque, apesar de saber que estava a apaixonar-me por Martin Joy, não gostava da maneira como ele por vezes me fazia sentir: impotente, à deriva, sem o controlo das minhas emoções, a pessoa que já tinha sido, noutra vida.

– Ele está cá? – sussurrou Clare enquanto cada uma de nós aceitava a *flûte* de champanhe oferecida por uma empregada. Depois de passar o cordão de veludo, tínhamos dado por nós num mundo paralelo onde pessoas elegantes de saltos altíssimos e mocassins pagavam um ano de salário por umas telas pintalgadas que consideravam «interessantes». A artista *du jour* era Helen North, uma pintora que imprimia enormes fotos monocromas de pessoas de idade nuas e depois cobria essas imagens com espessas pinceladas de tinta branca e preta. Achei-as deprimentes, mas não tinha ido ali para ver quadros.

Olhei para lá dos vestidos de *designer* e dos *blazers* de Savile Row e não reconheci ninguém, e muito menos Martin. Mas não era ele quem procurava, era Donna, aterrorizada pela ideia de a ver entrar, mais imponente do que qualquer das mulheres presentes e duas vezes mais glamorosa. O mundo da arte era, ao fim e ao cabo, o seu território. Mesmo que não soubesse que Martin tinha sido convidado – além de um misterioso mais um –, havia fortíssimas probabilidades de que uma succulenta noite de inauguração como aquela a fizesse sair debaixo da rocha para onde tinha rastejado. Estava furiosa. Tinha prometido a mim mesma não descer ao ponto de odiar Donna, por

muito tentador que fosse. Os praticantes de Direito de Família só vêem um lado de uma relação. E as namoradas também, por maior força de razão. Eu queria ver Donna como desligada e egoísta e maliciosa, mas nunca era assim tão simples, pois não? Por muito feliz que Martin me fizesse, alguma culpa havia de ter. Qual de nós não tem?

Talvez a ler-me o estado de espírito, Clare tocou-me no braço.

– Estás bem?

– Sim, ótima. Só um pouco nervosa por ires conhecer o Martin, suponho.

– Gostas mesmo dele, não gostas?

– É simpático – respondi, com fingida ligeireza.

– Então por que me queres aqui, a fazer de empecilho?

Olhei para ela.

– Porque és a minha melhor amiga e é importante para mim que também gastes dele.

Clare assentiu.

– *Okay*. Mas diz-me quando for altura de desaparecer. Assumo que vais para casa com ele.

– Não te importas, pois não?

– Tudo bem... desde que tenhas umas cuecas lavadas e uma escova de dentes na tua mala.

– Tenho uma escova de dentes em casa dele.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Não é bem um anel no teu dedo, mas é um começo.

– Considerando que tecnicamente ele ainda é casado, diria que sim.

Forcei-me a vigiar a reacção de Clare. Não foi chocada nem reprovadora, apenas confusa.

– Ele é casado?

– Separado. Há seis meses.

– Pelo menos não é um cliente – respondeu ela, de sobrancelha arqueada. Sorri, nervosa.

– A verdade... – comecei, mas um turbilhão louro apareceu de repente, de braços estendidos.

– Fran! Como estás? – Sophie Cole abraçou-me, beijando o ar de ambos os lados da minha cara com se fôssemos duas irmãs há muito separadas. – Não sabia que ias cá estar! – exclamou. – Estava com medo de que a noite fosse uma chatice pegada.

Olhou para Alex, que tinha chegado a seu lado, em busca de confirmação. Ele limitou-se a um curto aceno de cabeça, mas pelo menos estava a sorrir.

– Oh, esta é a Clare, minha amiga – disse eu, a entrar no modo formal. – Clare... Sophie e Alex Cole. São sócios do Martin.

– Mais uma conselheira sentimental, no meu caso – disse Sophie, e apertou a mão de Clare. – Digame, que acha dos quadros, Clare?

Fiquei à espera de ouvir a resposta. A Clare era muito melhor do que eu a julgar aquele género de coisas.

– Interessantes – disse. – Gosto da maneira como ela usa a luz e a sombra.

Sophie fez uma pausa, e depois riu.

– Pois, eu também os detesto! – Inclinou-se para a frente e sussurrou: – Mas a Helen é uma boa amiga do Martin, portanto não repitam o que eu disse à frente dele.

Olhei para ela, alarmada. Não gostei do som daquele «boa amiga».

– Também é advogada? – perguntou Sophie, a dirigir-se a Clare.

– Psicoterapeuta – disse ela.

– A amiga de sonho da Sophie. Do que ela mais gosta é falar de si mesma – brincou Alex.

Sophie deu-lhe uma palmada no braço.

– Têm de desculpar o meu marido. É um idiota.

– E também é co-proprietária de um restaurante, não é verdade, Clare?

Não resisti a fazer uma referência ao novo restaurante de Dominic. Sophie e Alex eram do género de comer fora todas as noites e, além disso, gostava da ideia de os nossos grupos de amigos se interligarem.

– Co-proprietária é exagero. É do meu marido. Abre no próximo mês.

– Querida, és amiga de uma advogada de divórcios. Fala com ela e depois diz-me que não queres o teu nome por cima da porta, por muito sócia silenciosa que possas ser.

– Acreditem, não quero envolver-me – disse Clare, a rir. – Se dissesse ao meu marido que quero participar mais, antes que desse por isso ele punha-me a fazer *profiteroles*. Não tenho a mínima dúvida. E eu detesto cozinhar. Nem biscoitos sou capaz de fazer.

– Tenho de apresentar-te a um amigo meu que é crítico gastronómico no *The Times*. Talvez possamos ir todos lá jantar e depois ele escreve qualquer coisa.

– Isso seria espantoso. Obrigada – disse Clare. – Talvez vocês possam ir à inauguração?

– É melhor irmos dizer olá à Helen – disse Alex, diplomata.

– Desde que eu não tenha de dizer-lhe que adoro o trabalho dela – respondeu Sophie, e rolou os olhos nas órbitas. – Desculpa-nos, Franny... gostei muito de te conhecer, Clare.

Quando se afastaram, Clare arqueou as sobrancelhas.

– *Franny?*

Sorri, ao notar a reprovação dela.

– É um termo carinhoso.

– É melhor que não pegue.

– Ela foi muito querida ao oferecer-se para te apresentar ao crítico gastronómico do *The Times* – disse eu. De repente, parecia importante que Clare aprovasse os meus novos amigos.

– Se acontecer – contrapôs Clare, e pegou noutra taça de champanhe.

– Ele chegou – disse eu, as minhas palavras a arrastarem-se quando olhei para o outro lado da multidão.

Martin entrou na sala, e o meu coração estremeceu de antecipação, excitação e ansiedade. Não nos tinha visto, estava demasiado ocupado a apertar mãos e dar palmadinhas nas costas, um belo e carismático centro de atenções com o seu fato escuro, a mover-se como um felino na selva, cheio de poderosa graciosidade. Olhei para Clare, a vê-la observá-lo, e foi óbvio que a sua magia já estava a funcionar... e senti-me feliz por saber que era eu quem iria para casa com ele.

– É *sexy* – disse Clare, sem desviar os olhos dele. Não consegui evitar um certo desapontamento, mas também que estava à espera que ela dissesse? *É fascinante, é brilhante, é quase perfeito?*

Clare não conhecia Martin, nunca estivera com ele, como poderia vê-lo como eu o via? E alguma vez alguém aprovava de verdade os parceiros dos amigos? Eu, por exemplo, não gostava muito de Dom. Talvez Clare, como psiquiatra, conseguisse explicar-mo, mas por uma razão qualquer era importantíssimo para mim que as duas pessoas que me eram mais próximas se dessem bem, por impossível que parecesse.

Por fim Martin viu-me, e senti o ar crepitar quando os nossos olhos se encontraram. Ele murmurou qualquer coisa à mulher com quem estava a falar e avançou direito a nós como uma seta.

– Francine, veio – disse, beijando-me na face. – E esta jovem deve ser a Clare. Tenho ouvido falar muito a seu respeito. – Estava à espera que ele fizesse incidir sobre a minha amiga, com a potência de um *laser*, toda a força do seu carisma, mas em vez disso fez-lhe um sorriso tímido. – Peço desculpa por não estar cá quando chegaram. Espero que não se tenham aborrecido demasiado.

Reparei que mantinha os olhos fixos em Clare enquanto dizia aquilo, a prestar-lhe atenção, a cortejá-la. Aquele homem conhecia o livro dos jogos de encanto de trás para a frente e da frente para trás, mas tinha a certeza de que Clare sabia muito bem o que ele estava a fazer: gestos, palavras, todas essas pequenas coisas que as pessoas usam para enganar eram para ela o pão-nosso-de-cada-dia. Era como ver dois grandes-mestres tentarem enganar o outro.

– O Martin é um dos patrocinadores do evento desta noite – disse eu, nervosa.

– E amigo da artista – acrescentou Clare.

– Eu diria mais cliente da artista. – Encolheu os ombros. – Não vou mentir, é uma jogada de negócio – explicou, com o fantasma de um sorriso. – Os contactos de alto nível são vitais para a Gassler Partnership, e não creio que seja possível encontrar uma maior concentração de indivíduos ricos do que na inauguração de uma exposição de pintura. Sobretudo quando a artista é uma Helen North.

– A verdade é que gosto do trabalho dela – disse Clare.

– Gostas?

– A sério. Não estava a brincar quando disse aquilo da luz e da sombra. Gosto muito de luz e sombra.

Martin riu.

– Eu também – disse, pegando no braço de Clare. – Venha, vou apresentá-las.

Enquanto ele se afastava com ela, Clare voltou-se, sorriu-me e fez um discreto sinal com os polegares para cima. Clare era no seu melhor um osso duro de roer e sempre desconfiara dos meus namorados, de modo que ter a aprovação dela significava muito. Deixei escapar um longo suspiro e bebi um gole de champanhe... que já começava a subir-me à cabeça.

– Acho que és adequada para ele.

Voltei-me. Alex estava a ver Martin atravessar a sala.

– Bem, sou uma excelente advogada – disse eu.

Ele torceu a boca.

– Sabes muito bem o que quero dizer, Fran. Sou amigo dele, não sou o Conselho da Ordem – disse, a sua expressão a suavizar-se num sorriso.

Tinha-me perguntado quanto conseguira Alex perceber durante o nosso jantar no Ottolenghi. Se tinha adivinhado que eu era amante de Martin, além de sua advogada.

– Além disso, vocês são dois adultos informados e ele é meu sócio. Construímos uma coisa boa juntos. Não a quero destruída por causa daquela mulher.

– Não creio que cheguemos a isso.

Ele assentiu, mas não me pareceu que estivesse de verdade a ouvir-me.

– Depois da Donna, antes de ti, ele bebia *Jack Daniels* ao pequeno-almoço. Seja o que for que estás a fazer, continua, porque ele está muito melhor do que estava há três meses, e eu acho que a diferença és tu.

Fiquei sem palavras. Por um lado, era o que ansiava ouvir – a confirmação dos sentimentos de Martin por mim. Mas as palavras de Alex também me perturbaram. Trabalhava há tempo suficiente como advogada de divórcios para saber que as relações tóxicas trazem muitas emoções à superfície, nem todas positivas. *Jack Daniels* ao pequeno-almoço sugeria uma versão dos acontecimentos diferente da que Martin me tinha dado a respeito do desmoronar do seu casamento.

Via-o através da multidão e senti uma descabida pontada de inveja por ele ficar tão bem ao lado de Clare. Ia desviar o olhar, mas os nossos olhos encontraram-se e ele sorriu, e foi tão íntimo e tranquilizador que me senti um pouco mais leve.

Quase não reparei em Tom Briscoe. Ao princípio ele fundia-se tão bem naquele cenário elegante que nem o reconheci, mas então lá estava, a ajudar uma loura tipo *jet set* a despir o casaco. Fiquei pregada ao chão, até que uma voz na minha cabeça me disse para sair dali. Aquilo não era tropeçar no meu vizinho Pete na paragem do autocarro perto do apartamento. Era Tom, o meu colega. Não podia ver-me com Martin; uma mente analítica como a de Tom demoraria meio nanossegundo a somar dois e dois.

Pedi licença a Alex, disse-lhe que tinha de ir ao bengaleiro e atravessei a galeria.

Clare estava embrenhada numa conversa com Sophie Cole. Desenhei com os lábios a palavra «desculpa», dirigida a Sophie, puxei Clare pelo braço.

– Tenho de ir – disse muito depressa, a olhar para o relógio.

– Mas ainda agora chegámos – protestou ela, com óbvio desapontamento. – A Sophie estava a dizer-me quem mais conhece no mundo da gastronomia. Acha que talvez consiga levar o Giles Coren à inauguração do restaurante do Dom.

– Eu certifico-me de que leva, mas agora preciso de ir.

Peguei no telemóvel e enviei uma mensagem a Martin:

Colega do escritório aqui. Tenho de ir.

– Tens a certeza de que não queres ficar para os canapés doces? – pressionou Clare. – Vi passar uns mini-*éclairs* e umas tartes de morango com um aspecto delicioso. – Franziu a testa e seguiu a direcção do meu olhar, fixo em Martin. – Ah, estou a ver – disse. – Não me espanta que queiras sair para uma queca.

– Para alguém com a tua educação, consegues ser muito vulgar – disse eu, a tentar manter um tom descontraído. O telemóvel vibrou na minha mão. Martin.

Vou contigo. Deixa-me só despedir-me.

Olhei em redor, mas tinha perdido Tom de vista. Onde quer que estivesse, dava-me uma oportunidade de ir buscar as minhas coisas ao bengaleiro. Mostrei o talão e esperei, impaciente, enquanto a empregada coscuvilhava com a colega, movendo-se com a lentidão de um glaciar. Vá lá, vá lá. A minha cabeça começava a girar. Sentia a garganta apertada e ansiava por uma lufada de ar fresco.

– Fran?

Senti a pancadinha no ombro e fechei os olhos, derrotada. Claro que ele me tinha visto. *Claro*.

– Tom! – disse, voltando-me e forçando uma nota de surpresa na voz. – Que fazes aqui?

– Não faças esse ar tão surpreendido... sou um apreciador de arte – disse, com um sorriso. Usava um impecável fato azul-escuro e uma dessas gravatas da velha escola às riscas que eu devia saber interpretar mas nunca soube. Fez um gesto na direcção da rapariga que o acompanhava, a mesma loura com que já o tinha visto.

– Fran, Hannah. A Francine é minha colega no escritório.

– Prazer em conhecê-la – disse eu, estendendo a mão. – Infelizmente, tenho de ir.

Vi Hannah lançar um olhar a Tom, o género de olhar que dizia *Eu bem te disse que estávamos atrasados*. Em qualquer outra ocasião estaria muito interessada naquela pepita de informação e no que me dizia a respeito das relações de Tom, mas naquele momento estava demasiado distraída e concentrada em fugir dali.

– Desculpem ser uma chata e ter de sair assim à pressa – disse, a olhar por cima do ombro de Hannah, convencida de que Martin estava a avançar para nós. – Têm de ir falar com a pintora. É fascinante.

– Com certeza podes ficar para uma bebida – disse Tom. – Que diabo, é uma noite de sexta-feira.

– Não há repouso para os condenados – disse eu com um débil sorriso.

Entregaram-me por fim o meu casaco e corri para a porta.

Clare estava no passeio, a observar-me.

– Estás bem? – perguntou.

– Claro que estou – respondi, a inspirar o fresco ar primaveril.

Clare não se deixou enganar.

– Então porquê esta súbita necessidade de ir embora?

Não podia dizer-lhe, não podia contar-lhe o que me tinha afugentado. E agora que estava fora da sufocante e apinhada galeria, a situação não me parecia assim tão desesperada. Saberia Tom que Martin era meu cliente? Provavelmente não. Eu de certeza não fazia a mínima ideia de quem estava ele a representar. Teria perguntado por que me tinham convidado? Pouco provável, Tom era demasiado bem-educado para fazer uma pergunta dessas. Mas era possível. E isso era um risco demasiado grande.

– Queres que espere aqui contigo até o Martin chegar? – perguntou Clare, os olhos a sondarem os meus.

– Não sejas pateta. Vai andando – disse eu, a apontar para o táxi que tinha parado junto ao passeio.

– Ele não tarda um minuto.

– Estou feliz por ti, Fran – disse Clare, e beijou-me na cara. – Agora deixa-te ser feliz, está bem? Tu mereces.

Por um instante, ficámos as duas perdidas no passado. A saber o muito que ela tinha feito por mim, assenti com a cabeça, agradecida.

– Obrigada – disse. – Vou tentar.

Mas enquanto o táxi se afastava olhei para a galeria, para ele... e perguntei-me se seria o suficiente.

Capítulo 10

Andei a deambular por Hannover Square até que Martin me encaminhou para um carro que esperava. Não falámos muito durante o trajecto até Spitalfields.

– Não te tirei de lá demasiado cedo, pois não? – perguntei enquanto subíamos no elevador até ao apartamento.

– Só tinha de mostrar a cara. Não ia ficar muito mais tempo, de todos os modos.

– Preciso de uma bebida – respondi, a sentir-me cansada e perturbada.

– Está no frigorífico uma garrafa de um *Chardonnay* bastante bom que precisa de ser aberta. Podemos bebê-lo no terraço – disse ele antes de desaparecer no quarto e voltar com duas camisolas de lã.

Atirou-me uma.

– É melhor vestires isso.

Enfiei a camisola pela cabeça, devagar, com cuidado. Cheirava a Martin, e o cheiro fez-me sentir zozna. As mangas ultrapassavam-me as mãos e foi como se tivesse sido fechada dentro dele.

Quando olhei, vi que segurava uma garrafa, dois copos e um cobertor. Saímos para uma pequena área com chão de madeira e subimos por uma estreita escada em espiral até ao ponto mais alto do edifício. Estendi o cobertor no poeirento asfalto e sentei-me. Estava tudo muito silencioso ali em cima. Um céu de veludo azul envolvia-nos como uma capa. Vi as chaminés e as luzes distantes de blocos de escritórios. Sorri ao pensar que havia pessoas que trabalhavam mais do que eu. Queria dizer-lhes que arranjassem uma vida.

Martin sentou-se a meu lado de pernas cruzadas, deitou vinho nos dois copos e entregou-me um.

– Teria ficado mais tempo, mas vi um colega do escritório – expliquei por fim.

– Não percebo por que temos de andar a esconder-nos pelos cantos. O Alex sabe. Percebeu ainda antes de termos ido jantar ao Ottolenghi. Disse que eu andava pelo escritório a suspirar e a rir como um colegial, o que me fazia parecer um pateta. Não quero esconder-te – disse ele, com uma intensidade que me fez estremecer.

– Eu também não quero esconder-te – respondi. – Foi por isso que levei a Clare... queria que começassem a conhecer os meus amigos. Mas tu continuas a ser meu cliente e eu vou candidatar-me à seda. Tenho de ter cuidado.

Ele inclinou a cabeça para trás e bebeu um longo trago de *Chardonnay*.

– Mal posso esperar que tudo isto acabe.

– Acabe?

– O divórcio.

A vista era espectacular. Sentia-me como se estivesse no topo do mundo, cheia de poder, nobilitada. A observação de Alex a respeito de Martin ter ficado um farrapo depois do fracasso do seu casamento pareceu-me de repente irrelevante, substituída por uma clara e romântica sensação de que tudo estava exactamente como devia estar.

– Por que não casaste?

Ri, mas ele ficou a olhar para mim, à espera de uma resposta.

– Nunca fui muito boa em relacionamentos.

– Eu diria que estás a sair-te bastante bem, até ao momento.

Senti-me como se estivéssemos ambos nus, como se pudesse dizer-lhe fosse o que fosse. Inspirei fundo antes de voltar a falar.

– Quando tinha dezanove anos, foi-me diagnosticada uma perturbação bipolar. Depressão maníaca – acrescentei, para esclarecer.

– As cicatrizes nos teus braços... nunca quis perguntar.

– Automutilação, não tentativa de suicídio. São antigas. – Esfreguei os braços com as mãos, embaraçada. – Segundo ano da universidade. Foi um tempo difícil. Estive quase a desistir do curso, mas segui em frente com a ajuda da Clare, dos meus tutores e de uma boa medicação. Está sob controlo, mas acho as relações difíceis.

– Porquê?

– É mais fácil estar sozinha.

– É?

Encolhi os ombros e fixei o olhar num distante anúncio de néon encarnado.

– Sempre quis manter a minha vida o menos complicada possível, controlar as coisas o mais que pudesse. Quando se teve altos e baixos, quer-se que as coisas sejam previsíveis.

– Toda a gente precisa de alguém, Fran. Merece alguém.

– Mas deixar entrar as pessoas traz problemas. Já temos dificuldade que baste em controlar as nossas emoções, quanto mais as dos outros. Gosto de ti, tu gostas de mim, mas que acontece quando a Donna quiser voltar a falar contigo ou disser que quer dar uma segunda oportunidade ao vosso casamento? – disse eu, a pensar na noite em que ele foi encontrar-se com ela, e eu liguei, desejosa de ouvir a sua voz, e tudo o que encontrei foi uma fria e estéril mensagem gravada.

– Isso não vai acontecer – disse ele, num tom definitivo.

– Pode acontecer.

– Anda cá – murmurou, a chegar-se mais para mim no terraço. Puxou-me para mais perto e então mudou de posição de modo a ficarmos voltados um para o outro. Acariciou-me o cabelo e segurou-me a cara com as duas mãos.

– Só temos de aguentar e em breve, muito em breve, será assim. Só nós os dois. Nada de Donna, nada de nos escondermos. Só tu e eu.

– Prometes?

Queria ficar ali em cima, quase a tocar as nuvens, para sempre.

– Prometo – sussurrou, e eu estremeci quando me beijou, sabendo muito bem que me tinha apaixonado por ele e quanto isso podia prejudicar-me.

Capítulo 11

– Tiveste uma boa noite na sexta-feira?

Eu estava a encher a cafeteira na pequena cozinha do escritório quando me voltei e vi Tom parado no umbral.

– Sim, obrigada. Foi divertido – respondi, a atarefar-me com tampas e tomadas para não ter de olhar para ele. *Por favor vai-te embora*, disse dentro da minha cabeça, na esperança de que funcionasse como um feitiço, mas a minha magia foi fraca, porque Tom entrou e encostou-se à bancada. Era óbvio que estava a apetecer-lhe conversar.

– A Hannah quer saber onde compraste o teu vestido.

Imobilizei-me, a perguntar-me se aquela seria a sua maneira de me dizer que estava demasiado bem vestida na galeria. Os homens de um modo geral não reparam nessas coisas, mas Tom era do género de não deixar escapar nada, sobretudo se podia usar o que percebia em sua vantagem.

– A Hannah pareceu-me simpática – disse, e deixei cair uma saqueta de chá na minha caneca. – Não sabia que tinhas uma namorada.

– Não tenho – respondeu ele, e encolheu os ombros.

– E a Hannah sabe disso? – perguntei, enquanto empurrava a lata de *Twinings English Breakfast Tea* na direcção dele.

Tom não respondeu e ficámos os dois a ouvir a cafeteira borbulhar até que se desligou com um estalido.

– Que estavas lá a fazer na sexta-feira? – disse ele por fim. – Tinhas um encontro?

Não se tratava, pois, de uma conversa informal. Tom tinha cheirado qualquer coisa no ar, na galeria.

Abanei a cabeça.

– Com certeza não acreditas que eu tenha qualquer coisa parecida com uma efervescente vida social, pois não?

– Tenho a certeza de que tens, sem dar nas vistas – disse ele. – Mas o que queria dizer é que foi uma coisa em grande. O Hugh Grant apareceu depois de tu teres saído.

– Então devia ter ficado mais um bocado, não devia? É uma pena ser tão dedicada ao meu trabalho.

– Foi por isso que te foste embora? – exclamou ele, incrédulo. – Para ir para casa trabalhar?

– Se tivesses a minha dedicação, Tom – disse eu, a deitar água quente na minha caneca –, podias avançar na carreira. Mas em vez disso dás-te com estrelas de cinema e não tens namorada.

– A Hannah? A Hannah é... é uma amiga – declarou, na defensiva.

Agitei a colher de chá diante do nariz dele.

– Exactamente o que qualquer mulher quer ouvir.

– É uma relação complicada.

Assenti com a cabeça.

– Sim, bem, não são todas?

– Ah, então sempre *era* um encontro – disse ele, com um sorriso provocador.

– Não, não era. Mas é agradável saber que dedicas tanto tempo a pensar na *minha* vida amorosa. A Hannah vai ficar encantada.

Peguei na minha caneca e saí da cozinha, a acenar com a mão. Ele fez-me um sorriso sarcástico, mas continuava a haver qualquer coisa na sua cara. Uma curiosidade, uma sugestão de que sabia – ou no mínimo suspeitava – de qualquer coisa. Assustou-me mais do que devia.

Pensar no que Tom podia ou não saber deixou-me de péssimo humor. Lá fora, o céu espelhava o meu estado de espírito: nuvens escuras que pareciam ir rebentar a qualquer momento. Mesmo assim, decidi seguir o trajecto mais comprido até ao meu próximo encontro. O caminho fez-me passar junto ao rio, e a vista do prateado Tamisa conseguia sempre acalmar-me.

Era um café sem nada de especial. No exterior, uma ardósia escrita a giz anunciava chá e sanduíches de *bacon*, havia uma muito pouco apetitosa oferta de queijos industriais exposta no balcão-montra, o cheiro a gordura requeimada era tão intenso que parecia ter-se impregnado nas paredes. Poucos advogados ali iam... e era por isso que Phil Robertson gostava do sítio.

Estava à minha espera ao fundo da sala.

– Estás atrasada.

– Processa-me. – Sorri, satisfeita por vê-lo.

Conhecia-o há anos. Era inteligente e divertido, um ex-jornalista de uma revista para homens que se tornara redundante e que usara as suas capacidades como investigador para reposicionar a carreira. Chamava a si mesmo consultor de investigação, mas na realidade era um bisbilhoteiro, um detective privado que fazia o nosso trabalho sujo. Não era uma coisa de que na profissão gostássemos muito de falar, sobretudo depois de a imprensa se ter metido numa série de sarilhos por tê-lo feito, apesar de terem ido demasiado longe e violado regras. Mas a verdade era que a lei precisava de pessoas como Phil Robertson. Os advogados contenciosos são profissionais da palavra e picuinhas, mas para ganhar precisamos de informação, munições. Precisamos de mísseis para atirar à parte contrária. E tudo isto é feito, claro, a pensar no superior interesse do cliente.

Pedi um café simples e fiquei a ver Phil devorar um queque.

– Então, que tens para mim?

– A fulana tem uma bela vida, não duvides – disse, a limpar as migalhas do queixo. – Grandes almoços, noites fora, excursões de compras... Lembra-me de conseguir um bom casamento na minha próxima vida.

Inclinei-me para a frente, ansiosa por saber mais a respeito de Donna Joy.

A empregada pousou uma caneca à minha frente e provei um pequeno gole do líquido espesso e negro.

– É nas noites fora que estamos interessados.

– Queres dizer, tipo se ela anda com alguém?

Enrolei os dedos à volta da caneca e olhei para ele, expectante.

– Acho que sim – disse ele, por fim.

Uma descarga de energia percorreu-me o corpo, e eu soube que não era do café.

– A Donna anda a sair com alguém? – perguntei, a sentir a euforia crescer.

Phil assentiu.

– Quem?

– Não tenho a certeza.

– Phil, vá lá. Para que estou a pagar-te?

Ele olhou para mim do alto do nariz.

– Aí é que está o problema. Acho que talvez seja o marido.

Apesar de estar sentada, foi como se de repente estivesse a cair, para baixo, sempre mais para baixo, através de um alçapão que se tinha aberto e me sugava para um abismo negro e sem fundo.

– Escuta, eu sei que não é o que queres ouvir...

A verdade daquelas palavras quase me fez rir.

Tentei recompor-me, mas sentia-me fraca e aturdida.

– Tens a certeza? O Martin Joy deixou a mulher. É ele que quer o divórcio. Pela minha leitura da situação, tem muito má opinião a respeito dela...

As palavras saíam-me da boca tão depressa quanto conseguia pensá-las.

Phil acabou de comer o queque e enrolou o papel que o envolvia numa bola.

– Ouve, fiz umas perguntas por aí e segui-a... o que, acredita, não foi fácil.

– Por que não? – perguntei, no tom mais calmo de que fui capaz.

– Montes de festas onde eu não podia entrar. Viagens ao estrangeiro... uma via Heathrow a 12 de Março e uma viagem no Eurostar este fim-de-semana. Em nenhuma das ocasiões consegui passar as portas da sala de embarque e ver para onde ia. Mandeí uma mensagem ao David Gilbert a pedir uma autorização para despesas no estrangeiro, mas ele respondeu-me que não me incomodasse.

– E tu pensaste que eram pequenas escapadelas? Com o marido?

– Não sei com quem ela estava. A única coisa de que tenho a certeza é que se deslocou até ao aeroporto e a King's Cross sozinha. E houve outras três ou quatro ocasiões em que não voltou a casa. Isso fez-me pensar que andava com alguém. Então vi-a encontrar-se com um homem para jantar, depois do que foram juntos para a casa em Chelsea. – Abriu a pasta de documentos que estava em cima da mesa e tirou de lá uma fotografia. – Aí estão eles, Donna e Martin Joy.

Obriguei-me a olhar. Era uma imagem a preto e branco que me fez lembrar uma fotografia de Robert Doisneau. Donna ria, os compridos cabelos a esvoaçarem à volta do rosto soprados pelo vento; o perfil de Martin era bonito e forte. Não havia maneira de negar que ficavam bem juntos.

– Quando foi isso? – perguntei.

Sentia os meus lábios apertarem-se numa estreita linha. Tinha a garganta seca, um ódio ao rubro-branco por Donna Joy tinha-me emudecido.

Phil apontou para a fotografia.

– A data está no verso.

Virei-a e vi que tinha sido na noite de terça-feira, a mesma em que Martin me dissera que tinham tido uma conversa.

– Isto não quer dizer grande coisa – disse, a tentar tranquilizar-me.

– Eu sei o que tu queres – disse Phil, e ergueu ambas as mãos. – Prova de que ela anda com outro homem, que tem uma relação nova e séria capaz de afectar qualquer pensão de alimentos que o teu cliente tenha de vir a pagar. Mas isto não o é. – Suspirou. – Lamento muito, mas se me perguntares, direi que esses dois têm todo o ar de continuar apaixonados. Aposto que nem querem divorciar-se.

Sorriu e voltou a guardar a foto na pasta de documentos. E o meu café morno começou a fazer-me sentir agoniada.

Capítulo 12

Naquela noite fui dos primeiros a sair do escritório, para grande espanto de Paul, que me surpreendeu a caminho da porta. Apanhei a District Line para Sloane Square e perdi-me num mar de gente quando nos empilhámos na estação. Estava um dia cinzento, escuro, a luz moribunda do Sol bloqueada por nuvens carregadas de chuva, e em qualquer outra ocasião a minha vontade teria sido correr para casa, beber um copo de vinho e ligar o aquecimento central no máximo. Mas naquela noite não podia ir para casa. Ainda não. Não depois da conversa com Martin.

Tinha ligado poucas horas depois do meu encontro com Phil Robertson. Adorava sempre ouvir a sua voz, mas naquela tarde mal pudera suportar falar com ele, não depois das coisas que Phil me tinha dito e me tinham atirado para uma realidade que não queria enfrentar. Por me ter permitido ser enganada pelas despreocupadas afirmações de Martin a respeito de ir encontrar-se com Donna apenas para ser delicado e manter aberta uma linha de diálogo. Por ter descartado os comentários de Alex Cole a respeito de Martin ter ficado feito num farrapo depois de o seu casamento se ter desfeito, apesar de eles contrariarem a versão que ele me dera dos acontecimentos. Mas antes que a chamada terminasse, um impulso masoquista e inquisitivo apoderara-se de mim e eu sugerira jantar. Queria olhá-lo nos olhos, como um acusado no banco dos réus, e ver se era capaz de me mentir. Ou talvez só quisesse que me convencesse de que não tinha nada com que me preocupar.

– Ótimo, esta noite depois do trabalho – dissera eu, e fora impossível não notar a pausa prenhe de hesitação, de culpa, antes de ele me dizer que não podia, que ia estar ocupado.

– Surgiu numa coisa inesperada. Que tal amanhã?



Sabia onde Donna Joy trabalhava. Era uma das muitas coisas que por aquela altura sabia a respeito dela. O estúdio ficava num conjunto de pequenas casas no labirinto de ruas por trás de Peter Jones. Passei por baixo do arco que levava a um pátio empedrado e espreitei para dentro do edifício. O complexo era escuro, fantasmagórico, deserto, como uma velha escola abandonada.

Através da janela de uma das unidades, vi uma mulher ruiva de meia-idade apagar a única luz acesa no bloco e fechar a porta à chave.

Voltei-me para me ir embora, mas ela apareceu no pátio e perguntou-me se podia ajudar.

– A Donna Joy está por aqui? – perguntei, a beliscar as cutículas das unhas.

A mulher sorriu e atou um lenço florido à volta do pescoço.

– Perdeu-a por pouco. Acaba de sair.

Agradei-lhe e apressei-me a voltar à rua e sondei com os olhos a luz crepuscular, a amaldiçoar-me por não ter chegado mais cedo. Demorei um segundo a planear a minha próxima jogada. Os pensamentos corriam-me pela cabeça como carrinhos de feira: paravam, arrancavam, chocavam,

recuavam. Mas enquanto o meu olhar vagueava, detectei um lampejo de cor-rosa, um pontinho de cor à distância, a dizer-me que não tinha chegado demasiado tarde. Lancei-me na perseguição, estugando o passo quase até à corrida para a alcançar. Donna voltou à esquerda e eu acelerei ainda mais, até que o rugido do trânsito em King's Road se tornou cada vez mais forte e eu estava de volta à multidão de gente que regressava a casa depois de um dia de trabalho ou fazia compras.

O casaco cor-de-rosa guiava-me como um farol. Donna atravessou a rua, mas eu mantive a distância. Começaram a cair uns pingos de chuva e vi-a parar à procura de um táxi. Não havia nenhum, claro. Nunca àquela hora, e com aquele tempo. De modo que ela recomeçou a andar, e eu continuei a serpentear pelos passeios apinhados de gente, determinada a não a perder de vista. Deteve-se por fim em frente de um restaurante e entrou. Tirei o chapéu do bolso do casaco e pu-lo na cabeça. Tinha começado a chover com força. Donna evitara o pior, mas eu fui apanhada pelo dilúvio. Não que estivesse verdadeiramente a dar por isso.

Uma sensação de medo cresceu-me no estômago enquanto atravessava a rua em direcção ao restaurante. Fingi ler a ementa afixada na janela, a dar-me tempo para me preparar, e então abri a porta e entrei. O *maître d'hôtel* estava a ajudar um casal a despir os casacos, o que me deu uns poucos segundos para espreitar para o interior. Vi-os no mesmo instante, sentados numa mesa ao fundo da sala. Ela tinha dito qualquer coisa e Martin ria enquanto pedia uma garrafa de vinho. Com o coração a martelar-me no peito, saí do restaurante de volta à rua escura e tumultuosa.

Havia uma paragem de autocarro no outro lado. Corri pelo meio do trânsito, a respiração ofegante, os ouvidos alheios ao estridor das buzinas enquanto serpenteava por entre os carros. Misturei-me com as pessoas sombrias e molhadas que faziam fila, e deixei passar um autocarro, e depois outro, e outro, sem tirar os olhos da porta do restaurante e sem sentir a chuva que me encharcava até aos ossos.



Acordei no sofá, toda vestida. Uma manta cobria-me o corpo e sentia-me rígida, zozna e agoniada. Endireitei-me, rodei as pernas para pousar os pés no chão e segurei a cabeça com as mãos, a afastar devagar os dedos dos olhos enquanto tentava focar-me e perceber por que razão estava ali. Olhei para baixo e vi uma malha enorme na minha meia. Havia sangue coagulado agarrado ao *nylon*, mas não fazia ideia de como me tinha cortado.

Pestanejei com força e olhei em redor. Estava escuro, mas não tanto que me impedisse de ver que aquela sala, apesar de familiar, não era a minha. Massajei as têmporas e exalei, grata, ao menos, por estar no sofá, sozinha. A minha mala estava no chão, a meu lado, e senti-me tentada a pegar-lhe e sair dali, mas precisava de saber o que tinha acontecido.

Pus-me de pé, cambaleante, e procurei as recordações da noite anterior.

O apartamento de Pete era mais pequeno do que o meu, mas tinha uma disposição semelhante. Fui direita à cozinha e enchi um copo de água. Estava desidratada e as mãos tremiam-me ao segurar o copo. Comecei a ofegar, em pânico, quando percebi que os meus níveis de lítio estavam muito altos.

Localizei o quarto e espreitei para o interior. Havia um leve cheiro azedo a suor e ténis de corrida, e distingi a curva do corpo dele debaixo do edredão. Senti-me culpada por tê-lo acordado, mas ele

mexeu-se como se tivesse adivinhado a presença de alguém no quarto e soergueu-se, apoiado na almofada.

– Vou-me embora – sussurrei passado um instante. – Peço desculpa. Devo ter bebido demasiado. Não me lembro do que aconteceu, mas... bem, peço desculpa.

Os números encarnados do relógio digital brilhavam no escuro. Ainda nem eram seis. Pete esfregou os olhos e acendeu o candeeiro da mesa-de-cabeceira.

– Como te sentes? – perguntou, a voz roufenha de sono.

– Como merda – respondi, a sentir-me exposta e envergonhada. Avancei um pouco mais no quarto, consciente de que ele vigiava todos os meus passos. O golpe na perna ardia-me quando me mexia.

– Pete, por que estou aqui? – perguntei por fim.

– Não te lembras? – disse, e sentou-se direito.

Abanei a cabeça devagar. Não me lembrava de nada. Nada a partir das nove ou dez horas, pelo menos. Tinha seguido Martin e Donna do restaurante até uma tranquila rua atrás de Cheyne Walk, uma dessas ruas que tresandam a sucesso e dinheiro, e eles tinham desaparecido no interior de uma casa de fachada estucada. Havia um *pub* quase em frente e arranjei uma mesa junto à janela de onde podia vigiar a casa. Lembrava-me de ter pensado que esta parecia tranquila e em sossego, só que sabia que o senhor e a senhora Joy não estavam a dormir. Lembrava-me de ter pedido um vodka duplo com água tônica para tentar embotar a dor da traição. A partir daí, não me lembrava de mais nada.

– Bebi muito – disse, a olhar para ele num convite para que preenchesse as lacunas na medida em que pudesse, enquanto me sentava, constrangida, aos pés da cama.

– Bateram-me à porta por volta das duas da manhã. Era o motorista de um desses minitáxis... tu estavas apagada no banco traseiro do carro. Ao que parece, foste-te abaixo em Chelsea – acrescentou, como se estivesse a pedir desculpa.

– Não me lembro – murmurei, a sentir as faces incendiarem-se de vergonha.

Pete fez um ligeiro e solidário encolher de ombros.

– O taxista disse que alguém te encontrou e te enfiou num táxi. Não sei como conseguiram a morada. Suponho que ou tu lhes disseste ou eles a encontraram na tua mala. Não tinha a certeza de conseguir levar-te até lá acima – disse, embaraçado. Além disso, estava preocupado contigo. Uma pessoa ouve essas histórias a respeito de pessoas que vomitam quando estão a dormir e morrem sufocadas. Pensei que estarias mais segura aqui. Certifiquei-me de que ficavas com a cabeça levantada, não fosse o diabo tecê-las.

– Obrigada – disse eu. A minha humilhação era quase total.

– Os malefícios do álcool.

Nenhum de nós falou durante alguns momentos. Ouvi o barulho do primeiro autocarro a passar lá fora e um chilrear solitário do concerto da aurora que ia começar.

– Uma grande noite?

– Embebedei-me. Muito. O álcool não dá comigo.

– Está tudo bem?

– Estará se me lembrares para nunca, nunca mais, voltar a beber.

– Onde estiveste ontem à noite?

Fechei os olhos, o meu corpo a pedir sono.

Estava a chorar há já alguns momentos quando dei por isso.

– Merda. Estás bem? – perguntou ele, atrapalhado. Rodou as pernas para fora da cama e foi sentar-se a meu lado. Vestia apenas uma *T-shirt* e uns *boxers*, mas eu estava demasiado aturdida para me aperceber da intimidade da situação.

– Estou ótima – disse, a limpar os olhos com as costas da mão.

– Problemas de homens?

Fiz um débil som de desaprovação.

– Foi aquele tipo que estava contigo há semanas? Martin. Martin Joy.

Em retrospectiva, foi estranho ele lembrar-se de uma apresentação tão fugaz, mas na altura não registei. Estava desesperada por falar a respeito de Martin e de Donna, mesmo que fosse com o meu seminu vizinho.

– Não devia ter ficado tão surpreendida por ele se ter revelado indigno de confiança.

– Rico *compromissofobo*?

Encolhi os ombros.

– Tem uma mulher. Estão separados, mas parece que ela não saiu exactamente da imagem. Vi-os juntos – disse, e enchi as bochechas de ar a tentar recompor-me.

– E apanhaste uma de caixão à cova – disse Pete, compreensivo.

– Não me lembro de quanto bebi.

– Já todos passámos por isso.

Deixei escapar uma gargalhadinha curta, nervosa. As minhas mãos continuavam a tremer, o que me assustou.

– De certeza que estás bem?

– O meu lítio – murmurei, e baixei a cabeça. – Não posso beber álcool. A desidratação afecta os níveis da minha medicação.

– És bipolar?

Assenti com a cabeça.

– Queres que chame um médico?

O seu rosto jovem estava cheio de preocupação.

– Não sei. Não. Olha, tenho de me ir embora. Obrigada por tudo. Quanto foi o táxi?

– Deixa isso – disse ele, a olhar para mim com uma expressão atenta.

Eu precisava de vomitar. Tinha de sair dali.

– Ele não vale isso, Fran – disse Pete quando me levantei para sair.

A voz dele foi fria e comedida, e no escuro teve uma autoridade tranquila e convincente.

Capítulo 13

Fui ao meu médico poucas horas depois de ter acordado no apartamento de Pete. Não queria ir, mas todos os sinais de toxicidade estavam lá: náusea, diarreia, tremores. O doutor Katz tratava de mim há anos, se bem que até à data pouco mais tivesse tido de fazer do que trabalho de manutenção. Tirou-me sangue, mediu os meus níveis de lítio e avisou-me de que beber em excesso com aquela dose de medicação era de uma insensatez incrível. Falámos a respeito do meu estado. Expliquei-lhe que há já algum tempo não tinha episódios maníacos nem depressivos. Considerava a minha doença bipolar sob controlo, embora o último «apagão» sugerisse que o mal continuava escondido na sombra. O doutor Katz confirmou que sempre estaria.

Só voltei ao escritório na quinta-feira, quando tornei a sentir-me fisicamente humana. Aproveitei o tempo para completar a minha candidatura a conselheira – o prazo terminava dentro de horas –, e a distração foi bem-vinda. Até telefonei à minha mãe e apreciei a tagarelice banal a respeito da senhora dos correios e do preço da batata na cooperativa, o género de conversa que em tempos achara aborrecida e esquisita, mas que naquele momento me pareceu um reconfortante conto de fadas a respeito de um mundo ao qual tanto desejava poder regressar. Durante o resto do tempo, dormi. Dormi e li e fui desencantar um livro de auto-ajuda que em tempos me tinha sido útil. *Também Isto Há-de Passar*.



Burgess Court tinha uma biblioteca no primeiro piso. Foi uma das coisas que quase me fez chorar de alegria quando aqui cheguei no primeiro dia como estagiária. A grande janela de vidros coloridos dava para os Temple Gardens. Actas das sessões do Parlamento e livros encadernados a pele forravam as paredes. Para estudos mais sérios, ia para a biblioteca de Inner Temple, mas esse era um lugar para pensar e planear e ponderar. Como regra, era a respeito de um caso, mas naquele dia liguei o portátil e passei por vários *websites* de medicina e foros sobre a doença bipolar. Uma parte era matéria que eu já sabia há anos, outra parte era impenetrável – extractos de comunicações escritas por psiquiatras e académicos. Muito mais úteis foram os grupos. Pessoas reais e as suas experiências de *black-outs*. Os drogados, os veteranos das várias guerras, os deprimidos e os desregrados.

Ouvi a porta abrir-se. Paul deteve-se por um instante no umbral, e depois entrou e fechou a porta. Fez uma nova pausa e rodou a chave na fechadura.

– O que é isto? Um sequestro? – disse eu, e cliquei no *browser* para fazer voltar a barra de pesquisa.

– Não há outro lugar onde se possa falar como deve ser nesta casa. Não consegues meter duas pessoas no teu gabinete e no meu não há um instante de sossego.

Sorri e pousei a caneta.

– A preparares-te para amanhã? A Resolução das Questões Financeiras do caso Joy vs. Joy.

Não sabia se ele tinha visto os papéis em cima da secretária. As avaliações da empresa, os relatórios contabilísticos, os Formulários E de Martin. Tinha sublinhado a encarnado os pontos em que as duas partes continuavam a discordar. Estava consciente de que ia ser um dia de luta no tribunal e sabia que tinha de estar mais do que preparada. Naquele dia, porém, era fácil distrair-me.

– Vou reunir com o David Gilbert daqui a uma hora.

– O cliente vai estar presente?

– Não é preciso. O Gilbert falou ontem com ele – respondi, enérgica, satisfeita por ter conseguido convencer o procurador que instruía o caso de que não era necessária mais uma reunião antes da audiência.

– Achas que vão chegar a um acordo amanhã?

– Estás a perguntar se acho que o caso vai chegar a tribunal?

– Pensa nos belos honorários – disse ele, a esfregar as mãos.

– Prefiro não pensar.

Paul sentou-se na cadeira a meu lado. Tamborilou com os dedos no tampo de nogueira e a seguir espalmou a mão.

– Estás bem? – perguntou, por fim.

– Claro que estou bem. Por que perguntas?

– Não sei. Pareces um pouco... diferente.

– Só cheia de trabalho – disse eu, e fechei o portátil.

– Entregaste a candidatura à seda?

Sorri.

– Por um triz.

– Por um triz? Não parece teu.

– Como disse, tenho andado cheia de trabalho.

Paul assentiu, nada convencido.

– Marquei uma reunião com a Liz Squires. É a chefe dos consultores da Junior Chamber International. Têm ajudado dúzias de advogados a passar pelo processo de candidatura à seda.

– Quanto me vai custar isso?

Nenhum de nós falou. Só ouvia o silêncio, e pensei em como isso era estranho num escritório de Londres nos tempos que correm.

– Sabes que se houver um problema podes sempre vir falar comigo, não sabes?

– Sei. Não precisas de te preocupar comigo.

– Não?

– Paul, qual é o problema?

– Hoje falei com o juiz Herring. Tinhas combinado almoçar com ele na terça-feira.

Malcolm Herring devia ser uma das referências da minha candidatura a conselheira. Um respeitado, e muito bem relacionado, juiz do Supremo, uma recomendação sua significava meio

caminho andado para a seda. Mas entre a ressaca e as negociações para a consulta com o doutor Katz, tinha-me esquecido do almoço e deixara-o plantado.

Agitei-me na cadeira.

– Estive doente e dormi a maior parte do dia. Não pude telefonar a cancelar o encontro.

– Podias ter-me pedido que o fizesse.

– Já estavas a redistribuir o meu trabalho.

– A propósito, o Tom ficou com o contacto do caso Brown vs. Brown. Conseguiu o que tu querias.

– Claro que conseguiu.

Paul esfregou o queixo e olhou para mim, desapontado.

– Como disse, se precisares de mim para qualquer coisa, é só dizer.

– Eu sei – respondi em voz baixa.

A expressão dele endureceu. Os seus olhos suaves mostraram uma nota de aviso.

– Aqui no escritório somos uma família. Proteger-te-ei, aconteça o que acontecer. Mas tens de contar-me tudo, porque só poderei ajudar-te se souber a verdade.

Sorri e, agradecida, pousei a mão na dele, a pensar em como era fácil mentir.

Capítulo 14

Até eu fiquei surpreendida quando Donna não apareceu para a resolução de litígios financeiros na manhã seguinte. O juiz ficou furioso, a equipa legal dela sem palavras e Martin abandonou a sala, o rosto talhado em granito, quando a audiência foi adiada. Aquilo não era uma audiência preliminar, que podia prosseguir sem a presença das duas partes. Numa resolução de litígios, não aparecer significava cancelar. A manhã estava perdida, e apesar de Robert Pascale dizer a David Gilbert que estava preocupado com a senhora Joy, estava toda a gente compreensivelmente irritada, e o austero ambiente do tribunal só reforçava o drama.

A irresponsabilidade e o egoísmo de Donna não me chocaram nem um pouco. Só me fizeram odiá-la ainda mais. Uma parte de mim perguntava-se como era possível ser tão egoísta e arrogante, outra não parava de ouvir as palavras de Phil Robertson: *Aposto que esses dois nem querem divorciar-se*. Alguma coisa me dizia que ela tinha um plano e eu fora apanhada no fogo cruzado.

Olhei para o relógio e vi que ainda não eram onze horas. A audiência devia ter ocupado a maior parte do dia, de modo que tinha horas e horas por preencher. Martin não estava à vista, o que me agradou bastante. Tinha conseguido evitá-lo toda a semana. Ele deixara uma mensagem na terça-feira, a sugerir jantar, e eu respondera com outra a dizer que ia estar no tribunal em Birmingham até quinta, e mantivera este jogo de esquivas até à nossa reunião de última hora antes da resolução de litígios, onde um seco profissionalismo parecera estar na ordem do dia.

– Uma conversa rápida? – perguntou David, animado.

– Não sei se haverá muito a discutir – respondi, de lábios apertados. – Além disso, o Martin desapareceu.

– Nesse caso, suponho que nos resta marcar outra data.

Assenti.

– Liga-me mais tarde. Pelo menos, tirou o pio ao Pascale – acrescentei; o único ponto positivo tinha sido vê-lo humilhar-se ante o seu advogado.

Saí do tribunal e voltei ao escritório. A minha entrada favorita em Temple é uma estreita passagem entre dois prédios em Fleet Street. Por vezes via-a como um portal mágico, uma máquina de viajar no tempo que tira uma pessoa do bulício e da agitação da Londres do século XXI e a projecta para um lugar intemporal e mágico. Enquanto caminhava apressada, deixando para trás uma alfaiataria especializada em roupa para magistrados e advogados, uma casa de aspecto sombrio ao fundo de um pátio e o doutor Johnson Buildings, a minha fúria e a minha frustração transpareciam em cada passo. Passei pela igreja, que nunca deixa de me fazer sentir pequenina. A sua grandiosidade tranquila, a sua história de novecentos anos ligada às aventuras dos Cavaleiros Templários. Não me considerava uma

pessoa particularmente religiosa, mas entrava ali com alguma frequência, e detive-me por um instante a perguntar-me se devia fazê-lo naquele momento e alimentar-me da sua calma.

Quando parei, senti uma mão pousar-me no ombro. Arquejei e voltei-me.

– Martin – disse, com o coração a bater muito depressa.

Ele tocou-me na manga e eu encolhi-me.

– Por que andas a evitar-me? – perguntou em voz baixa.

Franzi a testa.

– Evitar-te?

– Toda a semana. E ainda há pouco, no tribunal.

– Não ando a evitar-te. Que esperavas que fizesse? Que te saltasse para o colo em frente do juiz?

– Engraçadinha – disse ele, com um meio sorriso.

Começou a chover. Foi como se o céu quisesse dar-me um momento para organizar as ideias.

– Procurei-te depois do adiamento – menti.

– Estava furioso. Fui dar um passeio.

– Vem aí uma carga de água – argumentei, ansiosa por me escapar.

– Então vamos para ali – disse ele, e levou-me para o claustro, onde havia um monte de secretárias empilhadas contra a parede.

Estava escuro e frio debaixo dos arcos, como se tivesse havido um súbito eclipse. O rumor distante do trânsito em Fleet Street reduzia-se a nada, a temperatura parecia ter descido vários graus. O ar estava tão parado que quase tremeluzia.

– Não posso crer que ela não apareceu – disse eu por fim.

– Eu posso. O mais provável é ter ido para a Tailândia fazer uma *detox*. Posso garantir que na quarta-feira estará de volta a Chelsea, bronzeada, cinco quilos mais magra e a tecer louvores a um qualquer tratamento com algas marinhas... que, a propósito, serei eu a pagar.

– Ela seria capaz de fazer uma coisa dessas, a meio do processo de divórcio? – perguntei, a ver um advogado de fato preto passar e lançar um olhar discreto e curioso na nossa direcção.

– Penso que já deves ter percebido que é bastante imprevisível.

Apertei a mala contra o corpo, numa atitude defensiva.

– Quando foi a última vez que soubeste dela? – perguntei, a tentar manter uma voz firme.

– Ligou-me na semana passada. No domingo, talvez segunda-feira. Para me dizer que não fosse um macho alfa idiota na audiência.

O que me assustou, o que me assustou de verdade, foi a maneira como ele conseguia mentir com tanta naturalidade.

– Ela tencionava então estar presente na resolução de litígio?

– Sim, embora tenhamos acabado a discutir.

– E essa foi a última vez que soubeste dela? – perguntei, a desejar muito que a minha expressão não traísse o medo que sentia.

– Sim – respondeu por fim.

Mentiroso, disse uma voz na minha cabeça.

Enfiou a mão dentro do meu casaco e pousou-a na curva da cintura.

– Anda cá – murmurou.

– Não – disse eu, e recuei até ficar de costas contra a fria parede de tijolo.

– Ninguém nos vê.

– Pára, por favor.

– Fran, que se passa?

– O que se passa é que não devíamos ter-nos envolvido. Sou a tua advogada. Há códigos de ética contra isso.

– O que não foi o bastante para te travar no Selfridges.

Voltei a cara, e ele segurou-me o queixo com a concha da mão.

– Desculpa – disse, a acariciar-me a curva do queixo. – A maneira como nos conhecemos não foi a ideal. A situação em que estamos não é a ideal... mas pensava que ambos sentíamos o mesmo. Tu fazes-me feliz.

Mas tu dormiste com ela.

Era o que queria dizer, mas não podia. Não podia admitir que os tinha seguido e ficado a vigiá-los à chuva, e se estava à espera de uma confissão de Martin a respeito de onde tinha estado na segunda-feira à noite, no fundo de mim sabia muito bem que não a teria.

O dedos dele desceram-me ao longo do pescoço até ao fino tecido da blusa, por cima do meu seio, a palma a roçar o mamilo que intumescia. Detestava ele ser capaz de fazer-me aquilo tão depressa e ao mesmo tempo adorava. Fechei os olhos, o calor a latejar-me entre as coxas. Queria-o. Queria-o tanto que me sentia fria e desesperada por dentro.

– Não está ninguém a ver-nos – sussurrou-me ao ouvido, os lábios mornos a beijarem-me o lóbulo da orelha, até que recuperei o domínio de mim.

– Pára – disse, e agarrei-lhe o pulso. – Penso que é melhor não nos voltarmos a ver por uns tempos.

– Fran, por favor. Hoje foi um dia frustrante. Ninguém o sabe melhor do que eu. Ninguém quer mais do que eu que isto acabe. Só quero que ela saia da minha vida para poder seguir em frente.

– A sério? – disse, a sentir um vento frio e húmido passar-me pela cara.

Não esperei pela resposta. Libertei-me com uma sacudidela e comecei a andar. Ele gritou o meu nome, mas não parei nem olhei para trás, os saltos dos meus sapatos a baterem nas lajes do chão como um pedido de socorro em morse, o que suponho que podia ser.

Passei o resto da tarde na biblioteca de Inner Temple, sem vir à superfície para uma sanduíche ou um café. Recordo muito pouco dessas horas, excepto que voltei ao meu gabinete pouco depois das cinco. Estava sentada à minha secretária, a passar em revista a agenda e a perguntar-me de que outra maneira poderia preencher a semana, como poderia afastar o pensamento de Martin Joy, quando o telefone fixo tocou.

– Fala o Dave. Dave Gilbert – disse a voz. – Achei que devias saber – acrescentou, e eu notei uma nota de perturbação no tom –, o Robert Pascale ligou-me ainda agora. Esteve todo o dia a tentar localizar a Donna Joy, mas só conseguiu falar com a irmã, que também está preocupada com ela. Há dias que ninguém vê ou tem notícias da Donna. Faltou a um jantar ontem à noite. Não aparece no estúdio desde segunda-feira. Ninguém consegue entrar em contacto com ela através do telefone ou do

e-mail. O Robert chegou a mandar um estagiário a casa dela, mas ninguém abriu a porta. A irmã está tão preocupada que vai falar com a polícia e participar o desaparecimento.

Capítulo 15

A maior parte das pessoas que desaparecem voltam a aparecer no espaço de quarenta e oito horas. Eu voltei.

Tinha dezoito anos quando fugi de casa, poucos dias depois de ter acabado o décimo terceiro ano. Houvera uma festa no ginásio do colégio, um canto-do-cisne antes de nos dispersarmos e irmos cada qual para seu lado – cursos profissionais, universidade e empregos em escritórios.

Tinha sido anunciada, com excesso de optimismo, como um baile de finalistas – talvez por alguém que tinha visto demasiados filmes de John Hughes – e eu usara um vestido à altura da ocasião, uma novidade naqueles tempos em que gostava de parecer cheia de arestas. Não era bonita, nem pouco mais ou menos: pintava o cabelo de preto e tinha uma argola no nariz. Também não era popular, mas naquela noite recebi montes de atenção: sorrisos, sugestões e tentativas mais atrevidas de namoriscar da parte de rapazes que até então me tinham ignorado. Pensei que a razão era o meu vestido de seda verde estilo anos de 1950 ou o álcool que circulava sub-repticiamente pela festa, mas agora, em retrospectiva, talvez tenha sido a minha reputação.

Stuart Master era uma das poucas pessoas que tinham ido para o nosso colégio saídas da escola que eu frequentara. Sempre gostara um pouco dele, mas Joanne, a sua namorada de há muitos anos, vigiava-o como um falcão. Nessa noite tínhamo-nos encontrado num canto. Tínhamos falado dos velhos tempos e durante o bufete tínhamo-nos escapulido pela saída de emergência. Rimo-nos, beijámo-nos e, antes que desse por isso, estávamos atrás do laboratório de ciências e eu estava tão atarefada com os lábios à volta da pila dele que nem me apercebi de que alguém nos tinha visto.

Ainda ouço a palavra *puta* gritada por toda a pista de dança improvisada e aquela foi a primeira vez que me envergonhei do meu comportamento. As aventuras de uma noite, as quecas nas casas de banho dos clubes de Bolton e Manchester. Vinte e quatro homens e duas mulheres cujos nomes já mal recordava.

Ainda não me tinha sido diagnosticada a perturbação bipolar. Ainda ninguém me avisara da ligação entre depressão maníaca e hipersexualidade. Naquele tempo, eu achava que o meu comportamento não tinha nada de anormal. Estava a descobrir-me, a divertir-me. Fazia-o porque podia e queria.

Sabia que não podia voltar a casa naquela noite, ao quarto que partilhava com a minha irmã de doze anos, Denise, e ainda menos com a probabilidade quase certa de a mãe de Joanne telefonar à minha logó de manhã.

No domingo de manhã, a minha mãe foi à esquadra de polícia local e disse-lhes que eu não tinha voltado para casa. Fizeram-lhe algumas perguntas, pediram-lhe uma fotografia recente e disseram-lhe que aquilo era muito mais comum do que as pessoas imaginavam. Adolescentes zangados e emocionais não eram raptados. Fugiam.

Mas quando a minha amiga Jenny Morris soube do caso, ficou preocupada. Uma coisinha tenaz com aspirações adolescentes a ser jornalista, telefonou para a redacção do *The Sun* e pediu-lhes que nomeassem alguém para cobrir a história. Não chegou a ser publicada nenhuma história, e ainda não sei se foi por eu ter aparecido às primeiras horas da manhã de segunda ou por o meu desaparecimento não ser tão importante como imaginava.

Naquela época considerava-me extravagante e original, mas há pouco tempo li o relatório de um psicólogo criminal segundo o qual as raparigas desaparecidas tendem a ser encontradas dentro de casa, ao passo que os rapazes desaparecidos tendem a ser encontrados fora de casa. Longe de ser original, tinha correspondido ao tipo.

Foi a Jenny quem me seguiu o rasto até um quarto alugado em Fallowfield. Só precisou de fazer meia dúzia de telefonemas. Não admira que tenha acabado a trabalhar no *Daily Mail*. O apartamento pertencia a um músico com quem eu tinha ido para a cama semanas antes. Depois de fugir do baile de finalistas, apanhara um autocarro para South Manchester para ir ter com ele. Ia a sair, já pedrado, e deixou-me esperar no seu triste e feio quarto até que regressasse. Já era domingo quando voltou a aparecer, mas era um tipo decente e não me pôs na rua quando lhe disse que tinha problemas em casa. E quando me deu dinheiro para o bilhete de autocarro e me disse que «enfrentasse a música», já Jenny me tinha encontrado.

Depois disto, a mamã e o seu novo namorado deram-me um quarto só para mim. O pequeno Danny voltou para junto deles num berço num canto do quarto e eu fiquei com o quarto do bebé, e tapei o papel de parede com ursinhos com fotografias de filmes franceses até que, dez semanas mais tarde, enfiei as minhas coisas na mochila e me mudei para Birmingham. A vida continuou. Foi só um tropeço. Tudo o que eu queria era um pouco de atenção e sentir-me amada, e tinha a certeza de que era também isso que Donna Joy queria.

Capítulo 16

Graças a uma dose de zolpidem, dormi até às onze da manhã seguinte. Ao abrir os olhos, vi uma luz azul pulsar no meu telefone em cima da mesinha-de-cabeceira. Quando lhe peguei, tinha sete mensagens e três chamadas não atendidas de Martin, a pedir-me que o contactasse.

Foi difícil ignorar as instruções dele, mas consegui. Em vez disso, sentei-me na cama de pernas cruzadas, premi o ícone do Google e teclei as palavras *Donna Joy desaparecida*, sem saber o que esperar. Um cabeçalho no *Daily Mail*? Uma peça na BBC? Uma discussão no Twitter? Mas senti-me quase traída quando não encontrei nada excepto os mesmos *links* e imagens que já tinham aparecido nas minhas pesquisas anteriores.

Fechei os olhos por um instante e deixei passar a sensação de medo, disposta a apostar, naquele preciso momento, que Donna Joy «tinha aparecido». Tinha estado a ruminar naquilo desde o telefonema de David Gilbert, e a única conclusão lógica a que conseguira chegar fora que se tratava de um truque, de uma manobra para recuperar Martin. A ideia proporcionara-me um momento de jubilosa satisfação por sugerir que o encontro sexual de segunda-feira à noite talvez não tivesse sido tão explosivo como eu ao princípio imaginara.

Pousei o telemóvel, saí da cama e fui à casa de banho. Lavei os dentes, usei fio dentário e ainda os escovei com uma escova especial para limpar os interstícios. Havia sangue misturado com a minha saliva quando cuspi para o lavatório. Estava a enxaguar a boca quando o intercomunicador da porta zumbiu, impaciente.

– Sou eu. Posso entrar? – disse a voz dele no intercomunicador.

Olhei em redor, a sentir-me encurralada. Não queria vê-lo assim, vestida com uma *T-shirt* que mal me tapava as coxas. A cozinha estava a passos de distância. Corri para lá, encontrei um par de cuecas e uns *jeans* no tambor da máquina de secar, vesti-os e, descalça, descí a escada.

Hesitei antes de abrir a porta. Via a cara dele através do vidro, triste, distraída, esperançosa.

Devagar, abri o trinco e fiquei no umbral, mas não o deixei entrar.

– Recebeste as minhas mensagens? – perguntou por fim.

– Acabo de levantar-me.

Ele olhou para os sapatos e de novo para mim.

– Já sabes da Donna?

Assenti e cruzei os braços sobre o peito.

– Ouvi dizer qualquer coisa. A irmã ficou preocupada por ninguém a ter visto toda a semana e foi à polícia.

– Ainda não apareceu.

– Lamento – disse, a sentir o coração bater um pouco mais depressa.

- A polícia ligou-me esta manhã. Queriam fazer-me umas perguntas.
- A respeito de quê?
- Do estado de espírito dela.
- Não estão a tratar isto como suspeito? – perguntei, incrédula.
- Não sei. Acho que não.
- Então que acontece a seguir? Em relação a encontrá-la.
- A polícia vai a casa dela. Jemma, a irmã, tem uma chave.
- E depois o quê?
- Escuta, pensei que podíamos fazer qualquer coisa hoje.

Franzi o sobrolho.

- Martin, ouviste o que te disse ontem.
- Por favor. Vamos só dar uma volta. Preciso de desanuviar a cabeça.
- A tua mulher *desapareceu* – disse eu, a perguntar-me se o tinha ouvido bem.
- Não desapareceu. Há-de estar num sítio qualquer.

O lampejo de frieza na cara dele surpreendeu-me. Seria possível que não visse que irmos dar uma volta de carro, ou divertirmo-nos fosse de que maneira fosse, seria inapropriado? Por outro lado, Martin conhecia Donna melhor do que ninguém, melhor do que a polícia, ou até do que a irmã. Se não estava preocupado, devia haver uma boa razão. Disse a mim mesma que não devia tomar o descaso dele por insensibilidade.

- Vá lá, Francine. Será uma oportunidade para falarmos.
- Falarmos?
- Por favor – disse ele, com paixão.

Tentei não pensar na feia e dolorosa imagem dele a desaparecer com Donna na casa de Chelsea nem nas mentiras que me dissera em frente de Middle Temple.

- Espera aqui – disse, e subi a escada para ir buscar um casaco, impotente para fazer outra coisa.



O *Aston Martin* estava estacionado na rua. Sentei-me no banco do passageiro e encostei-me à janela, a observar o trânsito de sábado. Ele pôs uma música a tocar, o que aliviou a pressão para falar.

- Aonde vamos? – perguntei, enquanto atravessávamos Hackney.
- Voltou-se para mim e respondeu com um sorriso de lado:
- Até à costa.

Uma semana antes, aquela resposta ter-me-ia deixado extática. Ter-nos-ia imaginado sentados diante de uma fila de cabanas de praia rosa-pastel com cones de batatas fritas ou a comer mexilhões num qualquer café do cais.

Naquele momento, pareceu-me um sítio horrivelmente distante para ir dar um passeio de carro, um tempo horrivelmente longo para evitar fazer as perguntas que passara toda a semana desesperada por fazer.

Saímos de Londres e, hora e meia mais tarde, deixámos a estrada principal e metemos por uma secundária, bem mais tranquila.

O céu tinha escurecido, o Sol desaparecera, a toda a nossa volta havia quilómetros de infindável cinzento; nuvens, planuras salgadas e mar que se fundiam uns nos outros como um lençol de linho amarrotado e descolorido, uma paisagem vazia e desbotada.

Tinha visto várias tabuletas indicadoras ao longo dos últimos quilómetros, mas estávamos em território que me era desconhecido.

– Onde estamos? – perguntei, e reparei no corpo esmagado e ensanguentado de um texugo na berma da estrada.

– Essex. Este caminho leva à casa – respondeu ele, fazendo uma brusca viragem à direita onde a estrada estreitava ainda mais, ladeada primeiro por barreiras metálicas e depois por água de ambos os lados.

– Raios, isto é uma ilha?

– Uma parte do tempo. Na maré alta.

Passámos por uma silenciosa aldeia de casas de ripas sobrepostas, uma igreja e dois ou três *pubs*, e seguimos até uma avenida marginal. Mais uma volta e apareceu uma casa ao fundo de um largo caminho de saibro. Era Arts and Crafts no estilo, com um telhado de telhas encarnadas descoloridas e pelo menos uma dúzia de chaminés de terracota a apontar para o céu cor de peltre. Uma fila de árvores nodosas, no início da floração, alinhava-se ao longo do muro coberto de musgo que rodeava a propriedade. Resistentes ervas daninhas, nós de duros caules e folhas enrolavam-se à volta do portão enferrujado. Negligenciada... e inesquecivelmente magnífica.

– É tua, não é? É Dorsea House – disse eu, a recordar os pormenores da lista de bens que ele tinha apresentado.

Martin assentiu e parou o carro no caminho de saibro.

– Comprei-a o Verão passado. Devia ser um projecto. A Babington House a menos de duas horas de Londres. Tinha um arquitecto e uma empresa de decoração prontos para começar, mas suspendi tudo.

– Suspendeste?

– O divórcio. Não quero aumentar-lhe o valor. Por enquanto.

Apeei-me do carro e fechei a porta. Por cima de nós, um bando de gaivotas fazia acrobacia aérea, o vento restolhava nas sebes. Inspirei um longo hausto de ar salgado e tentei não me deixar cativar por tudo aquilo.

– É grande.

– Em tempos foi uma casa de repouso. Precisa de muito trabalho, mas eu gosto do seu ar cansado, inacabado. Anda. Deixa-me mostrar-ta.

Esperou um instante, como se quisesse pegar-me na mão, mas eu comecei a andar para evitar qualquer embaraço.

As tábuas do soalho rangeram quando passámos o umbral. Muito acima de nós, no tecto abobadado, houve uma nuvem de pó e um barulho que me fez dar um salto: o bater de asas de um pombo desalojado.

O ar cheirava a mofo, o cheiro do abandono. Abotoei o casaco até ao pescoço, reprimi um espirro e avancei devagar, quase em bicos de pés, em direcção às traseiras da casa. As divisões, reparei, estavam mobiladas, despojos cansados de uma vida anterior. Mas se Dorsea House era fria e mal-amada, a vista das traseiras, para a vasta e monocromática vastidão do estuário, tinha uma desolada beleza de cortar a respiração.

A propriedade, e os planos que Martin tinha para ela, deu-nos qualquer coisa de que falar. Como um velho celeiro seria transformado num bar de ostras onde seriam servidas as *colchester natives* e as *mersea island rocks* que tinham tornado famosa aquela zona. A fila de casas de praia seria transformada em cabanas de luxo para executivos stressados. Seria construída uma piscina exterior para lá do pórtico estilo plantação das traseiras.

Uma porta de um dos lados do solário abria para um *deck*.

– Vamos até lá fora – disse Martin, à procura de uma chave.

Ao ver que não a encontrava, empurrei com força a porta, que estremeceu na moldura apodrecida antes de se abrir.

– Menina esperta – disse ele, sem tirar os olhos de mim.

– É melhor mandares arranjar aquilo. Antes que tenhas ocupas – respondi, a saborear o meu momento de triunfo.

Metemos por um trilho que contornava os baixios. A maré lambia e raspava os seixos.

Inspirei fundo, fechei os olhos e deixei o cheiro a iodo e a algas acalmar-me, como mentol.

– Querias falar – disse por fim, abrindo os olhos e mantendo-os fixos em frente.

– Ontem menti-te – respondeu ele, numa voz onde havia uma insegurança nada sua.

Fiquei calada, a preparar-me.

– Perguntaste-me quando tinha tido notícias da Donna pela última vez e eu disse-te no domingo ou na segunda-feira. Foi na segunda-feira. Estive com ela na segunda-feira.

Não olhei para ele. Mantive os olhos fixos no pálido horizonte aquático.

– Por que foi então que mentiste?

– Ela enviou-me uma mensagem, queria voltar a encontrar-se comigo. Disse que devíamos falar em privado antes da resolução de litígios financeiros. Jantámos, voltámos a casa.

– E depois?

– Falámos, bebemos um copo...

– E depois fizeram sexo – disse eu, acabando a frase.

– Sim, fizemos.

Não disse mais nada durante pelo menos um minuto.

– Por que estás a dizer-me isto? Assumo que há uma razão.

A minha voz tinha-se transformado na que usava em tribunal quando queria parecer um tudo-nada condescendente.

– Fran, não sejas assim. – Tinha-se detido. – Foi um erro e estou arrependido.

– Não foi o que me pareceu.

Pareceu. Parece. Esperava que ele não tivesse reparado na escorregadela. Martin recomeçou a andar.

– Tinha bebido, ela atacou forte... não te disse ontem porque sei como parece errado e fraco.

– Gostaste? – perguntei, e apertei os lábios depois de ter falado.

– Fran, não tornes isto mais difícil do que tem de ser.

A luz azulada fazia-o parecer pálido, como se todo o sangue lhe tivesse sido sugado das veias.

– Ela veio-se? – insisti, a querer de repente saber todos os pormenores.

Ele não respondeu.

– Não acredito que já não gostas dela.

A minha voz foi um murmúrio levado pelo vento, mas mesmo assim ele ouviu-me.

Voltou a deter-se e tocou-me nos dedos, mas eu encolhi-me e afastei-me.

– Quero estar contigo.

Deixei-me cair num banco e olhei para o mar. Tinha um nó no estômago enquanto me esforçava por pensar.

– Da outra vez ela quis *falar*. Fodeste com ela?

– Não.

– Diz-me a verdade, Martin.

– É a verdade.

– Então por que não atendeste o telefone nessa noite?

Tinha a cabeça a andar à roda. Queria respostas, mas não sabia se era capaz de as aguentar.

– O telemóvel ficou sem bateria, juro. Escuta, já não faz sentido estar a mentir-te agora. Quero ser sincero contigo porque quero que isto entre nós resulte.

– Devias ter pensado nisso na segunda-feira.

– Fui um idiota.

– Pois foste.

Peguei num pedaço de madeira e atirei-o ao mar. Antes de começar a caminhar em direcção à casa, vi uma onda pegar-lhe e balouçá-lo de um lado para o outro.

– Fran, por favor, dá-me mais uma oportunidade. Estar com ela fez-me compreender como é muito melhor estar contigo.

Voltei-me para o enfrentar.

– Já não posso confiar em ti – rouquejei, as lágrimas a deslizarem-me pelas faces. Apercebi-me de como detestava sentir-me assim, um indefeso fac-símile de mim que mal reconhecia.

Ele aproximou-se e segurou-me na cara.

– Estou apaixonado por ti – disse, e eu fechei os olhos, a sentir a carícia das suas palavras e a tirar força delas.

Apertei as pálpebras com força para parar de chorar. Ele avançou mais um passo e pousou o queixo no alto da minha cabeça. Senti-me impotente para me afastar, envolta nos seus braços.

– Amo-te – sussurrou para o meu cabelo, e eu descansei a face no algodão macio do seu casaco, a raiva e a frustração a darem lugar a um profundo contentamento.

Ficámos ali pelo que me pareceu uma eternidade. Os seus braços deslizaram-me ao longo do corpo, e quando me pegou nas mãos senti que entrelaçar os dedos nos dele era o que devia fazer, o correcto.

– É melhor voltarmos – disse ele, a olhar para os pântanos cobertos de vimes. Por cima de nós, as nuvens tornavam-se mais negras e ameaçadoras. O vento começou a açoitar a água, criando pequenas cristas brancas como merengues, e ao chegar à costa o mar rastejou por entre as ervas da praia como uma cobra. – Vem aí uma tempestade – acrescentou, estugando o passo.

Passámos o portão e voltámos aos terrenos de Dorsea House. Havia uma cabana de madeira pintada de preto perto da água, enfeitada com bóias cor de laranja e corda azul.

– O que é? – perguntei, enquanto ele levantava um tijolo e tirava de lá uma chave.

– Um antigo barracão de ostras. Gosto de dormir aqui quando venho a Dorsea.

– Sentes-te muito sozinho na casa principal? – Sorri. – É o que acontece quando pessoas ricas compram casas demasiado grandes para elas.

– Gosto de ouvir o mar e fazer fogueiras na praia.

– É uma boa razão.

Voltei a sorrir quando Martin abriu a porta e me fez sinal para entrar.

Quase não havia mobília. Uma mesa e uma cadeira, um fogão a lenha e uma cama de ferro arranjada para servir de sofá.

Martin tirou gravetos e páginas amarrotadas do *Financial Times* de um balde metálico e acendeu o lume. Gostei de observá-lo. A maneira quase primitiva como se acocorava, a sua concentração, as suas mãos masculinas, lisas e bronzeadas, um golpe nos nós dos dedos a dar-lhes mais rudeza.

– Este lugar é óptimo – murmurei, a ver as chamas pegar.

A cabana foi ficando mais quente e mais clara com o crepitar da lenha.

– Ficamos aqui esta noite – disse ele, a olhar para mim.

– Não trouxe nada comigo – ri, a lembrar-me de que nem estava a usar *soutien*.

A chuva começou a martelar o telhado de zinco.

– Talvez não tenhamos por onde escolher – disse ele, com um sorriso.

– A ilha vai ficar isolada? – perguntei, excitada pela ideia.

– Talvez.

Despimos os casacos e houve uns momentos de silêncio.

– Desculpa.

– Não voltes a mentir-me – sussurrei, a tentar não pensar na minha decepção, no facto de saber que ele estivera com Donna em Chelsea a noite de segunda-feira porque os tinha visto juntos.

A cabana continuava a estar gelada e senti os mamilos eriçarem-se debaixo da *T-shirt*. Vi Martin tirar o colchão da cama e estendê-lo no chão diante do lume. Avançou para mim, e no instante seguinte estávamos a beijar-nos. Quando me puxou a *T-shirt* por cima da cabeça, gemi de desejo.

Fechei os olhos e ouvi o uivo do vento e o grito áspero dos corvos-marinhos lá no alto. Os dedos dele traçaram as ondulações da minha coluna. Abri o fecho dos *jeans* e sacudi-me para os fazer cair. Ajoelhei-me no colchão para vê-lo despir-se.

Avançou para mim e eu tomei-o na boca. Agarrou-me a cabeça com ambas as mãos, os ásperos pêlos púbicos a arranharem-me a face, e eu inalei-o profundamente, o cheiro a suor e a almíscar e a sexo, o sabor dele, húmido, ácido e quente.

– Deita-te – disse ele, saindo da minha boca.

Sorri e estendi-me de costas. Ele montou-me.

– Queres que a ilha fique isolada esta noite?

A voz dele era baixa e enrouquecida pela antecipação do que ia seguir-se.

Assenti e abri as pernas para o receber.

Estava um pedaço de corda enrolada perto do fogão. Ele pegou-lhe, puxou-me os braços para cima da cabeça e segurou-me os pulsos com força. Depois de os amarrar, atou-os à armação da cama e baixou o rosto para o meu até que senti nos lábios o seu hálito. Senti-me indefesa e capturada, como se ele me possuísse. Naquele momento, era a única coisa que queria.

– Esta noite é lua nova, de modo que pode ser que tenhas sorte. Podes não conseguir escapar – murmurou-me ao ouvido, fazendo-me estremecer, de frio ou de uma sensação de medo; não sabia nem queria saber.

Estava no alto mar, sem pé, e a única coisa em que conseguia pensar ou me importava era ele.

Deixei escapar um pequeno e submisso suspiro de prazer quando ele passou a língua pelos meus seios e pelo abdómen, cada vez mais para baixo, até que a sua língua estava dentro de mim, a lamber aquela escorregadia protuberância até que comecei a vir-me, as costas arqueadas, os pulsos amarrados a tentarem erguer-me do chão, indiferente à sensação de queimadura da corda a raspar-me a pele, indiferente a tudo enquanto ele me beijava e me levava a um clímax de doce e abandonado desejo.

Gritei, e o som confundiu-se com a chuva e o vento. Quando saiu de entre as minhas coxas, sorriu e começou a soltar-me os pulsos.

Respirei em haustos curtos, controlados, enquanto ele se deitava no espaço a meu lado.

– Mais depressa vendo o sótão do que esta cabana – disse tão baixo que mal o ouvi.

– Não havemos de chegar a isso – sussurrei, a sentir o ar frio infiltrar-se através das frinchas das tábuas.

Uma imagem da mulher dele insinuou-se à força nos meus pensamentos, e quando olhei para cima, a ver as sombras das chamas dançarem na pintura estalada do tecto, tentei esquecer o facto de que a última pessoa a ver a desaparecida Donna Joy era o homem estendido a meu lado.

Capítulo 17

Devo ter dormitado, embalada pelo som abafado do vento e da chuva, mas o toque estridente de um telemóvel arrancou-me à sonolência.

Olhei para Martin, sentado direito no colchão tapado por uma manta, e soube no mesmo instante que aquela chamada tinha a ver com Donna. Vi a testa dele franzir-se, os músculos da cara contraírem-se; mais uma vez, ela tinha a capacidade de abafar o meu prazer.

O fim da conversa por parte de Martin foi breve, seco e profissional, o que tornava difícil perceber a respeito do que fora a chamada. Quando desligou ficou calado, com um ar pensativo.

– Está tudo bem? – perguntei, a não querer intrometer-me, mas desesperada por saber o que estava a acontecer.

– Tenho de ir – disse ele, sem olhar para mim.

– O quê? Agora?

– A polícia está preocupada com a Donna – respondeu, pondo-se de pé.

– Mais preocupada do que estava esta manhã? – perguntei, a estender a mão para pegar na minha *T-shirt*. Receava que aquela não fosse uma conversa que quiséssemos ter nus.

– Ao que parece. Querem falar comigo. Temos de voltar a Londres.

– Mas já falaram contigo hoje – protestei, a sentir o pânico na barriga.

– E agora querem falar outra vez. Vão mandar alguém a Spitalfields, às dez.

Pegou na camisa e enfiou os braços nas mangas.

Ao olhar para o seu peito nu e para o seu pénis flácido, perguntei-me o que pensaria a polícia se pudesse vê-lo naquele momento. Como se me tivesse lido os pensamentos, Martin pegou no resto da roupa e vestiu-se à pressa. Limpou um pouco do pó que cobria a janela e espreitou para fora.

– Uma bela noite para conduzir de volta à cidade... – resmungou.

E quando abriu a porta, uma furiosa rajada de vento irrompeu na cabana, fazendo-a estremecer até aos alicerces. Tive uma sensação de fim; soube, com uma sombria certeza, que as coisas iam mudar para muito pior a partir do momento em que saíssemos dali.



Estava escuro lá fora. A chuva soprada pelo vento fustigou-me a cara enquanto atravessámos a praia a correr em direcção à casa. Escorreguei várias vezes, as solas dos meus sapatos a deslizarem nos seixos molhados, mas cada vez que caía voltava a pôr-me de pé, desejosa de chegar ao carro.

A casa gemeu quando entrámos a correr. Eu tinha os cabelos colados à cara, os *jeans* encharcados agarravam-se-me à pele, mas não havia tempo para nos secarmos. Martin fechou Dorsea House e enfiámo-nos no *Aston Martin*, o meu casaco molhado a chapinhar contra o couro pálido do banco. Martin acendeu os faróis, projectando halos fantasmagóricos na fachada do edifício. O canto da

minha boca encurvou-se para cima, um triste adeus de pena e admiração. Alguma coisa me dizia que não voltaria ali e queria recordar a sua desbotada grandiosidade.

Martin ligou o motor e pôs os limpa-pára-brisas a funcionar. Não obstante a potência e a precisão da engenharia do veículo, foi com dificuldade que rasgaram dois arcos limpos no vidro.

– Talvez devêssemos esperar um pouco – sugeri, a ouvir os pneus esmagarem o saibro.

– Está a chover assim há uma hora. É bem capaz de continuar toda a noite – respondeu ele.

A escuridão envolveu-nos quando passámos o portão. Dois feixes de luz trespassavam o buraco negro da noite e da chuva, mas, exceptuando isso, a escuridão era total.

Esforcei os olhos a procurar os barcos de pesca que tinha visto à chegada, na esperança de que estivessem todos amarrados ao cais e em segurança. As condições para conduzir eram terríveis, mas no mar seriam muito piores.

Martin concentrava-se na condução, mas mantinha uma velocidade regular e eu não sabia se isso se devia à má visibilidade ou a uma relutância em voltar à cidade.

Via ao longe os contornos da costa. Apesar de a menos de quilómetro e meio de distância, nas últimas horas tinham parecido abençoadamente distantes, parte de um outro universo. Estávamos a aproximar-nos do estreito istmo e já, à luz dos faróis, conseguia distinguir o lençol de água suja que cobria a estrada.

– Não acredito – praguejou Martin, e abrandou a marcha até quase parar o carro.

O som da água do mar a lamber os pneus era inconfundível.

Tive o bom senso de ficar calada. Martin acelerou o motor, que rugiu ameaçador, a lembrar-nos que aquilo era um carro desportivo e não um todo-o-terreno.

– Não vamos conseguir passar – murmurou ele, e eu perguntei-me se arriscaria um *Aston Martin* de 100 000 libras numa situação daquelas.

– Quanto tempo demora? – perguntei quando começámos a fazer marcha atrás.

– Não sei. Uma hora, talvez duas, com as marés de Primavera. Mas com uma inundação, quem sabe?

– Voltamos a Dorsea?

Ele abanou a cabeça.

– Não. Há um *pub* ao fundo da estrada. Vamos sentar-nos lá e esperar. Eles hão-de saber melhor do que eu quando poderá a estrada voltar a ficar praticável.

O Anchor era um edifício de paredes cobertas por traves de madeira até meia altura em que já tinha reparado. Estacionámos à porta e corremos para interior, que estava quase deserto.

Pedimos dois cafés, que o *barman* sugeriu que fossem *irish*. Pela tagarelice do homem, fiquei sem saber se já conhecia Martin ou se estava apenas contente por ter clientes.

Martin levou-me para uma mesa grande, com cadeiras forradas a tecido encarnado, encaixada num canto. Olhei para os dois únicos outros clientes: dois velhos que faziam durar canecas de *Guinness*. O meu joelho saltitava debaixo da mesa enquanto esperava que Martin dissesse qualquer coisa.

– Como deixaste as coisas na segunda-feira à noite? – perguntei, a tentar manter a voz o mais calma possível.

– Deixei? – estranhou ele, e pegou na chávena de café que a empregada lhe estendia.

– Quanto tempo lá estiveste? Em casa da Donna.

Ele bebeu um gole de café e disse, a fugir ao meu olhar:

– Ora vamos, Fran, não precisamos de falar disso.

– Não se trata de mim, Martin – sussurrei, num tom carregado de intenção.

Não queria interrogá-lo, mas senti que estava a entrar em modo profissional. Queria que ele estivesse preparado para a polícia, e além disso queria saber.

– Saí por volta da meia-noite – respondeu por fim.

– Ela estava acordada?

– Estava na cama. Levantou-se quando eu ia a sair.

– E não te deu nenhuma ideia do que ia fazer no dia seguinte? – continuei, a transformar-me na pessoa que era no tribunal.

– Não referiu nada de especial – disse ele, com um toque de petulância.

Olhei para os outros clientes, com medo de que ouvissem a nossa conversa.

– Assumo que disseste à polícia que tinhas lá estado na segunda-feira à noite.

Ele fez um ar embaraçado, mas o pânico crescia em mim enquanto o pensamento corria à minha frente, à procura de ângulos, pistas, soluções. Estava a ver aonde aquilo ia levar, e isso assustava-me. A única maneira como sabia lidar com uma situação daquelas era a profissional, como resolver metodicamente um *puzzle*, ainda que, ao contrário dos meus outros casos, não pudesse deixar este problema no escritório.

– Disse-lhes que tinha jantado com ela. Para falar do divórcio.

– E disseste-lhes que foste para a cama com ela?

A minha franqueza fê-lo franzir a testa.

– Não – acabou por responder.

– Por que não?

– Porque não ia parecer bem.

– Sim, lá muito bem não parece. E vai parecer ainda pior quando parecer que escondeste informação à polícia. E quando saíste? Para onde foste?

– Para casa.

– Como?

– A pé.

– A pé? Devem ser oito quilómetros até ao sótão.

– Tinha muito em que pensar.

Ressentimento, medo, pânico – via os três na expressão dele.

– Achas que devo falar com um advogado?

Vi a maçã-de-adão subir-lhe e descer-lhe na garganta e senti uma ponta de piedade.

– Não é a minha área de especialidade – disse em voz baixa, a lembrar-me de todos os amigos que ao longo dos anos tinham pedido ajuda para a compra de uma casa, uma multa por excesso de velocidade ou uma queixa de consumidor. Eu era a advogada pau para todo o serviço que toda a gente achava que tinha respostas para tudo.

– Um advogado criminal. Deves conhecer alguém.

– Mas tu não fizeste nada de mal – disse eu, cuidadosa, a estudar-lhe a reacção.

Ele assentiu, o macho alfa a recordar a si mesmo que todos os problemas tinham solução se fossem atacados com recursos suficientes.

– Ela tem de estar num lugar qualquer – disse, com mais paixão. – Em casa de um amigo no campo, no estrangeiro.

– Por que não telefonas à irmã?

– Pois. O mais certo é ela ter estado a dizer à polícia que eu sou o lobo mau do marido que anda a tentar lixar a Donna no divórcio. Que ficaria muito melhor se ela desaparecesse.

– Ela quer encontrar a Donna. Como todos nós.

Ele olhou para o relógio. Não precisava de me dizer que horas eram. O relógio de parede por trás dele dizia-me que passava das nove.

– Vai parecer óptimo – disse ele, num tom sarcástico. – Não comparecer a uma entrevista com a polícia.

– Não podias dizer-lhes que estavas fechado numa cabana com a tua advogada de divórcio – respondi eu, a tentar aligeirar o ambiente.

– Pensei que tinhas dito que devia dizer-lhes a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade.

Senti um toque de medo. A fria compreensão de que estava envolvida. Tinha-me juntado ao elenco de um drama para o qual não tinha ensaiado, e não gostava do meu papel.

Olhei em redor, de repente enervada pela ideia de que todos os olhos estavam postos em mim.

– Que devo dizer-lhes?

– A verdade – respondi, com firmeza. – Que estiveste na tua casa no Essex e a inundação cortou a estrada.

– Devia ir telefonar à Jemma.

– E talvez eu devesse ir sentar-me no carro.

– Já fomos vistos – disse ele, como se tivesse lido os meus pensamentos.

Demorou cinco minutos, embora a mim o tempo tenha parecido arrastar-se muito mais. Pedi aos céus que voltasse a sorrir, mas parecia ainda mais perturbado do que quando deixara a sala para fazer o telefonema.

– Revistaram a casa, hoje. Encontraram a mala e o telemóvel dela – disse, quando voltou a sentar-se.

– Aposto que a Donna tem mais de uma mala. E mais de um telemóvel.

Disse-o para o tranquilizar, mas tinha consciência de que tudo o que dissesse podia parecer uma farpa dirigida a Donna.

– Também encontraram o passaporte. Mas não a carteira. Não foram registadas chamadas do telefone fixo desde segunda-feira. Não deu entrada em nenhum dos hospitais locais, nenhuma das amigas sabe onde está...

Fez uma pausa para mexer o café frio com uma colher, deixando marcas pretas na beira da chávena.

– O caso foi entregue a um inspector e o Missing Persons Bureau está envolvido. Fala-se de emitir um apelo público amanhã à noite.

Eu tinha estado em suficientes conferências sobre Direito de Família, e em suficientes seminários a respeito de raptos de crianças, para saber como aquilo funcionava. Para saber que enquanto eu fodia no barracão de ostras Donna Joy tinha estado a passar pelo ciberespaço, os pormenores da sua identidade, a sua imagem, as circunstâncias do seu desaparecimento. Para saber que alguém numa posição de autoridade estava a levar a sério o facto de ela se ter sumido. Sabia que um apelo público significava que os *media* seriam envolvidos, que haveria fugas de informação, manipulação dos factos. Sabia que aquilo não tinha nada bom aspecto para Martin Joy e, implicitamente, para mim.

– Têm alguma teoria a respeito do que pode ter-lhe acontecido? – perguntei passado um momento.

– É sempre o marido, não é? – disse ele em voz baixa. – Uma mulher desaparece e o primeiro para quem apontam o dedo é para o marido.

– Não era isso que eu queria dizer – murmurei, e pousei a mão em cima da dele. – Tu não fizeste nada de mal.

– Devia falar com um advogado. Só para ter algum conselho a respeito de como lidar com isto.

Notei um tique nervoso a latejar por baixo da pálpebra inferior esquerda dele, e dei um salto quando senti uma mão no meu ombro. Voltei-me num relâmpago e vi o gerente do bar, que nos fazia um sorriso de dentes amarelados.

– A água na estrada está a baixar – disse o homem, pegando nas chávenas vazias. – Parece que esta é a sua noite de sorte, ao fim e ao cabo.

Olhei para Martin e percebi pela sua expressão distante e perturbada que nenhum dos dois acreditava nele.

Capítulo 18

Fiquei surpreendida por ele estar em casa num sábado à noite, e ainda mais surpreendida por estar sozinho.

– Café ou uma bebida? – perguntou Tom Briscoe ao abrir a porta da sua casa em Highgate. Era uma vivenda geminada com vista para Pond Square, pequena mas com o apropriado ar de grandiosidade georgiana.

– Café. Descafeinado – respondi, já a sentir-me nervosa ao entrar, sem me aventurar mais do que alguns passos para lá do umbral. A porta abria para um espaço de convívio de plano aberto. Olhei e escutei, atenta a sinais de outra pessoa na propriedade, mas estava tudo tão sossegado e escuro e silencioso como o deserto Highgate Square, lá fora.

– Peço desculpa – disse, a apertar com mais força a correia da minha mala. – Sei que é tarde, mas não vou demorar muito.

– Tudo bem. Entra – disse ele, mantendo a distância, mas a indicar-me o sofá com um gesto da mão.

Desapareceu na cozinha e examinei o espaço debilmente iluminado. A mesa de jantar estava coberta de *dossiers* e livros de Direito, e distingui o clarão suave do ecrã de um portátil, uma sanduiche meio comida num prato. Sempre tinha considerado Tom um pouco oportunista, o produto privilegiado do sistema educacional privado que tinha chegado aonde estava graças à sua rede de relações, mas a cena que tinha diante dos olhos dizia-me o contrário. Um trabalhador compulsivo numa noite de sábado, a dar o litro e as horas extra.

– A Hannah não está cá este fim-de-semana? – perguntei enquanto despia o casaco.

Pu-lo nas costas da cadeira e tomei de repente consciência de que não estava a usar *soutien*. Cruzei os braços à frente do peito, a perguntar-me se ele conseguiria cheirar o sexo e o mar. Tudo o que queria naquele momento era acabar com o encontro o mais depressa possível.

– Já te disse, não é esse género de relação.

Saiu da cozinha a sorrir e entregou-me uma caneca de café. Em circunstâncias normais, seria a minha deixa para implicar com ele, mas a última coisa que me apetecia era brincar.

Quando enrolei os dedos à volta da caneca de riscas azuis e brancas, senti o vapor subir-me à cara. Sentei-me no sofá e ele no cadeirão de braços em frente.

– Vais dizer-me o que está a acontecer? – disse por fim, a sentir que eu não estava com vontade para conversa fiada.

Murmurei uma desculpa por ter sido tão vaga quando lhe ligara no caminho de regresso de Essex. Com o mau tempo a ficar para trás à medida que nos aproximávamos de Londres, Martin começara a mostrar-se mais agitado a cada quilómetro que passava. Era uma faceta dele que nunca vira, e tive de admitir que não a achava muito atraente.

– Deves conhecer um advogado – pressionara, até que eu acabara por pegar no telemóvel e ligar à única pessoa que conhecia que talvez pudesse ajudar, apesar de isso me fazer sentir constrangida.

Não tinha o hábito de telefonar a Tom Briscoe a altas horas da noite. Na realidade, os nossos caminhos raramente se cruzavam fora do escritório. Mas conhecíamos-nos de há muito. Não éramos chegados, mas estávamos ligados pela história e pela geografia. Tínhamos ambos chegado a Burgess Court para iniciar o nosso estágio no mesmo dia e passávamos juntos todos os dias da nossa vida de trabalho; se isso não me dava licença para aparecer em casa dele àquelas horas, não sei o que daria. Mesmo assim, não me agradava estar ali. Não depois de ter passado a tarde a foder com o cliente de que lhe ia falar.

Bebi um gole de café antes de começar.

– Estou a tratar de um divórcio – disse, cautelosa. – E a mulher do meu cliente desapareceu.

Tom pareceu arrebitar um pouco no seu cadeirão, enquanto eu tentava recompor-me. Não podia revelar a história que estava por trás do que me preparava para lhe dizer. Sabia como seria perigoso fazê-lo.

– Desapareceu? – repetiu ele.

– Não é vista desde segunda-feira e a polícia está a levar o caso a sério. Vai haver um apelo na televisão amanhã à noite, a menos que entretanto ela apareça.

Olhei para ele e reparei que tinha um ar cansado, com semicírculos roxos por baixo dos olhos.

– E onde encaixas tu no meio de tudo isso? – perguntou, pousando a chávena no chão de madeira.

– A polícia está a interrogar o meu cliente neste preciso instante. Eu sou a única representação legal que ele tem de momento e está preocupado.

– Queres tu dizer que está nervoso.

– Ela vai quase de certeza aparecer, Tom – disse eu, agastada pela implicação de que Martin estava a sentir-se culpado.

Ele não disse nada e eu soube que não tinha muito tempo antes que perdesse a paciência comigo.

– Só preciso de conselho. O Martin... o meu cliente... está a contar comigo, e eu disse-lhe que talvez tu pudesses ajudar.

Os nossos olhos encontraram-se, uma recordação de coisas passadas, um incidente cinco anos antes que nenhum dos dois alguma vez esqueceria. Na altura Tom Briscoe era advogado de defesa, o protegido do nosso antigo presidente, entretanto reformado, e tratava de uma porção de trabalho de ajuda legal. Fazia um pouco de Direito de Família por fora, mas era o drama do tribunal que adorava... até ter sido contratado por Nathan Adams, um patife acusado de ofensas à integridade física com graves danos corporais. Adams estava a ser julgado por um violento ataque à ex-namorada, Suzie Willis, que a deixara com a coluna partida. Era trabalho para um sénior e não para alguém que estava na barra há tão pouco tempo como ele, mas a sua prestação no tribunal fora arrasadora. Ao interrogar Suzie no banco das testemunhas, retratara-a como uma alcoólica habitual, destruindo-lhe a credibilidade, e conseguira convencer o júri de que o seu cliente estava inocente.

Seis meses mais tarde Suzie estava morta... assassinada por Adams. Tinha-a encontrado, encostara-lhe uma faca à garganta e abria-a de orelha a orelha: o castigo por ter ousado testemunhar contra ele.

Nunca tive coragem para discutir com Tom o que tinha acontecido, o que sabia a respeito da relação entre Nathan e Suzie, da longa lista de contusões suspeitas que nunca tinham sido denunciadas à polícia, da história de violência de Adams e da sua ligação a um sindicato do crime de West London.

Fosse o que fosse que sabia, o que aconteceu a Suzie Willis fez Tom Briscoe saltar do Direito Criminal para o Direito de Família. A expressão dos olhos dele disse-me que não queria que lhe recordassem o seu passado profissional.

– Para começar, achas que devia ter um advogado a seu lado durante a conversa com a polícia? – pressionei.

– Pensei que tinhas dito que a conversa estava a decorrer.

– E está. Julgo que um agente da polícia foi a casa dele esta noite, apesar de já ter falado com alguém hoje de manhã.

Tom pôs-se de pé e dirigiu-se à mesa de jantar. Pegou no portátil e levou-o para o sofá.

– Assumo que já revistaram a casa dela.

– Encontraram o passaporte e o telemóvel, mas não a carteira. O que tem de ser um bom sinal.

– Não necessariamente – disse Tom, com um ar céptico. – Lembro-me de um julgamento a que assisti quando era estagiário. Uma mulher tinha desaparecido da casa da família; o marido disse que não fazia ideia de onde pudesse estar. Acabou por ser preso e condenado por assassínio. Tentara fazer parecer que ela tinha fugido escondendo os seus objectos pessoais depois de ter-se desembaraçado do corpo.

Lancei-lhe um olhar de reprovação.

– Como se chama ela? A mulher.

– Donna Joy.

Vi-o escrever o nome, os dedos a premirem as teclas.

– Já há um apelo *on-line*. Um número de contacto: Kensington CID.

Tinha o coração a martelar-me o peito quando me debrucei por cima do ombro dele para ver o ecrã. Havia uma fotografia de Donna e uma descrição: um metro e sessenta e sete, cerca de cinquenta e sete quilos, vista pela última vez a usar casaco cor-de-rosa e calças pretas. Tinha desaparecido depois de ser acompanhada a casa depois de um jantar no restaurante Green Fields em King's Road na última segunda-feira.

Dei por mim a acrescentar mais pormenores ao texto à medida que lia. Podia confirmar que estivera noventa e sete minutos no Green Fields, que tinha bebido e que o seu cabelo era pelo menos três tons mais escuros do que aparecia nas imagens graças a uma visita ao salão de beleza Josh Wood doze dias antes que ela tivera a indiscrição de publicar no Instagram.

O apelo terminava dizendo que a polícia estava preocupada com o seu bem-estar, mas duvidava que estivessem nem de longe tão preocupados como eu.

– A maior parte das pessoas que desaparece volta a aparecer – disse Tom com um encolher de ombros. – Há uma pequena percentagem que não, mas a maioria dessas tem uma história de problemas mentais ou depressão que as levam a suicidar-se.

– Achas então improvável que lhe tenha acontecido alguma coisa – disse eu, a desejar ser tranquilizada.

– Ela sofria de depressão?

– Que eu saiba, não.

– Os adultos têm o direito legal de desaparecer, Fran, tu sabes disso. E não temos maneira de saber que diabo se passava na relação deles. Talvez ela esteja a fazer um jogo – disse ele, e eu assenti com a cabeça, a aprovar a avaliação.

– Mas pode ter-lhe acontecido qualquer coisa. Um apelo na televisão significa que foi classificada como de alto risco.

Franzi a testa.

– Alto risco?

– Em perigo. Em perigo de magoar-se a si mesma ou ser magoada. Com quem estava ela na segunda-feira à noite, fazes alguma ideia?

– Com o marido – respondi, numa voz átona.

– O teu cliente.

– Encontraram-se para jantar. Ao que parece, foram para a cama, mas ele diz que não passou a noite com ela. Desde então, ninguém voltou a vê-la. Faltou à audiência de resolução de litígios na sexta e à festa de anos da irmã na quinta.

– Não admira que queiram falar com ele.

Eu não queria ouvir aquilo.

– Como é ele?

– Esperto. Muito bem-sucedido.

– O que quer dizer que os *media* vão ter um dia em cheio com esta história.

Eu já tinha ouvido falar da Síndrome da Mulher Branca Desaparecida e sabia que aquele caso vinha acrescido de drama. Donna Joy não era só loura, branca e bonita. Era também a mulher separada de um banqueiro de fundos de investimentos milionário, o que significava que a história vinha com um papão já pronto.

– Ele não fez mal à mulher – disse, a ouvir a ironia protectora na minha voz.

– Como sabes?

Pensei em nós os dois no telhado de Spitalfields. «*Só temos de aguentar e em breve, muito em breve, será assim. Só nós os dois. Nada de Donna, nada de nos escondermos. Só tu e eu.*»

– O que lhe digo? – perguntei.

– Não faria mal em falar com um procurador criminal. O Matthew Clarkson é muito bom. Talvez também queira falar com o Robert Kelly. É um advogado dos *media*, trabalha em gestão de reputação. Se os tipos da imprensa começarem a armar em parvos, talvez valha a pena fazer-lhe um telefonema.

Tom pôs-se de pé, tirou o telemóvel do bolso e passou a lista de contactos.

– Suponho que o teu cliente deve começar a preocupar-se se o obrigarem a participar no apelo – murmurou enquanto anotava dois nomes e dois números numa folha do seu bloco-notas.

– Por que há-de isso preocupá-lo? Ele quer fazer tudo o que puder para ajudar.

– Não acredito que tenham o marido separado presente em qualquer conferência de imprensa a menos que queiram estudar-lhe as reacções. É também possível que receba a visita de um agente de ligação à família. Oficialmente estão ali para ajudar, mas também são um par de ouvidos no terreno.

– O meu cliente não teve nada a ver com o desaparecimento dela – disse eu, e ouvi a aresta de aço na minha voz.

Tom olhou para mim e por um instante nenhum dos dois falou.

– Como disseste, aposto que amanhã de manhã já apareceu.

O ambiente tinha mudado. Senti-me cheia de calor e desconfortável só por estar ali.

– Tenho de ir.

Ele sorriu e olhou para o relógio.

– É tarde. Como vieste até cá? Vieste a conduzir.

– Não – respondi demasiado depressa, a pensar no carro de Martin a deixar-me em Pond Square. – Chamo um táxi.

– Não sejas parva. Dou-te uma boleia.

– A sério, chamo um táxi.

– Numa noite de sábado, à hora do fecho dos *pubs*? E a Uber há-de estar a cobrar o quádruplo. Deixa-te disso. Vou buscar as chaves.

Levou-me até um 4×4 estacionado em frente da porta.

– Espero que estejas a cobrar ao teu cliente o dobro por este trabalho. – Tom sorriu e desactivou o alarme do carro, dois curtos apitos que trespassaram o silêncio da noite. – Isso é que é ir além das imposições do dever. É um sortudo por ter-te.

Lançou-me um olhar, um meio sorriso sabedor e uma sensação de medo fez-me perguntar o que, e até que ponto, tinha conseguido adivinhar.

Capítulo 19

Já passava da meia-noite quando cheguei a casa.

Não comia nada desde o pequeno-almoço – não tinha chegado a comer *fish and chips* ou mexilhões com o Martin, na praia – e sentia-me fraca e zonza. Havia muito pouca coisa no frigorífico: um limão engelhado e uma embalagem aberta de presunto enegrecido e enrolado nas pontas, de modo que fiz umas torradas e um *Pot Noodle* que encontrei escondido no armário. Enquanto espetava as massas secas com o garfo, verifiquei mais uma vez o telefone para ver se havia alguma mensagem de Martin, mas continuava a não haver nada.

Empoleirada na beira do sofá, comi a massa ainda dura, incapaz de esperar os exigidos quatro minutos para amaciá-la. Ponderei a hipótese de preparar um banho, mas descartei a ideia mal me ocorreu por causa do barulho da canalização. Ao fim e ao cabo, era tarde e não queria acordar Pete lá em baixo. Era alguém a quem não queria recordar a minha existência.

Calculei o tempo decorrido, a tentar adivinhar se Martin já se teria desembaraçado da polícia. Duvidava que aquele género de conversas demorasse muito, se era que aconteciam. Mesmo assim, um carrossel de imagens perpassou-me pela cabeça. Cenas de vários filmes e séries policiais. Suspeitos a serem algemados e arrastados para esquadras de polícia, interrogatórios em salas pequenas e escuras. Disse a mim mesma que estava a ser dramática, mas continuava a não conseguir compreender por que Martin ainda não tinha entrado em contacto. Depois de me ter mandado falar com Tom Briscoe para decidir a sua próxima jogada. Não depois de eu lhe ter enviado uma mensagem do carro de Tom, a pedir-lhe que me contactasse.

Atravessei a sala, sentei-me à secretária e liguei o computador.

Verifiquei os *e-mails* – todas as contas de que ele tinha o endereço de *e-mail* – e desliguei e voltei a ligar o telefone para me certificar de que estava a funcionar como deve ser.

A minha paragem seguinte na internet foi o *Daily Mail*. Os meus olhos percorreram a *home page* à procura de qualquer história que pudesse estar relacionada com Donna Joy. Não descobri nada de interesse e repeti o exercício com os *sites* de todos os principais meios de comunicação nacionais, e então voltei à página de apelos da Polícia Metropolitana para ver se tinha sido actualizada. Não tinha.

Uma voz na minha cabeça tentava tranquilizar-me dizendo que enquanto não houvesse qualquer referência ao desaparecimento de Donna nos *media*, menos todos nós tínhamos de preocupar-nos com ela. Mas estava cada vez mais enervada. O meu pé batia ao de leve no chão e eu não era capaz de o fazer parar. Sabia que o meu diálogo com Tom Briscoe não tinha ajudado. Na realidade, ele tinha-me irritado com a sua conversa de vítimas e advogados de gestão de reputação, a sua insensível implicação de que Martin estava de alguma maneira envolvido no desaparecimento da mulher.

Um café ajudar-me-ia a pensar, mas sabia que era a última coisa de que precisava.

Em vez disso, subi ao meu pequeno quarto e abri o armário da casa de banho, onde havia um frasco branco de comprimidos ao lado do fio dentário e dos contraceptivos.

Quando fora ver o doutor Katz um par de semanas antes, ele tinha-me dado uma medicação adicional. Na altura detestava tomá-la, mas sabia que precisava de qualquer coisa para me acalmar. Os episódios maníacos assustavam-me ainda mais do que os depressivos. Era uma pessoa que gostava de estar no controlo e organizara a minha vida num esforço para manter a rédea curta. Mas nos últimos dois dias sentira os *gremlins* na minha cabeça voltarem à vida.

Inclinei a cabeça para trás, engoli os comprimidos e olhei para o meu reflexo no espelho. Estava pálida e tinha um ar triste. Tinha os lábios secos e os olhos cansados orlados de cor-de-rosa, a pele manchada à luz crua do candeeiro.

Tudo no meu aspecto gritava esgotamento nervoso. Estava desesperada por dormir, mas sabia que não era uma opção. A única coisa que podia acalmar a minha inquietude era ter notícias de Martin.

Andei pelo quarto e sentei-me aos pés da cama, o que só serviu para deixar-me mais ansiosa. Precisava de estar lá fora, a resolver coisas, e não a comer *Pot Noodles* sentada no escuro.

Dei por mim a desejar ter um carro. Não tinha. Nunca tivera. Quando tinha dinheiro suficiente para comprar um, pareceu-me um luxo desnecessário. Mas naquele momento sentia que um carro, uma coisa pequena como um *Fiat* ou qualquer outro veículo «de rapariga», me daria asas. O telemóvel, no bolso dos *jeans* e a fazer pressão contra a minha coxa, recordou-me que a solução estava a um telefonema de distância.

Chamei um táxi e não hesitei antes de ligar a Martin. A chamada foi directa para o *voice-mail* e eu deixei uma mensagem, a fazer um esforço para manter-me calma. Aos ziguezagues pelo quarto, despi a *T-shirt*, encontrei um *soutien* e tirei uma blusa branca do armário. Enfiar os braços nas mangas engomadas de uma blusa lavada era uma coisa que me fazia sentir confiante, e aquela vez não foi excepção.

Esperei no vestíbulo que o táxi chegasse.

Londres continuava a zumbir enquanto percorríamos as ruas. Ao olhar pela janela, a ver Angel fundir-se no cosmopolita East End, invejei o que via. Miúdos de vinte e poucos anos numa noite de farra, cheios de uma alegria descuidada e intoxicada que me fez lembrar o meu prazer horas antes. Mas um interruptor tinha sido accionado, tinha ocorrido uma mudança no nosso universo, e na minha cabeça um coro grego avisava-me de que era errado estar ali. Num táxi, a correr para Spitalfields à uma da manhã, quando Martin nem respondera às minhas chamadas.

Demorámos vinte minutos a chegar ao armazém da W. H. Miller. Não havia sinais de qualquer carro da polícia ou «veículo descaracterizado» no exterior do edifício, o que me deixou aliviada. Paguei a corrida e apeei-me do táxi. Tinha os nervos à flor da pele. Três homens com barbas arrebicadas que saíram a rir de um bar próximo assustaram-me.

O táxi perdeu-se na distância e o elegante trio desapareceu no escuro, deixando-me sozinha. Atravessei a rua empedrada até ao armazém. Havia uma árvore em que não tinha reparado da outra vez; fina, escura, esgrouviada. Apoiei a palma da mão no tronco e olhei para o último piso. Ví um débil clarão numa das janelas, um sinal de vida que me deu forças para voltar a ligar a Martin.

Dessa vez ele atendeu.

– Sou eu – disse, a tentar disfarçar a ansiedade na minha voz. – A polícia. Já se foi embora?

– Sim. Falaste com o teu amigo advogado?

– Falei. Foi uma boa ajuda.

A voz tremia-me de tanto que eu tiritava por causa do frio.

– É melhor subires.

À espera do elevador, olhei para o tecto do átrio e reparei que subia até ao telhado, como se tivesse sido escavado nos tijolos e no metal. Quando a porta do elevador se abriu, o som estralejou até às traves, primeiro forte, depois a esbater-se num suave eco à medida que ondulava a caminho das alturas.

Martin tinha um copo de uísque na mão quando abriu a porta. Despejou-o de um trago e mal olhou para mim.

– Tinha de vir. Desculpa – disse eu, a tentar ler a expressão na cara dele.

Calei-me. Não sabia por que estava a pedir desculpa.

– Eu devia ter telefonado – disse ele, e pousou o copo em cima da mesa. – Foi tudo um bocado stressante. A polícia esteve cá mais tempo do que eu esperava.

A sala estava escura. A única luz vinha de um candeeiro de pé, no canto.

Martin andava inquieto de um lado para o outro, como um gato, os pés calçados só com as peúgas a deslizarem em silêncio sobre o *parquet*.

– Ela ainda não apareceu – disse, e limpou a boca com as costas da mão.

– Que queria a polícia?

– Pormenores da noite de segunda. A que horas vim para casa. Quando cheguei. Se alguém pode comprová-lo.

– Sabias que todos os anos desaparecem cento e cinquenta mil pessoas? É zero vírgula zero cinco por cento da população – disse eu, a tentar animá-lo.

– Foste ao Google? – perguntou ele.

Havia no seu tom um azedume de que não gostei.

– Estou a tentar ajudar – defendi-me, a recordar a mim mesma como devia estar stressado.

Deixou-se cair no sofá e segurou a cabeça com as mãos.

– Desculpa – disse, erguendo os olhos e estendeu a mão para mim, para que lhe pegasse.

Sentei-me a seu lado no sofá. As nossas coxas tocavam-se, mas eu queria chegar ainda mais perto.

– O nosso casamento pode não ter resultado, por vezes até penso que já não gosto da Donna, mas isto...

– O que lhes disseste? – perguntei em voz baixa.

– Saí de lá à uma. Pela porta principal. Não me parece que ela a tenha trancado depois de eu sair, porque a deixei lá em cima.

Estava com dificuldade em concentrar-me. Não me pareceu a altura certa para lhe perguntar por que razão, se já não gostava de Donna, tinha ido para a cama com ela. E havia inconsistências na história dele. A mim tinha-me dito que saíra de casa dela à meia-noite, não à uma da manhã.

– Até me interrogaram a respeito do raio deste golpe na minha mão.

O que eu tinha notado no barracão das ostras.

– E tu que disseste?

– Que caí da bicicleta.

– E caíste?

– Sim – respondeu, irritado.

– Por que estão tão preocupados com ela quando tem um historial de sair de casa sem dizer nada a ninguém para ir visitar as amigas...?

– Ninguém sabe onde ela está. Tem uma conta Instagram que usa muito, publicando fotografias de festas, dos seus quadros, mas não é usada desde segunda-feira.

– Não têm muito a que se agarrar – comentei, solidária.

– Amanhã vão voltar a revistar a casa. Agentes especializados, ao que parece. Cães farejadores de cadáveres.

– E a polícia disse-te tudo isso?

Olhámos um para o outro e ambos sabíamos o que iam encontrar. Pêlos dele no lavatório, o sémen dele nos lençóis. Desviei a cara e tentei pensar nos pormenores mais finos.

– E em relação ao apelo?

– Filmamos amanhã à tarde para ser transmitido à noite. A polícia acha que devia falar. Vou lá estar. Com a família dela.

– Devias falar com um advogado antes de fazeres seja o que for. Tens de ter muito cuidado.

– Que disse o teu colega? – perguntou ele, ao cabo de uma nova pausa.

– O Tom?

Martin olhou para mim.

– Estiveste lá tempo suficiente.

Ouvi ciúme na voz dele, e gostei.

– Recomendou um par de advogados. Devias falar com o Matthew Clarkson antes de teres mais conversas com a polícia. O Robert Kelly mantém as coisas fora dos *media* – disse, e entreguei-lhe os números de telefone que Tom me tinha dado.

– Mantém que coisas fora dos *media*?

– Especulações. A imprensa tem de relatar tudo com muito cuidado nos tempos que correm, mas por vezes a insinuação passa através da rede.

Ouvi-o expirar baixinho.

– Isto é de loucos – disse, a abanar a cabeça. – A única coisa que fiz foi ir a casa dela. À nossa casa.

Assenti, com uma sensação de vergonha e desapontamento.

Pensei naquela segunda-feira em que tinha seguido Donna até ao restaurante, e depois os dois até casa dela. Vi-me no *pub* do outro lado da rua. Mas as minhas recordações para lá do primeiro par de bebidas eram tão nítidas como tinham sido quando acordei no sofá de Pete. Na altura, ficara embaraçada por todo aquele triste episódio, envergonhada por ter perdido os sentidos e voltado a mim com os *collants* rasgados e as pernas ensanguentadas, mas naquele momento estava furiosa por não me lembrar de nada que pudesse ajudar Martin.

Se não me tivesse embebedado, talvez soubesse a hora exacta a que ele saíra de casa de Donna. Podia ter visto a porta da frente ficar aberta; podia até ter atravessado a rua para a fechar.

– Que acham eles que lhe aconteceu?

– Não sei – respondeu Martin, numa voz quase inaudível.

– Bem, pensemos um pouco nisso – sugeri, no tom mais frio de que fui capaz. – Talvez ela esteja bem – acrescentei, depois de ter pensado um momento. – Talvez esteja num *spa* ou em casa de uma amiga, ou talvez esteja em John O’Groats ou Land’s End e não se tenha lembrado de telefonar, ou se *tenha* lembrado de telefonar, mas não o tenha feito porque quer fazer-te borrar de medo.

– Ou talvez não esteja bem – disse Martin, sustentando-me o olhar.

– É uma possibilidade – concordei. – Talvez se tenha levantado depois de tu teres saído e ido atrás de ti – disse, a minha mente a correr através da miríade de opções. – As ruas estão escuras a essa hora, desertas. Há condutores embriagados por todo o lado. Pode ter sido atropelada, atropelamento e fuga, e alguém tenha entrado em pânico.

– Não podemos pensar assim.

– Temos de pensar assim – respondi, a sentir os meus olhos abrirem-se. – A Donna desapareceu há cinco dias e a polícia está a falar contigo. Também pode ter-se magoado de qualquer outra maneira. Pode ter sido assaltada.

Martin deixou escapar um som, o gemido baixo, gutural dos feridos, e quando ergueu a cabeça havia tanta dor nos seus olhos que fiquei sem saber para onde olhar.

– Eu sei que é difícil, mas vais ter de endurecer, já.

Pôs-se de pé e começou a andar de um lado para o outro pela alcatifa cinzenta, devagar, como se a sua mente estivesse a sofrer. Quando voltou a olhar para mim, foi como se tivesse tomado uma decisão.

– Estou cansado – disse. – Preciso de dormir um pouco. Não há nada que possamos fazer neste momento.

A sua linguagem corporal tornou-se de repente defensiva e eu soube o que ele estava a dizer.

– É melhor ir – disse, muito baixo.

– Não te importas?

Não disse nada, limitei-me a pôr-me de pé e pegar na minha mala. Acabava de ser dispensada e não consegui evitar a irritação.

– Com a polícia a vir aqui e a Donna desaparecida, acho que... acho que se calhar o melhor é não nos vermos durante uns dias.

Eu sabia que o que Martin estava a dizer fazia sentido, mas quando olhei para ele e os nossos olhos se encontraram, por um fugaz momento, odiei-o.

Capítulo 20

Dormi com o telemóvel debaixo da almofada – ainda que «dormi» seja um notório exagero. Seria melhor dizer que fiquei deitada na cama, tensa e preocupada, a rever tudo uma e outra vez, a examinar as mais pequenas facetas até que desisti, procurei na gaveta da mesinha-de-cabeceira e engoli um comprimido para dormir, mesmo sem água. Mas nem assim consegui relaxar. Sentia a minha mente como naquele momento em que a água do banho rodopia à volta do ralo, cada vez mais depressa, formando um redemoinho prateado que suga tudo para baixo, para baixo...

Mas a dada altura devo ter adormecido, porque o zumbido do meu *iPhone* fez-me abrir os olhos. Peguei-lhe, premi o botão com o polegar, afastei os cabelos da cara.

– Sim?

– Não te acordei, pois não?

Uma voz. Feminina, ligeira e bem-humorada. Franzi a testa, a tentar reiniciar o cérebro.

– Clare?

Uma gargalhada. Um som de tempos mais felizes e descuidados.

– Alguém teve um encontro até tarde.

– Podes dizê-lo – respondi.

Sentei-me e empurrei com um dedo o frasco de comprimidos em cima da mesa-de-cabeceira. O rótulo dizia *Somnovit*, o que parecia quase saudável, como um tónico vitoriano, mas aqueles pequenos comprimidos enchiam-me a cabeça de palha e enfiavam lascas de bambu debaixo dos meus terminais nervosos sempre que os tomava. Tinham-me sido receitados anos antes pelo meu primeiro médico, que me disse que as pessoas que sofriam de perturbação bipolar tinham com frequência dificuldade em dormir. Mas por vezes não havia alternativa quando a minha mente começava a zumbir como o interior de uma colmeia.

Ao perceber por que estava ela a ligar, recostei-me na almofada e preparei-me para as suas palavras. Com um apelo televisivo planeado para essa noite, não tinha a mínima dúvida de que o desaparecimento de Donna chegara aos jornais de domingo.

– Só para saber a que horas estás a planear chegar aqui – disse Clare, a voz demasiado animada para o que eu estava à espera.

– Chegar aí? – disse devagar.

Tinha assumido que ela estava a ligar por causa de Martin. Que tinha lido um artigo a respeito de Donna Joy e somara dois mais dois. Percebera que ele não era só meu amante... era também meu cliente. Descobrira que eu tinha faltado à verdade.

– Se bem que, a este ritmo, vou ter de pedir-te que tragas um macacão e pincéis – continuou ela, descontraída. – Estivemos a trabalhar até à meia-noite e ainda não está acabado. Tive de voltar às

seis para pregar cabides no bengaleiro. Sou a partir de agora uma especialista no uso do *Black and Decker*.

Houve um clique quase audível dentro da minha cabeça.

– A inauguração – exclamei, aliviada.

Dom, o marido de Clare, tinha ficado com a concessão de um restaurante e naquela noite era a grande inauguração. De repente, voltou tudo numa vaga, os *e-mails* e as conversas improvisadas, a luta por encontrar *chefs* e empregadas de mesa e uma decoradora de interiores capaz de fazer o restaurante de Dom parecer um The Ivy para o barato. Aquela aventura ocupara Clare durante meses, tanto assim que nem tivera tempo para ler os jornais do fim-de-semana. Mas naquela noite – oh, merda, naquela noite – havia uma *cocktail party* para família e amigos e, como era vital, os críticos gastronómicos iam estar presentes, graças ao suborno e à lisonja.

– Ou talvez possas passar primeiro cá por casa para uma bebida – continuou Clare, com uma aresta a insinuar-se-lhe na voz. – Posso deixar o Dom a preparar as coisas no restaurante sozinho durante algum tempo enquanto nós as duas nos embonecamos.

– Em relação a esta noite... – disse eu, devagar.

– Desculpa, esqueci-me – disse ela, a provocar. – O Martin. Queres trazê-lo?

– Não – respondi demasiado depressa. – Não sei se poderei ir.

– Não tens a certeza de poderes vir?

Havia desapontamento na voz dela, claro. Mas era pior do que isso. Era como se já estivesse à espera. Género há pessoas com as quais não se pode contar.

– Surgiu uma coisa – disse eu, a saber como parecia patético.

– Mas tu sabes desta noite há semanas e o Dom mandou vir um presunto de Jerez especialmente...

Eu começava a ficar impaciente, a minha atenção a derivar de volta ao lugar onde a tinha deixado antes de adormecer. O *iPad*, pousado em cima do edredão, pedia que lhe pegassem, e eu sabia que só havia uma maneira fácil de tirar a minha amiga do telefone.

– *Okay*, eu vou – disse, sabendo no fundo de mim que era uma má ideia. – Só tenho de tratar de umas coisas e vou para o restaurante. Está bem assim?

O alívio na voz de Clare disse-me como era importante para ela, e senti-me ainda pior por ter tentado safar-me.

– Obrigada, Fran – disse ela, entusiasmada. – Às sete?

– Às sete – respondi, já a pensar na desculpa que ia dar para sair às oito.



– É aqui, querida?

Olhei para o taxista, um tudo-nada sobressaltada, e vi as janelas iluminadas da fachada do restaurante. Mesmo dali, conseguia ouvir o ritmo da música e o zumbido das conversas; havia pessoas no passeio, com copos de vinho na mão e cigarros proibidos.

– Sim, obrigada.

Apeei-me e endireitei o vestido o melhor que pude. Foi então que vi a tabuleta por cima da porta aberta: DOMINIC'S, anunciava em letras douradas. Admito que fiquei irritada; era típico de Dom ter

dado o seu nome ao restaurante, quando tinha sido o trabalho e o dinheiro de Clare que o tinham tornado possível.

Quando entrei, respirei fundo, os meus olhos a perscrutarem a sala, o mar de rostos, sorrisos e risos. O restaurante estava cheio de gente cuja única preocupação era até quando o bar aberto ia durar.

A minha irritação foi cortada por uma sensação de alívio, e depois de orgulho, quando vi o sorriso radioso de Clare do outro lado da sala.

– É um triunfo – disse, dirigindo-me a ela e abraçando-a com força. – Não posso crer que tenha vindo tanta gente.

– Eu sei. – Clare riu. – Tínhamo-nos convencido de que íamos ser só nós e os empregados. Queres crer que a Sophie Cole trouxe o tal sujeito do *Times*? Pensei que era só conversa, mas estão cá. O Dom fисgou-o praticamente desde que ele entrou e tem estado a alimentá-lo a champanhe desde então.

– A Sophie Cole está cá?

Não soube por que o facto me fez ficar nervosa. Sophie não tinha sido outra coisa senão simpática para comigo, mas era uma mulher perspicaz e astuta, uma coisa que me punha tensa.

Dominic ergueu os olhos da sua conversa com o crítico e fez-me um aceno distraído. Senti-me mal por ter sido tão pouco caridosa em relação àquilo do nome – que outro nome ele deveria dar ao seu restaurante? – e acenei em resposta.

– Conseguieste resolver o que precisavas? – perguntou Clare.

Olhei para a minha amiga a estudar-lhe o rosto em busca de pistas, a perguntar-me o que – se alguma coisa – estivera ela a discutir com Sophie. A pergunta fora só conversa inocente ou uma sondagem? Por vezes era difícil perceber. Era o lado negativo de ser amiga de uma psicoterapeuta, nunca se podia relaxar por completo. Sobretudo quando se tinha alguma coisa a esconder.

– Só um problema de trabalho – respondi, grata por ver aparecer um empregado com uma bandeja de copos de vinho.

– Um caso importante?

Apercebi-me, com um lampejo de ressentida confusão, que ela não sabia. Continuava a não saber do desaparecimento de Donna. Não sabia do tormento de Martin, o meu tormento.

Assenti e bebi o primeiro gole de vinho.

Tinha na ponta da língua a minha confissão – de que o meu amante Martin não só era casado mas também meu cliente –, e não queria que parasse por ali. Queria contar tudo a Clare: que tinha seguido Martin e Donna na noite em que ela desaparecera, que talvez tivesse visto qualquer coisa importante relacionada com o desaparecimento mas não conseguia lembrar-me. Clare não era só a minha melhor amiga, sabia que aquilo era o género de coisa em que podia ajudar-me. Afinal, tinha passado toda a sua vida de trabalho a lidar com as complexidades da mente humana. Mas como podia explicar uma coisa que eu não compreendia?

Clare continuou a falar antes que eu pudesse dizer uma palavra.

– Não és obrigada a trabalhar sete dias por semana, sabes? Até eu aderi à velha escola e dou a mim mesma os domingos de folga.

Sorriu e bebericou o champanhe.

Havia outra coisa que ela não sabia: eu não tinha chegado atrasada à festa por ter estado a trabalhar. Passara a tarde inteira no ginásio, a fazer exercício como uma possessa, alternando entre tentar esquecer o facto de Martin estar naquele momento na filmagem do apelo da polícia em relação ao desaparecimento de Donna e pensar em todos os pormenores do que estava a acontecer, como uma obsessão. Onde estaria, o que poderia dizer, e sempre a agarrar o telemóvel, a perguntar-me se iria vibrar na minha mão com notícias de Martin.

– A respeito do Martin... – comecei.

– Estou contente por esta noite sermos só nós – interrompeu-me Clare, com um sorriso. – Sabes, quando disseste que não vinhas, pensei que me tinhas trocado outra vez por sexo.

A voz dela foi baixa, brincalhona, mas não pude ignorar a censura velada. Ao fim e ao cabo, a última vez que tinha estado com Clare fora na inauguração da exposição na galeria, para que a tinha convidado e onde ficara uma hora antes de me escapulir.

A compreensão de que aqueles momentos descontraídos e descuidados tinham acontecido meia dúzia de dias antes foi como se o ar tivesse desaparecido dos meus pulmões.

– Não faria uma coisa...

– Há dias li um artigo de investigação. Ao que parece, sempre que uma pessoa se apaixona perde dois amigos próximos. Parece que não há horas suficientes no dia, alguma coisa tem de ficar para trás. Por isso acho que o melhor é aceitar as migalhas que possas dar-me.

Havia uma aresta de ressentimento na voz dela, e eu sabia que tinha de a acalmar.

– Temos estado as duas ocupadas. O trabalho tem sido de loucos e tu tiveste esta questão do restaurante do Dom para resolver...

A minha decisão de contar-lhe tudo a respeito do Martin desvaneceu-se. Era evidente que Clare o culpava pelo facto de mal nos termos visto nas últimas semanas, portanto o melhor era não falar nele.

Clare abanou a cabeça e bebeu um gole mais longo de champanhe.

– É verdade que não parámos um instante... a tinta ainda está húmida – disse, e apontou para o tecto com o copo. – Esta tarde ainda estávamos a dar os últimos retoques. É como aquela velha piada a respeito da rainha, de como ela acha que aonde quer que vá cheira a tinta fresca. Deve acontecer o mesmo com os críticos gastronómicos.

– Tens aqui um pingo de *Dulux* – disse eu, a pegar-lhe numa madeixa de cabelos.

A mão de Clare subiu para tocar na minha, a palma a cobrir-me os dedos.

– Obrigada – disse, os olhos a brilharem. – Não seria o mesmo se não tivesses vindo, sabes disso, não sabes?

O olhar dela era tão intenso que tive de desviar o meu, só para ver Sophie avançar para mim por entre a multidão.

Estava a pôr um xale sobre os ombros, como que a preparar-se para sair. Fiquei imóvel, apanhada entre a vontade de falar com ela e a vontade de me esconder.

– Olá, Fran – disse ela, e beijou-me na face.

Olhei em redor à procura de Clare, mas tinha desaparecido.

– O Dom está muito feliz por teres trazido o teu amigo – disse eu, a forçar um sorriso. – Foi muita gentileza tua resolveres essa parte.

– Disse à Clare que ia tentar e gosto de cumprir a minha palavra. Além disso, tinha a esperança de te encontrar cá.

– A mim?

Ela ficou silenciosa por um momento, o que foi o suficiente para me fazer sentir desconfortável.

– Assumo que já sabes da Donna – disse, baixando a voz. – Que se passa?

– Não sei responder a essa pergunta – respondi com franqueza. – Ninguém sabe.

Os olhos dela observavam-me e comecei a sentir-me como um ratinho sob a sombra do voo circular de um falcão.

– O que sabes a respeito dela?

– Da Donna? Muito pouco – respondi.

– A sério? És a advogada do Martin.

– Que quer isso dizer? – perguntei, a tentar não parecer defensiva.

– És uma excelente advogada, Fran. Aposto que descobriste tudo o que pudeste a respeito da Donna quando estavas a preparar o caso.

– Não faço a mais pequena ideia de por que desapareceu ela, se é isso que estás a perguntar.

– Nenhuma?

Imaginei-a a entrevistar candidatos a um lugar na Gassler Partnership, imaginei como devia fazê-los sentirem-se inseguros. Ninguém se atrevia a dizer-lhe uma mentira, ou a embelezar um currículo, porque Sophie Cole era o género de pessoa que apanhava sempre os mentirosos.

Encolhi os ombros e ela apertou um pouco mais o xale à volta do corpo.

– Chegaste a conhecê-la? – perguntou, sem desviar os olhos dos meus.

Não sabia se havia uma interrogação na pergunta, mas decidi que o melhor era contorná-la. O meu breve encontro com Donna Joy naquele dia no tribunal nem contava, de todos os modos.

– Ela é esperta. Se ninguém a vê há uma semana, tem de haver uma razão para isso.

– Achas que está a manipular o Martin?

– Ou está a arranjar problemas ou está metida num. Por muito que me tenha preocupado com a empresa desde que ela pediu o divórcio, espero que não seja a segunda hipótese.

Senti as faces a arder. Olhei para as luzes e reparei nuns pedaços de tecto que Clare e Dom não tinham pintado, e quando voltei a olhar para Sophie ela continuava a observar-me.

– Não estás bem – disse. – Queres um copo de água?

Abanei a cabeça.

– Bem – continuou. – Estava de saída.

Fiquei como que pregada ao chão. Não me atrevi a voltar a cabeça e vê-la sair do restaurante, apesar de uma parte de mim sentir que estava a vigiar-me.

Olhei para o relógio para ver as horas, a perguntar-me se o apelo televisivo sobre o desaparecimento de Donna seria a razão por que também Sophie queria sair cedo.

Já era um quarto para as oito. Não vi Clare em parte alguma, e ainda bem. Já tinha mostrado a cara e podia ir-me embora, apesar de não ter tempo para chegar a casa. Em vez disso, fui deambulando pela sala principal do restaurante até chegar às escadas. Ninguém me viu atravessar a multidão e subir. Tinha uma vaga ideia dos planos para o espaço no primeiro andar do edifício. Clare tinha-me

dito que quando, e se, o restaurante arrancasse, tencionavam transformá-lo numa sala de jantar privada, ou até num apartamento de luxo que poderiam alugar por uma boa maquia para ajudar a financiar o Dominic's.

Mas ao olhar em redor soube que nenhum desses planos estava perto de ser concretizado. Havia apenas três divisões, todas elas negligenciadas e quase sem mobília. Alguém – quase de certeza Dominic – estivera a usar uma delas como escritório e sala de estar. Havia uma secretária com um telefone e montes de papéis espalhados, e um televisor de ecrã plano em cima de um caixote em frente de um velho sofá, com uma consola encaixada ao lado. Não me tinha enganado. Aquele era o esconderijo de Dom, a sua caverna particular onde podia passar algumas horas a jogar *Call of Duty* quando devia estar a trabalhar nos assuntos do restaurante.

Senti uma ligeira pontada de farisaísmo. Sempre tivera razão a respeito de Dom. Nunca tinha gostado muito do marido de Clare; ao princípio julgara-o um calaceiro encantador, mas ao longo dos anos fui ficando frustrada ao ver a maneira como desempenhava o papel de diletante simpático, sendo o restaurante apenas um dos muitos glamorosos projectos que imaginava mas que nunca levava até ao fim.

Primeiro fora o romance que não chegara às prateleiras das livrarias; na realidade, nunca fora além de uma série de demorados almoços com agentes de segunda linha. Seguiu-se um espaço para artistas em começo de carreira, um projecto que parecera concebido com o exclusivo desígnio de permitir a Dominic passar as noites a «estabelecer contactos» em festas elegantes em Mayfair, tudo financiado por Clare, que trabalhava sem descanso para pagar os empreendimentos do marido.

Mas daquela vez o hedonismo dele foi motivo de contentamento. Tinha uma televisão ali em cima, e era isso mesmo que eu procurava.

Peguei no controlo remoto, liguei-a e procurei os canais de notícias, empoleirada no braço do sofá. Começaram por dar algumas notícias sem importância: um escândalo que envolvia um político, um investimento chinês numa fundição de aço.

– Vá lá – murmurei, a acompanhar a faixa de títulos ao fundo do ecrã.

E então aconteceu. O meu coração acelerou quando o apresentador disse «Donna Joy». Um grande plano da mulher de Martin encheu o ecrã – uma bela e sorridente fotografia de férias que fez os meus pensamentos derivarem para onde ela teria estado, e com quem. Teria sido o Martin a fazer aquela fotografia em tempos mais felizes? Na casa dos dois em Ibiza, talvez, ou numa das suas muitas glamorosas férias ao sol. Não queria pensar naquilo.

A voz do apresentador tornou-se mais sombria enquanto resumia o desaparecimento de Donna por cima da montagem de imagens: uma página do Facebook chamada «Encontrar Donna Joy», a fachada da casa de Chelsea e uma série de quadros dela no estúdio, todos irritantemente bons.

Um novo rosto apareceu no ecrã. Parecia Donna, mas numa cópia de qualidade inferior. Uma mulher com os mesmos cabelos compridos, mas num tom castanho-pêlo-de-rato, uma pele a que faltava a clara e bronzeada radiância da esposa de um banqueiro.

Uma legenda explicava a sua identidade: *Jemma Banks – Irmã*.

– A Donna é uma irmã maravilhosa, criativa e bondosa – disse Jemma com as vogais duras do estuário, a um mundo de distância dos tons adocicados de Donna.

A voz dela disse-me mais a respeito de Donna Joy do que todas as minhas pesquisas na internet. Disse-me das suas origens, de onde vinha, e confirmou as minhas suspeitas de que era uma aventureira social, uma trepadora de cotovelos afiados, uma Becky Sharp, como tantas outras esposas-troféu que tinha conhecido no passado.

Por contraste, Jemma era uma mulher vulgar de um subúrbio sem nada que o destacasse, a um mundo de distância dos prestigiosos códigos postais da vida da irmã. Mas as palavras que dizia eram reais e era impossível ficar indiferente à sua súplica.

– Amo-a e todos nós queremos que volte para casa.

Apesar de odiar Donna por ter seduzido Martin, pela maneira como tinha, com tanto descaso, tanto egoísmo, causado todos aqueles problemas, senti as lágrimas subirem-me aos olhos ao ouvir o apelo. Sophie Cole tivera razão. Se Donna desaparecera para ir esconder-se num *spa* ou num retiro de *yoga*, era uma autêntica cabra. Mas a alternativa, ter-lhe acontecido alguma coisa, era demasiado insuportável para considerar.

Mas se já estava a ter dificuldade em encher os pulmões de ar, quase parei de respirar quando um Martin Joy abatido e exausto apareceu no ecrã.

– ... portanto, se alguém viu a Donna, por favor entre em contacto com a polícia. Donna, temos saudades tuas. Se ouvires isto, diz-nos logo que puderes.

– Que estás tu a fazer? – disse eu em voz alta.

Tinha-lhe sugerido que falasse com um advogado, mas de certeza nenhum lhe recomendara que dissesse fosse o que fosse no apelo. Era *óbvio* que não devia ter dito nada. Era o marido de uma mulher desaparecida, e os parceiros eram sempre os primeiros da fila quando havia suspeitas de crime, sobretudo se estavam a meio de um divórcio complicado com montes de dinheiro à mistura.

E no entanto ali estava ele, com um ar cansado e a barba por fazer – não o viril restolho que eu tinha acariciado quando ele voltara dos Alpes suíços, mas um sombreado das cinco da tarde que o fazia parecer furtivo, suspeito. Culpado. E quanto ao *temos saudades tuas*, soara tão... fraco. Não que o quisesse a chorar e a esgatanhar o peito, mas precisava de ao menos parecer sincero e empenhado no seu desejo de ver Donna sã e salva.

Senti-me agoniada, e não foi por ter bebido com o estômago vazio. Sabia o potencial que havia ali para um julgamento pelas massas. Já o tinha visto acontecer: os McCann, Christopher Jefferies. Se o público se convencia de que alguém era culpado – ou pelo menos «suspeito» – podia destruir-lhe a vida. Se eu tivesse visto aquela transmissão sem saber nada a respeito de Martin, o que teria pensado dele?

– Diz-nos onde estás – disse ele para a câmara. – Diz-nos que estás sã e salva.

– Não digas mais nada – supliquei eu, a cerrar a mão num punho, a imaginar os escribas dos jornais a verem aquela prestação, sabendo que Martin e Donna estavam separados e a afiarem os aparos para insinuações de comportamento criminoso, senão mesmo uma acusação pura e simples. Queria saltar para dentro da televisão e protegê-lo. Fazê-lo parar. Fazê-los parar.

– Não digas nada... – murmurei alto.

Voltei-me ao sentir uma mão no ombro.

– Jesus, Fran, que estás a fazer?

Dominic estava de pé atrás de mim, os olhos muito abertos, uma funda ruga cavada entre as sobrancelhas.

– Precisava de ver as notícias – gaguejei.

– As notícias? – repetiu ele, a olhar para o controlo remoto como se eu lhe tivesse roubado qualquer coisa.

– Um dos nossos clientes está envolvido numa história.

– Que fez? – perguntou Dominic, a tentar espreitar para lá de mim para ver o ecrã. – Matou alguém?

Voltei-me e desliguei o televisor.

– Nada de tão interessante – respondi, cautelosa, e pousei o controlo onde o tinha encontrado. – Não queria bisbilhotar, andava à procura da Clare. Uma inauguração fantástica, a propósito. Os canapés estão espantosos e os *cocktails* de champanhe...

– Não te esqueças de dizer isso à Clare – disse ele com um débil sorriso. – Limpou as nossas poupanças, de modo que é melhor que resulte.

– Claro que vai resultar – afirmei, ainda embaraçada por ter sido apanhada ali em cima.

Dominic olhou para mim. Tinha os olhos aguados, a cara vermelha e percebi que estava bêbedo.

– Quem me dera que tivesses dito isso à Clare há seis meses.

– Dizer o quê? – perguntei, a tentar concentrar-me no que ele dizia.

– Achavas que um restaurante era só mais um dos meus esquemas para perder tempo.

Largou uma gargalhada divertida, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. *Obrigadinha, Clare*, pensei eu, espantada por ela ter, com era óbvio, falado ao marido das minhas dúvidas.

– Nunca disse isso – protestei, a tentar manter o tom jovial e ligeiro.

Ele arqueou uma interrogativa sobrancelha e eu soube que tinha de desviar a conversa do rumo que estava a tomar.

– Se alguma vez disse alguma coisa, foi só por estar preocupada por vocês estarem a assumir um grande risco. Quando a Clare disse que estavam a preparar-se para assinar o contrato de concessão, pensei naquela estatística segundo a qual dois em cada três restaurantes fecham no primeiro ano.

Era verdade. Senti que aquela era a primeira coisa honesta que dizia a Clare e a Dom em semanas. *Tinha-a* avisado que podiam perder dezenas, centenas, milhares de libras num projecto de luxo. Clare ganhava bem, mas não tinha esse género de dinheiro para perder. Quando lhe disse para ter cuidado, foi com a melhor das intenções.

– Vê se tentas não arranjar problemas no futuro – disse ele, e bebeu um descuidado gole de vinho. Lançou-me um olhar arrogante, beligerante.

– Não estava a causar problemas, Dom.

Ouvi o tremor na minha voz. O apelo já me tinha perturbado e a última coisa de que precisava era de uma confrontação com o marido de Clare.

– A sério?

– Os restaurantes são empreendimentos de alto risco, Dom. Não seria uma boa amiga se não o fizesse notar.

– Não querias que eu abrisse este negócio, Fran. Fizeste tudo o que pudeste para tirar a ideia da cabeça da Clare.

– Quando te disse ela isso?

Estava genuinamente confusa. Não fazia ideia de que ela tinha levado a sério o meu aviso.

– Ela ouve-te, Fran. Demasiado. Ouve-te mais a ti do que a mim. Mas, por favor, sai do nosso casamento, porque por vezes penso que somos três. As coisas nunca acabam bem quando há três pessoas num casamento.

Pensei em Martin, Donna e eu e assenti a concordar.

Capítulo 21

Era segunda-feira, cedo. O meu gabinete estava arrumado, meia caneca de café forte já tinha sido despachada quando Paul, o nosso presidente, bateu no umbral da porta e entrou com um *dossier* debaixo do braço. O habitual era atirá-lo para cima da minha secretária, como um cavaleiro a apresentar uma cabeça numa bandeja, mas naquele dia esperou, a segurá-lo contra o peito.

– Falaste com o Martin Joy este fim-de-semana? – perguntou, com as duas mãos apoiadas no tampo da secretária.

– Por uns minutos – respondi, a sentir um aracnídeo rubor de culpa subir-me pelo pescoço.

– E? – insistiu ele, insatisfeito com a minha resposta.

– Falou-me do apelo da polícia. Suponho que o divórcio é a última coisa a ocupar-lhe a cabeça neste momento.

Paul arqueou as sobrancelhas; uma expressão de desaprovação. Desaprovar Martin era, podia-se presumir, desaprovar-me a mim, uma vez que era a sua advogada. Duvidava muito que Paul sentisse qualquer espécie de preocupação pelo paradeiro ou pela segurança de Donna Joy; estava a pensar na firma. As suspeitas que pesassem sobre Martin punham-nos também a nós na ribalta, e histórias sujas nos tablóides eram de certeza más para o negócio, sobretudo quando o negócio era, como no nosso caso, divórcios rápidos e discretos. Da perspectiva de Paul, o caso Joy era como um icebergue para o seu *Titanic*.

– Quais são as últimas? – perguntou, de sobrancelhas arqueadas.

– A senhora Joy continua desaparecida – disse eu, consciente de que ele não fugia ao meu olhar.

– Sei disso, costumo ouvir a Radio 4.

Sorri, mas aquela não era altura para leviandades.

– E que achas? – perguntei. – Viste o apelo na televisão?

– Queres dizer se acho que o teu cliente está envolvido no desaparecimento da mulher?

– Sim – respondi, mais ousada.

Observei-o com cuidado. Paul hesitou e mudou de posição, franzindo as sobrancelhas. Na ordem normal das coisas, a sua lealdade para com os clientes quase ultrapassava a sua devoção pelos advogados, mas Martin Joy trouxera perturbação para a firma, de modo que Paul enfrentava um conflito interior. *A quem o dizes*, pensei enquanto o via debater-se.

– Com tanto tempo a trabalhar em Direito de Família, só me espanta nunca termos encontrado uma situação destas – disse por fim.

– Que situação?

– A esposa convenientemente desaparecida.

– *Convenientemente* desaparecida?

– Bem, é muito conveniente, não é? O que está em causa neste divórcio? Cem milhões, mais um menos um? A matemática não é o meu forte, mas diria que uma divisão *fifty-fifty* de cem milhões é um monte de dinheiro.

Certifiquei-me de que a minha cara não traía fosse o que fosse.

– A razão por que não encontramos mais vezes esta situação, Paul, é que, por muito duro que seja para o marido entregar metade do seu dinheiro, a ideia de passar vinte anos em Belmarsh é ainda menos apelativa. Caso contrário, estaríamos atascados em cadáveres até aos joelhos.

Paul assentiu a concordar.

– De todos os modos, a polícia está a levar a coisa a sério. Não fazem apelos na televisão para um fulano qualquer. – Olhou para o relógio e voltou ao modo eficiência. – Falei com a Vivienne e com o Charles ontem à noite – disse, referindo os nomes dos nossos dois associados mais importantes. – A Vivienne sugeriu que falássemos com o John Cook, do Beresford Group... uma empresa de Relações Públicas. Fazem trabalho de gestão de risco reputacional. Telefonei-lhe e ele disse que está livre para uma teleconferência dentro de vinte minutos. Sugiro que estejas presente.

Pôs-se de pé, ainda agarrado ao *dossier*, e quando reunia as minhas coisas para ir para a sala de conferências vi-o desaparecer na direcção do gabinete de Tom Briscoe, sem dúvida para lhe dar o trabalho que poucas semanas antes me teria sido dado a mim.



– Podem saltar para dois lados – disse a voz de John Cook através do altifalante do aparelho colocado no meio da mesa. Até ao momento, eu tinha mantido o silêncio mais absoluto, grata a Vivienne por a sua escolha de um perito em gestão de risco reputacional não ter recaído em Robert Kelly, cujos contactos tinha dado a Martin. – Podem manter-se afastados da investigação policial e travar a curiosidade dos *media* com um curto e delicado comunicado de imprensa a dizer que apenas representam o senhor Joy numa questão de Direito de Família... ou podem usar a inesperada proeminência do senhor Joy para promover a vossa firma. O desaparecimento da Donna Joy faz disto um caso de grande destaque, e se ela não aparecer é bem capaz de prolongar-se.

– Está a dizer que qualquer publicidade é boa publicidade? – perguntou Paul, e bebeu um gole de café.

Charles Napier, o nosso especialista de Direito, olhou para ele por cima dos óculos, com um ar de indisfarçada reprovação.

– Como é óbvio, é nossa intenção apoiar o cliente até ao limite do possível – disse Napier, a dirigir-se ao aparelho em cima da mesa. – Dito isto, também temos de minimizar qualquer potencial escândalo. É um imperativo absoluto.

– Há alguma coisa que eu deva saber, além das habituais questões de reputação?

Vivienne lançou um olhar a Charles, que estava a tirar os óculos como que para enfatizar um ponto da lei bastante delicado.

– Temos dois advogados contenciosos a candidatarem-se à seda este ano, senhor Cook. Um deles, Francine, que está aqui connosco, representa Martin Joy no seu processo de divórcio. Se bem que todos devamos esperar que o sistema de nomeações judiciais seja escrupulosamente imparcial, não

podemos permitir que qualquer eventual investigação criminal relativa a Martin Joy afecte as possibilidades de os nossos advogados serem nomeados conselheiros.

– O que significa que vamos afastar-nos o mais possível de Donna e Martin Joy – confirmou Cook.
– Matem à nascença quaisquer referência à Burgess Court nos *media* sociais. Emitam um comunicado de imprensa. Vou pôr a minha equipa a trabalhar nisso e volto a ligar-lhes hoje à tarde.



Quando Paul e Charles saíram da sala de conferências, deixei-me ficar para trás, na esperança de conseguir falar com Vivienne McKenzie a sós.

– O que se passa na verdade? – perguntei depois de ela fechar a porta.
Vivienne pousou o bloco-notas em cima da mesa e lançou-me um olhar inquisitivo.
– Na verdade o que se passa? – repetiu.
– O Beresford Group cobra quinhentas libras à hora. A firma está mesmo disposta a arriscar esse dinheiro para me ajudar, e ao Tom, a conseguir a seda?

Vivienne fez-me um sorriso maternal.
– Não te escapa nada, pois não?
– Chama-me céptica – disse eu, a perceber que o meu palpite estava certo.
Vivienne ficou calada durante alguns momentos.
– Talvez não saibas, mas fomos contactados pela Sussex Courts tendo em vista uma possível fusão.
– Uma fusão? Uma coisa dessas não devia ser discutida com os associados?
– Não há nada de concreto para discutir. Por enquanto – acrescentou ela, num tom cheio significado. – E se uma tal fusão viesse a acontecer, poderia ser extremamente benéfica para todos nós. A Sussex Court é uma associação maior, mais poderosa... e, na verdade, mais prestigiada do que nós. No entanto, todos estamos de acordo em que há vantagens na economia de escala. É um passo muito importante para a Burgess Court, e todos sabemos que, neste percurso, as associações mais pequenas vão ter de lutar pela sobrevivência.

O choque de saber que a Burgess Court podia estar a enfrentar dificuldades financeiras reduziu-me ao silêncio por um instante.

– O que tem isso a ver com o Martin Joy? – perguntei, cautelosa.
– Se aconteceu alguma coisa à Donna, e se o marido teve qualquer coisa a ver com isso, a história vai atrair montes de atenção que não desejamos. A Sussex Court é uma firma conservadora. O presidente deles é nada menos que reaccionário. Um cheirinho a escândalo pode ser o suficiente para os assustar.

– Estás a falar como se a polícia tivesse detido e acusado o Martin Joy – disse eu, a sentir as minhas palavras acelerarem. – Não temos nenhuma razão para pensar que é suspeito, nenhuma razão para pensar que alguma coisa horrível aconteceu à Donna Joy.

– O Charles chegou a ponderar a possibilidade de poderes, de *deveres*, deixar cair o Martin como cliente.

– Deixar cair?

Vivienne agitou uma das mãos.

– Estava só a ser precipitado. Mas... é óbvio que o processo de divórcio não pode continuar. Mesmo que a senhora Joy apareça de um momento para o outro, devemos encorajar o Martin Joy a afastar-se de qualquer coisa litigiosa. Pelo menos para já.

– Não posso dizer-lhe uma coisa dessas.

Vivienne fez-me o mais pálido dos sorrisos.

– Podes, sim – respondeu, os olhos a espreitarem através das finas ripas cinzentas das persianas que tapavam a grande janela panorâmica da sala de conferências. – Porque, a menos que esteja muito enganada, o Martin Joy acaba de entrar na recepção.

Capítulo 22

Estávamos de volta ao ponto de partida. A mesma sala, o mesmo nó de nervos na minha barriga. Mas daquela vez era um género diferente de ansiedade. O meu coração batia. Batia com força de raiva, frustração e desejo. Detestava que Martin me tivesse deixado pendurada tanto tempo, detestava que me tivesse feito parecer uma mentirosa.

Não me tinha escapado a expressão de surpresa de Paul ao ver-me ir ao encontro do meu controverso cliente na recepção. Uma expressão que dizia: *É curioso. Mal conheces o Martin Joy. Disseste que não tinhas falado com ele. Pensava que tinhas dito que a última coisa a ocupar-lhe o pensamento era o divórcio.*

Enervada pela chegada dele, hesitei junto das persianas, sem saber se devia abri-las ou fechá-las.

– Deixa-as como estão – ordenou Martin. – Não faças nada que não fizesses com qualquer outro cliente.

– Disseste que não nos veríamos por uns tempos – disse eu por fim.

A minha voz foi quase um murmúrio. A sala era mais ou menos à prova de som, de modo que sabia que ninguém nos ouviria, mas mal conseguia respirar, quanto mais falar.

– Vou a caminho da esquadra de polícia – disse Martin, sentando-se à mesa. – Precisamos de falar como deve ser antes de eu ir.

Via, pelo canto do olho, Paul ainda a observar-nos do outro lado da janela. Sentei-me em frente de Martin, abri o bloco-notas e tirei a caneta do bolso, grata por poder sentar-me.

– Como correu o apelo? Vi-o na televisão – disse no tom mais calmo que consegui. – Foste aconselhado a falar?

– Contratei o Matthew Clarkson, como sugeriste. Encontrámo-nos antes das filmagens e ele sugeriu que fosse sozinho, sem representação legal.

– A família da Donna estava lá?

Só tinha visto Jemma Banks e Martin falar durante o apelo, mas sabia que outros podiam ter sido cortados na apresentação final.

– A mãe dela estava a fazer um cruzeiro e não conseguiu voltar a tempo. Filmaram em casa da irmã. A Jemma e o marido ignoraram-me. Como podes imaginar, foi constrangedor.

Não tive dificuldade em imaginar como tinha sido difícil para ele e tive de admitir que fora uma jogada inteligente da parte da polícia. Imaginei-me como culpada, a filmar um apelo num anónimo quarto de hotel, com uma tela em branco atrás de mim, e como teria sido muito mais fácil mentir perante as câmaras num palco assim vazio. Fazer a mesma coisa em casa de um parente, um espaço pessoal, seria outra história, a menos que a pessoa fosse fria como gelo.

– A polícia disse por que razão queriam que falasses? – perguntei, a sentir-me culpada por pensar em Martin como um criminoso.

– Ofereci-me. Não tenho nada a esconder. Nada excepto nós – respondeu ao cabo de um instante, e os olhos verdes pareceram mais escuros.

Mexi-me na cadeira e quando ergui a cabeça Martin ainda estava a olhar para mim.

– Ninguém pode saber que estivemos juntos, Fran – disse.

O tom foi normal, mas as palavras arderam como um corte de papel. Soube naquele momento por que razão estava ali. Quando Vivienne McKenzie dissera que ele acabava de entrar na recepção perguntara-me, por um delicioso momento, se estaria desesperado por me ver, desesperado pela minha presença, pelas minhas palavras sábias e tranquilizadoras. Agora sabia que tinha ido para limpar o terreno, preparar a sua história e estava a fazê-lo à vista de toda a gente.

– Isto também não é bom para mim, Martin – respondi, e sentei-me mais direita na cadeira.

Ele assentiu.

– Eu sei. É por isso que tens de apagar do teu telemóvel todas as minhas mensagens. Todos os *e-mails* que possam parecer inapropriados.

– Estamos protegidos, Martin. É o privilégio legal. Nenhuma comunicação entre advogado e cliente tem de ser revelada e é inadmissível em...

– Não quero correr riscos – respondeu ele, interrompendo-me.

Olhei para lá dele e vi que Paul continuava ali de pé. Senti-me corar sob o seu escrutínio e a mão que segurava a caneta tremeu.

– A Donna desapareceu e o cônjuge é sempre um suspeito. Se a polícia e a imprensa não estão já a preparar-se para me crucificar, terão fatura de munições quando descobrirem que andei envolvido com a minha advogada de divórcio.

– Martin, não sei o que já disseste à polícia, mas não podes mentir-lhes – disse eu, a sentir um ligeiro latejar por baixo do olho direito. – Há-de haver uma centena de coisas em que não pensaste e se eles começam a investigar onde estiveste na última semana, o mais certo é eu acabar por aparecer.

– Queres dizer que não te importas que saibam da nossa relação? – perguntou ele, a desafiar-me.

Pensei na minha candidatura à seda, na fusão da Burgess Court, nos meus amigos no escritório que tinha traído.

– Só se for absolutamente necessário – murmurei.

– És a minha advogada – disse ele, com tranquilizadora autoridade. – Eu estou a meio de um dispendioso processo de divórcio, portanto é muito natural que nos encontremos de vez em quando. Fomos juntos até à costa, mas só porque eu queria mostrar-te os meus bens.

– Podes dizê-lo – não consegui impedir-me de dizer, a recordar o tempo passado no barracão das ostras, o sabor do pénis dele na minha boca, o arranhar dos pêlos ásperos na minha pele.

Esta sugestão da nossa intimidade não o fez sorrir.

– Foste avaliar a casa – continuou, como se eu não tivesse falado. – Fomos a Essex num sábado porque tu trabalhas toda a semana. Parámos para uma bebida num *pub* porque a maré tinha cortado a estrada.

– É assim que recordas o que aconteceu?

Senti o pé dele tocar o meu debaixo da mesa e vi que não desviava os olhos de mim. Foi um pequeno gesto, mas foi um gesto de cumplicidade, um sinal a dizer-me que estávamos ligados, que estávamos naquilo juntos. O meu alívio foi palpável.

– Daria tudo o que tenho para que a Donna estivesse bem. Mas se não estiver, se lhe aconteceu alguma coisa, quero que saibas que não tive nada a ver com isso.

– Eu sei – disse eu, sem precisar de pensar.

Capítulo 23

Martin não ficou muito tempo. Voltei ao meu gabinete sob o beiral de Burgess Court, mas estava a ter tanta dificuldade em concentrar-me que saí para um almoço antecipado. Estava um dia cinzento e frio que de modo algum prometia vir a tornar-se um fresco dia de Primavera, mas eu queria comer ao ar livre. Vesti o casaco, comprei uma sanduíche no Pret a Manger em Fleet Street e sentei-me num dos bancos junto à fonte em frente de Middle Temple Hall.

O meu telemóvel chilreou e eu verifiquei a mensagem. Fiz uma careta quando vi que era da Clare.

Podemos falar? Acabo de saber da Donna Joy.

Não, não queria falar, pensei, e percebi que ela tinha por fim unido os pontinhos. Apetecia-me tudo menos um sermão e desconfiava que era para aí que a conversa se encaminharia se lhe ligasse.

Enfiei o telefone no fundo do bolso e fechei os olhos, a ouvir o chapinhar da água, saboreei por uns fugazes instantes a sensação da fria poalha que me salpicava a cara. Ouvia ao longe o som de um recital de piano e, por um segundo, à sombra das antigas amoreiras, senti uma impressão de calma e conforto como não experimentava há dias.

Passos nas frias lajes do pátio. Um conjunto mais pesado do que os outros, e quando os ouvi parar à minha frente abri os olhos.

– Estás bem? – perguntou Tom Briscoe especado à minha frente. Vestia um grosso sobretudo preto e tinha numa das mãos as pegadas da mala de piloto e na outra um saco de papel castanho da nossa loja de sanduíches habitual.

– Só cansada – respondi, embaraçada por ter sido apanhada assim.

– Estás com um aspecto de merda – disse ele, e sentou-se a meu lado no banco.

– Saúde – respondi, com a coisa mais parecida com uma gargalhada que conseguira em toda a semana.

Tom pegou numa lata de *Coca-Cola* e ofereceu-ma.

– Queres isto? Parece-me que estás a precisar mais do que eu.

Assenti, apercebendo-me de que não tinha comprado nada para beber e que uma injeção de cafeína podia ser o antídoto para um total de cinco horas dormidas no fim-de-semana. Agradei-lhe e aceitei a lata, fria e convidativa na minha mão, puxei a argola para a abrir e deixei o líquido gasoso descer-me pela garganta.

– Devo-te uma – disse, com um longo suspiro de satisfação.

– Não tens de quê – respondeu ele, a remexer dentro do saco de papel castanho, de onde tirou uma baguete.

Estava contente por ter companhia, e enquanto o via dar uma dentada no almoço, perguntei-me por que seria que não fazíamos aquilo mais vezes.

– Foi o Martin Joy que vi a sair do escritório? – perguntou, a apontar com um gesto distraído para Burgess Court.

Fiz um seco aceno de cabeça, a sentir-me magoada. Tinha a obrigação de saber que Tom Briscoe não ia querer a minha companhia só pelo prazer. Estava ali para coscuvilhar. Mexi-me no banco e pus-me em guarda. Tom era ambicioso. Ele dissera-o: aquilo era uma competição, *o primeiro a chegar à seda*. E eu não fazia ideia de até onde estava disposto a ir para ganhar.

– Ia a caminho da polícia – respondi.

– Ouvi dizer que contratou o Matthew Clarkson. Vai safar-se – disse ele, com uma confiança descontraída.

Não obstante os motivos de Tom para a nossa improvisada pausa para almoço, não obstante a sua evidente curiosidade a respeito de Martin Joy, senti-me tranquilizada pelas suas palavras. Não precisava de prometer que ia correr tudo bem.

– Vais hoje a tribunal?

Abanei a cabeça.

– Então devias ir para casa.

– Não posso ir para casa – respondi, a pensar na pilha de *dossiers* de processos em cima da minha secretária.

Tom encolheu os ombros.

– Não há muitas vantagens em ser trabalhador independente. Podes ao menos aproveitar uma delas.

A céptica em mim pensou em todo o trabalho adicional que estava a ser encaminhado para Tom: o *dossier* que Paul tinha na mão naquela manhã, e sem dúvida inúmeros outros requerimentos, embargos e contactos que o nosso presidente achava que eu não estava à altura de tratar. Não admirava que estivesse a encorajar-me a fazer gazeta.

– Vai – insistiu Tom.

Pensei na minha agenda vazia – era a primeira vez em semanas que não tinha nada marcado no tribunal –, atirei a cautela às urtigas e decidi oferecer-me uma tarde na cama.



Juro que tinha a intenção de ir para casa. Desci a Kingsway até à minha habitual paragem de autocarro para apanhar o número 19, mas quando vi um que fazia o caminho em sentido contrário dei por mim a atravessar a rua para o apanhar.

Os nervos vibravam por todo o meu corpo com a sensação de que estava a embarcar numa aventura. Sentada no tecido do banco arranhado, queria ser invisível, mas no veículo meio vazio sentia-me exposta, como se o mundo inteiro estivesse a observar-me.

O autocarro seguiu para sul, quase até ao seu destino final, deixando para trás o suave esplendor do Ritz, a grandiosidade patricia de Knightsbridge, desceu a Sloane Street em direcção a Chelsea. Calculei que paragem ficaria mais perto da casa de Donna e com um dedo hesitante premi o botão da campainha quando nos aproximávamos do início de King's Road.

Era mais uma tarde escura e triste, com nuvens cinzentas e um chuveiro a recordarem-me a noite que ali tinha estado pela última vez. Apertei o casaco à volta da cintura com tanta força que mais

parecia um espartilho e virei na rua de Donna. Notei no mesmo instante a actividade que reinava na casa. Encaminhei-me com passos incertos para o *pub* onde tinha estado de vigia uma semana antes.

Sentia-me demasiado exposta a ver o que se passava da rua, de modo que entrei. O ar quente a cheirar a lúpulo foi como uma manta a proteger-me da humidade fria da tarde. Estava quase vazio, embora isso não fosse surpresa. Era uma tarde de segunda-feira. Não me parecia que houvesse muitos alcoólicos na área de Chelsea, e apesar de servirem almoços, essa clientela já tinha saído e só alguns copos vazios e um hambúrguer meio comido num prato davam testemunho da actividade anterior.

Precisava de uma bebida. Uma morena bonita que limpava com uma esponja o balcão salpicado de cerveja interrompeu o que estava a fazer e perguntou-me o que queria quando me aproximei.

Foi uma pergunta amistosa, o género de pergunta que devia fazer dúzias de vezes por dia, mas a mim soou-me como uma acusação. *Que quer? Que está aqui a fazer?* Nem eu sabia a resposta.

Pedi um vodca tónico, e a mão tremeu-me quando lhe estendi uma nota de dez libras. Havia uma fila de mesas junto à montra e atravessei a sala para me sentar à que tinha uma vista mais desimpedida da casa de Donna. Era a mesma mesa, o mesmo posto de observação da semana anterior, e quando me sentei lembrei-me com nitidez de ter feito a mesma coisa naquela segunda-feira.

Lembrei-me das costas do casaco cor-de-rosa de Donna a entrar em casa, a mancha escura do braço de Martin na cintura dela.

Evoquei a imagem de uma sombra à janela, a esbelta silhueta de Donna a fechar as persianas, as faixas de luz dourada a iluminarem os estreitos espaços entre as ripas.

A casa parecera tão imponente e silenciosa, mas naquele momento, diante dos meus olhos, parecia azafamada e violada. Via os agentes da polícia científica com os seus macacões brancos, e os detectives com fatos baratos, e um bando de fotógrafos e jornalistas. Via as carrinhas da televisão, os veículos dos cães e os basbaques, todos mantidos à distância por um agente que devia ter acabado de sair de Hendon. Não via a fita azul e branca com que costumam isolar o local do crime, mas era como se estivesse a ver uma série policial na televisão com o som desligado. Tinha visto uma quantidade suficiente dessas séries para especular sobre o que se estava a passar lá dentro, os agentes da polícia científica de gatas, à procura de sangue, fibras e saliva nos soalhos e alcatifas. Haveria pinças e sacos de provas, áreas passadas a pente fino em busca de impressões digitais e células de pele quando eles comessem a juntar as peças do que tinha acontecido a Donna Joy. E a cena que tinha à minha frente dizia-me que não acreditavam que ela tivesse desaparecido. Achavam que estava morta.

Tirei o telemóvel da mala e olhei para ele. Carreguei no ícone das mensagens, revi as de Martin. Mensagens a combinar jantares e encontros. Mensagens da manhã seguinte, íntimas. Mensagens que diziam coisas que por vezes não podíamos dizer um ao outro em pessoa.

Quero saborear a tua cona.

Martin tinha-me dito que me livrasse de todas elas. Mas eu não podia. Não queria apagar a nossa história. Não queria fingir que não tínhamos existido.

Fechei os olhos num esforço para me recompor, para pensar com método, com lógica, como fazia quando estudava os meus casos. Se tinha chegado ao meu apartamento por volta das duas da manhã, o mais provável era ter ficado no *pub* até à hora de fechar. Imaginei uma cronologia para o que tinha acontecido no interior da casa naquela noite. Teriam Martin e Donna feito sexo logo a seguir? Teriam fechado a porta e começado a foder contra a parede, felizes, inebriados e alheios a tudo, mas sobretudo ao facto de eu estar a espiá-los? Mais fragmentos daquela noite começaram a voltar. Decorreu um intervalo entre a entrada deles em casa e Donna ter fechado as persianas. Isto sugeria que não houvera cenas de sexo no vestíbulo... ao contrário do que acontecera da primeira vez que eu tinha ido ao sótão de Martin, pensei, com uma fugaz sensação de vitória.

Não, tinha sido uma sedução mais lenta, mais subtil. Imaginei Donna a abrir uma garrafa de vinho, a sentar-se no sofá e a tirar os sapatos enquanto riam e falavam dos velhos tempos e das pessoas que tinham em comum.

Talvez ela se tivesse levantado para voltar a encher os copos e ele a tivesse seguido. Imaginei-os na cozinha, um espaço tirado de uma revista de decoração, com uma prateleira para o clarete e um armário para os copos de pé alto, de vidro facetado. Imaginei-a a escolher o vinho, os seus longos dedos de artista a acariciarem sugestivamente as garrafas, altura em que Martin teria dado livre curso ao impulso que ambos tinham estado a sentir ao longo da noite. Talvez a tivesse beijado na base do pescoço e puxado o vestido dela para cima.

Por esta altura, o vinho teria sido esquecido. Vamos para a cama, teria ela sussurrado, e ele ter-lhe-ia pegado ao colo, leve como uma pena, e tê-la-ia levado para o quarto principal, o quarto deles, um lugar onde já tinham feito amor centenas de vezes. Antes e naquele momento.

Martin dissera-me que tinha saído de casa dela à uma da manhã, mas eu não me lembrava de nada disso. Por essa altura já devia estar a caminho de regresso a Islington. Não me lembrava de fosse o que fosse para lá das persianas a fecharem-se e as luzes suaves a provocarem-me.

Olhei para a empregada, a tentar decidir se seria boa ideia perguntar-lhe se estivera de serviço naquela noite. Teria o pessoal tido de livrar-se de uma bêbeda apaixonada e chamado um táxi para a levar? Ter-me-ia eu zangado, gritado impropérios ou teria ficado ali sentada em silêncio, a ferver em lume brando junto à janela?

Queria saber se alguém no *pub* se lembrava de mim, mas de repente tive demasiado medo de o descobrir.

A minha respiração estava outra vez a acelerar e sentia-me impotente para a controlar. A ansiedade começava a sufocar-me, as emoções faziam *rafting* pelo meu corpo, uma corrida excitante de que não conseguia sair.

— Quer mais uma?

A empregada estava a meu lado, a levantar da mesa o copo vazio.

Por um momento fui incapaz de falar, e ela pousou uma mão gentil no meu ombro.

— Sente-se bem, querida? — perguntou, e a sua voz pareceu trazer-me de volta à realidade.

— Sim. Só um pouco zozza — assenti.

— Vou trazer-lhe um copo de água — disse ela. — A cozinha já não está a servir, mas temos batatas fritas atrás do balcão, se achar que ajuda. Talvez sejam os seus níveis de açúcar.

Vi-a encher um jarro de água da torneira atrás do balcão e trazê-lo para a mesa.

– Está a ver o espectáculo lá fora? – perguntou, e estendeu-me um copo limpo.

– Que se passa? – indaguei, com o ar mais inocente de que fui capaz.

– É a senhora que desapareceu. Tivemos os jornalistas a entrar e sair todo o dia.

– A mulher do banqueiro? Li nos jornais. Mora nesta rua?

A rapariga assentiu.

– Costumava vê-la por aí. Bonita, como uma modelo. Espero que esteja bem.

Fiquei agradecida pela água, mas não pela observação a respeito da beleza de Donna, que me fez sentir pequena e vulgar.

Bebi a água, e quando acabei o copo soube que já tinha visto o suficiente, que não ia ver com mais nitidez os acontecimentos de segunda-feira à noite e que devia ir para casa.

Mas quando vi um cão farejador de cadáveres sair de casa de Donna, soube também que não podia ficar ali sentada sem fazer nada. Nunca fui do género introspectivo, sempre detestei o papel de vítima. A força de vontade e a coragem tinham-me levado da casa em Accrington para o mundo da classe média-alta de Charles Napier e Vivienne Mackenzie, e não ia ficar ali sentada e deixar as pessoas do outro lado da rua – a polícia, a equipa forense, os jornalistas – crucificarem Martin. Tinha de estar ao lado dele, tinha de ajudá-lo. Porque um olhar à casa de Donna era o suficiente para me dizer que toda aquela gente que a procurava apontava o dedo e culpava Martin. Tinha de ajudá-lo e tinha de começar naquele momento.

Peguei no telemóvel, na esperança de ver uma mensagem dele. Qualquer coisa que me tranquilizasse, que me dissesse que só lhe tinham feito meia dúzia de perguntas de rotina antes de o deixarem ir para casa.

Mas não havia nada, nem chamadas não atendidas nem mensagens não lidas. Por isso, em vez de voltar a guardar o telefone, enviei uma mensagem a Phil Robertson, a pedir-lhe que fosse ter comigo o mais depressa possível.



Phil vivia em Battersea, de modo que vinte minutos mais tarde vi-o parar a bicicleta em frente do *pub*.

– Foi rápido – disse eu, e acenei-lhe com a mão.

– Ninguém liga para o meu cu de Judas em Little Chelsea sem uma boa razão. – Sorriu e puxou uma cadeira. Ambos sabíamos que o apartamento de Phil ficava a um mundo de distância daquela pequena bolsa que era SW3. Nunca tinha ido a casa dele, mas não me custava imaginá-la. Um T2 alugado em que nem era, como tantas vezes se queixara, o inquilino e sim o hóspede, consequência de um divórcio complicado que deixara a esposa infiel na casa da família e com a filha de seis anos, enquanto ele era obrigado a pagar 700 libras por mês a um *chef* chamado Sean para subalugar duas divisões atrás da estação de Queenstown Road.

– Pensei que íamos encontrar-nos para um café, mas estou a ver que se trata de um trabalho de vigilância – disse, a arquear uma sobrancelha.

– Lembrei-me de vir até cá ver o que se passava – respondi, a sentir-me de repente aliviada por ter um cúmplice.

Phil pediu uma cerveja, eu pedi uma limonada e disse-lhe que tinha estado com Martin naquela manhã e que ele estava na polícia para um novo interrogatório.

Phil limitou-se a ficar ali sentado, a ouvir e a beber pequenos goles da sua *Stella*.

– Temos de o ajudar, Phil – disse eu, a sentir-me fortalecida pela sua presença, na esperança de que Phil, *o divorciado*, e não apenas Phil, *o investigador*, alinhasse com a minha ideia. Mas ele recostou-se na cadeira, nada comovido pelo meu apelo.

– Eu sei que és uma advogada brilhante, Fran, mas tu és a advogada de divórcio do Martin, e isto agora é trabalho para uma equipa criminal.

As palavras dele foram como uma afronta pessoal. Não queria crer que pudesse ser tão comezinho.

– Mas nós levamos-lhe um bom avanço – disse, e ouvi o pânico na minha voz. – Não conheço o procurador dele, o Matthew Clarkson, mas tanto quanto sabemos podem não estar a pensar em termos de fazerem a sua investigação. E mesmo que estejam, nós começámos há uma semana.

Tinha um bloco-notas na mala – a mala de Martin – e pu-lo em cima da mesa. Puxei a tampa da minha caneta de tinta permanente, que se abriu com um satisfatório *pop*.

Gostava de escrever tudo. Ajudava-me a perceber os problemas e a organizar as ideias.

– Quando nos encontrámos, aqui há dias, disseste que achavas que a Donna Joy andava com alguém. Que houve pequenas férias e diversas noites em que não estive em casa. Disseste que achavas que era com o marido, mas e se fosse outra pessoa?

– Alguém que não o Martin Joy?

– É possível – disse eu, a fazer um esforço para me manter emocionalmente distanciada. – Ela estava separada. A seu ver, era jovem, livre e solteira. Era uma mulher atraente... – Detive-me à beira de dizer bonita. – Tinha de ter admiradores. Montes deles.

– Faz sentido – disse Phil, e assentiu.

– Devias investigar por esse lado.

Ele olhou para mim por cima da beira do copo e franziu a testa.

– O cliente autorizou-o? O Dave Gilbert não quis que eu investigasse as miniférias...

– Isso foi no caso do divórcio. Tratava-se apenas de recolher informação para as negociações do acordo final. Isto é diferente – disse eu, deixando as minhas palavras a pairarem no ar entre nós.

– O Martin quer então que investiguemos isto – respondeu ele, devagar.

– Falarei com ele mais tarde, mas quer que o ajudemos de todas as maneiras que pudermos.

Phil olhou para mim como se estivesse a preparar-se para abanar a cabeça, mas no fim limitou-se a encolher os ombros.

– Certifica-te de que o procurador criminal dele sabe o que andamos a fazer, está bem? Não quero andar a pisar os calos a ninguém.

– Claro – disse, e pus-me de pé para ir aos lavabos.

Na fresca penumbra da casa de banho, já me sentia melhor. Fora uma boa ideia ter ido ali, decidi. Fora uma boa ideia falar com Phil. Embora não conseguisse recordar mais pormenores do que tinha visto quando Donna e Martin se encontraram para jantar, sentia-me como se me tivesse afastado um

passo da beira do precipício. Sentia-me mais confiante e enfim capaz de ver o caminho no meio da escuridão.

Pousei as mãos de ambos os lados do frio lavatório de esmalte, e depois abri a torneira para molhar a cara. Quando olhei para o espelho, vi finos riscos de máscara a escorrerem-me dos cantos dos olhos, escuros e sentidos como as lágrimas de crocodilo. Limpei-os com a dobra de um lenço de papel, retoquei o *bâton* encarnado dos lábios e senti-me pronta para voltar a sair. Estava de novo no controlo, o meu corpo a estuar de emoção e excitação, as ideias sobre o que tínhamos de fazer a surgirem-me abundantes e rápidas.

O meu estômago fez um ruído de protesto e apercebi-me de que estava com fome. Não queria ficar mais tempo no *pub*, e perguntei-me se Phil queria ir jantar comigo a um sítio qualquer em King's Road.

Subi dos lavabos na cave e, ao aproximar-me da nossa mesa, reparei que Phil estava a ler um jornal, um exemplar do *Evening Standard* daquele dia.

– Já viste isto? – perguntou, erguendo os olhos.

A sua expressão era séria e fiquei no mesmo instante em guarda.

Sentei-me à mesa e ele rodou o jornal de modo que pudesse vê-lo.

– A polícia publicou um retrato-robô de alguém com quem gostariam de falar – disse, a apontar para o jornal.

Demorei um segundo a registar o significado da imagem, mas quando o fiz senti uma vaga de pânico tão forte que quase me derrubou da cadeira.

– Suponho que é bom para o Martin – disse Phil, enquanto acabava a cerveja. – Pelo menos significa que mantêm abertura de espírito suficiente para considerarem que o marido pode não ter sido o perpetrador... tu sabes, no caso de ter acontecido alguma coisa à Donna Joy.

Eu só o ouvia com meio ouvido, os meus olhos a lerem a toda a velocidade o artigo do jornal, a notícia que dizia que a polícia gostaria de falar com urgência com uma mulher de trinta e poucos anos que tinha procurado Donna Joy no dia em que ela desaparecera. Uma mulher com cabelos castanhos que vestia um casaco preto e um lenço verde e tinha sido vista no estúdio de Donna por volta das sete da tarde. Olhei para o retrato-robô – os olhos estreitos, desconfiados, o nariz arredondado como o de um palhaço – e fiquei quase ofendida pela maneira grotesca e muito pouco lisonjeira como tinha sido retratada.

Capítulo 24

– És *tu*? – exclamou Phil, quando eu inspirei fundo e lhe disse no tom mais descontraído de que fui capaz que a pessoa do retrato-robô era eu.

Tinha de dizer-lhe, claro. Sabia que tinha de o ter a bordo e informado se queria que me ajudasse.

– O caso era contencioso e estava a tornar-se cada vez mais feio – disse, a desejar ter outro vodka tónico à minha frente. – A Donna continuava a queixar-se de que o Martin não revelava todos os seus bens e sugeria que queria uma auditoria forense mais aprofundada aos negócios dele. Recreei que as coisas não fossem resolvidas na audiência de litígio, de modo que quis conversar com ela, *off the record*. Ver se conseguia meter-lhe um pouco de juízo na cabeça.

Estava a inventar à medida que falava e tinha consciência de que, pela sua experiência pessoal no processo de divórcio, Phil sabia que fora muito pouco profissional da minha parte tentar falar com Donna daquela maneira.

Ele estava a olhar para o jornal, mas quando voltou a erguer os olhos para mim havia neles uma expressão de preocupação.

– Jesus, Fran! Tens de contar isso à polícia – disse, e fechou o *Standard*.

Fiquei calada por um instante, apesar de me sentir tentada a contar-lhe tudo. Sobre o meu caso com Martin, sobre a noite em que, sentada àquela mesa, vigiara a casa para aparecer horas mais tarde no meu apartamento, bêbeda, ensanguentada e amargurada pela visão e pela ideia do meu amante com a mulher.

Mas também sabia que Martin precisava de mim cá fora, a lutar por ele, e não enredada numa investigação policial ou a ser eu implicada. Por isso decidi guardar estes factos para mim, pelo menos de momento.

– Eu sei, concordo – limitei-me a dizer, a sentir o coração martelar-me o peito.

O pânico estava a voltar. Pensei que Phil podia ao menos tentar fazer graça a respeito daquilo. Dizer que o retrato-robô parecia um Morph fêmea. Que talvez devesse processar os artistas da polícia, mas ele estava sério e preocupado.

– Queres que vá contigo? – perguntou quando peguei na mala a preparar-me para sair.

– Não sejas pateta. – Sorri, sabendo que a única estratégia de defesa que estava capaz de usar naquele momento era alguma frivolidade. – Passo pela esquadra a caminho de casa. Não quero que a polícia pense que tenho uma boa pista a respeito de qualquer coisa quando na realidade se trata apenas de uma esforçada advogada a querer dar ao cliente uma ajudinha extra.



Tive de ligar a Tom Briscoe para conseguir o número do telemóvel de Mathew Clarkson. A minha chamada foi directa para o *voice-mail*, mas quando contactei a secretária dele através da central da

firma demorei menos de um minuto a descobrir que os agentes que estavam a tratar do desaparecimento de Donna Joy tinham a sua base em Pimlico.

A mudança de localização da equipa encarregada do caso não me passou despercebida. Passei vários minutos a googlar o nome e o número do agente que me tinham dito para contactar e percebi que o caso de Donna passara das mãos do CID de Kensington e Chelsea para a MIT, uma das equipas de investigação de assassinios espalhadas por Londres. Conhecia o suficiente a respeito da unidade para saber que eram especializados em assassinios, homicídios e casos de pessoas desaparecidas de alto risco. Não fazia ideia de por que razão estavam a levar o desaparecimento de Donna tão a sério, mas estava determinada a descobrir.

O inspector Doyle, o agente investigador que me tinham aconselhado a contactar, estava sediado na esquadra de Belgravia, em Buckingham Palace Road, e não pude impedir-me de pensar em como Donna teria apreciado o facto. Nada de esquadras em Ealing ou Barking para ela. Até o seu desaparecimento estava a ser investigado no muito régio código postal SW1.

O edifício em si não tinha nada de notável, arquitectura brutal de tijolo castanho dos anos de 1970. Expirei devagar, limpei as palmas das mãos húmidas ao casaco e anunciei-me na recepção. As cadeiras estavam todas ocupadas e tentei distrair-me a imaginar o que estaria toda aquela gente ali a fazer. O cavalheiro de ar furibundo vinha talvez queixar-se de que lhe tinham roubado o *Porsche*; a reformada de sobrolho carregado vinha denunciar os vizinhos por fazerem barulho, e não fazia ideia de que razão teria para ali estar a mulher com uma tatuagem na cara que embalava um carrinho de bebé ao mesmo tempo que gritava para o telemóvel, mas não fiquei na recepção o tempo suficiente para inventar-lhe uma história.

Talvez já tivessem telefonado do escritório de Clarkson a avisar, mas um par de minutos mais tarde uma agente uniformizada convidou-me a segui-la por um dédalo de corredores. Falou muito pouco, não deu pistas a respeito do que ia acontecer e eu estava demasiado ocupada a pensar no que ia dizer quando chegasse ao meu destino para meter conversa.

A agente abriu a porta de uma sala de reuniões, perguntou-me se queria uma chávena de chá e desapareceu, regressando minutos mais tarde com uma chávena de plástico cheia de uma infusão de ar anémico. Vi-a sair e bebi um agradecido gole, a sentir-me cheia de calor e nervosa enquanto esperava. Proibi-me de verificar o telemóvel – tinha a sensação de estar a ser observada naquele estéril espaço fechado e queria permanecer precisa e inatacável.

Passaram mais cinco minutos antes que a porta voltasse a abrir-se e agradei a lufada de ar frio e mais fresco que entrou na sala.

Um homem de cabelos escuros, mais novo do que eu esperava, trinta e poucos anos, a corpulência a esticar o tecido do casaco, estendeu-me a mão.

– Rob Collins – disse, enquanto pousava a caneca de café em cima da mesa. – Sou um dos sargentos-detectives que trabalham com o inspector King. Obrigado por ter vindo.

Não sabia muito bem se estava aliviada ou desapontada por não ser ouvida pelo agente principal, mas uma vizinha disse-me que o que tinha de fazer era dar as minhas explicações e sair dali o mais depressa possível.

– É colega do Matthew Clarkson – disse ele, mais a afirmação de um facto do que uma pergunta.

– Não – respondi, abanando a cabeça. – Mas sou a representante de Martin Joy. Um deles, pelo menos.

– De quantos precisa ele? – disse Collins, e fez-me um ligeiríssimo sorriso, um gesto de solidariedade que me deu confiança apesar de detectar um insulto dirigido ao banqueiro rico que tinham estado a interrogar.

– Muito bem. Que tem isto a ver com? – perguntou ele por fim, e eu soube que era o meu momento na ribalta. Tinha-o sentido já mil vezes, o adejar do medo do palco, os nervos, a ansiedade antes de entrar no tribunal. Sempre que entrava no tribunal, para ser franca. Não era uma artista nata; mesmo com o conhecimento da lei e a convicção do meu lado, continuava a senti-los, o temor, as dúvidas, o frémito do medo nu e cru.

Tinha a mão no joelho, e apesar de estar a usar calças sentia a humidade da palma através do tecido.

– Foi publicado esta tarde no *Standard* um retrato-robô – disse, no tom mais frio que me foi possível. – A polícia queria falar com a mulher que foi vista no estúdio de Donna Joy a semana passada.

– É verdade – disse Rob Collins, a parecer mais animado.

– Sou eu – respondi, a tentar conseguir a nota certa entre despreocupação e compreensão da seriedade da situação.

– A senhora?

Bebeu mais um gole de café e abriu o bloco A4 que tinha levado.

Parecia mais relaxado do que quando entrara. Ia ganhar uma palmada nas costas com aquela entrevista; talvez no dia seguinte lhe confiassem um trabalho mais suculento do que entrevistar as pessoas que apareciam com «informação».

– Bem, julgo que sou eu – acrescentei. – Saí do escritório por volta das seis e fui ao estúdio da senhora Joy. Devo ter chegado por volta de um quarto para as sete, e vestia um casaco preto e um lenço verde, como vem dito no apelo. Penso que o retrato-robô não está muito parecido comigo, mas é verdade que falei com uma senhora... cabelos grisalhos, cinquenta e alguns anos... que me disse que a Donna já tinha saído.

– Há-de ter sido a senhora Joanna Morrison – disse Collins, enquanto escrevia tudo aquilo.

– Quem é?

– Recolhemos o testemunho dela. É pintora no estúdio. Foi ela quem fez a descrição ao nosso desenhador. Como é óbvio, interessou-nos o facto de alguém ter perguntado pela Donna na noite em que ela desapareceu.

– Como disse, fui eu – disse, e bebi o resto do chá frio da chávena de plástico.

– E que foi lá fazer? – arriscou ele.

– Tenho de ser cuidadosa – continuei, devagar. – Confidencialidade cliente advogado. Tenho para com ele a obrigação de manter certas coisas em privado.

– Diga-me o que achar que pode dizer – disse Collins, a voz a tornar-se um tudo-nada mais dura.

Inspirei fundo e repeti a história que tinha contado a Phil Robertson. Foi mais fácil mentir daquela vez, tão fácil que senti que já era verdade.

– Faço este trabalho há muito tempo e sabia que as diferenças no caso Joy vs. Joy não iam resolver-se a bem na audiência de litígio. As audiências finais nunca ajudam ninguém, são stressantes, dispendiosas, e eu não queria que o meu cliente, o senhor Joy, passasse por tudo isso. Os advogados da senhora Joy estavam a ser obstrutivos. Só quis ver se conseguia falar com ela. De mulher para mulher.

Fiz uma pausa, para efeito dramático. Por um momento tinha esquecido que estava numa abafada sala de interrogatório da polícia e não no tribunal. Apercebi-me de que estava a dar um espectáculo e estava impressionada pela minha actuação, grata por ter tido ocasião de ensaiar com Phil Robertson e estar preparada para responder a quaisquer dúvidas que Collins pudesse ter.

– E foi por isso que foi ao estúdio dela? – perguntou ele, a tentar olhar-me nos olhos.

– Não é a maneira de fazer as coisas como vem nos livros mas, na minha opinião, é prática – respondi com a minha cara de tribunal, ponderada e sabedora, que tinha praticado tantas vezes diante do espelho.

– Mas não chegou a ver a senhora Joy?

– Como disse, a tal senhora informou-me de que ela já tinha saído.

– E então que fez?

Fiz uma discreta inspiração antes de responder.

– Fui para casa.

– Foi para casa.

– Sim – disse, no tom mais claro e confiante que consegui.

– E não voltou a ver nem falar com Donna Joy depois disso.

– Não – respondi, a saber que tinha dado o primeiro passo num caminho no qual não podia voltar atrás.

Capítulo 25

Encostei a cabeça à fria janela do táxi e revi a entrevista uma e outra vez, a perguntar-me se devia ter feito aquilo de uma maneira diferente. Tinha mentido a um agente da lei. Um sargento-detective envolvido num mediático caso de pessoas desaparecidas, alguém que com toda a certeza a polícia julgava morta ou pelo menos em perigo. Como advogada, sabia melhor do que ninguém que aquilo constituía perversão do curso da justiça, um crime de direito comum punível – em teoria – com uma pena máxima de prisão perpétua.

Por um instante, imaginei-me vestida com o macacão da penitenciária, mas forcei-me a expulsar o pensamento. Não tinha contado ao sargento Collins uma mentira descarada, tentei convencer-me. Só uma pequena mentira, inofensiva.

Uma conversa *off the record* com Donna Joy no estúdio dela *podia* ter sido construtiva e eu tinha ido para casa naquela noite. Ou acabara por ir.

Não. O que dissera a Rob Collins fora uma versão simplificada da verdade que era melhor para todas as partes envolvidas. Melhor para a investigação. E a minha informação fora útil. O Collins dissera-o – tinha-me agradecido por ter ido à esquadra e por ter esclarecido a questão da misteriosa visitante de Donna naquela tarde.

Tentei desligar, os meus olhos deixaram de focar os edifícios de Londres e as luzes da noite – manchas de encarnado e branco no vidro salpicado pela chuva – que passavam a correr. Os padrões coloridos eram hipnóticos; ao fim de algum tempo, porém, pareceram conspirar com a confusão de pensamentos na minha cabeça para me fazerem sentir agoniada. Fiquei contente quando por fim o táxi parou em frente do meu apartamento. Pousei com cuidado os pés no passeio, como se acabasse de sair de uma diversão de feira particularmente desagradável.

O edifício tinha um aspecto escuro e solitário. O apartamento do último piso estava vago há meses e, apesar de se ter falado de um inquilino, não houvera sinais de vida desde o Natal. Também o apartamento de Pete Carrol estava às escuras. Quando eu saíra de lá, na semana anterior, ele dissera qualquer coisa a respeito de ir fazer uma viagem de pesquisa durante uns dias, sem especificar por quanto tempo. Fiquei contente por ele não estar lá.

Enfieei a chave na fechadura e entrei no átrio. Acendi a luz, mas a lâmpada fez um suave *pop* e, depois de um breve e brilhante clarão, apagou-se. Havia correio espalhado pelo tapete da entrada. Apanhei-o e pu-lo em cima da mesa ao lado de duas pilhas de cartas, minhas e de Pete, que tinha separado na sexta-feira.

O meu corpo cansado foi quase incapaz de me levar escada acima até ao meu duplex, e quando entrei fui direita à sala de estar, deixei-me cair no sofá e dobrei o braço de modo a tapar os olhos.

Queria muito dormir, mas a minha mente estava demasiado activa. Pensei em Martin, no que ele estaria a fazer naquele preciso momento, pormenores que Rob Collins, quando lhe perguntara, não pudera – ou não quisera – dizer-me. Pensei na equipa forense que tinha visto em Chelsea e dei-lhes nomes – Julia e Tony e Helen. Imaginava que entretanto já todos tinham ido para casa. Despido os macacões, esfregado o corpo no duche e voltado às suas vidas reconfortantemente vulgares, imperturbadas por vítimas e criminosos. E pensei em Donna. Onde estava ela e que podia eu fazer para ajudar a encontrá-la? A polícia podia acreditar que estava morta, mas eu não queria pôr essa hipótese. Havíamos de encontrá-la, e tudo voltaria ao normal. O meu trabalho, a minha vida, a minha relação com Martin.

Deixei a minha mente derivar. Permiti-me imaginar com uma das mãos apoiada na barriga inchada e a outra a segurar os dedos do meu amante. Imaginei-nos a passear por uma praia, ou talvez a atravessar um prado enquanto discutíamos nomes para o nosso bebé. Imaginei-nos a rir, a nadar, a beber, a comer, a fazer amor. Imaginei-nos juntos. Como um só.

E então disse a mim mesma que me acalmasse. Que as emoções que me invadiam começavam a parecer uma mania. Quando era mais nova, antes da universidade, antes de terem dado um nome às minhas mudanças de humor, antes de as coisas se terem tornado más, gostava de sentir-me assim. Era como uma droga, uma pedrada natural que me dava superpoderes. Lembrava-me de ser capaz de ficar acordada horas seguidas a rever matéria e nem sei se sem isso teria conseguido notas para entrar na Faculdade de Direito.

Queria uma bebida mas sabia que em vez disso devia beber um chá de ervas.

Acendi as luzes e fui à cozinha. Abri o armário para tirar as saquetas de chá, mas a garrafa de vodka estava onde a tinha deixado no dia anterior, escondida atrás de umas latas de sopa. Peguei-lhe, pousei-a na mesa da cozinha e bufei. A altura não era para abstinências.

Deitei uma generosa porção de *Smirnoff* num copo e uma garrafa pequena de água tônica que borbulhou de um modo muito satisfatório quando as misturei.

Bebi um gole e, numa tentativa de me sentir mais virtuosa, voltei à sala à procura da minha mala de piloto.

Tirei de lá alguns *dossiers*, deixei-os na mesa de café e fui vestir as calças de pijama. Quando voltei, aninhei-me no sofá e peguei no primeiro *dossier* que encontrei, um trabalho *pro bono* que estava a fazer para a Free Legal Aid Centre de Hackney.

Se bem que o Centro não tivesse falta de voluntários, desde solicitadores estagiários a sedas reformados, continuava a sentir-me culpada por não pôr lá os pés há várias semanas e tomei nota para lá voltar naquela semana. Tinha montes de trabalho para pôr em dia, pensei enquanto folheava um relatório a respeito do aumento de divórcios forçados no East End e um comunicado de imprensa sobre um novo centro para vítimas de violência doméstica, algumas das quais queriam ajuda legal para se separarem dos cônjuges.

Já tinha acabado o copo de vodka quando ouvi alguém bater à porta. Assustou-me, e então o meu coração começou a bater de excitação. Martin não tinha a chave do meu apartamento. Ainda não. Mas talvez eu não tivesse fechado como deve ser a porta da rua e ele tivesse tomado a liberdade de entrar.

Pousei o *dossier* e encaminhei-me para a porta. Não havia tempo para retocar a maquilhagem, mas molhei os lábios com a língua e alisei os cabelos

Fiquei chocada ao ver Pete Carroll à minha frente. Estava com bom aspecto, um ligeiro bronzeado a fazer sobressair uns salpicos de sardas no nariz.

– Olá – disse ele, a enfiar as mãos nos bolsos dos *jeans*. – Estive fora uns dias e quis vir ver como estavas.

– Onde estiveste? – perguntei, a abrir a porta mais de meio. – Apanhaste um bronze!

– Roma. Um intercâmbio científico com uma universidade de lá.

Ficámos silenciosos e ele não fez tenção de se ir embora. Senti-me desconfortável, mas depois da generosidade dele na semana anterior – pagando o táxi, deixando-me dormir no sofá – achei que seria má educação deixá-lo ali especado.

– Queres entrar um minuto? – perguntei. – Ia ligar a cafeteira.

Pete seguiu-me até à cozinha, um pequeno espaço que de repente pareceu demasiado apertado com os dois lá dentro. Ficou à porta enquanto eu tirava duas canecas do armário. O ritual de fazer um café de máquina seria demasiado demorado, decidi – o relógio na parede dizia-me que já passava das dez –, de modo que peguei em duas saquetas da Starbucks e liguei a cafeteira.

– Vieram três doutorandos à nossa universidade antes do Natal... e agora convidaram-nos para ir lá. Na realidade foi mais para ver como eles trabalham, partilhar ideias.

– Quanto falta para acabares o teu doutoramento, Pete? – perguntei com um sorriso, a tentar ser o mais amistosa possível.

– Um ano. – Encolheu os ombros. – Talvez mais.

Fez uma pausa e olhou para mim.

– E tu como estás? Chegaste a ir ao médico, a semana passada?

– Sim. Estou ótima – respondi, e agitei a mão.

Ele olhou para a garrafa de vodka e eu senti-me embaraçada.

– Eu sei – disse, e desviei o olhar.

– Bem, só queria certificar-me de que estava tudo bem. Li os jornais no avião. A mulher do banqueiro que desapareceu... – Fez uma pausa antes de o dizer: – Não é a mulher do teu amigo, pois não?

Houve uma subtil ênfase na palavra amigo, e com ela veio uma mudança na atmosfera naquele espaço apertado.

Pete não me deu oportunidade para o negar.

– Reconheci a fotografia dele no jornal. Da noite em que vos vi na paragem do autocarro – disse, as suas palavras mais lentas, mais deliberadas. – Disseste que estava separado da mulher, mas que era complicado.

Por um instante, fiquei paralisada. Não sabia o que dizer e dei graças pelo som borbulhante da cafeteira a ferver.

Voltei-lhe costas para deitar água nas canecas, mas sentia-lhe os olhos fixos em mim.

– Também vi a tua fotografia no jornal.

A voz dele era agora mais baixa, e era impossível não notar a sugestão de malícia. Mexi o café com uma colher, a ver o líquido castanho rodopiar enquanto o sentia dar um passo na minha direcção.

– Referes-te ao retrato-robô? – disse eu, a minha voz a tentar manter-se firme, mas mesmo assim infectada por um ligeiro tremor. – Sim, era eu. Fui ao estúdio tentar falar com ela. Com a Donna Joy. A polícia sabe de tudo.

– Então contaste-lhes de ti e do Martin...

A minha respiração estava a acelerar. As paredes da cozinha pareciam erguer-se à minha volta como um desfiladeiro. Paredes que estavam a aproximar-se, a aproximar-se, tão perto que mal conseguia respirar.

– Contar-lhes o quê?

– Que andas a foder com ele.

Engoli com força.

– Ele é meu cliente – respondi em voz baixa.

– Os barulhos que ouvi vindos do teu apartamento não me pareceram muito profissionais – disse ele, o fino sorriso a desafiar-me a negar.

Fechei os olhos por um momento, a recordar a noite em que eu e Martin tínhamos ido jantar ao Ottolenghi e encontrado Pete Carrol no caminho para casa. Eu estava embriagada de vinho laranja, inebriada de desejo. Tínhamos fodido por toda a casa antes de por fim chegarmos ao quarto; na mesa de café, nas escadas e no chão da sala de estar, onde tivera um orgasmo tão intenso que tapara a boca com uma almofada. Demasiado tarde para que Pete Carroll, lá em baixo, não ouvisse os meus gritos.

Abri os olhos e voltei-me para ele.

– Qual é a tua ideia, Pete? – perguntei, a sentir todos os músculos do meu corpo porem-se tensos.

Ele avançou outro passo e ficou tão perto que vi a grande e faminta dilatação das suas pupilas.

– Nenhuma ideia – limitou-se a dizer. – Apenas uma observação curiosa a respeito do facto de a noite em que a mulher do teu amante desapareceu foi a mesma em que tu os viste juntos, os seguiste. A noite em que tu te apagaste e chegaste a casa sem te lembrares de nada, mas mesmo assim perturbada, agitada, a não dizer coisa com coisa. A propósito, como está a tua perna? Aquele golpe tinha um ar feio.

– A minha perna está óptima – respondi.

Pete fez uma pausa.

– Suponho que não gostas muito da senhora Joy. A tua relação com o senhor Joy parecia estar a ir tão bem. Jantares no Ottolenghi, passeios ao luar. E então a mulher dele volta a entrar em cena...

A pesada insinuação nas suas palavras fez-me tremer.

– Que aconteceu naquela noite? – perguntou ele, mais directo.

– Nada – respondi, a tentar manter uma voz firme.

– Não tenho a certeza de que a polícia acredite nisso – disse ele, a olhar para mim com tanta intensidade que não consegui desviar os olhos. – Na realidade, penso que é melhor que nunca saibam, não achas? – disse, aproximando-se ainda mais. – Caso contrário as coisas podiam tornar-se difíceis. Embaraçosas para toda a gente. Sobreretudo para ti.

Queria desafiá-lo, mas a única coisa que consegui foi assentir.

– Não te preocupes, sou teu amigo. Será o nosso pequeno segredo – sussurrou, e passou a mão à volta da minha cintura.

Puxou-me para si e eu senti-lhe o hálito na cara, a erecção através do tecido dos *jeans*. Tinha a mão no fundo das minhas costas e os dedos deslizaram por baixo do cóis das calças de pijama.

Fechei os olhos e forcei-me a respirar. Perguntava-me, desesperada, como sair daquela situação, mas sabia que por vezes mais valia uma pessoa render-se. Pelo menos de momento, enquanto não descobria o que fazer a seguir. Estratégia, como sacrificar um peão.

– Vais adorar – gemeu ele, mas eu duvidava, as suas palavras fizeram-me arrepios na pele. Sabia que podia empurrá-lo, gritar, dizer «não». Mas não o fiz. Não o fiz. E quando ele se inclinou para me beijar o pescoço, castiguei-me com o pensamento de que a culpa era toda minha.

Capítulo 26

Acordei devagar, uma risca de triste luz cinzenta a espreitar através da abertura das cortinas, apenas o suficiente para indicar que a noite tinha acabado. Naquele momento era o início de uma nova manhã, um novo dia que ia acolher com a minha rotina habitual, lenta, preguiçosa; a dizer a mim mesma que podia ficar mais cinco minutos na cama, a lembrar-me de qual era a minha agenda para aquele dia antes de me levantar para ir fazer uma chávena de café. Por um doce e inocente instante, tudo pareceu óptimo até que por fim, como se tivesse caído através de um soalho apodrecido, o meu estômago deu uma volta e recordei o dia anterior.

As mãos de Pete no meu corpo.

As minhas mentiras à polícia.

Os lábios dele na minha pele.

Perverter o curso da justiça.

A sensação dos seus dedos pegajosos.

Que fizeste? Os meus músculos contraíram-se, o pensamento de que *ele* podia ainda ali estar na cama, a meu lado, encheu-me a boca de saliva quente. Fiquei imóvel, a tentar ouvir o ligeiro sussurro de outra respiração. Não ouvi nada e voltei devagar a cabeça, entreabri as pálpebras. O outro lado da cama estava vazio. Pete tinha-se ido embora. Não fazia ideia quando. Com certeza a dada altura depois de eu ter adormecido, apesar de depois do sexo ter ficado tão enojada comigo mesma, com ele, com a situação em que me encontrava, que fora incapaz de dormir durante muito tempo, mesmo depois de Pete se ter voltado para o outro lado, satisfeito e exausto, e começado a ressonar ao de leve passados poucos minutos.

Sentei-me e fiquei a olhar para a cova na almofada, para um alienígena cabelo ruivo no lençol... e tive a súbita e violenta sensação de que ia vomitar. Tapei a boca com a mão, corri para a casa de banho e caí de joelhos em frente da sanita. Arfei uma e outra vez como o motor frio de um carro velho, mas nada saiu excepto um longo fio de cuspo; foi quase como se o meu corpo não me concedesse o alívio de vomitar.

Deslizei para os azulejos frios e fechei os olhos. Não valia a pena interrogar-me a respeito de se teria tomado a decisão mais correcta ao fazer sexo com Pete Carroll. Não tivera tempo para pensar. Acontecera tudo tão depressa; num instante estava a ouvir a suas mal veladas ameaças, no instante seguinte a boca dele estava colada à minha e eu tinha achado mais fácil deixar-me levar do que resistir e enfrentar as consequências imediatas: um Pete Carroll furioso e vingativo que, sabia-o agora, era muito capaz de destruir toda a minha vida. Mas naquele momento, isso foi uma escassa consolação. Sentia-me aturdida com se tivesse levado um murro e desligada do mundo à minha volta; agitada e quebradiça como se pudesse tocar na minha pele e vê-la desfazer-se em pó.

Odiava Pete Carroll. Odiava-o. Mas acima de tudo odiava-me e todas as péssimas decisões que me tinham empurrado para um caminho cada vez mais estreito onde sentia que estava a ser esmagada, pressionada de todos os lados, sem uma luz que viesse de cima.

Respira, disse para comigo. *Há sempre uma saída. Pensa de pé: é nisso que és boa. É o que fazes*. Concordei com o meu conselho. No fundo, resumia-se a isto: podia ficar ali, agachada no chão, ou podia mexer-me, enfrentar o mundo e tomar medidas para tentar remediar a trapalhada em que estava.

Ergui-me sobre as pernas meio entorpecidas e vesti um roupão para tapar a minha nudez, apertando-o com dedos trémulos à volta da cintura. Então, com passos pequenos e inseguros, desci até à sala de estar, em alerta vermelho para a eventual presença de Pete no apartamento. Graças a Deus, estava deserto e silencioso, excepto pelo abafado ruído do trânsito que começava a adensar-se lá fora.

A garrafa de vodka da noite anterior ainda estava em cima da mesa da cozinha e senti-me tentada a acabar com ela. Em vez disso, obriguei-me a beber um copo de água e fui para o duche. Primeiro fiz correr a água tão quente quanto fui capaz de aguentar, e depois tão fria quanto saía do chuveiro. Ardia-me a pele devido aos dois extremos de temperatura, mas pelo menos senti-me mais limpa depois de ter esfregado o cheiro dele para o ralo.

Encontrei a roupa interior mais antiga e mais modesta da minha gaveta, não os dispendiosos fiapos de renda que tinha comprado para as noites com Martin, e vesti-a. Abotoei a camisa branca até ao pescoço e enfiei os *collants* pretos mais grossos que tinha para usar por baixo da sóbria saia do fato.

Tentei não olhar para a cama enquanto me vestia, mas quando o cheiro do ar estagnado me assaltou as narinas, peguei no edredão e atirei-o para o corredor, e depois arranquei o lençol do colchão e chutei-o para o fundo da escada. Desci atrás dele, fui à cozinha buscar um saco de lixo, enfiei o pano conspurcado lá dentro e fechei-o com um grande nó.

Lavei as mãos que tremiam, abri a janela da cozinha de par em par, inspirei fundos haustos do ar de Londres, que nunca me tinha parecido mais fresco nem mais doce. As minhas mãos apertaram o peitoril gretado da janela, e quando olhei para o pequeno pátio lá em baixo vi a bicicleta de Pete encostada a uma parede. Por um instante pensei em saltar dali, mas acabei por fechar a janela com força.

O meu pequeno santuário pareceu-me de repente estranho, como se já não fosse meu. Ao mesmo tempo, estava encurralada. O homem que me tinha violado estava sentado lá em baixo, com um sorriso confiante no rosto, satisfeito com o trabalho de chantagem e sexo forçado da noite anterior, a ouvir os meus passos, a planear a próxima jogada. E por que não? Era assim que a chantagem funcionava, não era? A partir do momento em que a vítima sucumbia, podia-se voltar à carga uma e outra vez, um poço sem fundo que nunca secava.

Peguei na mala e no casaco e corri para a porta. Se me pusesse a pensar nisso, seria uma presa paralisada, perseguida, um coelho apanhado na sua toca, a sentir no ar o cheiro da raposa. Estremeci a cada passo que dava enquanto descia, os olhos fixos na porta do rés-do-chão, a minha mente a imaginar a cara de Pete a aparecer, com um sorriso diabólico, as garras dele a arrastarem-me para o seu apartamento. «Vais adorar isto», diria com uma gargalhada. «*Adorar*.»

Mas a porta permaneceu fechada e eu corri até à rua, os saltos a tiquetaquearem no passeio, a sentir a pele da parte de trás do pescoço, à espera do seu sórdido toque, do seu hálito, das suas palavras sussurradas. Em vez disso, vi um piscar de encarnado à minha frente, as luzes dos travões do número 19, arranquei em *sprint* e saltei para bordo quando as portas já se fechavam.



Encontrei um lugar sentado no andar de baixo. Naquele dia tinha um caso importante no tribunal e sabia que precisava de me recompor.

Para me distrair de deixar a minha mente voltar a Pete Carroll, tirei o *dossier* da mala, pousada no chão entre as minhas pernas, e equilibrei-o no colo enquanto folheava a papelada, a tentar familiarizar-me com o processo.

A minha cliente, Holly Khan, queria impedir o ex-marido, Yusef, de levar o filho de dez anos, Daniyal, a um casamento de família no Paquistão, com medo de não voltar a vê-lo. Yusef Khan, como era natural, combatia com veemência a recusa da ex-mulher, e Holly tinha tanto medo de perder o filho que queria uma ordem do tribunal que o travasse. Em qualquer outro dia, ficaria encantada por ajudar a jovem e vulnerável mãe, mas naquela manhã parecia-me como caminhar sobre um arame no meio de um vendaval. Não havia a mínima dúvida a respeito: em termos profissionais, tinha tirado os olhos da bola, e a falta de preparação para os meus casos era mais um motivo de vergonha.

Mal tinha passado os olhos pelo processo quando chegámos a Holborn. Peguei nas minhas coisas e saltei do autocarro, a sentir a camisa colada às costas enquanto o suor me escorria entre as omoplatas.

Comprei um café e desci Kingsway quase a correr.

– Francine!

Quando passei pela segurança do tribunal vi Tanya, a procuradora que me tinha contratado, a acenar vigorosamente. Estuguei o passo e segui-a até uma das salas de reunião.

Era a primeira vez que ia encontrar-me com a cliente, o que não era invulgar em casos de Direito de Família.

– Francine Day, Holly Khan.

A minha nova cliente era pequena e bonita, mas com uma cara de preocupação e uns olhos que pareciam à beira das lágrimas.

– Tenho a certeza de que a Tanya lhe explicou tudo muito bem, Holly – disse eu, entrando no mesmo instante em modo de trabalho. – Não precisa de se preocupar.

A mulher olhou para Tanya e de novo para mim. Percebi como desejava acreditar no que eu tinha dito.

De um modo estranho, o evidente nervosismo da cliente estava a sossegar a minha ansiedade. A familiaridade do ambiente de trabalho, suponho, a natureza calmante do ritual, repetir os mesmos velhos padrões. A lei era complicada, mas pelo menos tinha regras, pelo menos uma pessoa tinha uma ideia do que ia acontecer a seguir.

– Muito bem, Holly, vai ser assim...

Revi os elementos básicos do caso e expliquei a Holly que a audiência tinha um duplo propósito. Estávamos a tentar convencer o juiz a emitir uma ordem restritiva, o que impediria o ex-marido de levar o Daniyal para fora do país, enquanto os advogados dele iam pedir uma «autorização temporária de ausência».

– Estamos a pedir ao juiz que lhe atribua o controlo dos movimentos do Daniyal, e o Yusef está a pedir a mesma coisa. – Olhei para os papéis à minha frente. – Por que não foram pedidas ordens restritivas na altura do divórcio? – perguntei, erguendo os olhos.

A jovem mãe pareceu assustada, como se tivesse sido chamada ao gabinete do reitor.

– Desculpe – disse eu, num tom mais suave –, não era minha intenção sugerir que fez alguma coisa errada, é só porque se trata de perguntas que o juiz vai fazer no tribunal.

Holly continuava paralisada.

– Não quisemos que o processo de divórcio se tornasse feio – interveio Tanya. – Conseguimos um bom acordo para a Holly através de mediação, e na altura tudo o que queríamos era um corte limpo. O senhor Khan pode ser um homem difícil.

– Mas agora as coisas são diferentes – disse Holly, num fio de voz. – Na altura ele tinha uma razão para ficar em Londres, mas entretanto perdeu o dinheiro todo. Até o dinheiro que me tinha escondido no divórcio.

– Sim – disse eu, a ler as notas que tinha sublinhado a encarnado. – E, pelo que vejo, também está convencida de que certas pessoas procuram o senhor Khan para lhe fazer mal? Temos, suponho, testemunhos que apoiam essa convicção?

Tanya fez uma careta de arrependimento. Certa vez tinha escrito uma declaração a meu respeito para o Anuário de Direito: *Francine Day consegue o impossível dia após dia*. Era evidente que agora queria que eu tirasse mais um coelho da cartola.

– Por favor – disse Holly, a cravar em nós os olhos brilhantes. – Podem ajudar-me?

– Farei o melhor que puder – disse eu, a tentar projectar mais confiança do que aquela que sentia. A verdade era que me sentia agoniada, mal preparada e nervosa, o que não era a melhor combinação para ir a tribunal. Alguns advogados – como Tom – parecem ter uma habilidade natural para improvisar no momento, limitando-se a argumentar os factos à medida que eles vão surgindo, mas eu sempre fui uma marrona, só me sentia confortável quando tinha todos os factos nas pontas dos dedos e estava preparada para qualquer reviravolta. Naquele dia sentia que me faltava o meu cabo de segurança. Olhei para as duas, a saber que havia dúzias de coisas que devia estar a dizer, mas não conseguia lembrar-me de uma única. Houve uma pausa constrangedora, e então Tanya tossiu e disse:

– Bem, é melhor irmos.

E marchou à nossa frente para a sala de audiências.

Conhecia o juiz Sheldon e o advogado de Yusef Khan, Neil Bradley, que era um profissional competente: corria o rumor de que também ele se tinha candidatado à seda naquele ano. Trocámos amenidades, ocupámos os nossos lugares e o espectáculo começou; o juiz ouvia-nos, à vez, apresentar os factos do nosso caso.

Tinha esperado detestar Yusef Khan, mas o homem foi o encanto em pessoa a partir do momento em que entrámos na sala. Bonito como um actor de Bollywood, era vivo, convincente e delicado, ao

contrário de Holly, que se mostrou hesitante e lançou olhares carrancudos ao ex-marido durante toda a audiência. A culpa era minha, e eu sabia-o. Devia ter preparado aquilo com ela, devia ter-lhe explicado que as coisas podiam correr assim, que Neil Bradley – o competente – aconselharia aquele género de abordagem. Apanhada em contrapé, comecei a explicar os motivos de Holly para querer impedir Yusef de levar Daniyal para fora do país. Não duvidava da história de Holly a respeito dos problemas financeiros de Yusef. Tanya tinha-me dito que a sua cadeira de restaurantes fora subsidiada por outros interesses, incluindo prostituição e tráfico de droga, a que pusera fim depois de um desaguizado com uns *gangsters*. Mas esse género de coisa era difícil, quase impossível de provar. Não podíamos pedir depoimentos aos *gangsters* nem aos clientes que lhe compravam a droga, e Khan tinha relatórios contabilísticos recentes para mostrar que os restaurantes iam de vento em popa. Quando interrompemos os trabalhos para o almoço, sabia que o outro lado ia à frente, mas, apesar do ar abatido de Holly, também sabia que não era o fim do mundo. Uma boa alegação final era bem capaz de convencer o juiz a errar por excesso de cautela. Ao fim e ao cabo, faltar a um casamento de família era uma inconveniência, mas tirar um filho à mãe era um grave risco.

– Não posso perdê-lo – disse Holly, chorosa. – O Yusef é esperto. Foi tão convincente ali dentro. Acho que o juiz acredita em tudo o que ele diz.

Pousei as minhas mãos em cima das dela.

– Vou ser franca consigo, é muito difícil provar que o Yusef não vai voltar ao Reino Unido. Mas *provámos* as consequências de o Daniyal não voltar e ficar retido no Paquistão pelo pai. A vida dele ficaria virada do avesso, e o interesse de uma criança é a primeira prioridade de qualquer juiz.

Ela fez um tenso aceno de cabeça e eu soube que estava a confiar em mim, a pôr todos os ovos no mesmo cesto: o meu cesto. E eu não estava em condições de corresponder a essa confiança.

Tanya voltou à sala de reuniões com chá e chamou-me à parte para que Holly não nos ouvisse.

– Então, estás confiante? – perguntou, a olhar para mim de lado enquanto soprava o chá.

Era evidente que ela não estava. E eu não podia censurá-la.

– Continuamos a precisar de um plano alternativo – respondi, animada. – A viagem para Carachi está marcada para a semana. Pode não haver tempo para um apelo. Por isso temos de ter qualquer coisa preparada para o caso de o juiz os deixar ir ao casamento.

– Como o quê?

– Se o Yusef não trazer o Daniyal para casa, é rapto, nenhuma dúvida a esse respeito. No entanto, o Paquistão não assinou a Convenção de Haia, o que torna muito complicado negociar um regresso, por não haver acordos internacionais em que basear a negociação. Mas podemos pedir que o Yusef deixe um depósito de garantia ou que o passaporte do Daniyal fique em poder do Alto Comissariado Britânico em Islamabad.

Tanya bufou.

– Um depósito de garantia. Mais valia pedir-lhe que jurasse pela honra dos escoteiros. Se ele for para o Paquistão, nunca mais volta, como tu muito bem sabes.

– Não vamos chegar aí. Confia em mim.

Tanya arqueou as sobrancelhas.

– Bem, a Holly não tem por onde escolher, pois não?

O toque de uma campainha disse-nos que devíamos voltar ao tribunal. Tirei o telemóvel do bolso do casaco e dei-lhe uma rápida olhadela. Nada. Nenhuma mensagem de Martin, nem de Phil. Com tranquila determinação, enchi as bochechas de ar e voltei ao tribunal.

Começou logo a correr mal. Para lhe dar o crédito que lhe é devido, Neil Bradley foi brilhante na maneira como expôs o caso a favor de o seu cliente viajar com o filho até ao Paquistão, fazendo notar que Holly fora favorável à ideia da viagem enquanto estavam casados e destruindo por completo os nossos débeis argumentos sobre os problemas financeiros de Yusef Khan. Pintou um vivo retrato da vida maravilhosa que Yusef tinha na Grã-Bretanha, incluindo pormenores de um novo relacionamento com uma mulher que vivia em Bedford – uma informação crucial de que devíamos ter tido conhecimento. Tudo ali era cor-de-rosa, argumentou Bradley. Por que diabo havia Yusef de deixar tudo isso para trás?

– Meritíssimo, tenho de reiterar que as consequências de um não regresso alterariam por completo a vida de Daniyal. Progride bem nos estudos, conseguiu matricular-se numa prestigiada escola secundária, tem um vasto leque de amigos...

O juiz Sheldon assentia a concordar enquanto lia as notas.

Neil estava outra vez a falar. Eu tentava concentrar-me, mas o telemóvel vibrava no bolso do meu casaco. Não faria mal dar mais uma olhadela, decidi, fazendo-o deslizar para o colo. Cliquei em Mensagens para ver se havia alguma coisa de Dave Gilbert.

As palavras explodiram no ecrã como uma granada.

Martin Joy foi detido.

Reli a mensagem e a minha cabeça começou a andar à roda. Tudo o mais tinha desaparecido de modo que mal conseguia distinguir uma voz em segundo plano – Neil ou o juiz Sheldon, abafada como se estivéssemos debaixo de água.

– Tem alguma proposta de salvaguarda?

As palavras do juiz passaram por mim a flutuar.

Baralhei os papéis e tentei falar, mas a única coisa que me saiu foi um gaguejar incompreensível. A ideia de Martin, preso, era o único facto que o meu cérebro conseguia reter, a única coisa que parecia importar. Imaginei-o de algemas nos pulsos, a ser levado para uma fria e escura cela; imaginei-o a tentar entrar em contacto comigo, e a não conseguir.

A minha respiração acelerou, dardos de feroz e assustadora energia subiram-me até às pontas dos dedos.

Tanya estava a bater-me no braço, mas era como se eu tivesse abandonado o meu corpo. A flutuar, a afogar-me, a afundar-me.

Uma voz sibilava-me ao ouvido «*alegações finais*», mas eu senti-me como se o meu cérebro se tivesse desligado.

– Tenho de ir – murmurei, pondo-me de pé e juntando as minhas coisas.

Tanya esticou o braço. Sentia a mão dela tocar-me na toga, mas voltei-lhe costas.

– Doutora Day? – A voz do juiz soou mais confusa do que zangada. Talvez nunca tivesse visto um advogado levantar-se de repente e fugir do tribunal.

– Assuntos urgentes – murmurei, e deslizei por entre as mesas, passei as portas duplas e cheguei ao corredor, os meus saltos a baterem no chão de mármore. O colarinho branco apertava-me a garganta, as paredes pressionavam-me, inclinadas para mim. Irrompi pela porta giratória e saí para a claridade da rua, a engolir o ar fresco, desesperada por oxigénio. Mas não podia parar, tinha de continuar em movimento, tinha de chegar até Martin. O chão parecia mexer-se sob os meus pés quando vi um táxi e corri para ele.

– Para onde vamos, querida? – perguntou o taxista, com um sorriso de dentes arreganhados.

Fiquei a olhar para ele: só então me apercebi de que não sabia para onde ir. Estava desesperada por ver Martin, por estar perto dele. Mas se ele estava detido, não podia lá ir – ele precisava de um advogado criminal e parecia muito estranho se eu aparecesse naquele momento.

– Mayfair – disse. Era o único lugar aonde me ocorria ir.

Capítulo 27

Os escritórios da Gassler Partnership ficavam a curta distância do Claridge's, mas separados no tempo por pelo menos um século; um alto edifício de vidro em vez do prédio de tijolo encarnado que sussurrava segredos a respeito de *dandies* georgianos, tinha uma fachada de vidro do chão ao tecto e um enorme lustre modernista suspenso sobre o átrio com dois pisos de altura. Supus que em se tratando de tecnologia da alta finança, lustroso e brilhante era o estilo apropriado. Quando o táxi parou, tentei uma última vez ligar a Sophie Cole; não era tão chegada a Martin como Alex, o marido, mas pelo menos tinha o número do telemóvel dela. Quando a chamada foi parar ao *voice mail*, paguei ao taxista e quase caí no passeio.

– Oi! A sua peruca! – gritou o homem com um sorriso.

Voltei para trás e peguei no prateado capachinho de crina de cavalo que tinha deixado no banco traseiro. Enfie-o na mala, passei a correr pela porta giratória e quase tropecei ao entrar, o que provocou um olhar interrogativo da parte do porteiro com cara de parvo que guarnecia o balcão da entrada. Olhei para lá dele e reparei que a Gassler Partnership não era a única locatária do edifício. Ia ter de passar por aquele sujeito antes de chegar à recepcionista de Martin.

– Venho falar com Alex Cole, da Gassler – disse, de súbito embaraçada ao aperceber-me de que ainda tinha vestida a minha toga de advogada.

Apesar de nos Inns of Court eu parecer um pilar da ordem estabelecida, o homem olhou para mim com desconfiança como se fosse uma bêbada ou uma vagabunda.

– Tem reunião marcada?

– Se fizer o favor de ligar para o escritório dele e perguntar se me recebem, ficar-lhe-ei agradecida. Diga que é Francine Day. Sou a representante legal do senhor Cole – disse, a tentar recuperar a dignidade.

– Penso que ainda está a almoçar – respondeu ele, com escasso entusiasmo.

Tamborilei com os dedos no tampo de mármore do balcão enquanto o porteiro pegava no telefone e falava com alguém. Pareceu encantado por demorar o mais tempo possível antes de abanar a cabeça e dizer-me que Alex não estava no escritório.

– Posso falar com a assistente dele, nesse caso? – disse eu, e inclinei-me para a frente.

– Não tem a linha directa dela? – perguntou, com uma nota de desafio.

– Não, não tenho o número dela. – A minha voz começava a quebrar. – Trata-se de uma emergência e preciso de falar com o senhor Cole, agora.

– Posso deixar uma mensagem na recepção...

Eu não podia esperar. Não com Martin fechado numa cela.

– Ponha alguém ao telefone para falar comigo, já!

Ouvia-me, barulhenta, agressiva e nada convincente. O porteiro pôs-se de pé e, sem que dissesse as palavras, soube que ia pedir-me para sair.

Olhei para o elevador, a ouvir o «ping» das portas prestes a abrirem-se, e comecei a andar naquela direcção.

O som de passos apressados atrás de mim disparou uma excitante corrente de energia através do meu corpo.

Os meus sapatos escorregaram no chão polido. Quase caí, mas um par de mãos estendeu-se para me equilibrar.

– Francine?

A voz soou intrigada, com um toque de enfado.

Demorei um instante a reconhecer Sophie Cole.

– Que estás aqui a fazer?

O rosto dela suavizou-se.

– Podia dizer o mesmo a teu respeito – observou.

– O Martin. Sei o que aconteceu ao Martin – respondi, a tentar normalizar a respiração. – Tinha de saber o que se está a passar.

O porteiro estava atrás de mim e eu senti o calor da sua desaprovação sem olhar para ele.

– Está tudo bem, senhora Cole?

– Obrigada, Graham. Está tudo óptimo. A doutora Francine está comigo.

Premiu o botão do elevador para impedir que as portas de aço se fechassem.

– Vamos para o meu gabinete – disse, num tom firme.

O pequeno espaço do elevador pareceu contrair-se à nossa volta e eu soube que devia dizer qualquer coisa.

– Então sabes do Martin?

– Claro – respondeu ela, sem olhar para mim.

– Peço desculpa, mas tinha de vir.

Sophie olhou para mim e depois em frente.

– Podias começar por despir a toga.

Noutro tempo, noutro elevador, tinha despido a blusa enquanto Martin me empurrava as costas contra o frio metal da porta. Esses dias pareciam agora muito distantes.

Não me dei ao trabalho de discutir com Sophie; estava só grata por ser outra pessoa a assumir o controlo, grata pela sua seca eficiência de chefe.

Enfiei as dobras de tecido preto debaixo do braço e saí do elevador atrás dela. Sophie levou-me ao longo de um corredor ladeado por pequenos gabinetes. Em todos eles havia alguém inclinado para o ecrã de um computador.

Nunca tinha estado no local de trabalho de Martin, nunca tinha pensado em como seria uma empresa gestora de fundos de investimento, para lá de uma vaga imagem de um grupo de machos alfa muito corados a olhar para ecrãs da Bloomberg e a gritar «Compra!», «Vende!» para o telefone. Mas ali reinava um silêncio enervante; o único movimento foi o relancear de olhos na minha direcção à medida que passava pelas portas abertas dos gabinetes. Perguntei-me o que saberia aquela gente.

Segui Sophie até um gabinete de esquina carregado dos adereços do êxito. Um grande *iMac* numa secretária onde não havia mais nada, um sofá de *design* de onde se avistava as ruas de Mayfair lá em baixo.

– Peço desculpa – repeti enquanto ela fechava a porta. – Tinha de saber o que aconteceu e pensei que o Alex era a única outra pessoa com quem ele podia ter falado...

– Não podes fazer isto, Fran – disse ela, cortando-me a palavra. – Recebi duas chamadas da imprensa nos últimos dez minutos. Ia a caminho do átrio para me certificar de que não havia jornalistas na rua quando te vi. Não podes aparecer aqui de repente vestida como o Rumpole of the Bailey. Isto é uma *empresa*, Fran. Podíamos ter cá clientes... temos cá clientes. Como achas que pareceria se amanhã aparecesses estampada nas primeiras páginas de todos os jornais? Pensa.

Eu sabia que ela tinha razão, e tirei um momento para lho dizer.

– Eu sei. Mas quando recebi a chamada a dizer que o Martin tinha sido detido, precisei de falar com alguém.

Sophie olhou para mim e então a sua expressão suavizou-se.

– Se fosse o Alex, eu teria feito o mesmo.

Tirou uma garrafa de água da mesa encostada à parede e encheu dois copos.

– O que já sabes? – perguntou, estendendo-me um deles.

– Nada – respondi, a sentir uma nova vaga de pânico. – Só que foi detido.

– A polícia apareceu em Spitalfields pouco antes do almoço – disse ela. – Graças a Deus ele tinha tirado uns dias de folga, quando não podiam ter vindo aqui.

– Mas não têm nenhuma prova...

– A polícia só quer dar a impressão de que está a fazer qualquer coisa. Suponho que mais para diante ele vai poder accioná-los judicialmente.

– Prisão ilegal – disse eu num tom firme, a querer acreditar que um dia ele teria essa possibilidade.

– Mas, de momento, não queremos tornar as coisas mais complicadas do que têm de ser.

Olhei para ela, à espera que elaborasse. Gostava de Sophie Cole. Gostava da sua competência séria, apesar de me recordar a pessoa que eu tinha sido. Havia de certeza muito mais nela do que a esposa média que estava habituada a encontrar no circuito dos divórcios de alto rendimento. Eram regra geral atraentes, mas todas tinham um toque de aço, uma determinação de propósito inflexível. Suponho que precisavam dela. Havia, no entanto, um pequeno grupo em que a beleza não era a qualidade definidora; as esposas inteligentes, as esposas realizadas, as mulheres que eram tão alfa como os maridos, e Sophie Cole situava-se sem sombra de dúvida nessa categoria.

– As pessoas querem um mau da fita, Fran. A imprensa porque vende jornais, a polícia porque tem um trabalho a fazer e quer-o feito. Não acredito que o Martin esteja envolvido na morte da Donna, mas se as pessoas querem um vilão, não lhes dês munições. Não lhes dê a história do caso dele com a advogada. Não apareças aqui frenética e em pânico à espera que as pessoas não façam perguntas, porque vão fazer.

Senti uma onda de vergonha. Ela tinha razão, claro... e eu devia ser boa naquilo, capaz de pensar quatro jogadas adiante, capaz de antecipar-me ao que a oposição pudesse dizer ou fazer. Naquele dia parecia congelada, uma máquina gripada.

Sentei-me no elegante sofá e Sophie sentou-se a meu lado.

– Não podem acusá-lo – disse, numa voz mais tranquilizadora. – Não têm nada contra ele.

Fechei os olhos e assenti. Não era só a amante dele, era a advogada. Devia ter sido eu a garantir a Sophie que Martin seria libertado sem acusação, que a sua detenção era pouco mais do que um buraco na estrada até que encontrássemos Donna. Mas queria ouvir outra pessoa dizer-me que ia correr tudo bem.

Senti Sophie pôr a mão calmante no meu braço e voltei ao presente.

– O Alex está lá com o advogado. Enviou-me uma mensagem. O Martin está bem. É um osso muito duro. Se a polícia pensa que pode assustá-lo o suficiente para o levar a fazer uma confissão, escolheu o homem errado.

– Confissão? – repeti, e lancei-lhe um olhar.

– Falsa confissão – emendou ela, num tom mais deliberado. – O Alex vai levá-lo para nossa casa e ele vai lá ficar. Durante os dois últimos dias tem sido fotografado a entrar e sair da casa em Spitalfields e receio que perca a cabeça se estiver sozinho. E nós podemos tratar dele, claro.

Fazia todo o sentido esconder Martin das teleobjectivas e das insinuações, mas ao mesmo tempo enfurecia-me que aquilo fosse necessário sendo ele inocente. Sobretudo, sabia que haveria uma barreira entre os dois. Para o proteger – para nos proteger – eu tinha de manter-me afastada.

– Não será para sempre – disse ela. – Só por agora. E tu sabes que é o melhor para o Martin.

O melhor para o negócio, pensei.

– O melhor para ti – acrescentou ela, como se tivesse lido o meu tão pouco caridoso pensamento.

– Não voltarei aqui ao escritório – disse eu, sem olhar para ela.

– Tens a certeza de que estás bem?

Assenti com um rápido aceno de cabeça.

– Fiquei transtornada. Obrigada por teres sido a voz da razão.

Sophie fez uma pausa antes de abrir a porta.

– Sei que o amas, mas não permitas que nenhum homem destrua a tua vida – disse, com tranquila firmeza. – Conhecestes o Martin porque ele te queria como sua advogada. E se o Martin te escolheu para sua advogada, isso significa que és a melhor. Nenhum homem vale pôr em risco essa reputação.

Eu soube que ela tinha razão ainda antes de as palavras lhe saírem da boca.

Capítulo 28

Queria ficar na órbita ordenada e eficiente de Sophie, mas essa oferta não estava em cima da mesa. Fui despachada depois de ter chegado mais um telefonema de um jornalista, e eu percebi que a minha presença a enervava.

O porteiro lançou-me um olhar desconfiado quando voltei ao átrio, mas ignorou-me e eu passei a porta giratória e saí para a rua.

Sentia-me nua, a afundar-me, quando pisei o passeio. A agarrar a toga dobrada, perguntei-me o que fazer a seguir, a inspirar fundo, a tentar usar o ar fresco para aclarar as ideias. Sabia que devia voltar ao tribunal. A minha mala de piloto ainda devia estar na sala de audiências, isto se não tinha sofrido a humilhação de ser levada para a segurança. Mas como eram quase quatro, a hora a que a maior parte dos advogados já saíra ou se preparava para sair, pensei que se conseguisse chegar ao Strand antes de o tribunal fechar poderia recuperar os meus pertences sem ser vista por ninguém conhecido.

O telemóvel tocou, interrompendo o planeamento da jogada seguinte.

– Que porra está a acontecer, Fran? – berrou a voz de Paul ao meu ouvido.

Abri a boca para falar, mas era evidente que ele ainda não tinha acabado.

– Em trinta anos neste lugar, nunca tive de me rebaixar tanto como esta tarde para salvar o teu triste coiro – continuou, a voz a tremer de emoção, como se fosse alguém que acabasse de desfazer o carro novo. – A Tanya Bryan fala de processar-te por negligência, sem falar da cliente que eu e a Vivienne tivemos ao telefone durante qualquer coisa como uma hora, a exigir que te crucifiquemos em Parliament Hill. Que merda aconteceu?

Estava zangado, confuso, frustrado, perplexo e eu não o censurava. Até ao momento tinha sido a sua aluna-modelo que nunca punha um pé em falso, o par de mãos seguro a caminho da seda para maior glória da profissão. Agora desviava os olhos de mim por um instante e descobria que estava podre até ao carço. Não tinha sido apenas apanhada a fumar atrás do ginásio, estava em queda livre, a mergulhar de cabeça da delinquência em grande escala. Fiquei calada por pelo menos cinco segundos.

– Acho que estou a ter um esgotamento nervoso – disse por fim. Não tinha planeado a frase, nem ensaiado a desculpa, e apesar de não ser verdade em estritos termos médicos, era como me sentia.

Foi a vez de Paul ficar silencioso.

– *Okay* – disse. – *Okay* – repetiu com mais firmeza, como se aquilo fosse por fim uma coisa que fazia sentido. Houve uma pausa, e então: – Foste ao médico?

Uma mota passou a rugir ao meu lado, de modo que me enfiei num portal para poder falar mais à vontade.

– Ainda não. Mas vou.

– É melhor. Hoje.

Senti-me como uma adolescente que acabasse de dizer aos pais que estava grávida, com Paul a fazer o papel de pai chocado e desapontado. Ouvi-o soltar um longo suspiro.

Quase não me atrevi a fazer a pergunta seguinte. Sabia o que ele ia dizer, mas tinha de ouvi-lo dizê-lo, não obstante a esperança de que o meu bizarro comportamento tivesse levado o juiz a adiar o caso.

– Que aconteceu, Paul? Com o julgamento, quero dizer. O que aconteceu com Khan vs. Khan?

– O juiz concedeu uma autorização temporária de ausência.

– Alguma salvaguarda?

– Não. Ao que parece tu não as pediste, de modo que a mãe teve de entregar o passaporte do miúdo.

– Podemos apelar... – disse eu, apesar de saber que ninguém ia deixar-me chegar perto do caso outra vez.

– Fran, deixa. Está feito.

As lágrimas arderam-me nos olhos, todas as emoções do dia a cristalizarem-se num nó de pânico e dor.

– Não. Temos de o fazer, pela criança. Se mandares alguém buscar os meus *dossiers*, consigo resolver isto... Vou ligar à Tanya.

– Por favor, não ligués.

Não precisava que ele me dissesse que eu era o último advogado no mundo a que ela permitiria tocar num dos seus casos, e muito menos aquele.

Ouvi-o só com meio ouvido quando ele continuou a falar, embora o meu cérebro tenha registado os pontos mais salientes das suas profecias: «*Vamos ter de trabalhar muito para evitar uma queixa de negligência profissional. Não acredito que a firma dela volte a contratar alguém desta empresa de associados...*»

Mas talvez fosse uma voz na minha cabeça a dizer-me o que ia resultar de tudo aquilo.

– Fran, estás a ouvir? – perguntou ele. – Onde estás?

– Bond Street.

– Que estás aí a fazer? Tens de ir para casa.

– Eu sei – disse em voz baixa.

– Precisas que passe por lá depois do trabalho?

Foi inesperadamente comovente no meio de um dia horrível. Senti uma forte pontada de afecto pelo nosso presidente. Uma forte e envergonhada pontada de afecto que me disse que o apoio e a amizade dele eram mais do que eu merecia.

– Estou bem – respondi. – Só preciso de parar um par de dias.

– Não há pressa. Deixaste umas coisas no tribunal, mas eu já mandei trazê-las para cá. Vou distribuir os teus casos. A Vivienne ficará a controlar o caso Joy. Como é óbvio, não vai haver trabalho legal por esse lado, de momento, mas dada a maneira como estourou na imprensa, vamos ter tiroteio que baste.

Senti-me agoniada, a minha mente a voar no mesmo instante para os *dossiers* relativos ao caso. Vivienne, ou quem quer que ficasse com ele, ia ter de familiarizar-se com aquelas pastas e eu esforçava-me por me lembrar do que tinha escrito nas minhas notas, de se havia lá algum material incriminatório, nem que fosse um desenho infantil que denunciasses a nossa relação.

– Não façam nada por enquanto – disse, cautelosa. – Deixem-me falar com um médico. Penso que é só uma crise que se pode resolver com medicação. É o que toda a gente faz nos tempos que correm, não é? – acrescentei, a tentar aligeirar a coisa.

– Sabes que ele foi detido – disse Paul, ao cabo de uma pausa.

– Quem? – perguntei, um tudo-nada demasiado depressa.

– O Martin Joy?

– Onde ouviste dizer isso?

– O Dave Gilbert enviou-me um *e-mail*. Não te contactou?

– Tenho tido o telemóvel desligado – menti.

– Se for acusado, é um desastre em termos de relações públicas – resmungou Paul.

– Eu sei – disse, e apertei o telemóvel com um pouco mais de força. Depois desliguei.



Não queria que Paul soubesse que eu não podia ir para casa. Que os meus lençóis de 500 fios estavam manchados pelo sémen de Pete Carroll, que se fosse para casa e fizesse nem que fosse o mais pequeno ruído o meu vizinho podia aparecer e querer uma repetição do que tinha acontecido na noite anterior.

Dúzias de pessoas passavam por mim, a energia de Londres tão intensa como o cheiro a loção de barbear, mas nunca me tinha sentido tão sozinha como naquele momento.

Hesitei antes de enviar uma mensagem a Clare a perguntar-lhe se podia encontrar-se comigo. Antes de Martin, ela sempre tinha sido o meu primeiro porto de abrigo, o meu refúgio e a minha caixa de ressonância, mas sentia-me mais do que nunca afastada dela, e ainda não respondera à mensagem que me enviara dois dias antes.

Fiquei aliviada quando atendeu quase ao primeiro toque e combinámos encontrarmo-nos em casa dela em Queen's Park.

Comprei um maço de cigarros a caminho de Oxford Circus e enfiei a toga e a peruca no saco de cinco *pence* que comprei ao mesmo tempo que adquiria a minha dose de nicotina.

Havia um grande monte de *Evening Standard* empilhados junto à porta do metro. Estendi a mão para tirar um exemplar, mas interrompi o gesto, sabendo que ler mais uma história a respeito de Donna Joy só serviria para me torturar.

Juntei-me ao rio de gente que entrava na estação e dirigi-me para a Bakerloo Line. De pé na beira da gare, senti o familiar zumbido quando a electricidade começou a correr pelos carris, logo seguido pela onda de ar quente provocada pelo rápido avanço da composição através do túnel. Vi os faróis aproximarem-se e perguntei-me, meio distraída, a que velocidade o comboio se deslocava ao entrar na estação e se uma pessoa sentiria o choque da electricidade antes de ser esmagada pela carruagem. Seria morte instantânea? Ou a pessoa seria arrastada, decepada membro a membro, apenas uma

comprida mancha vermelha que um traumatizado funcionário do metro ou um bombeiro teriam de limpar antes da hora de ponta da manhã? Mas quando acabei de pensar tudo isto já a composição tinha parado, uma sólida parede de metal a encher a plataforma. As portas abriram-se e deixei passar o fluxo de trabalhadores entorpecidos e turistas desorientados antes de entrar e sentar-me num duro banco rebatível.

Não costumava usar o metro – preferia o anonimato do autocarro, em que ninguém fica voltado de frente para nós, e gostava de poder ver Londres passar sem ser observada. Num autocarro, ninguém presta atenção a ninguém. No metro, as pessoas pareciam gostar de olhar para a nossa cara, era quase um desporto. Graças a Deus, a carruagem estava quase vazia, só um casal de namorados embrulhados um no outro e um africano já idoso, de olhos fechados e a balouçar ao ritmo do comboio. Vi o meu reflexo na janela coberta de pó – olhos encovados, faces escavadas – e desviei o olhar.

Começava a escurecer quando cheguei a North London. Acendi um cigarro e caminhei devagar, ainda hesitante, em direcção à casa de Clare.

Virei para a rua dela e esmaguei a ponta do cigarro no passeio com o sapato. Também tinha arrefecido muito, pelo que levantei a gola do meu fino casaco preto para parar a sensação de frio na nuca. Por um instante, deixei-me deslizar para a autocomiseração. Mas então pensei em Martin, na esquadra da polícia, ansioso e assustado, estendido numa fina enxerga a respirar um ar estagnado e a cheirar a suor. Como desejava estar com ele, entrar por ali dentro a brandir a minha nova mala, a exigir ao sargento de turno que libertasse o meu cliente ou, não podendo ser, me fechasse com ele.

Clare vivia numa casa bonita, ensanduichada numa fila de outras iguais numa sossegada transversal de Salusbury Road. Bati à porta e dediquei um instante a examinar o minúsculo pátio dianteiro. Havia no parapeito da janela uma floreira em que nunca tinha reparado e onde alguns amores-perfeitos e açafão começavam a despontar da terra. Uma fila de garrafas de leite vazias alinhava-se no degrau do portal, à espera de serem recolhidas pelo leiteiro, e a ordem doméstica da cena fez-me esquecer por instantes o meu caos.

A porta abriu-se e uma lufada de ar quente do vestíbulo pareceu sugar-me para dentro.

Eu não disse nada ao início e Clare aproximou-se e abraçou-me.

– Está tudo mal – disse-lhe.

– Entra, e podemos começar com uma grande caneca de chá.

Segui-a até à cozinha, o cenário de inúmeros almoços de domingo. As lâmpadas brilhavam no mínimo da intensidade e cheirava a figos e flores; não sei se o esforço tinha sido feito de propósito para mim, mas a verdade é que apaziguou o meu pânico.

– Por onde queres começar? – perguntei a Clare, que estava a ligar a cafeteira eléctrica.

– Li os jornais. Deduzi algumas partes que não me contaste.

Tinha todo o direito de estar zangada comigo; Claire devia ser a minha melhor amiga e eu escondera-lhe deliberadamente os pormenores da minha relação. Uma omissão, sim, mas equivalente a uma grande e redonda mentira. No entanto, não havia reprovação nem desapontamento na sua voz.

– Assumo que o Martin é teu cliente – continuou, sem esperar que eu respondesse. – E que a Donna Joy dos jornais é a mulher dele. Correcto?

– Clare, foi por isso que não disse nada na galeria nem na festa. Era constrangedor. E, claro, não devo andar a sair com os meus clientes.

Ela hesitou e fez um ar embaraçado.

– O *Evening Standard* diz que houve uma detenção.

– O Martin, queres tu dizer.

– Não quero meter-me no que não me diz respeito...

– É uma trapalhada, Clare – murmurei.

Acenei que sim e fechei os olhos.

– O facto de eles terem detido o Martin significa que no mínimo dos mínimos acreditam que está a esconder qualquer coisa. Sinto-me tão impotente, a minha cabeça não pára de andar à roda...

Sentei-me à mesa da cozinha e apoiei a cabeça nas mãos. A água na cafeteira ferveu e Clare fez o chá. Pôs a caneca à minha frente e eu segurei-a com ambas as mãos enquanto ela se sentava do outro lado da mesa.

– Conta-me tudo, sem pressas.

E eu contei-lhe. Contei-lhe como eu e Martin nos tínhamos conhecido e como a nossa relação evoluíra depois da noite em que nos tínhamos encontrado no Selfridges – como o acender o rastilho de um petardo. Contei-lhe como ele me fazia sentir feliz e como ficara desesperada e esmagada quando Phil me dissera que achava que Donna mantinha uma relação sexual com o marido. Inspirei fundo e contei-lhe como tinha seguido Donna e a vira encontrar-se com Martin no restaurante, porque tinha de dizer a alguém o que tinha visto.

– Seguiste o Martin e a Donna – disse ela devagar. – E essa foi a última noite em que ela foi vista viva?

Sabia como aquilo soava, via a preocupação no rosto dela, mas queria que soubesse o que eu estava a sentir.

– Clare, precisava de saber – disse, à beira das lágrimas. – Precisava de saber se podia confiar nele.

Ela ergueu uma sobrancelha, como que a dizer: «Bem, agora sabes que não podes, não sabes?»

– Que aconteceu a seguir? – perguntou. – Depois do restaurante. Li nos jornais que Donna tinha desaparecido. O Martin contou-te o que aconteceu naquela noite?

Assenti, com medo da próxima pergunta.

– Estiveram em casa juntos – respondi.

– Ele admitiu-o?

– Eu segui-os. Tu terias feito o mesmo – disse a olhar para Clare, a desafiá-la a negar, mas ela não reagiu.

– E depois?

– Não sei – murmurei, e enrolei os braços à volta do corpo. – Quando voltei a dar por mim, estava em casa. Acho que me apaguei. Não me lembro de ter lá chegado. O Pete diz que fui de táxi.

– Pete? Quem é o Pete?

– O meu vizinho de baixo – respondi muito depressa. Não queria falar dele, não queria pensar nele. Em vez disso, estiquei o braço por cima da mesa e agarrei-lhe a mão. – Clare, por favor, preciso de

saber o que aconteceu na noite em que vi o Martin e a Donna. Se conseguir lembrar-me de qualquer coisa, seja o que for, talvez possa ajudar o Martin. Talvez tenha fechada aqui dentro informação que ajude a encontrar Donna – disse, a bater com os dedos na têmpora. – Talvez a tenha visto sair. Ela é imprevisível, egoísta. Quem sabe, talvez eu tenha visto mais alguém entrar em casa dela ou ir buscá-la. Uma matrícula, talvez, ou... não sei.

As palavras atropelavam-se para sair da minha boca e Clare olhou para mim, céptica.

– Estavas a beber? – Dessa vez o tom foi reprovador.

– Estava transtornada.

– Francine, não podes beber quando estás a tomar os teus medicamentos. Para não falar da bebedeira em si mesma.

Ergui as mãos para a calar.

– Eu sei, eu sei.

Tínhamos tido aquela discussão vezes suficientes ao longo dos anos, não precisava de ouvir aquilo naquele instante.

– Quanto? – perguntou ela. – Quanto bebeste?

– Muito. Escuta, Clare, tens de ajudar-me a recuperar a memória – supliquei. – O Martin precisa que o ajudemos.

– Não posso – disse ela.

– Porque não acreditas que ele está inocente? – perguntei, incrédula.

– Não posso – repetiu ela, num tom mais firme.

– *Não podes* porquê? – Franzi o sobrolho. – Tem de haver uma maneira.

Ela abanou a cabeça, com tristeza.

– As memórias perdidas num apagão alcoólico não podem ser recuperadas.

– O quê? Porquê? – disse eu, a ouvir o pânico na minha voz.

Aquilo não era o que queria ouvir. Queria que ela me ajudasse a repescar as minhas recordações. Clare tinha de ajudar-me a recuperar um qualquer fragmento de informação que pudesse ajudar Martin.

– Porque essas recordações nunca foram devidamente impressas no cérebro. A teoria é que o álcool satura o sangue e desliga o hipocampo, o pedaço do cérebro responsável pelas memórias a longo prazo. O que significa que essas recordações não se perderam Fran, nem chegaram a formar-se.

Senti a escuridão rodopiar à minha volta, como folhas num vento súbito.

– Não, *tenho* de ajudá-lo.

Clare pousou uma das mãos em cima da minha.

– Escuta, eu sei que queres acreditar que a Donna vai aparecer de um momento para o outro, que o Martin não teve nada a ver com o desaparecimento dela. E talvez seja verdade. Mas também tens de preparar-te. É possível que a polícia tenha fortes suspeitas, se o detiveram. As estatísticas mostram que o cônjuge é de longe o suspeito mais provável num caso de assassinio.

– Assassinio? – cuspi, interrompendo-a. – Ela não está morta, Clare. Desapareceu... foi de férias. Está em Hong Kong, num *spa*, não sei. Está num lugar qualquer.

Clare encolheu-se e eu soube que tinha sido demasiado veemente na minha reacção. Suavizei o tom quando voltei a falar.

– Confio no Martin – disse. – Conheço as estatísticas, sei o que toda a gente está a pensar. Eu tive esses pensamentos. Mas as pessoas não o conhecem como eu. Tens de acreditar em mim. Por favor.

– Ch... – sussurrou ela. – Havemos de resolver isto.

Olhei para ela e assenti. Fora o que Clare dissera quando eu tinha dezanove anos, quando ela me encontrara na banheira com manchas negras a escorrerem-me dos pulsos. Abraçou-me enquanto a ambulância não chegava e ficou a meu lado no hospital, e foi a força motriz por trás de eu ter conseguido a ajuda psiquiátrica certa e ajuda e apoio na universidade. Tinha-me visto rebaixada e vulnerável como nunca na minha vida, e fizera que tudo acabasse bem.

– Queres dormir cá esta noite?

Abri a boca para lhe contar a respeito de Pete Carrol, mas, apesar de tudo, não fui capaz. Ainda nem tinha a certeza de que acontecera na realidade.

– Se não for muito incómodo.

– Adorava que ficasses. Quase não vejo o Dom, nos tempos que correm. Todo o seu mundo gira à volta do restaurante. Não estou muito longe de ligar para o serviço horário para ter companhia.

– Podias ligar-me – disse eu por fim.

– Também tu, sabes? Estou sempre pronta para te ajudar. Sempre estive, sempre estarei. Só precisas de projectar o sinal do morcego.

Sorrimos ambas à recordação. O «sinal do morcego» era um código, um pacto que tínhamos feito nos primeiros tempos dos meus episódios bipolares, um acordo nos termos do qual eu lhe ligaria a dizer-lhe que estava fora de controlo, que precisava de ajuda urgente.

– Desculpa quase não nos termos visto nestas últimas semanas – disse. Ia dizer que nunca tinha querido ser o género de pessoa que desaparece quando arranja um amante, mas dadas as circunstâncias não me pareceu o mais apropriado.

– Anda, vou telefonar ao Dom e dizer-lhe que mande qualquer coisa do restaurante.

Assenti, agradecida para lá das palavras. Só queria enrolar-me, fechar os olhos e desejar que tudo desaparecesse.

Tudo.

Capítulo 29

Quando abri os olhos, senti-me calma. Aninhada debaixo dos lençóis quentes e a cheirar a lavado estava, pelo menos naquele momento, a salvo. Então a familiar sensação de medo abriu caminho até à superfície, a ameaçar transformar-se em pânico.

Está tudo bem, a Clare sabe tudo, disse a mim mesma, a lutar contra as reviravoltas do meu estômago, *e vai ajudar.*

Ajudou a reduzir a ansiedade, mas não muito. Tanto quanto sabia, Martin continuava detido e podia ter-lhes contado todos os pormenores mais íntimos da nossa relação, fazendo de mim cúmplice e pondo fim à minha carreira. Não que tivesse grande futuro de todos os modos, pensei, depois de me ter passado em pleno tribunal. Teria sorte se conseguisse trabalhar escrevendo testamentos.

Obriguei-me a inspirar fundo várias vezes. Por muito que quisesse ficar ali debaixo do edredão, rodei as pernas para fora da cama e desci as escadas. Clare e Dom tinham ambos saído. O que não foi grande surpresa, uma vez que o relógio da cozinha me informou de que era quase meio-dia. Foi um choque e perguntei-me no mesmo instante se Clare teria posto qualquer coisa no meu chá na noite anterior, uma qualquer poção para dormir tirada da sua maleta preta de médica, interrogação logo seguida da compreensão que não estava atrasada para o trabalho. Não haveria trabalho para mim, pelo menos enquanto não me recompusesse.

Clare tinha deixado um conjunto de chaves em cima da mesa da cozinha e uma nota a dizer que os dois tinham achado que era melhor deixar-me dormir. Não sei por que me deixaram na cama. Tinha dito a Clare que ia tirar um par de dias de folga, mas isso não significava que não tivesse montes de coisas para fazer.

A minha primeira prioridade era ajudar Martin, mas também precisava de contactar Tanya Bryan e Holly Khan. Estava envergonhada por ter saído a correr do tribunal e abandonado a minha cliente e sabia que tinha de enfrentar a situação. Esconder-me debaixo do edredão não ia resolver nada.

A minha mala continuava no sofá onde a tinha deixado na noite anterior.

Um piscar de luz azul disse-me que tinha uma mensagem. O meu coração falhou uma batida. Seria de Martin? Afinal era de Sophie Cole, a perguntar se queria encontrar-me com ela para almoçar.

Hesitei por um instante e respondi que sim. Não serviria de nada ficar fechada em casa de Clare. Além disso, queria sondar Sophie para ver se conseguia mais informações a respeito de Martin.

Com o telemóvel ainda na mão, cerrei os dentes e liguei para o escritório de Tanya. Os deuses estavam a sorrir, porque uma recepcionista disse-me que ela estava no tribunal e perguntou se queria deixar uma mensagem. Chocou-me a maneira como fiquei aliviada por poder evitar aquela confrontação em particular; as mãos tremiam-me quando pousei o telefone. Havia um único comprimido de lítio na minha mala, e enquanto tomava a dose matinal tentei não pensar no facto de

só me restarem comprimidos para mais alguns dias. Não era a ira de Tanya que temia, mas enfrentar as minhas falhas e as consequências muito reais de deixar ficar mal as pessoas. Fiquei contente por ter adiado o momento em que teria de ouvir como arruinara a vida de Holly e a minha, ainda que os murmúrios na minha cabeça não se cansassem de mo lembrar.

Exceptuando os meus ruídos interiores, a casa estava estranhamente silenciosa. A luz do Sol entrava pela grande janela de sacada e de repente quis sentir calor na cara, de modo que abri a porta das traseiras e saí para o jardim de Clare, um pequeno quadrado de relva e saibro grosso; era minúsculo, mas era sem dúvida um bom lugar para apanhar sol.

Sentei-me numa das cadeiras desdobráveis, fechei os olhos, inclinei a cabeça para trás e voltei o rosto para o céu. Por um momento de bem-aventurança estive de férias, com um dia vazio à minha frente numa das minhas adoradas viagens de Agosto a Itália. Imaginei que o som do vento entre as árvores era o marulhar do mar ao longo da praia e o zumbido do tráfego, o barulho das motocicletas numa distante *piazza*.

Mas foi só um momento. No instante seguinte estava de volta a Londres, sentada numa cadeira ferrugenta a evitar uma longa lista de coisas a fazer.

Voltei a subir as escadas e tomei um duche. Já ouvi falar de viajar com pouca bagagem, mas nem eu consegui resistir a um bufar de desânimo ao ver os meus escassos pertences espalhados em cima da cama. Um saco de compras com a minha peruca, a minha toga e as minhas roupas do dia anterior – calças e casaco pretos e a camisa branca de colarinho fechado que tinha usado no tribunal. Vesti a saia e o *soutien* e tirei uma *T-shirt* cinzenta de um monte de roupa lavada, na esperança de que Clare não se importasse.

Sentei-me na beira da cama a esfregar os cabelos húmidos com uma toalha enquanto navegava pela internet à procura de «detenção Martin Joy», até que o meu telemóvel emitiu um *bip* zangado a avisar-me de que estava quase sem bateria. Em circunstâncias normais, o som arrancar-me-ia um resmungo irritado, mas naquele momento senti qualquer coisa parecida com medo: a ideia de ficar desligada de notícias de Martin fez-me levantar de um salto e correr para o escritório de Clare, sabendo que ela era a organização em pessoa: se alguém tinha um carregador, era de certeza ela.

Revolvi a caixa com o rótulo «Carregadores», a atirar para o lado os que não serviam, a descartar a ideia de que não devia estar ali, sem ser convidada, a remexer nos pertences da minha amiga como se aquilo fosse uma venda de garagem. Tinha de encontrar o carregador. Era como se todo o meu bem-estar dependesse daquele objecto. Com um grito de triunfo, encontrei um que servia, encaixei-o no telemóvel e deixei-me cair na cadeira de Clare com um suspiro de alívio.

Era demasiado tentador não abrir o portátil de Clare para continuar a minha pesquisa na *web*. Premi uma tecla e o computador zumbiu e voltou à vida. O *screensaver* de Clare e Dom numa praia algures, de braço dado e a sorrir, uma visão da feliz união, não ajudou a melhorar o meu humor, mas depressa desapareceu da minha vista quando cliquei na *home page* de um dos principais tablóides. Da noite para o dia uma das mais famosas celebridades mundiais, estrela dos *reality shows* americanos e casada com um controverso *rapper*, tinha-se envolvido numa violenta altercação com um admirador. Os *media*, e uma vergonhosa parte dos supostamente sérios novos meios de comunicação de todo o mundo, tinham perdido a cabeça com a história.

Em qualquer outra ocasião, teria rolado os olhos nas órbitas face a mais esta prova das insondáveis profundezas da vulgaridade popular, mas naquele momento dei graças por o insaciável interesse do público pelos ricos e famosos ter expulsado Donna Joy dos cabeçalhos.

Corri a página e vi a história, *Homem Detido em Ligação com o Desaparecimento de Donna Joy*.

Cliquei no artigo, os meus olhos a lerem o texto o mais depressa que foram capazes. Aliviada, vi que o jornalista tinha tido o cuidado de evitar o nome de Martin ou qualquer coisa que pudesse identificá-lo como «o marido». As regras da reportagem jornalística tinham sofrido há pouco um aperto, sobretudo nos casos em que alguém tinha sido detido mas ainda não acusado, mas eu suspeitei que aquilo era obra de Robert Kelly, o advogado dos *media* que tinha recomendado. Bob Kelly era um mestre na arte de conseguir que as histórias fossem esmagadas ou neutralizadas ao ponto de se tornarem opacas. Peguei no telemóvel que tinha a carregar, em princípio para ligar para o escritório de Robert e pedir uma actualização, mas decidi ir até ao topo e falar com o advogado criminal de Martin. Mas iria ele dizer-me fosse o que fosse? Qualquer advogado digno desse nome estaria naquele momento ao lado de Martin na sala de interrogatórios da polícia, e eu não queria perturbar esse trabalho por muito desesperada que estivesse por saber o que se passava.

Quando estava a considerar as várias opções, o telemóvel começou a vibrar na minha mão. Procurei Mensagens e vi que tinha uma de Martin. O coração galopava-me no peito quando cliquei para a abrir.

Saí. Encontra-te comigo. Hotel?

Não soube que parte da curta mensagem me excitou mais – ele ter sido libertado ou querer encontrar-se comigo num hotel. Toquei na cara: estava quente e o sangue latejava-me no pescoço. Sentia-me zozza, agitada e desconfortável. Não era capaz de estar sentada, de modo que comecei a andar de um lado para o outro no pequeno escritório, a abrir e fechar os punhos, a sacudir o estado de ansiedade em que me encontrava. Ele estava livre... e queria encontrar-se comigo.

Voltei ao quarto, peguei na minha bolsa e corri de novo para o escritório de Clare. Apaguei o *site* de notícias, saltei para um motor de busca de hotéis e teclei «Hotel Central London». A minha mão ficou a pairar sobre o rato quando o *site* me perguntou o número de hóspedes. Corri a lista e cliquei em «um». Sabia que tinha de começar a pensar com antecedência, disfarçar o nosso rasto, Sophie tivera razão no dia anterior. Ninguém tinha nada a ver com a nossa relação, mas expô-la não ajudaria em nada a causa de Martin.

Tinha de admitir que sempre gostara da natureza ilícita da minha relação com ele, e senti uma pontada de excitação quando o *site* de reservas despejou uma lista de centenas de hotéis em Londres. Por um instante, imaginei-nos num dos mais chiques e caros; lençóis muito brancos e acabados de engomar, o serviço de quartos a levar-nos morangos e champanhe. Eu prepararia um banho para Martin e enfiar-nos-íamos os dois na banheira. Ele sentar-se-ia entre as minhas coxas e eu ensaboar-lhe-ia o peito, lavaria a sujidade da cela, adoçar-lhe-ia o cenho franzido com os meus beijos.

Mas isso era apenas uma fantasia e eu tinha de ser esperta; o Savoy e o Ritz eram demasiado destacados, demasiado centrais, demasiado frequentados pelos *paparazzi*, apesar de os tablóides parecerem ter perdido o interesse pela história. Por isso escolhi um hotel barato em West London;

suficientemente modesto para ser anónimo, mas também grande o suficiente para ninguém reparar nas idas e vindas no átrio. Enviei os pormenores a Martin, já inebriada pela ideia de voltar a vê-lo.



O hotel ficava a um pulinho de Queen's Park pelo metro, mas o *check-in* estava sobrecarregado. Juntei-me à fila mais comprida para me perder naquele mar de rostos. Um funcionário perguntou-me se precisava de ajuda com a bagagem, mas eu sorri e abanei a cabeça. Não queria que alguém se lembrasse de mim. Além disso, nem tinha bagagem.

O quarto era pequeno e escuro, escondido nas traseiras do oitavo piso. Um quarto para homens de negócios e turistas, não para amantes. A menos que fossem como nós, pensei, os meus olhos a examinarem a cama baixa, as paredes, a tentarem adivinhar-lhes a espessura. Aproximei-me da porta e espreitei pelo ralo para o corredor, como se pudesse vê-lo ali de pé. A sentir-me tola, liguei a televisão e tentei ver uma novela de hora do almoço, mas não fui capaz de me concentrar.

Em vez disso, mudei para o canal de música clássica, sacudi os sapatos dos pés e fui pôr-me à janela a observar a vista de Londres, os postes telefónicos e as manchas alaranjadas das filas de estreitas casas de tijolo todas iguais, a olhar para o relógio de poucos em poucos minutos, a tentar adivinhar os movimentos de Martin, calcular quanto tempo demoraria a chegar.

E então soou uma pancada na porta. Parei de respirar e atravessei o quarto; tensa, nervosa, culpada. Tinha sido durante tanto tempo não só uma cidadã respeitadora da lei mas também uma servidora dessa mesma lei. Era um pilar da sociedade, fiável, irrepreensível. E no entanto ali estava, a encontrar-me com um suspeito num caso de pessoa desaparecida, um cliente com o qual estava proibida de ter qualquer espécie de relação. Era tão, tão errado. Mas tratava-se de Martin. As regras habituais não se aplicavam.

Abri a porta e inspirei fundo quando o vi. Parecia exausto, tinha os olhos encovados, um escuro restolho de barba na cara, os ombros descaídos.

– Ei – disse ele, e eu enrolei-me à sua volta, a sentir a sua solidez, a cheirar o seu cheiro. Depois puxei-o para dentro do quarto e fechei a porta com duas voltas de chave. Agora ele era meu e não queria que fosse quem fosse nos incomodasse.

– Como estás? – perguntei, a saber quão pateta era a pergunta.

Martin fez um sorriso torcido.

– Muito melhor, agora.

Vi os semicírculos arroxeados por baixo dos olhos, vi como faziam as íris parecerem ainda mais verdes, dois pontos de cor num rosto pálido.

– Quanto tempo te mantiveram lá?

Uma pergunta mais pertinente, mais digna da minha experiência como advogada.

– Vinte e quatro horas – respondeu ele, afastando-se.

– Isso é bom – disse, e notei a expressão de surpresa na cara dele. – Quero dizer, é bom não te terem retido mais tempo. Só podem deter-te mais de vinte e quatro horas se fores considerado suspeito de um crime grave. O que sugere que és apenas uma pessoa de interesse.

Ele afastou-se ainda mais e foi sentar-se na cama.

– O advogado disse que ainda não têm provas suficientes, que há uma boa probabilidade de voltarem a deter-me...

Calou-se, como se estivesse a impedir-se a si mesmo de terminar a frase.

– Quando encontrarem o corpo – disse.

Olhou para o tecto e eu vi a maçã-de-adão subir e descer na garganta tensa. Sentei-me a seu lado.

– Isso é pura especulação. Uma vez que ambos sabemos que não há nenhum corpo para ser encontrado, não tens nada com que te preocupar, pois não? – Fiz-lhe um sorriso. – Além de ser apanhado comigo num qualquer hotel de terceira categoria.

– Sim, isso é um problema muito maior – disse, a apertar-me a mão.

Olhei para ele.

– Pensava que tinhas dito que não devíamos contactar um com o outro.

Fiz que parecesse que estava preocupada, que estava a apontar uma questão prática. Talvez isto não seja sensato, talvez o melhor fosse ir cada um para sua casa. Mas não era nada disso. Queria que ele confessasse que enquanto estava estendido naquele minúscula cela era eu quem absorvia os seus pensamentos, que eu era a única coisa que o tinha ajudado a passar por toda aquela provação. Queria, em suma, saber quanto me amava.

– Neste momento, és a única pessoa com quem sinto que posso falar.

Tentei esconder o desapontamento. Pelo menos, era a mim que ele queria ver; teria de bastar, de momento.

– Como se portou o teu advogado?

Outra pergunta prática. Sentia uma certa responsabilidade em relação a este ponto. Matthew Clarkson tinha de ser bom, o melhor. E apesar de confiar na opinião de Tom Briscoe que o dizia excelente, continuava a sentir-me responsável.

– Não posso dizer que tenha experiência suficiente nestas questões para poder avaliar. Mas apoiou-me. Um filho da mãe difícil, por sinal. De uma maneira boa. Acho que foi uma boa escolha.

– Fico contente – respondi.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou de lá um telemóvel de aspecto barato.

– O Alex foi à esquadra e deu-me isto; é uma dessas coisas descartáveis. De futuro vamos passar a comunicar através deste número. Tu também devias arranjar um.

– Faz-me sentir uma espia.

Ele soprou pelo nariz.

– Seria difícil ter o *glamour* de qualquer James Bond na situação de ontem à noite, posso dizer-te.

Despiu o casaco e começou a massajar a parte de trás do pescoço.

– Deixa-me fazer isso – disse eu, e trepei para cima da cama para pousar as mãos nos seus ombros.

– A Sophie disse que vais ficar em casa deles?

Martin assentiu.

– Entrou em pleno modo de contenção de estragos. Arranjou maneira de eu ficar com eles. Não sei quanto tempo vai demorar a sacudir a imprensa. Esconder-me em casa do meu sócio não é passar à clandestinidade profunda, mas sempre é melhor do que voltar ao sótão.

Inclinou-se para a frente, com a cabeça entre as mãos.

– Não consigo acreditar que isto está a acontecer.

– De momento, o mais importante é encontrar a Donna. Quando ela aparecer, não terás nada com que te preocupar.

– E se não encontrarem um corpo?

– *Se* – enfatizei. – E se encontrarem, terão as provas. ADN, impressões digitais, fibras, coisas que podem ajudar a polícia a descobrir quem lhe fez mal... e que provarão que não tiveste nada a ver com o assunto. Porque neste momento eles andam a perseguir fantasmas e os fantasmas não deixam rasto, razão pela qual andam atrás de ti.

Pus-me de pé e dirigi-me à chaleira eléctrica.

– E agora, queres um chá?

Por fim, Martin sorriu.

– Obrigado – disse, e aproximou-se de mim. – Eu sabia que podia contar com que te mantivesses focada.

Se soubesses, pensei eu, enquanto punha saquetas de chá em duas chávenas.

– Dado que não há corpo nem provas, a polícia disse por que razão foste detido?

Ele deixou descair os ombros e desviou a cara.

– Insistem em que, por enquanto, continua a ser um caso de pessoa desaparecida. Mas eu sei que pensam que ela está morta.

– Porquê?

– Ela desapareceu, Fran – disse ele, a irritação ao vir à tona. – Desapareceu... e já lá vai mais de uma semana. Eu fui o último a vê-la. E tinha todas as razões para a odiar. Estamos a divorciar-nos, ela quer deitar a mão a metade do meu dinheiro... e para a maior parte das pessoas, é *muito* dinheiro. Se eu fosse a polícia, também me deteria. A quem mais hão-de apontar o dedo?

– Portanto o que estás a dizer é que não têm nada.

– Têm o suficiente, Fran! – respondeu ele, a fúria a flamejar. – Admiti ter ido a casa dela, e não há nada que confirme a hora a que saí. Nenhum motorista de táxi, nenhuma câmara de vigilância... e mesmo que houvesse, o que provaria isso? Quanto tempo demora a assassinar alguém?

Olhou para mim sem pestanejar, como se estivesse à espera de uma resposta.

Eu sabia que tinha de lho dizer. Tinha estado a guardá-lo como um boneco de mola dentro de uma caixa, mas agora era tempo de me recompor e ajudá-lo, e isso significava não lhe esconder nada do que sabia, por muito constrangedor que fosse revelá-lo.

– Acho que a Donna tinha um caso – disse por fim.

Ele abriu muito os olhos.

– *O quê?*

A chaleira começava a ferver, de modo que a desliguei e me atarefei a fazer o chá, para fugir ao seu olhar.

– Contratei um investigador privado, um tipo chamado Phil Robertson – disse. – Por todos os meios, lembra-te? – acrescentei, entregando-lhe a chávena com um olhar de desafio. – O Phil seguiu a Donna e ficou convencido de que ela tinha um caso. No fim, assumiu que era contigo.

– Porquê comigo?

– Tinha dois pedaços de informação. Fotografou-te a ti e à Donna juntos e notou que em duas ou três ocasiões ela não tinha voltado a casa. A conclusão mais lógica era que tinha estado contigo.

– A Donna nunca passou a noite em minha casa.

Estudei-lhe o rosto com cuidado.

– Se não estava em tua casa, estava noutro sítio qualquer – disse devagar. – *Com* outra pessoa. – Sentei-me ao lado dele. – A meu ver, há três possibilidades. Ou a Donna está neste momento com o tal amante misterioso, escondida num sítio qualquer e abençoadamente ignorante da confusão que está a causar, ou é muito possível que saiba o que se passa, porque leu as notícias *on-line*, mas não tem pressa de voltar para casa...

– Por que havia ela de fazer uma coisa dessas?

– Despeito, maldade... Está a tentar ficar com metade do teu dinheiro, lembra-te? Não ajudaria em nada a causa dela saber-se que já está envolvida numa relação com outra pessoa.

Martin digeriu aquilo e vi um raio de esperança entrar-lhe no coração.

– E qual é a outra possibilidade?

Eu tinha remoído a minha teoria vezes sem conta.

– Talvez o amante misterioso tenha descoberto que a vossa relação física ainda não acabou de todo – respondi, cuidadosa. – E isso lhe tenha feito ciúmes.

– E *ele* a tenha matado?

Assenti devagar, à espera que ele percebesse por que razão aquilo eram más notícias. Não demorou muito.

– Mas eu continuaria a ser o principal suspeito – disse, e fechou os olhos. – Se encontrarem o corpo, continuo a ser eu o tipo que tinha o motivo.

– E a oportunidade.

Ele pensou naquilo por um instante, e parou de bebericar o chá.

– Fazes alguma ideia de quem é?

– Perguntava-me se tu saberias.

– Claro que não – disse ele, a franzir o sobrolho.

– O Phil está a tentar descobrir. Foste a Paris com a Donna?

– A Paris?

– Ou à Bélgica. Ou qualquer sítio para onde viajasses no Eurostar?

– Não. Vou sempre de avião para a Europa. Não fui a parte nenhuma com a Donna desde o Verão do ano passado. O que deve isto significar?

– As datas exactas estão num *dossier* no meu escritório. Mas o Phil viu-a passar pelo terminal internacional em St Pancras. Não tinha nenhum bilhete de comboio, por isso não pôde segui-la.

– Estava sozinha?

– Sim, mas pode ter-se encontrado com alguém.

– Onde? Em Paris? No comboio? Por que não encontrarem-se na estação?

– Porque ela não queria ser vista.

– Então o Phil, o teu investigador privado... está a ocupar-se disso?

Assenti.

– Trabalha sozinho?

– Sempre. É o melhor quando se lida com assuntos privados.

– Bem, agora deixou de ser privado – disse Martin, pondo-se de pé e começando a andar de um lado para o outro, como um felino numa jaula. – Diz-lhe que reúna uma equipa... não quero saber quanto custa. Se a polícia está convencida de que sou eu, não vai pôr-se a procurar mais ninguém. Vamos ter de ser nós a fazê-lo.

– Preciso de te dizer outra coisa.

Ele detectou o meu tom e deteve-se.

– Vi-te entrar em casa da Donna naquela noite. – Fiz uma pausa. Tinha estado todo aquele tempo com medo de lhe dizer aquilo. – Quando o Phil me disse que continuavas a encontrar-te com ela, doeu-me muito. Quis descobrir se era verdade, e por isso segui-a até ao restaurante onde os dois se encontraram. E depois vi-te voltar a casa dela.

Se ele achou que havia alguma coisa de estranho naquele comportamento, não o mostrou.

– E viste-me sair? – perguntou.

– Não me lembro. Estava bêbeda.

– Não te lembras? – disse ele, num lampejo de fúria. – Que raio queres dizer com isso?

– Estava bêbeda. Esperei no *pub* do outro lado da rua. Nem sei como cheguei a casa. Quando acordei na manhã seguinte, não me lembrava de nada.

Ele caiu de joelhos à minha frente, a agarrar-me os ombros.

– Fran, tens de tentar lembrar-te – pediu. – *Tens* de tentar.

– Fá-lo-ia se pudesse – respondi, a sentir a minha voz tremer de frustração.

– Então tens de esforçar-te mais – disse ele, a voz a ganhar uma aresta mais dura, mais insistente.

– Fá-lo-ia se pudesse – repeti, quase num murmúrio.

Olhei para ele e vi uma ideia formar-se-lhe no cérebro. Soube que era o que estávamos ambos a pensar.

Eu podia mentir. Podia contar à polícia a história que acabava de contar-lhe a ele, com a diferença de que me lembraria de tê-lo visto sair.

– Desculpa ter-te seguido – disse, antes que ele pedisse.

Fez-me um fantasma de sorriso.

– Ainda bem que o fizeste – disse, e sentou-se na beira da cama.

– Porquê?

– Porque isso significa que me amas.

Estas palavras provocaram-me um arrepio. Quando olhou para mim, tudo o que eu queria era senti-lo dentro do meu corpo.

– Anda cá – disse ele numa voz mais suave, e estendeu a mão para mim. – Tudo o que queria fazer hoje era ver-te.

– Também eu queria ver-te.

– Apesar de eu estar com este aspecto? Preciso urgentemente de roupas lavadas.

– Não, neste instante não precisas – disse eu, a sentir-me ousada.

Comecei a desabotoar-lhe a camisa e puxei-o para mim. Pousei-lhe as mãos nos cabelos quando ele enterrou a cara na minha saia e ouvi-o inspirar o meu cheiro e quis sentir na pele o toque dos seus lábios.

Levei as mãos atrás das costas e abri o fecho da saia, que caiu no chão com um restolhar.

Sem roupa interior lavada naquela manhã, optara por não usar nenhuma.

Martin pôs-se de pé e desapertou as calças, desembaraçou-se das roupas até ficar nu, o seu corpo tão magnífico como o recordava. Subiu para a cama, deitou-se de costas e pôs uma almofada debaixo da cabeça, a observar-me enquanto eu acabava de despir-me.

Rastejei pela cama em direcção a ele, montei-o. Pela primeira vez em muitos dias, sentia-me cheia de vida e de força. Sentei-me sobre as coxas dele e, quando nos beijámos, esfreguei os seios contra os cabelos encaracolados do seu peito.

Ele gemeu baixo quando parou para respirar e depois agarrou-me, voltou-me até ficar eu por baixo. Chupou-me um mamilo e no instante seguinte estava às cavalitas no meu corpo, a entrar em mim.

A cabeça dele batia contra a cabeceira, primeiro ao de leve, devagar, depois com mais força, mais depressa.

Sentia a sua frustração em cada arremetida. Agarrei-me a ele, os dedos a apertarem-lhe as costas, a sentir os músculos duros, tensos, debaixo da pele; nunca tinha reparado a sério em como ele era forte, mas naquele momento a sua força bruta prendia-me ao colchão. Estava impotente para fazer fosse o que fosse senão acompanhar-lhe o ritmo. Sentia-me cheia dele, e quando me afastou as coxas, começou a doer.

Gemi, a querer que fosse mais gentil, mas uma parte de mim estava a adorar ser subjugada por ele. Era como se quisesse consumir-me e eu queria que me possuísse, que entrasse tão fundo dentro de mim que fôssemos um só, fundidos para sempre.

Os gemidos dele tornaram-se mais altos, mais animalescos à medida que se movia dentro de mim como um pistão, e sentia a sua raiva e o seu desespero a cada impulso.

Uma das suas mãos abriu-me ainda mais as pernas num gesto de brutalidade e senti uma dolorosa distensão muscular entre as coxas. Tentei gritar, mas mal conseguia respirar, quanto mais pedir-lhe que parasse.

O lento crescer do desejo começou a dissipar-se quando percebi que já não estava a ter prazer.

Agarrou-me os cabelos e senti o couro cabeludo separar-se do crânio. A boca dele estava apertada contra a minha orelha e a saliva escorria-me pela pele quando ele grunhia a cada arremetida.

Só queria que aquilo acabasse e arqueei-me contra ele, a ofegar cada vez mais alto enquanto simulava um orgasmo.

Martin tinha as veias do pescoço salientes e os olhos fechados com força.

– Donna – gemeu, e senti-o explodir dentro de mim.

Ao princípio não quis acreditar no que ele tinha dito, mas ainda ouvia o eco do nome dela na minha cabeça, e tive de admitir o que gritara.

Fiquei absolutamente imóvel, a olhar para o tecto, quando ele rolou de cima de mim. Deitados lado a lado, estendeu a mão e pousou-a na minha coxa à medida que a sua respiração começava a voltar ao normal, mas eu não queria estar perto dele. Levantei-me da cama e aproximei-me da janela.

O céu estava coberto de nuvens, o que tornava o quarto ainda mais escuro. Cruzei os braços sobre o peito e fixei os olhos numa antena num telhado, à distância.

Fiquei ali até ouvir passos atrás de mim. Não me virei para o enfrentar, mas senti-lhe a respiração no pescoço.

Rodeou-me com os braços e eu encolhi-me.

– Que se passa? – perguntou em voz baixa.

– Foste demasiado bruto – sussurrei.

– Desculpa. Perdi o controlo.

– Não digas nada – respondi, enquanto ele me fazia voltar-me, devagar. Desviei o olhar. – Chamaste-me Donna.

Estava direita e rígida, a sentir o frio do ar condicionado cobrir-me o corpo nu de pele de galinha.

– Não o negues – murmurei, quase a ouvi-lo inventar uma desculpa.

– Peço desculpa. Foi sem intenção.

Outro silêncio.

– Porquê? Por que me chamaste Donna?

Afastei-me dele e senti a repulsa e a bÍlis subirem-me à garganta.

– Porque é a única coisa em que consigo pensar. O nome dela foi a única coisa que ouvi nas últimas vinte e quatro horas. Não o disse da maneira que tu achas que disse.

– E de que outra maneira poderia ser?

Por um segundo, a única coisa que consegui imaginar foi Martin e Donna na cama. O sexo nu e cru, desejo puro e desenfreado. Vejo-o apertar-lhe os pulsos, com força, com tanta força que a pele dela está a ficar violácea. Vejo os olhos dele flamejarem com ânsia e dor e fúria. Vejo como seria fácil para ele tapar-lhe a cara com uma almofada, abafar-lhe os gritos e vejo-o cair para longe do corpo sem vida. De súbito, consigo ver tudo.

– Fran – murmurou ele e pôs-me a mão na face. Por um segundo deixei de respirar. – Fran, por favor. Queria ver-te hoje porque te amo, porque preciso de ti.

– Acho que é melhor ires – disse eu.

Ele assentiu, como se compreendesse, e apanhou a camisa do chão.

Vestimo-nos ambos em silêncio.

– Para onde vais? – perguntei.

– Para casa do Alex.

Desejei ter uma bebida, ou um cigarro, e mal podia esperar por abrir o minibar.

– Ligas ao Phil? – perguntou ele, já perto da porta.

Assenti com a cabeça, os braços ainda dobrados sobre o peito, e vi-o fechar a porta, contente, pela primeira vez, por vê-lo desaparecer.

Capítulo 30

Decidi passar a noite no hotel. Não por tê-la pago, embora houvesse uma faceta minha que era muito cuidadosa, a faceta que me fazia sempre vigiar o dinheiro, que não queria desperdiçá-lo. Mas depois de tudo o que tinha acontecido com Pete Carroll e a minha hora com Martin, não queria olhar Clare nos olhos do outro lado da mesa do pequeno-almoço nem ter um encontro desagradável com Dom; só queria estar sozinha.

Tomei algumas notas para um eventual apelo no caso Khan vs. Khan, deitei-me cedo, e quando acordei na manhã seguinte liguei para a recepção, prolonguei a minha estada e saí para a rua, consciente de que, sem uma escova de dentes a que chamar minha, era tempo de ir às compras.

O hotel ficava a pouca distância do Westfield Centre. Às dez e meia da manhã, já estava apinhado. No estado de espírito em que me encontrava, era avassalador: as conversas, a música de fundo e o eco de mil pés fundiam-se num rugido, os infundáveis corpos pareciam balouçar e entretecerem-se no meu caminho para onde quer que me voltasse. Havia, no entanto, método na minha loucura, aquilo era uma espécie de agarra-o-que-puderes num frenesi de compras e um grande centro comercial era a maneira mais rápida de o fazer. Comprei artigos de higiene na *Boots* e algumas coisas básicas na *Gap*: roupa interior, calças, um par de *T-shirts* e uma pequena mochila para transportar tudo aquilo, e regressei à luz do dia como se estivesse a preparar-me para fugir de casa.

Ia a descer a Holland Park Avenue quando o meu telemóvel tocou. Fiquei surpreendida ao ver que a chamada era de Phil Robertson; tinha-lhe deixado várias mensagens depois da minha conversa com Martin, mas não tivera resposta.

– Já começava a pensar que tinhas fugido do país.

– Ainda não – disse ele. – Embora seja sempre uma possibilidade. Mas primeiro tenho umas coisas para te dizer.

Claro que não lhe ia pedir que mas dissesse pelo telefone. Como a maior parte dos investigadores que passavam a vida a sacar informação a fontes e a explorar as fraquezas dos sistemas de segurança, Phil era paranóico por uma questão de rotina.

– Que tal encontramos-nos no jardim japonês no parque?

Espaço aberto, mas não demasiado aberto. Tal como Phil gostava.

– Está combinado – disse ele.

Matei algum tempo num café local e fiquei surpreendida ao encontrá-lo à minha espera sentado num banco ao lado da fonte.

– Nem sabia que isto existia – disse ele, a bebericar de um copo de café. – Nunca pensei ir ao Japão, mas está-se bem aqui.

– Como é possível não queres ir ao Japão?

– Já lá foste?

– Não.

– Ora aí tens. – Sorriu. – Também não deves querer muito ir.

– Quero, pois. Mas sempre quis ver as cerejeiras em flor na Primavera ou as folhas de Outono em Outubro. São as alturas do ano em que tenho mais trabalho, de modo que fico presa no escritório.

– Não sabia que o divórcio era sazonal – disse ele, com um sorriso céptico.

Ri. Parecia não haver muita razão para rir no meu ramo de actividade nos últimos tempos, mas sempre gostara da atitude pragmática de Phil em relação à vida.

– Por estranho que pareça, é. Montes de pessoas separam-se depois do Natal ou do início do novo ano escolar.

– Novos começos – disse Phil, e assentiu sabiamente.

Expirei devagar e tentei impregnar-me da calma do jardim. Apesar do sol fraco que tentava espreitar por entre as nuvens, ainda estava deserto e ouvia-se com perfeita nitidez o som gorgolejante da fonte.

– Queria falar contigo – disse por fim. – O Martin Joy foi detido e está convencido de que a polícia não anda à procura de mais ninguém. Precisamos de descobrir com quem estava a Donna a ter um caso, para aliviar a pressão sobre ele.

– Razão pela qual tenho andado a evitar-te até ter qualquer coisa para te dizer.

Inclinei-me para o ouvir, os nervos a vibrar de esperança.

– Sem acesso a casa da Donna, nem ao telefone dela, a única maneira que tinha de o descobrir era perguntando por aí. Usei as contas das redes sociais dela, recortes de revistas cor-de-rosa para construir uma rede do seu círculo social. Entremeei isso com festas, eventos a que sabia que ela ia, e comecei a falar com pessoas. Algumas fecharam-se em copas. Outras já tinham sido interrogadas pela polícia. Mas acabei por descobrir alguém. Alguém que a tinha visto com alguém com quem ela não devia estar.

– *Com* alguém?

– A beijarem-se.

Abri muito os olhos.

– Quando foi isso? E sabes quem era o homem?

– Foi numa festa no Verão passado. E o homem era o Alex Cole.

Fiquei aturdida, apesar de, pensando bem nisso, não ser assim tão estranho. Quantos casos amorosos decorriam à vista de toda a gente? Colegas de trabalho, amigos, vizinhos – eram essas as pessoas em que tínhamos mais razões para confiar, o que fazia delas as pessoas por quem com mais facilidade nos apaixonávamos.

– Dá ao Alex Cole um motivo – disse, a pensar em voz alta.

– Achas que sim? Eu diria o contrário. A polícia vai pensar que dá ao Martin ainda *mais* motivo para matar a Donna.

– Ninguém está a falar de a Donna ter sido assassinada – disse eu, num tom duro.

A cara dele dizia o contrário.

– Seja como for, temos de dizer à polícia.

Assenti, sabendo embora que era um risco.

– Vão querer interrogar o Alex.

Phil inclinou-se para a frente, com uma expressão preocupada.

– Fran, compreendes que isto não são forçosamente boas notícias para o Martin Joy, não compreendes?

– Significa que há outro suspeito, Phil.

– Certo, mas não é muito difícil adivinhar o que a polícia vai pensar. Já suspeitam do Martin, e isto só vem confirmar essas suspeitas.

– Como?

– É assim que eles vão ver as coisas – explicou ele, paciente. – O Martin vai a casa da Donna para uns beijos e uma tentativa de reconciliação, e vamos-esquecer-esta-história-do-divórcio. Então a Donna conta-lhe a respeito do Alex. Discutem, lutam, e o Martin descontrola-se. Quando dá por isso, ela está morta. Esquece a ideia de que ele se livrou da Donna porque ela queria ficar-lhe com metade da fortuna, o simples crime passionai é uma das razões mais antigas do livro. Da perspectiva da polícia, o Martin é agora um suspeito mais plausível do que nunca.

– Mas se o Alex andava a dormir com a Donna...

Phil fez uma pausa, como se estivesse a ouvir o vento nas árvores, e então olhou para mim.

– Estás a ter uma relação com ele, Fran? Com o Martin?

Hesitei meio segundo. Não fazia sentido escondê-lo de Phil.

– É assim tão óbvio?

– Dá-me o crédito de ter alguma capacidade de dedução. – Fez um sorriso triste. – Vai falar com a polícia, Fran – acrescentou, pousando a mão no meu joelho. – Antes que vão eles à tua procura.

Capítulo 31

O inspector Michael Doyle, o agente que tinha a seu cargo o caso de Donna Joy, quis encontrar-se comigo no Pizza Express em Pimlico às oito da noite, o que me pareceu um pouco irregular, mas mesmo assim agradei o terreno neutro, aliviada por não ter de ir para uma das salas de interrogatórios da esquadra de Belgravia. Já tinha mentido a um agente da polícia uma vez naquela semana, e esperava que a informalidade do Pizza Express tornasse as coisas mais fáceis. Além disso, não tinha comido durante todo o dia e estava faminta.

Doyle andava pela casa dos quarenta, com cabelos escuros e olhos astutos, o que era previsível tratando-se de um funcionário superior da polícia. O facto de estar a comer salada e a beber um chá que cheirava a ervas foi maior surpresa.

– Sou Francine Day – disse eu, e estendi-lhe a mão.

– Michael Doyle. Obrigado por ter vindo.

Fez um aceno de cabeça, num convite para me sentar.

– Se isto fosse uma série policial, estaríamos numa tasca a comer *bacon* frito e ovos estrelados – disse eu, a tentar iniciar a conversa num tom de ligeireza, mas Michael Doyle pareceu ofendido.

– O meu chefe acaba de pedir a reforma antecipada. Quarenta e nove anos, doença cardíaca e diabetes. O departamento inteiro está numa de comida saudável – disse, a arquear uma sobrancelha.

Pedi um café à empregada, a perguntar-me se conseguiria sair dali ainda antes de ele chegar.

– De que quer então falar?

As luzes do tecto eram brilhantes e desejei que estivéssemos numa mesa mais recatada. Quando ligara para o número que o sargento Collins me tinha dado, decidira que aquela era a linha de acção correcta. A minha primeira chamada poderia ter sido para dizer a Martin o que descobrira a respeito de Alex, mas estando ele em casa dos Cole, não tinha a certeza de ser o mais sensato, sobretudo depois de o seu comportamento no hotel me ter dito que era imprevisível e estava com os nervos em franja. Podia ter telefonado a Mathew Clarkson, o advogado de defesa de Martin, mas como não o conhecia, não sabia se conseguiria arrancar-lhe alguma informação em troca do que me dispunha a dar-lhe.

Recostei-me na cadeira e fiquei a ver Doyle esperar que dissesse qualquer coisa. Perguntei-me se o treino em Hendon incluiria a avaliação psiquiátrica de culpa. Lembrei-me de uma série de televisão a respeito de um médico especializado em decifrar linguagem corporal e perguntei-me o que conseguiria Doyle ler em mim naquele momento.

– Não sei o que sabe a respeito do trabalho que eu faço – comecei.

– Como advogada de divórcios? – disse ele, e bebeu mais um gole de chá. – Não me custa imaginar. Tenho alguma experiência.

Sorri, a saber que tinha de ter muito cuidado. Metade dos polícias que conhecera na minha actividade eram divorciados. Se a mulher ficara com a casa e os miúdos, então o mais provável era que Michael Doyle não gostasse de pessoas como eu. Os polícias em geral não gostavam de advogados, de todos os modos, o que me deixava numa posição de desvantagem.

– Lido com uma porção de indivíduos muito ricos e a dissolução dos respectivos casamentos – disse, cuidadosa. – Isto traz uma dimensão acrescida ao meu trabalho, temos de envolver-nos em contabilidade forense e outras áreas de investigação que podem não ser necessárias no caso de um divórcio vulgar.

– E...? – disse ele, a fazer um movimento circular com o garfo.

– Há várias semanas, pedi a um colega que investigasse os assuntos pessoais da senhora Joy. É uma prática bastante comum em divórcios deste nível, em que tentamos conseguir o resultado financeiro mais justo para os nossos clientes.

– Como vive a outra metade, eh?

– O meu investigador encontrou provas de que a senhora Joy mantinha uma relação. Descobriu que estava envolvida com o sócio de Martin Joy, Alex Cole.

– Eu sei – disse Doyle, espetando um pedaço de tomate com o garfo.

O queixo caiu-me.

– Sabe?

– Montes de amigos de Donna Joy entraram em contacto connosco com informações que julgavam poderem ser úteis.

– O que disseram?

Doyle fez uma careta, mas não respondeu de imediato.

– Alguém testemunhou um *episódio romântico* entre a senhora Joy e o senhor Cole – disse por fim.

– O que significa o quê?

Doyle cravou em mim um olhar acerado e eu fiquei a saber que não ia conseguir mais informação.

– *Vão* interrogar o Alex Cole, não vão? – perguntei, já a sentir o coração bater mais depressa.

Doyle limpou o canto da boca com o guardanapo.

– Já interrogámos.

Fiquei a olhar para ele, a sentir-me mais uma vez enganada.

– E que disse?

– Doutora Day, é a advogada que está a tratar do divórcio do senhor Joy, e isto é uma investigação criminal – disse ele, sem tentar disfarçar o aviso para me manter afastada.

– Mas eu estou aqui a tentar *ajudar* a vossa investigação – protestei, num esforço para recuperar a compostura.

Doyle deixou escapar um pequeno suspiro.

– Alex Doyle estava com a esposa na noite de segunda-feira. Foram jantar fora e voltaram para casa.

– Portanto tem um *álibi*.

Com a paciência a chegar ao fim, Doyle escrutinou o que restava da salada como se isso fosse uma opção preferível a continuar aquela conversa comigo.

– Muito bem. Pode então dizer-me por que razão o meu cliente foi detido quando não havia provas de ter sido cometido qualquer crime?

Doyle suspirou, outra vez.

– Doutora Day, nada me obrigava a encontrar-me consigo. Tenho a certeza de que pode falar com a outra equipa legal do senhor Joy se quiser saber mais qualquer coisa.

– Se sabe que vou descobri-lo através do advogado criminal do senhor Joy, por que não poupar-me o preço de uma chamada e dizer-me agora?

A empregada trouxe o meu café e Doyle soprou pelo nariz.

– O que quer saber? – disse por fim.

– Preciso de saber o que se está a passar. Preciso de saber por que foi o meu cliente detido quando há de certeza outras pessoas em que deviam estar interessados.

A expressão dele permaneceu pétrea.

– Continuo a não perceber o que tem isso a ver consigo – disse. – Assumo que o processo de divórcio está suspenso, uma vez que é pouco provável que a senhora Joy apareça no tribunal?

Um bom ponto, mas eu tinha a resposta preparada.

– Compreendo que não queira saber de um monte de advogados, mas trata-se do meu negócio e nós precisamos de saber com que... ou com quem... estamos a lidar. Sei que quaisquer danos de reputação que a nossa firma venha a sofrer não são uma preocupação sua, mas...

Ele assentiu.

– Não quer continuar a defender Martin Joy se ele for culpado, é isso?

Não era bem o que eu queria dizer, mas se isso me desse a informação de que precisava, estava disposta a entrar no jogo.

– E é? – perguntei. – Ou vocês não podem provar que é?

Doyle pousou o guardanapo e olhou para mim.

– Deixe-me pôr a questão da seguinte maneira: Donna Joy está desaparecida há dez dias. Não voltou a haver actividade nas redes sociais que antes ela frequentava com regularidade. O telemóvel e os cartões bancários não foram usados. Não podemos assumir que está a salvo, a menos que tenhamos provas de que assim é. Se aconteceu alguma coisa a Donna Joy, queremos descobri-lo o mais depressa possível, bem como quem esteve envolvido.

– Penso que estamos todos de acordo em que queremos saber o que lhe aconteceu.

– Nesse caso, que tal ajudar-me, doutora Day?

Encolhi os ombros, sem me comprometer.

– Se puder.

– A Donna alegou comportamento irrazoável quando pediu o divórcio – continuou Doyle. – A irmã dele, Jemma, tem-nos ajudado nas nossas investigações. Diz que Martin tem mau feitio. Tem conhecimento de algum episódio de violência doméstica no casamento deles?

– Já ouviu falar de privilégio legal? – perguntei, a olhar por cima da beira da minha chávena de café.

Doyle respondeu com um fantasma de sorriso.

– Sei que não pode contar-me seja o que for. Mas eu também não tenho a obrigação de estar a ter esta conversa consigo.

Deixei-o esperar, o que também me deu tempo para pensar.

– Não houve nada dessa natureza – disse por fim. – Nem ameaças, nem violência. Era um casamento que tinha passado do prazo e havia as habituais frustrações recíprocas, mas ele nunca lhe tocou.

– Que seja do seu conhecimento.

– Teria ouvido dizer.

– Pois nós ouvimos dizer o contrário.

Esta deixou-me sem respiração. Senti as minhas emoções entrarem em parafuso, a necessidade de saber mais a sobrepor-se ao instinto de retirar.

– A quem? Ao advogado dela? À irmã?

Foi a vez de Doyle encolher os ombros. Era evidente que não ia revelar aquele pequeno pormenor.

– *Quid pro quo*, inspector: porque o detiveram ontem?

– *Quid* o quê?

– Vá lá, inspector. Eu disse-lhe uma coisa, agora é a sua vez.

Ele permaneceu calado.

– Então, inspector? Sabe que a equipa legal do senhor Joy vai dar-me essa informação, não é nenhum segredo.

Ele afastou o prato para o lado e olhou para mim.

– Martin Joy tinha um golpe suspeito na mão quando o ouvimos. Disse que tinha tido um acidente de bicicleta, mas os agentes afirmaram que a bicicleta parecia nova, por estrear.

– Não creio que seja possível afirmar uma coisa dessas...

– Ontem foram usados cães farejadores de cadáveres para revistar a casa de Donna – disse ele ao cabo de uma nova pausa. – Descobrimos vestígios de sangue.

Senti um aperto na garganta e inspirei fundo para me recompor.

– Onde? – perguntei, a tentar manter a voz firme.

– Na cama. Na casa de banho.

– Menstrual?

Doyle sorriu.

– Foi o que o Martin Joy disse.

Senti-me fraca e fria, como se o meu sangue estivesse a fugir-me das veias.

– Não tardaremos a saber – disse Doyle. – O sangue menstrual contém vestígios de tecido do endométrio que serão detectados pela equipa forense. Se não for sangue menstrual, teremos de considerar a possibilidade de qualquer coisa ter acontecido na casa naquela noite.

– Sabe dizer há quanto tempo lá está? Quero dizer, *se* for sangue da Donna Joy, pode ser datado de uma noite específica?

Doyle voltou a sorrir, a sentir o meu desconforto, talvez a interpretá-lo como uma prova de fé da advogada de Martin Joy no seu cliente.

– São muito espertos, os rapazes da equipa forense. Teremos de esperar para ver o que sai do laboratório.

– Muito bem – disse eu. – Mas não respondeu à pergunta principal: Martin Joy é culpado? Matou a mulher?

– Tem razão, ainda não dispomos de provas concretas, mas está a perguntar qual é a minha sensação visceral, baseada na experiência, doutora Day?

Assenti, a sentir o medo invadir-me o peito.

– Diria que é culpado como o diabo.

Capítulo 32

Caminhei pelas ruas depois de sair do restaurante, a ruminar a minha conversa com Doyle. Eram duas da manhã quando voltei ao hotel, cheia de frio e com dores nos pés por causa dos sapatos que tinham começado a apertar. Mas, mesmo assim, não consegui dormir. Não valia a pena tentar; estava demasiado furiosa e frustrada por todas as minhas tentativas irem dar a um beco sem saída ou à crua verdade de que Donna Joy estava morta.

Era um truque que costumava usar nos casos particularmente espinhosos, quando o argumento decisivo teimava em fugir-me: desligava e reiniciava. Lia ou nadava, ou ia para o ginásio, sempre a pensar, ainda a planear a próxima jogada, mas a dar ao meu cérebro tempo para respirar. Naquela noite caminhei pelas ruas e esperei pela madrugada antes de enviar uma mensagem a Martin, pelo nosso número especial. A mensagem era simples. Queria encontrar-me com ele, sozinho. Quando Martin respondeu quase no mesmo instante, soube que também não conseguia dormir.



Alex e Sophie Cole viviam numa grande casa de fachada rebocada a branco numa rua cheia de árvores em South Kensington, o género de casa que uma pessoa assume que tem de pertencer a um xeque do petróleo, um antigo aristocrata ou um banqueiro novo-rico em busca de respeitabilidade. Tudo isto contribuía para tornar Alex Cole mais previsível do que Martin Joy, com o seu refúgio dickensiano, mas de maneira nenhuma ajudava a acalmar o meu nervosismo enquanto passava em frente da fila de portas pretas e polidas. Tinha-me preparado para encontrar *paparazzi* à espreita ou jornalistas, mas não vi nada de mais sinistro do que um bando de *nannies* filipinas e uma loura pequenina com um fato de treino a encaminhar-se para o seu 4×4. Era um oásis de delicada paz urbana; não admirava que Martin quisesse ficar ali.

Subi devagar os três degraus de pedra e premi o botão da campainha, a perguntar-me quem viria abrir. Martin não tinha querido mostrar-se em público, mas sugerira durante a nossa troca de mensagens ao alvorecer que nos encontrássemos em casa dos Cole de manhã, quando Alex estava a trabalhar e Sophie a jogar ténis. Mesmo assim, ir ali sabendo o que sabia – que Alex e Donna tinham estado romanticamente envolvidos – fazia-me sentir mais como se estivesse a espetar um ninho de vespas com um pau afiado do que a premir o botão de uma campainha.

– Ei.

Martin olhava para mim, nervoso, através da fresta da porta, que a seguir abriu o suficiente para me permitir passar.

Uma vez no interior, abraçámo-nos constrangidos, a recordação da desconfortável despedida no hotel ainda a pairar entre nós.

– Estás com muito melhor aspecto – disse eu.

Pelo menos muito melhor do que o do homem amarfanhado, perseguido, que aparecera a arrastar os pés naquele quarto de hotel barato. Tinha tomado duche e feito a barba e vestia uma camisola de caxemira azul-escura e uns *jeans* pretos. Apesar de parecer mais o antigo Martin, os semicírculos roxos por baixo dos olhos ainda lá estavam, como um pugilista depois de um combate difícil.

– Entra – disse, e guiou-me através do alto vestíbulo.

– Uau! – Assobieei. – Bela casa.

Na minha profissão, tinha por vezes de visitar as casas dos ricos, e eram sempre impressionantes, mas a dos Cole era qualquer coisa de especial. Reinava ali uma calma suave, quase fantasmagórica, como se tivesse entrado na sala de relaxamento de um *spa* muito exclusivo. Havia quadros a óleo nas paredes – padrões abstractos em tons de branco e creme com pinceladas de cor que lhes davam uma força dinâmica – originais, assumi, apesar de não reconhecer o artista.

– Sim, a Sophie tem muito bom gosto.

Assenti, mas a afirmação pecava grosseiramente por defeito.

Tinha passado a minha vida de trabalho a lutar por propriedades muito parecidas com aquela, a discutir a posse de obras de arte e mobílias, tijolos e argamassa. Era espantoso as coisas por que as pessoas lutavam quando deixavam de se amar. Tinha visto milhares de libras em honorários legais desperdiçados em objectos de escasso valor – colecções de revistas, mesas de café, utensílios de cozinha, coisas de pouca valia monetária ou sentimental, só para marcarem um ponto. Só para poderem vencer. Mas aquela casa era diferente; compreendi que alguém lutasse por um lugar como aquele.

– Gosto desses quadros – disse, a apontar para três grandes telas na parede.

– São da Donna – respondeu ele, quase a pedir desculpa.

– Tem muito talento – comentei, e era verdade.

Tentei ignorar o desconforto que me provocava o facto de serem tão bons. Mesmo quando tinha visto a ex-mulher de Martin em pessoa, visto como era bonita, conseguira descartá-la como uma mimada e egoísta esposa-troféu, a brincar com a arte como uma maneira de ocupar o tempo entre viagens ao Harbour Club ou ao Whole Foods. Mesmo quando vira Donna e Martin a rirem juntos naquela noite enevoada e chuvosa, tinha-me consolado com a ideia de que era melhor do que ela: mais inteligente, mais esperta, mais realizada. Talvez estivesse enganada também a esse respeito.

Segui Martin até à sala de estar, que se estendia da frente da casa até um conjunto de grandes janelas de sacada nas traseiras. Ouvia aves cantar no exterior, mas não partilhava da sua alegria simples.

– Café? – perguntou Martin.

– Não, obrigada.

Esperei até ter a atenção plena dele.

– Preciso de dizer-te uma coisa.

– Bem me pareceu que não era uma visita social.

– Estive na polícia – disse por fim, e ele franziu a testa, sem perceber.

– Na polícia? Para quê?

– Falar.

– A respeito de quê?

Eu sabia que tinha de despachar primeiro a parte desagradável. A parte que tinha estado a empurrar para o fundo da minha mente desde que Michael Doyle ma revelara.

– O inspector Doyle falou de violência doméstica.

– *O quê?* – Pareceu surpreendido. – Entre mim e a Donna?

Assenti.

– Isso é uma completa mentira. Juro-te, Fran, nunca lhe toquei. Nunca faria uma coisa dessas.

– Foi o que eu disse ao inspector Doyle – respondi, tranquilizada pelo espanto dele.

Martin tapou a boca com a mão. Avancei para ele e toquei-lhe no braço.

– Escuta, fui falar com o inspector Doyle porque tive por fim notícias do Phil... o meu investigador.

Isto despertou-lhe o interesse e deu um passo na minha direcção, mas eu ergui uma mão.

– Não quer dizer que sejam boas notícias – disse num tom de aviso. – A Donna andava a encontrar-se com alguém. Alguém que não és tu.

Sondei-lhe o rosto à procura de uma reacção, mas havia apenas confusão.

– Foi com essa pessoa que ela foi a Paris? – perguntou.

– Ainda não sabemos.

– Então o que sabem?

Fiz uma pausa e tentei inalar a calma da sala à minha volta.

– A Donna andava a encontrar-se com o Alex.

As palavras pareceram formar-se no ar no meio de nós, e desviei o olhar, incapaz de contemplar a explosão de emoções no rosto dele.

– O Alex? – repetiu. – O *meu* Alex?

Assenti.

– Esse tal Phil tem a certeza?

– Não tem fluidos corporais nem imagens em vídeo, mas...

– Nesse caso como sabe que é verdade? – interrompeu-me ele, a voz ansiosa, alta. Quase conseguia vê-lo enrolar-se como uma mola, pronto para saltar. – Não acredito – disse, e abanou a cabeça. – A Donna e o Alex nem se dão bem.

Notei a incredulidade genuína na cara dele e senti uma onda de alívio. As palavras de cautela de Phil no nosso encontro no jardim japonês tinham estado a verrumar-me a cabeça como uma minhoca determinada. Um caso com Alex dava a Martin mais um motivo para se desembaraçar de Donna. Ela podia ter-lhe dito, ele podia ter perdido a cabeça. Um crime passional. Mas a menos que tivesse estudado na Royal Academy of Dramatic Art, Martin não fazia a mínima ideia da existência de uma relação entre Donna e Alex, por muito fugaz que pudesse ter sido. O que tornava esse motivo irrelevante

Senti-me culpada por ter considerado a teoria de Phil, mas forcei-me a contar tudo o que o investigador me tinha dito, ao mesmo tempo que dava a Martin tempo para assimilar tudo aquilo.

– E tu disseste isso à polícia – disse ele, a esfregar a testa.

– Queria dizer-lhes o mais depressa possível.

Lançou-me um olhar.

– Antes de mo dizeres a mim?

– Isto não é uma competição, Martin. E uma vez que o teu advogado te disse que é provável que voltes a ser detido, quis certificar-me de que a polícia tinha conhecimento da existência de outros suspeitos com motivos plausíveis logo que pudesse.

Ele ponderou isto e assentiu.

– Vão então chamar o Alex para o interrogarem?

– Já falaram com ele – respondi. Percebi que aquela parte também não ia correr bem.

– Achas que foi por isso que me libertaram? Que não me acusaram?

Abanei a cabeça com tristeza.

– Falaram com o Alex na segunda-feira.

O fugaz lampejo de júbilo na cara dele esmoreceu. Apertou os lábios e vi-o juntar os factos e perceber o que eu já tinha percebido horas antes. Alex tinha sido interrogado *antes* de ele ter sido detido, o que significava que a polícia eliminara Alex como suspeito.

– Escuta – disse eu, numa voz suave –, isto não muda nada. A polícia não te acusou porque não há provas suficientes... e com um corpo inexistente nunca vai haver. Se eles estão a falar com outras pessoas, isso significa que ainda estão abertos a outras linhas de investigação, o que por sua vez significa que não estão convencidos de que és o culpado. E é preciso ter a certeza antes de acusar alguém. Ou pelo menos ter a certeza de que a Divisão de Crimes Especiais tem um caso de acusação com uma probabilidade realista de condenação.

– Mas como pode a polícia ter a certeza de que o Alex não esteve envolvido no desaparecimento da Donna?

Murmurou a pergunta, como se estivesse a dirigi-la a si mesmo e não a mim, a processar tudo aquilo na cabeça. Notei o latejar por baixo do olho esquerdo, a bater como um pequeno coração. Apesar do que tinha acontecido no quarto de hotel em Earls Court, queria envolvê-lo nos meus braços e dizer-lhe que ia correr tudo bem. Mas ainda não tinha a certeza de acreditar nisso, não depois de ter falado com o inspector Michael Doyle. Sabia que a polícia não ia quebrar as costas para ajudar Martin a sair daquele buraco, de modo que tinha de ser outra pessoa a fazê-lo. Sempre tinha adorado *puzzles* e séries policiais e gostava de juntar factos. Não era isso que fazia todos os dias: procurar ângulos e buracos, tentar ser mais esperta do que o meu opositor? E naquele momento Martin não precisava que eu fosse Francine Day a advogada, ou a amante. Tinha de ser a detective.

– A polícia afirma que o Alex tinha um álibi para a noite de segunda-feira, a última noite em que a Donna foi vista – disse, a sentir um macabro prazer na situação. – Mas descartarem o Alex da investigação seria fazerem a assunção de que tinha acontecido alguma coisa à Donna naquela segunda-feira. Por que não na terça, na quarta? Ou em qualquer outro dia entre então e agora? Quais foram os movimentos do Alex desde aquela noite?

Martin ergueu a cabeça.

– Tenho quase a certeza de que estive numa conferência de *fin-tech* na terça e na quarta. Posso perguntar, descobrir.

Assenti.

– E há outra coisa – disse ele. – Passei aqui duas noites depois de o Alex ter sido interrogado pela polícia e ele nunca falou disso. Não achas que sugere que tem alguma coisa a esconder?

Eu estava menos convencida do que ele.

– Não me parece que o caso dele com a tua mulher fosse um tema que quisesse abordar à mesa do jantar.

Ele olhou para mim e encolheu os ombros, cedendo o ponto.

– Faz-me parecer tão estúpido. Toda a gente sabia menos eu.

– Não tenho a certeza de que a polícia ache que a relação entre a Donna e o Alex era séria.

– Ora aí está uma consolação.

Nenhum dos dois falou durante alguns instantes.

– Como soube a polícia, afinal?

– Um amigo da Donna disse-lhes. Mas o inspector Doyle foi vago no respeitante a pormenores. Talvez tenha sido a mesma pessoa com que o meu investigador falou. É pouco provável que alguém tenha falado com o Phil e não com a polícia, considerando que a Donna desapareceu e a polícia está a pedir a quem tenha alguma informação que a revele.

– E as alegações de violência doméstica? – perguntou ele, num tom mais nervoso.

– Julgo que foi a irmã da Donna.

– A Jemma? – disse Martin, a erguer a voz. – Mas ela quase não fala com a Donna. Não são nem pouco mais ou menos chegadas.

– De acordo com o inspector Doyle, está a ajudar a polícia na investigação.

Martin pôs-se de pé e aproximou-se da janela.

– Quando começou? Ela disse-lhes? Quando foi ao certo que o meu sócio começou a foder a minha mulher?

– Sim, também eu gostaria de saber a resposta a essa pergunta.

Rodei sobre os calcanhares, o coração a dar-me um pulo no peito ao ouvir a voz nas minhas costas.

– Sophie – arquejei. – Não sabia que estavas aí.

– Não – respondeu ela, seca. – Parece que não.

Vestia um fato de treino, com um saco de ginástica suspenso do ombro. Tenho a certeza de que em qualquer outro dia pareceria a rapariga do *poster* para uma vida saudável, mas naquele momento o seu rosto estava cor de cinza. O constrangimento encheu a sala. Martin estava de pé junto ao braço do sofá e parecia um adolescente apanhado a tirar uma nota de cinco da mala da mãe.

– Julguei que tinhas ido jogar ténis.

– O jogo foi desmarcado. Pensei que seria bom voltar para casa e falar contigo, mas tudo indica que foi uma má ideia.

Havia na voz dela um ligeiro tremor que tornava difícil não sentir pena.

– O que ouviste? – perguntei, devagar.

– O suficiente.

– Lamento muito, se não sabias.

– Sabia. – Sophie endireitou as costas, como se estivesse a tentar recuperar a dignidade. – Ou pelo menos sabia aquilo de que o Alex estava a ser acusado. Como imaginas, foi um tema que a polícia

abordou quando falou comigo... pura ficção, claro.

O inspector Doyle não tinha referido a conversa com Sophie no nosso *quid pro quo*, mas supus que fazia sentido, considerando que fora ela quem proporcionara a Alex o seu álibi.

– Não é pura ficção, Sophie – disse, no tom mais gentil de que fui capaz. A porta estava aberta e eu sabia que tinha de sacar-lhe o máximo de informação possível. O Direito faz de uma pessoa esse género de predador. Ver o ponto fraco e atacar. – Alguém da minha equipa de investigação descobriu a respeito do Alex e da Donna quando estávamos a avaliar o acordo financeiro dos Joy. Achei que o Martin tinha o direito de saber.

– É isso que agora passa por Direito de Família? – perguntou ela, os olhos a flamejar, todo o calor dos nossos anteriores encontros desaparecido. E não podia censurá-la por isso.

Sophie voltou-se e olhou para Martin.

– O Alex nega-o – disse com absoluta convicção. – Podes acreditar ou não.

Olhei para ela com momentânea admiração. Estava a proteger o seu homem, como eu fizera minha missão cuidar de Martin.

– Mas lamento não te termos dito que tínhamos ambos falado com a polícia – disse ela a Martin, numa voz mais comedida. – Não estávamos a querer enganar-te nem a sermos desonestos. Foi só porque chegámos à decisão de que não íamos tornar esta situação mais difícil do que tinha de ser.

Martin voltou-se para ela.

– *Difícil?* Isto não é um *faux pas* durante um jantar, Sophie. A polícia... a *polícia*... disse que o Alex tinha tido uma relação com a Donna. Se alguma coisa lhe aconteceu, isso dá-lhe um motivo.

– Tretas! – replicou ela. – O Alex disse que sempre foram só amigos. E tu não és um modelo de virtudes, pois não?

Não soube o que quis ela dizer com aquilo. E naquele preciso instante não queria saber.

– Insultarmo-nos um ao outro não vai ajudar. Talvez em vez disso devêssemos dizer o que sabemos a respeito da Donna na semana anterior ao seu desaparecimento. Como, por exemplo, quanto tempo estiveram tu e o Alex a jantar naquela segunda-feira à noite.

– Tens uma lata... – disse Sophie, a abanar a cabeça. – Vens a minha casa, acusas o meu marido de ter um caso com uma das minhas melhores amigas, e depois insinuas que ele pode ter tido um espaço na agenda para se escapulir e matá-la.

Pareceu-me ver uma lágrima brilhar-lhe no canto do olho, mas não tive a certeza.

– Eu sei que isto é difícil, mas só queremos descobrir o que aconteceu à Donna.

– Não é a Donna que te preocupa – disse ela, a olhar de Martin para mim.

Não deixava de ter razão, mas eu não ia parar naquela altura.

– Por favor, Sophie, responde à pergunta. A Donna era tua amiga.

Ela pousou o saco no chão e sentou-se no braço do sofá. Encheu os pulmões de ar e expirou com força, deixando descair os ombros.

– *Okay* – disse, e não voltou a falar durante vários segundos. – Encontrei-me com o Alex depois do trabalho. A segunda-feira costuma ser a nossa noite de namoro. Fomos jantar ao Locatelli's, viemos para casa por volta das onze e vimos um pouco de televisão.

– A que horas foram para a cama?

– Perto da meia-noite. E antes que comeces a especular que o Alex pode ter-se escapulado de casa quando eu adormeci, digo-te já que estava acordada porque tinha saído do quarto para telefonar à minha mãe, que vive em Chicago com o meu padrasto. Fazia anos. Não lhe tinha telefonado e não queria deixar de falar-lhe no grande dia. Devia ser uma e meia quando me deitei. O Alex dormia como uma pedra.

Fez uma pausa e apertou os lábios.

– Quanto ao resto, o *affaire*, nunca notei nada de estranho na maneira como a Donna e o Alex se comportavam. Ela é uma mulher bonita, como é óbvio, e mentiria se dissesse que não me sentia um pouco nervosa quando estava por perto. Aquelas semanas de Verão que passávamos em Ibiza, na Úmbria, as tardes na piscina? Nenhuma esposa se sentiria segura deitada ao lado da Donna com os seus biquínis minúsculos e o seu corpo perfeito. Mas uma pessoa escolhe confiar nas amigas e confiar no marido. Não há alternativa, pois não?

Disse isto numa voz fria, controlada. Olhou para Martin.

– Por falar nisso, devias ligar ao Alex o mais depressa possível, esclarecer as coisas. Não queremos que a situação se torne desconfortável aqui ou no escritório.

Martin abanou a cabeça, a olhar para o chão.

– É melhor voltar para o meu apartamento.

A reacção de Sophie foi imediata.

– Não sejas infantil – disse, voltando ao tom de seca eficiência. – Tu disseste que aquilo está infestado de jornalistas. Muito bem, tens de enfrentar uma conversa constrangedora com o Alex, mas neste momento ficares aqui é o melhor para todos nós.

Olhei para Sophie, sem saber se devia ter pena dela ou admirá-la. Ou estava em negação absoluta – do que duvidava, dado o pragmatismo quase patológico da mulher – ou estava a ser magnificamente leal aos dois: a Alex, o homem que quase de certeza a tinha enganado, e a Martin, o homem que podia ter assassinado a sua amiga. Vi-a pôr-se de pé, alisar a saia e levantar o queixo num gesto de desafio.

– Penso que todos beneficiaríamos com uma decente chávena de chá. Que lhes parece?

Capítulo 33

Saí de casa dos Cole antes de ser convidada a fazê-lo. Além disso, não podia ficar ali. Vivienne McKenzie enviara-me uma mensagem a pedir uma reunião no escritório e, por muito que temesse falar com ela, sabia que não tinha remédio senão voltar ao trabalho.

O meu plano era entrar em Burgess Court, sem ser vista, à hora do almoço. Era sexta-feira, uma altura em que a firma quase inteira se espalhava pelos *pubs* dos arredores. Calculei que teria tempo para passar pelo meu gabinete, fazer o ponto de situação com Paul, falar com Vivienne e sair antes que a maior parte dos meus colegas voltasse, por volta das três. A última coisa que queria era ter de responder a perguntas compassivas a respeito do meu colapso no tribunal, quando tinha tanto que fazer.

Estava no autocarro a caminho de Picadilly quando o meu telemóvel tocou.

– Francine?

Não reconheci a voz e Alex Cole teve de apresentar-se.

– Precisamos de falar.

Não era bem uma surpresa ele ter-me ligado, mas mesmo assim senti o coração bater mais depressa. Alex estava calmo, mas insistia em que tínhamos de nos encontrar. Aquilo interferia com o meu plano de entrar e sair de Burgess Court sem ser vista, e isso irritou-me, mas quando ele disse que podia estar comigo dentro de uma hora, calculei que ainda teria tempo para a minha conversa com Vivienne às três menos um quarto e sair de Middle Temple antes do regresso da malta dos *pubs*.

O nosso local de encontro, o Riojas, era um *wine bar* numa rua secundária de Theatreland. Era uma espécie de cruzamento entre um clube de cavalheiros e uma tasca do East End: paredes interiores apaineladas com madeiras escuras, cadeiras de madeira de espaldar baixo e braços e mesas riscadas que pareciam não ter sido substituídas desde os tempos que os Kray percorriam as ruas do Soho.

Alex já lá estava, sentado a uma mesa de canto. Tinha à sua frente uma garrafa de vinho tinto e um copo meio cheio. Aproximei-me dele com a mesma sensação de mau presságio que costumava ter sempre que era chamada ao gabinete da reitora para uma descompostura.

– Viva, Alex – disse, e sentei-me.

Ele pegou na garrafa para me oferecer, mas abanei a cabeça.

– Agora não bebes?

Olhou para mim como se aquilo fosse uma acusação e ao mesmo tempo uma crítica.

– Tenho a certeza de que é excelente, mas tenho uma reunião na firma.

Alex tinha os lábios manchados de encarnado-cereja, mas não parecia relaxado, muito pelo contrário.

– A Sophie contou-me que passaste lá por casa hoje – disse por fim.

Pensei no discurso tão adulto da senhora Colea respeito de fazermos todos força na mesma direcção, mas sabia que não me enganara: toda a sua lealdade era para com o marido, e eu não podia censurá-la por isso, apesar de não ter a certeza de, no lugar dela, sentir o mesmo.

– Sim, é verdade – assenti. – Tinha uma informação que queria transmitir ao Martin. Assumo que sabes qual.

– A mesma informação que deste à polícia – disse ele, azedo.

Despejou o resto do vinho, a pegar na garrafa para voltar a encher o copo ainda antes de ter acabado de engolir.

– Também eu podia ter dito coisas à polícia, Fran. A respeito da tua relação com o Martin. Mas não o fizemos.

– *Fizemos?* – perguntei, a arquear uma sobrancelha.

– A Sophie convenceu-me a não o fazer.

– Suponho que não terá sido por puro altruísmo.

– Não, não foi – disse ele sem rodeios. – Fizemo-lo pela empresa.

Uma empregada aproximou-se para anotar o meu pedido. Parecia pouco à vontade, com se estivesse a meter-se numa zanga de namorados. Pedi um copo de água e ela afastou-se apressada em direcção ao balcão, a olhar para trás até achar que era seguro regressar.

– A Gassler Partnership gere mais de mil milhões de libras. Tinhas consciência disto? – disse Alex, a arrastar um tudo-nada as palavras. – Os nossos investidores são nomes de que talvez tenhas ouvido falar. Temos um método de compra e venda algorítmico que é a inveja de todo o ramo. Mas, acima de tudo, temos a nossa reputação.

Neste ponto cerrou as mãos em cima da mesa.

– A nossa reputação como gestores de investimento está ligada ao retorno que os nossos investidores acreditam que podemos proporcionar-lhes. Sem isso, não somos nada. Que achas que acontece quando temos um sócio detido relacionado com o desaparecimento da mulher e outro arrastado para uma esquadra porque alguém disse que andava a foder com a mulher do sócio? Estamos arruinados.

A fúria perlara-lhe os lábios de saliva e ele limpou-a enquanto tentava recompor-se.

– Achas que vai chegar a isso? – perguntei, muito calma. Tinha representado muitos banqueiros, mas não sabia grande coisa a respeito do sector financeiro nem dos pormenores finos da maneira como funcionava.

– Temos pelo menos dois grupos privados interessados em adquirir uma quota minoritária – disse Alex, baixando a voz, mas esticando um dedo para dar ênfase. – Ainda estão a rondar. Mas um investidor já sugeriu que poderia retirar o seu dinheiro se houvesse mais «embaraços» – usou os dedos enganchados para marcar aspas na palavra –, e não é preciso muito para deitar abaixo todo o castelo de cartas. Temos de fechar tudo a sete chaves, Fran. *Tudo*.

Inclinou-se para a frente, a sondar-me a cara.

– Não faças nada sem primeiro falar comigo ou com o Martin, para que possamos levar o caso à nossa equipa de gestão de crise. Estou a falar a sério.

Encolhi os ombros, e então assenti, a ponderar as palavras que ele usara: *castelo de cartas*.

– Nesse caso, posso fazer-te uma pergunta?

Foi a vez dele de encolher os ombros, os olhos quase a desaparecerem em frestas escuras.

– Tiveste um caso com a Donna?

– Não – disse ele por fim.

– Não estás a falar com a tua mulher. Nem com a polícia.

Ele encheu as bochechas de ar, olhou para a toalha da mesa, manchada de cor-de-rosa, e depois para mim.

– Aconteceu uma coisa. Uma vez. Um beijo de bêbedos. Há um ano. Numa festa de Verão de um amigo, no campo. Eu tinha sniffado um pouco de coca, ela também. A noite estava quente, montes dessas lanternas penduradas por todo o lado para dar um ar *romântico*.

Disse a palavra com desdém e olhou para longe, como se estivesse a pensar nessa noite com igual desprezo.

– Não dormimos juntos – continuou, a olhar de novo para mim. – Para dizer a verdade, não houve tempo. E não houve nenhuma relação quando voltámos para Londres. Não sou estúpido. A Donna é a mulher do meu sócio. Eu também sou casado. O divórcio e a dissolução da nossa empresa por uma queca às escondidas não me parece um bom negócio. Além disso, amo a minha mulher e amo o Martin como um irmão.

Deixei passar esta última afirmação.

– Onde *está* então a Donna? – perguntei. – Que achas que aconteceu naquela noite?

Tinha tido esta conversa comigo mesma vezes sem conta. Falara a respeito daquilo com Clare e com Phil, mas nenhum de nós conhecia Martin tão bem como Alex.

Parecia menos seguro de si mesmo, como se o vinho lhe tivesse roubado a confiança em vez de a reforçar.

– O Martin é um homem brilhante – disse, a olhar para o pé do copo. – Soube disso no primeiro dia em que o conheci na universidade. No nosso grupo, ele destacava-se. Tinha mais confiança do que os Old Etonians, era mais inteligente do que os crânios da pós-graduação. Fomos trabalhar para o mesmo banco no âmbito do programa de treino. Ao princípio, amaldiçoei a minha sorte por ter sido apanhado na mesma leva, por nunca poder brilhar com ele entre nós, mas decidi colar-me a ele e aproveitar a boleia.

Fez rodar o resto do vinho no fundo do copo.

– O Martin tinha mais ambição do que qualquer de nós – continuou, em voz baixa. – E isso dava-lhe vantagem. Estava sempre pronto a trabalhar mais do que toda a gente, a ir aquele bocadinho mais longe.

– Que estás a dizer, Alex?

– O que estou a dizer é que não quero pensar no que pode ter acontecido naquela noite.

– Achas que ele era capaz de fazer mal à Donna?

Ele soprou pelo nariz.

– Fala com algumas das pessoas com quem trabalhamos. Se lhes disseres que a Donna queria ficar-lhe com metade do dinheiro, não ficarão surpreendidas por ela ter desaparecido.

– Que pessoas?

Alex tinha bebido quase uma garrafa inteira de vinho. Olhou ansioso para o balcão, como um drogado à procura da próxima dose.

Olhei para ele, a querer que se concentrasse.

– Os fundos de investimento apostam no mercado – disse. – O nosso investe de diferentes maneiras: títulos, acções, moeda, ouro... Vendemos, compramos, aldrabamos. Os algoritmos ajudam... detectam anomalias no mercado. Mas na verdade dependemos da informação de que dispomos. – Hesitou. – Aqui há dois anos recebemos uma dica. O Martin tinha um amigo, Richard Chernin, que lhe prometeu informação sobre uma fusão de muitos milhares de milhões de dólares a troco de um empréstimo. O Martin deu-lhe o dinheiro, mas a informação nunca chegou. O sujeito deve ter tido medo das regulações do fisco. Mas ficou com o dinheiro do Martin.

Fez uma pausa para criar efeito dramático e bebeu o resto do vinho. Eu mordi o lábio e esperei.

– O Chernin queixou-se de estar a ser intimidado e ameaçou ir à polícia. Dias mais tarde foi vítima de um atropelamento e fuga. Acabou com as duas pernas partidas.

– Estás a dizer que o Martin esteve envolvido?

Alex continuou como se eu não tivesse falado.

– O Chernin combinou encontrar-se comigo em privado. Estava convencido de que tinha sido o Martin a organizar o atropelamento, disse-me que ele ameaçara matá-lo se não devolvesse o dinheiro. Com juros.

Olhei para ele e achei-o preocupantemente convincente.

– Se acreditas nisso a respeito do Martin, por que estás a deixá-lo ficar em tua casa?

– O que podia eu dizer? Não? Além disso, não sabemos se aconteceu alguma coisa à Donna. Pode estar ótima – disse, num tom que dizia que não acreditava nisso. – Só estou a contar-te isto porque és a advogada dele e quero que conheças todos os factos. Mulher prevenida vale por duas. Se souberes da publicidade negativa que por aí corre a respeito do Martin, saberás como combatê-la. Agradeceria se me fizesses o mesmo favor. Se ouvires dizer que o Martin vai ser acusado, preciso de saber.

Abriu a carteira, tirou de lá duas notas de vinte libras que pôs em cima da mesa, para pagar o vinho.

– O amor dói – disse, quando se pôs de pé e tocou no meu ombro. – Gostei de te ver, Fran.

E saiu do bar.

Capítulo 34

Fleet Street estava numa azáfama quando me encaminhei para Middle Temple. As pessoas já estavam a sair dos empregos e era fácil distinguir os advogados com os seus fatos sóbrios, as suas maletas de piloto carregadas de *dossiers* para o fim-de-semana; para eles o dia de trabalho ainda não tinha acabado, estavam só a mudar de local do escritório para casa. *Esta foi a minha vida, não há assim tanto tempo*. O pensamento foi fortuito, mas atingiu-me com tanta força que me deteve a meio de uma passada e quase me fez chocar com o homem de negócios de rosto vermelho que caminhava atrás de mim.

Murmurei uma desculpa e continuei a andar e a ficar cada vez mais nervosa à medida que me aproximava de Burgess Court. Vivienne Mackenzie tinha-me pedido que aparecesse para discutir «a situação em curso». Pelo menos via-me como «em curso», o que sempre era melhor do que «apagada de todos os registos», mas, mesmo assim, não esperava nada de bom daquele encontro.

Ocorreu-me que, por muito delicadamente que Vivienne tivesse redigido o seu *e-mail*, havia uma possibilidade muito real de me ser pedido que abandonasse o meu gabinete. Seria então apenas uma questão de tempo antes que se soubesse que tinha sido corrida, e quando isso acontecesse seria quase impossível encontrar outra firma que me aceitasse. Tudo aquilo para que tinha trabalhado durante anos, todos os degraus da escada que tinha subido a pulso, todos os aborrecidíssimos calhamaços que tinha enfiado na cabeça teriam sido uma perda absoluta e total. Tinha deitado tudo a perder – *tudo* –, por uma queca com um homem que mal conhecia.

Continuei a pôr um pé à frente do outro, a tentar ignorar o céu cinzento e a chuva no ar, a tentar não ver os presságios antes de chegar a Burgess Court. A primeira pessoa que encontrei ao entrar no edifício foi Helen, a nossa recepcionista. Era pelo menos um rosto amigável.

– Que estás a fazer aqui? – perguntou, a debater-se com as mangas do casaco. – O Paul disse que estavas de férias. Pensei que estavas num sítio agradável.

– Não, tenho estado em casa. Deixa-me ajudar-te – disse eu, e endireitei-lhe o casaco.

– Umas férias em casa. – Helen sorriu. – Adorava. Ficar na cama, ver telenovelas e comer piza... perfeito – acrescentou de sobrelha arqueada.

– Uma coisa nesse género – respondi, distraída.

Não vi Paul no gabinete, mas ele tinha o enervante hábito de aparecer vindo de parte nenhuma.

– Deixei as tuas mensagens na tua secretária, excepto estas novas que tenho aqui – disse, e estendeu-me um par de *post-it* rosa-forte. – Tenho de ir. Hoje devia ter a tarde de folga, mas o tempo voa. Um homem novo vai levar-me a Brighton este-fim-de-semana. Ficámos de encontrar-nos na Victoria daqui a... merda, dez minutos. Aproveita as «férias»!

Sorri e fiquei a vê-la correr para a porta. Guardei as mensagens no bolso e subi até ao meu gabinete sob o beiral.

Tirei um instante para estudar o minúsculo espaço, os meus lápis muito bem arrumados em cima da secretária, uma tigela de metal martelado que tinha encontrado em Amalfi e usava para os elásticos e os *clips* recordou-me tempos mais felizes, um monte de livros, empilhados na vertical para aproveitar cada centímetro de espaço fez-me lembrar a meticulosa ordem que a minha vida em tempos tivera. Deixei-me cair na cadeira, inclinei a cabeça e perguntei-me se alguma vez voltaria àquela vida tranquila e previsível.

Uma mensagem de Vivienne no telemóvel dizia-me que estava atrasada.

Fiquei grata pelos minutos extra. Abri as gavetas da secretária, peguei no relatório de Phil a respeito de Donna Joy e enfiei-o na mala com um par de blocos-notas e, numa lembrança de última hora, a fita preta e branca que atara a caixa em que chegara a mala de autor que Martin me oferecera.

As pastas de mola com a papelada do caso Joy vs. Joy continuavam nas prateleiras onde eu tinha todos os meus processos. Talvez houvesse ali enterrado qualquer pormenor que me tivesse escapado. Sabia que não podia levá-las todas. Eram demasiado pesadas, para começar, isto para não falar das perguntas que seriam feitas quando dessem por falta delas. Folheei a mais gorda, tirei os depoimentos mais importantes, fotocopiei-os e voltei a guardar os originais. Dei uma última vista de olhos ao gabinete, a perguntar-me que mais devia levar e a recordar-me que aquelas coisas eram minhas. Bem, pelo menos a maior parte.

Sentei-me à minha secretária e desenrosquei a tampa da garrafa de *Evian* já meio bebida. A água ainda tinha muito gás, mas eu devia ter aberto aquela garrafa pela primeira vez na semana anterior. Estava a perder a noção do tempo.

Enfiei a mão no bolso e tirei de lá os *post-it* que Helen me tinha dado na recepção.

O primeiro era uma mensagem para ligar a um procurador que tinha prometido levar a almoçar. Não tinha a certeza de que alguém estivesse muito interessado em contratar-me, por muito bom que fosse o restaurante, quando a notícia do meu colapso no tribunal dias antes se espalhasse. Amarrotei-o e olhei para o seguinte... e fiquei paralisada.

2.55 Pete Carroll. Diz que espera por ti em casa.

Helen tinha desenhado uma pequena cara sorridente por baixo das palavras, um código brincalhão de uma mulher para outra. Só então compreendi as insinuações dela a respeito de ficar na cama a comer piza; imaginei o que tinha pensado enquanto tomava nota da mensagem. Francine Day tem por fim um namorado... não admira que queira tirar uma semana de férias.

De súbito, senti-me cheia de comichões, suja, como se um derrame tóxico tivesse infectado o meu local de trabalho, escurecendo as paredes e rastejando pelo chão, milhares de pequenas aranhas a marchar na minha direcção.

Fechei a porta e fugi, de olhos fixos nas escadas, com medo de olhar para as paredes onde sabia que havia uma fila de quadros a óleo: os fundadores da firma, com as suas vestes negras e os seus rostos severos e ameaçadores, a olhar para mim de cenho franzido, a julgarem-me. *Sabemos que foi fraca, doutora Day, demos-lhe uma oportunidade e veja o que aconteceu. Deixou-nos ficar mal... outra vez.*

– Fran, és tu?

Vivienne estava ao fundo das escadas, como se sempre tivesse sabido onde eu estava, à espera, a impedir-me a fuga. Há muito que me perguntava se Paul teria instalado equipamento de espionagem por todo o edifício, e imaginava-o, com Vivienne e Charles Napier, a vigiar-nos todos os dias, para nos manter na linha.

Senti o sangue subir-me à cara enquanto me aproximava dela.

– Vamos para a biblioteca – disse Vivienne, os seus modos mais bruscos e formais do que o habitual.

Vivienne não era na realidade a minha chefe. Como advogados, éramos todos empregados por conta própria, mas como presidente em parceria com Charles Napier, continuava a ser ela quem mandava. A sentir que não ia gostar do que ela se preparava para dizer, agarrei com mais força a minha mala e sentei-me à grande mesa de noqueira.

– Yusef Khan levou o Daniyal para fora do país – disparou ela, sem preâmbulos. – Holly Khan ameaça processar-te por negligência.

Fiquei muito quieta, enquanto Vivienne olhava para mim à espera de uma resposta.

– Foi errado da minha parte deixar o tribunal – disse por fim. – Saí antes das alegações finais, mas duvido que a decisão do juiz tivesse sido diferente se...

Calei-me, com vergonha de mim por estar a tentar justificar as minhas acções. Tinha abandonado a minha cliente e ela tinha perdido o filho. Tinha todo o direito de afirmar que eu lhe faltara – faltara, da pior maneira possível, no momento mais crucial. Vivienne não fez comentários.

– O Paul verificou a tua apólice de seguro – disse em vez disso. – Está tudo em ordem. Por isso se tiverem ganho de causa, deves estar protegida. Vou também encontrar-me com a Tanya Bryan na segunda-feira; não disse se a firma dela está a planear pagar-te, mas é melhor estares preparada também para isso. Talvez seja a altura de pedires um atestado ao teu médico, embora tenha a certeza de que quaisquer problemas de saúde mental podem ter um impacte a nível profissional.

Adivinhei o que aí vinha. Ia despedir-me. Ia ser expulsa da firma.

Em vez disso, a expressão dela suavizou-se e eu senti a respiração prender-se-me no peito.

– Bom, agora vou tirar o meu chapéu de presidente.

Fez-me um pequeno sorriso e o meu coração agradeceu-lhe. Também ela arriscava naquela situação; a minha queda em desgraça ia ter reflexos negativos na Burgess Court. Os advogados gostavam tanto como qualquer outra pessoa de uma boa coscuvilhice e não me custava imaginar como o meio ia deliciar-se com o escândalo de um processo judicial contra a advogada de Martin Joy.

Não fazia ideia de como estava a correr a fusão com a Sussex Court, mas se a publicidade negativa à volta do desaparecimento de Donna não a tinha matado, os rumores a respeito do meu comportamento profissional eram bem capazes de o conseguir.

– Tira umas férias, Fran – disse Vivienne, num tom mais gentil. – Umas férias a sério. Sai da cidade. Vai ver a tua família. Tenho uma casa de campo em Devon que podes usar se quiseres. Tem vista para o mar e quilómetros de caminhos para passear em todas as direcções. Chegar à seda não é importante, a tua saúde sim.

A seda. Tinha sido a última coisa a ocupar-me o espírito. Fora durante tanto tempo – mais de quinze anos – o meu objectivo, o meu Santo Graal, e agora era como pó a escorrer-me por entre os dedos. Mas ali sentada em frente de Vivienne, uma mulher, uma advogada que eu tanto admirava, de súbito queria-o mais do que nunca.

– As entrevistas para conselheiro são só em Setembro. Se eu tirar um tempo agora, publicar um par de ensaios académicos e trabalhar a sério para reparar os danos que causei à minha reputação...

– O *burn-out* profissional está por todo o lado, e é grave – disse ela, com calma firmeza.

Desviei os olhos, envergonhada, a lembrar-me de uma história que tinha ouvido quando era estagiária, a respeito de um júnior particularmente pomposo de uma firma próxima que costumava gabar-se de que chegaria a juiz do Supremo antes dos quarenta, mas que acabara por reformar-se com essa idade, depois de ter sido apanhado a correr nu por Middle Temple numa noite de Véspera de Natal a cantar *Good King Wenselas*. Eu não queria ser mais uma história exemplar, mais uma chanfrada incapaz de aguentar o ritmo de doze horas por dia durante quinze anos seguidos. Não tinha chegado até onde estava, enfrentado tantos preconceitos, para falhar agora.

– Sabes por que o ano passado fiz seis semanas sabáticas?

Nem sabia daquilo. Tinha uma vaga recordação de umas férias fabulosas que envolviam o Expresso do Oriente e um cruzeiro no Mekong, mas assumira que fora para celebrar um aniversário de particular importância para ela ou para o marido.

– Estava a chegar ao ponto de ruptura – confidenciou. – Tinha de sair.

O rosto mais imperscrutável na profissão corou.

– Este trabalho não é fácil, Fran. Mas se não aceitarmos que não somos perfeitos, que não somos robôs, que somos pessoas que querem uma vida fora do nosso local de trabalho, se não dermos a nós mesmos uma oportunidade, vamos quebrar.

– Não está então a mandar-me embora?

– Mandar-te embora?

– Não está a correr comigo da firma?

– Claro que não. Foi isso que pensaste?

Assenti, com uma esmagadora sensação de alívio.

– Fran, de todos os jovens advogados que se juntaram a esta firma, de todos os que tentei ajudar ou ensinar, tu és aquela de que mais me orgulho.

– Mas a fusão...

– Faz umas férias, Fran. Deixa as preocupações para alguém que reiniciou o sistema no Mekong.



Saí do escritório e enchi os pulmões com o ar fresco do fim da tarde.

Fountain Square desaparecia no crepúsculo, mas eu sabia que as noites mais compridas e mais quentes estavam mesmo ao virar da esquina. Em breve haveria ali um bar de champanhe temporário, para manter a tradição de que Middle Temple em tempos gozara como local de divertimento. Diz-se que a primeira representação de *Noite de Reis* subiu à cena no salão Tudor da esquina da praça. Eu tinha estudado o texto para os exames do secundário e não recordava quase nada da história excepto

que envolvia um engano de identidade. Pode parecer estranho, mas foi o tema de que mais gostei na peça, que as pessoas nem sempre são o que parecem. Irónico, pensei, considerando que tinha passado as últimas semanas a fazer leituras erradas de pessoas.

Estava a pôr a mochila ao ombro quando vi Tom Briscoe atravessar a praça.

Fez-me um aceno e encontrámo-nos a meio caminho da fonte.

– Almoço tardio? – perguntei, com um sorriso.

Estava de muito melhor humor depois da minha conversa com Vivienne e genuinamente satisfeita por vê-lo.

– Algo no género – respondeu ele, e alisou os cabelos para trás. – Estás então de volta? – disse, após uma pausa. – Ótimo. Já me tinha perguntado onde te terias metido.

Não fazia ideia de se ele sabia alguma coisa a respeito da saga Khan vs. Khan, de modo que preferi ignorar o comentário.

– Dir-se-ia que por um momento tiveste saudades minhas, Tom?

– Como podia não ter saudades da minha dose diária de maus-tratos enquanto preparo o café da manhã?

Ajeitei melhor a mochila no ombro e sorri.

– Como estás? – perguntou ele, com sincera preocupação.

– Não muito bem – admiti, com franqueza. – Mas um fim-de-semana sem nada que fazer é bem capaz de me curar.

– Há uma peça no Hampstead Theatre, se te apetecer – disse ele, a fugir ao meu olhar. – O encenador é meu irmão. Disse-lhe que aparecia. Devias vir.

– Eu? – exclamei, surpreendida. – Não quero incomodar. Vais estar com a tua família... com a Hanna?

– Por acaso, não.

Tinha a certeza de que Tom estava só a querer ser simpático, mas não queria complicar ainda mais as coisas dando-me socialmente com os meus colegas.

– De momento estou em casa de uma amiga. Talvez noutra ocasião? – disse. Senti um pingo de chuva cair-me na testa e fiquei grata por aquela desculpa para me ir embora.

– Vem aí uma carga de água. É melhor ir andando.

– Tens razão. Vou falar com o Paul antes que ele mande um grupo de busca e salvamento ao Devereaux Arms.

Afastei-me apressada, já arrependida de ter recusado a oportunidade de uma saída à noite, como uma pessoa normal.

– Francine.

Rodei sobre os calcanhares, na esperança de que fosse Tom a chamar-me. Fiquei petrificada quando o vi.

Devia ter reconhecido a voz de Pete Carroll. Devia ter sabido que ele podia aparecer ali.

Começou a avançar para mim, mas deteve-se, afastou os pés e ficou especado nas lajes do chão.

– Quem era aquele homem? – perguntou, e enfiou as mãos nos bolsos do blusão acolchoado.

– Olá, Pete – disse eu, a ignorar os grossos pingos de chuva que me caíam nos ombros. Não ia dar-lhe a satisfação de deixá-lo ver como estava perturbada.

– Recebeste a minha mensagem? – insistiu ele, com um sorriso vidrado.

O *post-it*. Assumi que ele tinha telefonado, mas devia ter ido a Burgess Court à minha procura.

– Há minutos, quando passei pelo escritório. Esta semana não vim trabalhar.

– Que estiveste a fazer?

– Tenho estado em casa de uma pessoa amiga – disse, a amaldiçoar-me por dentro. Sabia que não devia estar a dar-lhe informações.

– Quem? O Martin Joy?

Suspirei.

– Não, não é o Martin.

– Então quem? O homem que estava contigo?

– É um colega meu da firma – disse, tendo o cuidado de não referir o nome de Tom.

– Não me pareceu um colega de trabalho. Na realidade, diria que tens um gajo.

– Pete, pára com isso – disse eu, a irritação a sobrepor-se ao desconforto. – O que estás aqui a fazer, de todos os modos?

– Há duas noites que não vais a casa. Estava preocupado contigo.

– Como vês, estou ótima.

– Ia fazer o jantar para os dois na terça-feira, mas tu não apareceste. Pensei que talvez estivesses chateada por eu ter saído sem dizer nada, no outro dia. Estavas a dormir tão bem que não quis acordar-te.

– Pete, tenho uma vida ocupada – respondi, a esforçar-me por manter um tom calmo. – O trabalho obriga-me a sair da cidade, os amigos querem estar comigo...

– Ótimo – disse ele. – Porque por um instante deu a ideia de que andavas a evitar-me. E isso dói, considerando que da última vez que me viste eu estava dentro de ti.

As palavras dele fizeram-me estremecer, mas disfarcei apertando melhor o casaco à minha volta.

– A propósito, como está o Martin? – continuou Pete, indiferente. – Pensei que por esta altura já estava preso. Por outro lado, talvez os tipos da polícia sejam mais espertos do que pensamos. Talvez suspeitem que o Martin não foi a única pessoa a estar em casa da Donna Joy naquela noite.

Não disse nada. Pete Carroll era imprevisível e eu não queria provocá-lo mais do que o necessário.

– Vais para casa esta noite?

– Não me parece – respondi, e comecei a tremer. – Como te disse, estou em casa de uma pessoa amiga...

Ele inclinou-se para mim, tão perto que lhe senti o hálito rançoso na cara.

– Olha que eu *vou* à polícia, Francine. Se não voltares a casa este fim-de-semana, vou falar com o inspector Doyle.

Calei-me. Não ia dar-me ao incómodo de desperdiçar o meu tempo a perguntar-lhe como sabia o nome do inspector encarregue do caso de Donna. Pete Carroll era esperto e havia um mundo de informações à distância de um clique na internet.

– E depois? – disse, a tentar parecer desafiadora. – Eu estava bêbeda, não sou uma testemunha fiável. Achas mesmo que eles vão querer saber?

Pete riu.

– Oh, acho que sim. Pensa nisto: tu admites ter lá estado na noite em que a Donna Joy desaparece, para não voltar a ser vista. Acho que são capazes de somar dois e dois e fazer cinco. Eu fui.

Estava determinada a não o deixar perceber que tinha conseguido entrar na minha cabeça.

As coisas que ele estava a dizer eram os negros pensamentos que eu passara os últimos dez dias a tentar ignorar, os pensamentos que infectavam o meu subconsciente desde que soubera que Donna Joy tinha desaparecido. Continuava a não recordar nada daquela noite, não me lembrava ao certo a que horas os dois tinham entrado em casa e quando tinham saído. Mas o que sabia era que *eu* tinha lá estado. Estivera a vigiar de dentro do *pub*, e depois escondida nas sombras. Eu era a única constante na cena. Mas se não podia dizer a que horas Martin e Donna tinham saído, também não podia dar conta dos meus movimentos, pois não?

– Está a chover – resmunguei, a levantar a gola do casaco. – É melhor irmos.

– Ótimo. Eu sabia que havias de ver a razão. Apanhamos um táxi, chegamos mais depressa. Nunca é demasiado cedo para começar uma agradável noite em casa.

Eu sabia como seria fácil capitular. Ceder à sua manipulação para o manter calado. Mas não era capaz. Não naquele momento. Não agora que tinha o apoio de Vivienne McKenzie e estava a fazer progressos na ajuda a Martin. Era capaz de levar aquilo por diante. De fazer que resultasse.

– Pete – disse –, não vou a casa esta noite.

– *Okay*, já percebi – assentiu. – És uma rapariga muito ocupada. Mas amanhã vemo-nos, não é verdade?

A capacidade que ele tinha de engrenar de repente outra mudança perturbava-me mais do que as suas palavras: estava a distorcer o mundo real para corresponder à sua narrativa interna. Fiz uma careta quando ele estendeu a mão e pegou na minha. Apesar de estar pegajosa e fria, queimou-me a pele.

– Eu sei que estás um pouco preocupada com a diferença de idades, Fran. Mas temos tanto em comum, tu e eu – continuou, em voz baixa. – Dei uma espreitadela ao teu armário de medicamentos quando estive em tua casa. Vi o que lá estava. Também eu tive os meus problemas quando era mais novo, mas uma passagem pelo Maudsley pôs-me fino. Podemos falar a este respeito amanhã. Eu faço o jantar e tu contas-me tudo.

– Certo – disse eu, e libertei a mão. Não queria mentir-lhe, mas tinha de sair dali.

– Até amanhã, boneca – disse ele com um sorriso, e eu rodei sobre os calcanhares e encaminhei-me na direcção da rua, a sentir os olhos dele nas minhas costas, à espera de ser agarrada. Mas quando me atrevi a olhar por cima do ombro, o banco e a praça estavam desertos. Mal virei a esquina para uma rua secundária, dobrei-me pela cintura e vomitei na sarjeta.

Capítulo 35

Meti-me num táxi para voltar a casa de Clare, demasiado nervosa para apanhar o metro ou o autocarro, demasiado paranóica com medo de que Pete me seguisse. O taxista era dos calados, e ainda bem, porque eu mal conseguia respirar, quanto mais falar.

Apesar de ainda ter as chaves da casa, toquei à campainha.

– Fran, não estava à tua espera – disse Clare, abrindo a porta. – Pensei que tinhas voltado ao teu apartamento.

Estava de chinelas e tinha vestido umas calças de pijama cobertas de personagens dos desenhos animados. Era muito raro vê-la parecer qualquer coisa menos do que metropolitana e glamorosa. Mais um vislumbre do mundo da normalidade, e foi a gota que fez transbordar o copo; desfiz-me em lágrimas.

– Ei, ei – disse ela, e puxou-me para dentro. – Que se passa?

– Tudo – soluzei, toda eu a tremer.

Clare levou-me para a sala e acendeu a lareira a gás, enchendo o aconchegado espaço com um clarão alaranjado. Sentei-me na beira do sofá. Tinha-me sentado ali dúzias de vezes, enrolada no canto com um copo de vinho na mão, os pés tapados por uma macia manta. Já quase não conseguia lembrar-me daqueles tempos. Era como se as recordações pertencessem a outra pessoa.

– O Pete Carroll foi procurar-me ao escritório.

– O sujeito que mora no rés-do-chão?

Assenti.

– Está a chantagear-me.

– *O quê?* A propósito de quê?

Olhei para as mãos, cheia de vergonha, e soube que chegara a altura de contar-lhe tudo. Inspirei fundo e comecei a falar.

– Ele está então a ameaçar-te com a polícia? – interrompeu-me ela.

Assenti e limpei os olhos com as costas da mão.

– Está a insinuar que eu posso ter qualquer coisa a ver com o desaparecimento da Donna. – Ouvi o medo na minha voz ao falar. – E, sejamos francas, a polícia é bem capaz de concordar com ele.

– Esse merdoso – disse Clare, a ressumar veneno. – O que quer ele? Dinheiro?

Ergui para ela um rosto desolado.

– Sexo.

Ela abriu muito os olhos, devagar.

– E... tu...?

Assenti. Ao ver a repugnância na cara dela, tentei justificar-me.

– Sim, não podia fazer outra coisa. Ele é perigoso, Clare, a sério. Tenho a certeza de que tem uma paixoneta por mim há já algum tempo. No dia dos meus anos tentou beijar-me, e eu disse não. E agora está decidido a vingar-se. Disse que foi tratado no Maudsley, não sei a quê. Talvez seja maluco. Agora estou convencida de que anda a perseguir-me...

Inspirei fundo para controlar a histeria e apoiei a cabeça nas mãos. Queria chorar, babar-me e soluçar, mas era como se todos os músculos do meu corpo estivessem paralisados. Clare foi sentar-se a meu lado, passou-me um braço pelos ombros, mas eu não era capaz de olhá-la nos olhos.

– Fran, tens de ir à polícia – disse ela, em voz baixa.

– Acho que ele é capaz de chegar lá primeiro – disse, num tom amargo.

– Não, não vai – disse Clare. – E mesmo que chegue... que diferença faz? O sujeito tem uma teoria meio cozinhada a teu respeito? Grande coisa! *Ele* é que cometeu um crime. *Violou-te*, Fran.

Algures na minha cabeça, sabia que ela tinha razão, mas ainda assim fugia à palavra. Violação era uma coisa que acontecia em vielas escuras perpetrada por maníacos, não no nosso quarto perpetrada por um vizinho bem-parecido. Sabia, claro, que sexo por coerção era sexo contra a vontade de uma das partes. Não era o meu ramo do Direito, mas via as consequências nas salas dos centros de aconselhamento ali mesmo ao lado, ensanduichados entre os processos por falência e as pequenas queixas judiciais, nos rostos pálidos de raparigas adolescentes esmagadas pelo medo. Raparigas que viviam sob a ameaça de que fotografias delas nuas ou vídeos porno fossem publicados na internet e se tornassem virais se não acedessem a mais do mesmo, mulheres casadas enganadas ou forçadas por um cunhado ou um colega de trabalho. Não me ocupava desses casos; eram voluntários com experiência em criminologia que tratavam deles, e o conselho que davam era sempre o mesmo que Clare me dava naquele momento. Vá à polícia. Mas a verdade era que a lei gostava de clareza, e a minha situação tinha contornos difusos. Até na minha mente.

– Do que tenho mais medo é que ele possa ter razão – disse, a minha voz pouco mais do que um murmúrio.

– Isso é um disparate – disse Clare. – Não tiveste nada a ver com o desaparecimento da Donna.

– Mas e se tive? – disse, a olhar para ela, a tentar fazê-la ver a culpa que carregava dentro de mim. Tinha odiado Donna Joy, e naquela noite mais do que em qualquer outra, e na minha vida profissional tinha visto como o ódio pode ser uma força destrutiva. – Lembro-me de ter acordado no apartamento do Pete, lembro-me de ter vigiado a casa da Donna. Mas daquelas quatro horas que entretanto decorreram... nada. Não me lembro do que fiz, Clare – disse, o desespero a insinuar-se-me na voz.

– Fran, não podes pensar a sério, nem por um momento, que fizeste qualquer coisa para magoar a Donna Joy.

– O Pete acha que fiz.

– O Pete está a distorcer as coisas na tua cabeça para conseguir o que quer.

– Mas achas que sou capaz de violência?

– Fran... isto é ridículo.

– Não, a sério, Clare, eu sei que há uma relação entre a doença bipolar e a violência. Há, não há?

Clare afastou-se, a abanar a cabeça.

– Passei metade da minha vida a tentar apagar o estigma entre pacientes com doenças mentais e as merdas a que as pessoas as associam – disse, zangada. – Ouvias o que as pessoas murmuravam nas tuas costas: esquizofrénica, psicopata, maluca. Nada disso é lisonjeiro, tudo é mentira e ofensivo.

– Sei tudo isso – respondi. – Mas agora somos só nós as duas, Clare. Por favor diz-me... é possível?

Ela deixou escapar um fundo suspiro de reprovação.

– Se alguém tiver um episódio maníaco grave, é possível, sim. É possível que essa pessoa se torne violenta.

– Que poderia essa pessoa fazer? Se estivesse descontrolada, quero dizer?

– Ouvi falar de casos de força sobre-humana – disse ela, relutante. – As mais das vezes, mas mesmo assim é raro, há apenas comportamento agressivo. Por vezes os doentes têm de ser isolados quando estão a ter um episódio maníaco, e o consumo de drogas ou álcool pode aumentar o risco de violência e agressão física... mas continua a ser improvável. – Pousou a mão sobre a minha. – Estou a falar de possibilidades porque tu estás a pressionar-me... são casos extremos, Fran. Além disso, estás a falar de uma coisa muito diferente. Não se trata de tu te passares dos carretos e teres de ser restringida, trata-se de teres perdido os sentidos durante um par de horas. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Olhou para mim, a preocupação a transformar-se em irritação, a amiga a sobrepor-se à psiquiatra.

– Ora vamos, Fran, que achas tu que aconteceu? Arrombaste a porta fechada à chave da casa de Donna, aplicaste-lhe um golpe de *karaté* fatal e livraste-te do corpo, tudo isto antes da duas da manhã, hora a que voltaste a Islington? Oh, e depois de teres aspirado e limpado todas as superfícies antes de saíres: assumo que as equipas forenses passaram a pente fino cada centímetro da casa da Donna e não encontraram quaisquer vestígios além dos dela... e do Martin.

Não gostei de a ouvir referir o ADN de Martin encontrado pela polícia científica no local, mas tinha de admitir que o que dizia fazia sentido.

– Isso ainda deixa por explicar três horas depois de o *pub* ter fechado. Que posso eu ter feito? Se conseguisse recuperar esse tempo! Se conseguisse lembrar-me!

Clare pôs-se de pé, aproximou-se da janela e ficou a olhar através do vidro para as sombras da rua.

– Tenho um amigo que talvez possa ajudar – disse, ao cabo de um momento. – Chama-se Gil. Trabalha no Centro e é um psiquiatra clínico especializado em trauma.

Olhei para ela, a sentir crescer uma pontinha de esperança.

– Mas tu tinhas dito que é impossível recuperar recordações de um apagão.

– Não é uma ciência exacta e não tenho a certeza de poder ser feito no teu caso. Mas se houver uma maneira, o Gil há-de saber. Mas penso que devíamos descobrir se é possível, não achas?

Levantei-me de um salto e envolvi-a nos braços.

– Obrigada, Clare. És maravilhosa, sabias?

– Ei, tudo bem – murmurou ela, puxando-me para si e acariciando-me os cabelos.

Por um instante, uma recordação saltou do fundo da minha mente. Uma noite na universidade. A noite do baile de Verão. Estivera um dia de calor, a temperatura ainda estava amena e as irmãs

Sloaney da comissão organizadora tinham feito um trabalho fantástico ao transformar os terrenos em frente das residências universitárias num país de maravilhas salpicado de lanternas. Era como se todo aquele espaço tivesse sido polvilhado com pó de estrelas e pirilampos, como a noite que Alex descrevera, a noite em que tinha beijado Donna. Também Clare se tinha descontraído. Estávamos as duas bêbedas e felizes, as diversões de feira no limite dos relvados a tornarem-nos ainda mais zonzas e inebriadas. Tinha-me sentido bonita naquela noite, com um vestido *vintage* que encontrara numa loja de artigos em segunda mão. Um ano antes, tinha sido a rapariga atrás do ginásio, a pega da escola que fumava e ia para a cama com qualquer um, a tentar fazer-se notada. Mas naquela noite sentia-me como uma princesa num conto de fadas e Clare fora apanhada pelo mesmo feitiço. Perguntei-me se recordaria aquela noite. Os descuidados e intrépidos dias da juventude... Que saudades tinha deles.

Capítulo 36

O Centro de Aconselhamento de West London não tinha nada de notável naquela chuvosa manhã de sábado. O pequeno parque de estacionamento estava deserto, com excepção de uma carrinha salpicada pela chuva estacionada num espaço com a indicação «Reservado a Médicos».

– Parece deserto – disse eu, com súbita irritação. – Acho que se algum lugar devia estar aberto ao fim-de-semana seria uma clínica como esta. Todas essas pessoas a trabalhar em empregos stressantes uma semana inteira, por que não...

Clare cortou-me a palavra.

– Estás ansiosa – disse, enquanto teclava o código de entrada num painel ao lado da porta. – Mas tem presente que é possível que o Gil não te possa ajudar. Não cries grandes expectativas: é pouco provável que aconteça alguma coisa hoje. A terapia é um processo, não uma solução imediata. Podem ser precisos seis meses de sessões. Sabes disso, certo?

– Dentro de seis meses o Martin estará na prisão se eu não conseguir ajudá-lo – disse eu enquanto entrava e sacudia a gola do impermeável. – Sabes *disso*, certo?

Clare deu a impressão de ir responder, mas fez uma pausa e em vez disso assentiu com a cabeça, dirigindo-me o mais ligeiro dos sorrisos cansados enquanto me guiava pelos corredores de paredes brancas. Eu sabia que ela estava disposta a tolerar a minha lealdade para com Martin, mas não a aprovava. Estava a ajudar-me a mim, não a Martin.

– Por aqui – disse, e usou um cartão magnético para abrir mais uma porta. – O Gil está no último piso.

A escada era uma caixa de vidro, com fitas prateadas de chuva a escorrer pelas paredes, o que fazia o mundo exterior parecer distorcido, deslocado. Ouvia cada passo em cada degrau, a ecoar para cima.

Também Clare parecia nervosa, o que teve o estranho efeito de me tranquilizar. No final de uma comprida passagem, uma porta aberta derramava pelo corredor uma cunha de luz acinzentada.

– Gil? – chamou Clare, e bateu com os nós dos dedos no umbral da porta.

– Oh, olá, olá! – Um homem alto saltou de trás da secretária. – Entrem, entrem.

Devia andar perto do fim da casa dos quarenta, tinha um rosto magro e um início de calvície, mas vestia com uma surpreendente elegância, como um professor do sexto ano preocupado com a moda. A sua característica mais destacada eram, no entanto, os olhos: escuros como carvão e marotos. Gostei de Gil Moore à primeira vista.

– Deve ser a Fran – disse ele, a apertar-me a mão. Perguntei-me o que lhe teria Clare dito a meu respeito, e no mesmo instante perguntei-me o que devia *eu* contar-lhe a meu respeito. – Peço desculpa pela desarrumação – continuou, pegando numa sanduíche meio comida e atirando-a para o

cesto dos papéis. – É o lugar mais desorganizado de todo o edifício, mas só cá venho dois dias por semana.

– Não se preocupe – disse eu –, o meu escritório não está melhor. Qual é a sua base habitual?

– O Baverstoc Hospital – respondeu, a arrumar com gestos distraídos a secretária, como uma dona de casa apanhada de surpresa por visitas. – Faço sobretudo trabalho de trauma: pacientes com perturbação de *stress* pós-traumático... montes de antigos militares, como pode imaginar.

Havia alguns diplomas emoldurados na parede, ao lado de uma pilha de CD numa prateleira. Pondo a cabeça de lado, consegui ver The Smiths, Jesus Jones, Royal Blood. Não sei do que estava à espera: talvez alguém já velho e bolorento, com suave música clássica a tocar em fundo.

– Deixo-os sozinhos – disse Clare, que não passara da porta. – A minha secretária também está a precisar de arrumação.

– Diz a pessoa mais anal-retentiva desta casa – observou Gil, com um sorriso.

Clare baixou os olhos e corou um pouco.

– Conheces-me demasiado bem – murmurou, e então, depois de um olhar de sobrelance arqueada dirigido a mim, desapareceu.

Interessante, pensei, a sentir uma pontinha de pena. Em parte devido à descoberta de que havia um canto da vida da minha melhor amiga a respeito do qual nada sabia, em parte por Clare não ter acabado com alguém como aquele homem inteligente e compassivo. Em vez disso escolhera Dom; ou deixara-se escolher.

Gil ajudou-me a despir o impermeável que pingava água e pendurou-o num cabide junto à porta. Indicou-me o sofá de tecido cinzento – *Habitat* em tempos idos, pensei – e sentou-se na sua cadeira atrás da secretária, de frente para mim.

– É então a melhor amiga da Clare?

– Suponho que sim – respondi, desajeitadamente empoleirada no sofá. – Espanta-me não nos termos conhecido mais cedo.

– Só cá estou há seis meses, o que explica o gabinete mais pequeno do edifício – disse ele. – Antes disso vivi muito tempo na América. – Mudou de posição na cadeira, inclinado para o apoio do braço. – Disse-me a Clare que teve um apagão?

Tínhamos então entrado sem preâmbulos na sessão. Eficiente, directo: o meu género de homem. Clare tinha escolhido bem.

– Preciso de me lembrar do que aconteceu – disse eu, atenta a uma reacção... reprovação, talvez, ou hesitação... mas ele limitou-se a assentir. Amiga de Clare ou não, supus que para ele era apenas mais uma paciente, mais um problema a resolver.

– Muito bem. Que tal dizer-me do que se lembra?

Aos solavancos, fiz-lhe um breve resumo de como chegara ao apartamento do meu vizinho às duas da manhã, stressada e agitada, com muito poucas recordações do que tinha acontecido antes. Pensei que a minha doença bipolar podia ser relevante, de modo que o informei também a esse respeito.

– Tem um histórico de apagões? – perguntou.

– Nem por isso. Não depois da universidade. No meu primeiro ano bebia como uma esponja... nada de invulgar por esse lado, suponho, mas ia a uma reunião da Wine Society e no dia seguinte

acordava vestida e sem me lembrar de nada. Durante algum tempo pensei que fosse da bebida, mas tive a sorte de encontrar um médico na clínica da universidade que prestou atenção, sobretudo depois de um episódio de automutilação. No fim, diagnosticaram-me como bipolar.

Gil assentiu e fez uma anotação no bloco que tinha no colo.

– Assumo que desistiu da Wine Soc? – disse, com um sorriso.

– Mudei para *badminton* – respondi.

Gostei da maneira como era fácil falar com ele, mas havia mais qualquer coisa que me tinha ficado na cabeça.

– A Clare disse-me que se estava bêbeda nunca ia conseguir lembrar-me. É verdade?

Gil expirou e recostou-se na cadeira, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça.

– A verdadeira resposta para essa pergunta é: depende. O grande problema da terapia é a infinita complexidade do cérebro. Um cirurgião cardíaco trabalha com meia dúzia de canos. Se os ligar da maneira correcta, pode ter uma esperança razoável de que tudo vai funcionar bem depois de coser o paciente. Receio que não aconteça o mesmo com a mente.

Deve ter adivinhado o meu medo, porque me fez um sorriso tranquilizador.

– O que não significa que não tenhamos descoberto *umas quantas* coisas ao longo dos anos – continuou. – A Clare tem razão ao dizer que por vezes as recordações perdidas num apagão não podem ser recuperadas, mas isso é assumindo que o seu apagão se deveu ao consumo de álcool.

– Quer dizer que há outras possibilidades?

– Montes delas. Por exemplo, ouço uma porção de histórias infundadas a respeito de pequenos lapsos de memória em doentes bipolares. Psicoses, estados de fuga, todo o género de dissociações... que, felizmente, pertencem à minha área de especialidade. – Dirigiu-me um sorriso divertido. – Ou não tão felizmente como isso, dependendo do ponto de vista. Os cirurgiões cardíacos não têm de tratar com muita frequência doentes que não param de chorar.

– Isso é porque esses doentes costumam estar a dormir – disse eu.

– Bem observado. – Sorriu. – Devia ter mais cuidado com uma advogada contenciosa, não devia? Muito bem, fale-me da noite de que não consegue lembrar-se.

Assenti, a olhar para as minhas mãos entrelaçadas, surpreendida por me sentir tão nervosa. Tinha querido tanto recordar aquela noite, mas agora que o momento chegara, estava cheia de medo. Medo de não me lembrar e medo de me lembrar. Mais do que tudo, queria ajudar a provar a inocência de Martin, mas queria mesmo reviver o momento em que tinha visto o meu namorado com a mulher? Queria a confirmação de que ele tinha tão pouca consideração por mim que fora para a cama com ela? E, claro, havia a acusação que Pete Carroll acrescentara à mistura: que eu estivera envolvida no desaparecimento de Donna. Não queria de certeza reviver essa parte, se fosse verdade.

– Relaxe – disse Gil numa voz funda, suave. – Só os grandes traços do que aconteceu naquela noite. Para eu poder fazer uma ideia.

Não tinha alternativa senão contar-lhe. Descrevi como tinha seguido o meu namorado até à casa da ex-mulher, como ficara de vigia no *pub* do outro lado da rua. Como a minha recordação seguinte era de ter acordado no apartamento de um vizinho, ao que tudo indicava depois de ter sido para lá carregada, a minha memória em parte apagada, como um livro a que faltassem páginas.

– Quanto bebeu naquela noite?

– É essa a questão: não lembro. Nada a partir da primeira bebida, em todo o caso.

– E assumo que ficou perturbada ao ver que o seu namorado ia a casa da ex-mulher para fazer sexo?

Os nossos olhos encontraram-se, mas não vi nos dele julgamento, apenas curiosidade e conhecimento. Aquilo enervou-me, e perguntei-me mais uma vez quanto estava preparada para revelar àquele desconhecido.

– Já ouviu falar de «dissociação»?

Abanei a cabeça.

– Significa separação da realidade – continuou Gil, pousando a caneta. – Pode ser tão ligeira como sonhar acordado ou tão extrema como criar identidades alternativas. Vejo-a muitas vezes em ex-combatentes e vítimas de abusos... bloqueiam essas memórias perturbadoras. É a maneira que o cérebro tem de proteger-se de sentimentos desconfortáveis: finge que aquelas coisas nunca aconteceram.

– E acha que é o caso da minha amnésia? Dissociação?

Ele assentiu.

– É aquilo a que chamamos fuga dissociativa, um evento raro. Regra geral é causado por um trauma, mas também pode ser induzido por drogas ou álcool. O doente possui as recordações, mas a mente bloqueou-as. O cérebro está em negação.

– Portanto, nesses casos é possível recuperar as recordações. Como? –perguntei, ansiosa por começar.

– Arrombando as portas – disse ele, pondo-se de pé. Dirigiu-se a um canto do gabinete e, com um grunhido baixo, pegou numa peça de equipamento e começou a montá-la. Parecia um ecrã de projecção, só que mais *high-tech*. – O problema do subconsciente está no nome – continuou enquanto trabalhava, a desdobrar o aparelho. – É *subconsciente*, abaixo da nossa consciência. Todas estas coisas interessantes estão a acontecer cá dentro, mas não conseguimos chegar-lhes. Por isso precisamos de arranjar uma maneira de enganar o cérebro e levá-lo a abrir-se... Muito bem, acho que vai servir.

Recuou uns passos para admirar o seu trabalho: uma comprida caixa metálica no alto de um tripé, com fios a caírem da parte de trás.

– O que vamos fazer aqui hoje é uma versão disso. – Dirigiu-se à janela e baixou as persianas. – Chama-se DRAMO: dessensibilização e reprocessamento através de movimentos oculares, que é apenas um título pomposo para isto.

Premiu um controlo que tinha na mão e luzes azuis começaram a pulsar na frente da caixa, da esquerda para a direita, acompanhadas por uma espécie de «zip» de baixa frequência. Mais um clique e as luzes apagaram-se.

– Só isso?

– Parece uma parvoíce, mas é muito eficaz, garanto-lhe. O que estamos aqui a fazer é imitar os movimentos do olho durante o sono REM... a parte do sono em que sonhamos, a parte em que o cérebro mexe as coisas de um lado para o outro e tenta entender e interpretar o que vimos e fizemos

durante o dia. Quando conseguimos aceder a esse estado, regra geral descobrimos que as recordações vêm em catadupa.

Olhei para a caixa, depois de novo para Gil, a sentir um aperto no estômago.

– Está ansiosa – disse ele, sentando-se. – Não esteja. A beleza do DRAMO é que estamos a pedir ao cérebro que olhe para essas recordações de uma maneira desligada. É como se estivesse a ver tudo num ecrã de cinema, sem o trauma subjacente. Usamos esta técnica com veteranos da guerra e vítimas de abusos: não seria muito produtor fazerê-los passar outra vez por tudo aquilo, só serviria para repetir o trauma, aumentando o terror. Mas mesmo assim o DRAMO pode ser dramático; já vi vítimas de abusos regredirem a um estado infantil, alterando inclusive os padrões de linguagem. – Ergueu um dedo. – Note que eu disse *dramático*, não *traumático*. Quando resulta, é regra geral muito libertador.

Assenti, a dizer a mim mesma que era capaz de fazer aquilo.

– Muito bem, recoste-se no sofá – disse ele. – Ponha-se o mais confortável que puder e fale-me do Martin.

A voz dele era suave e profunda, calmante. Mas mesmo assim estava nervosa, as palmas das mãos húmidas, a resistir ao impulso de limpá-las à saia. Fechei os olhos e tentei habituar-me à escuridão. Estava desorientada – como se tivesse perdido a conta à passagem do tempo e estivesse mais uma vez mergulhada na noite.

– O Martin é o meu namorado – comecei devagar. – Bem, de certa maneira. É um cliente meu. A verdade é que não devíamos andar juntos.

– O que foi uma fonte de ansiedade. Uma relação fora dos cânones.

– Sim. Além disso, estou a candidatar-me à seda... é uma grande promoção para mim. É preciso ser bom, responsável. Casos amorosos com clientes, clientes que oficialmente continuam casados, não encaixam mesmo nada na definição de funções.

Tentei um sorriso, mas saiu-me torcido.

– Está apaixonada? – perguntou ele, sem rodeios.

Deixei escapar uma gargalhadinha nervosa, mas de repente queria confessar a alguém a força dos meus sentimentos.

– Sim, estou. Amo-o tanto que me assusta. Nunca me tinha sentido assim, é como se tivesse acordado e experimentado todas estas emoções pela primeira vez.

– Sente por vezes que as suas emoções estão descontroladas?

– Sim. – Foi quase um murmúrio, mas no escuro, na intimidade daquele gabinete, soou-me como um grito. A voz tremeu-me quando continuei: – A maior parte das vezes sinto-me como um carro sem travões. Quando estou com ele, é como se estivesse em roda livre e sinto o vento nos meus cabelos e estou tão feliz. Mas nunca estou verdadeiramente calma.

– E foi por isso que se sentiu stressada naquela noite?

– Estava stressada porque pensei que ele continuava a dormir com a mulher. Foi por isso que os segui.

– Muito bem, descreva o que aconteceu. Tanto quanto se lembra. O que tinha vestido?

Abri os olhos e olhei para ele.

– Que tinha vestido? – Franzi a testa, surpreendida ao descobrir que não me lembrava. Lembrava-me do casaco cor-de-rosa de Donna, mas e eu? Nada. – Não sei.

– *Okay* – disse Gil, e premiu o botão do controlo remoto. As luzes azuladas começaram a correr pelo ecrã. Zip... zip... zip.

Ri. Tudo aquilo parecia tão estúpido, como um filme dos anos de 1960 em que um vilão megalomaniaco tentasse fazer uma lavagem ao cérebro do herói.

– Deixe-se ir – pediu Gil.

Assenti, inspirei fundo. Tinha de fazer aquilo. Por Martin, quanto mais não fosse. Pus-me a olhar para as luzes azuis que pulsavam ao longo da frente da caixa. Era relaxante, como luzes coloridas numa árvore de Natal. Zip... zip... zip.

– Muito bem. – Gil carregou no botão e as luzes desapareceram. – Agora diga-me o que tinha vestido.

– Um casaco preto.

Claro que estava a usar o meu casaco preto. Uso sempre o meu casaco preto.

– Não se preocupe – disse ele, e voltou a ligar as luzes. – Não há pressa. Descontraia-se e olhe para as luzes.

Recostei-me no sofá enquanto elas passavam, a pulsar, zip... zip... zip. Não eram brilhantes, um azul-suave, como o mar num *poster* a fazer publicidade à Grécia ou a Itália. Santorini, pensei de repente. Tinha lá estado quando tinha vinte e poucos anos, as praias eram espantosas...

– Casaco preto, um lenço de pescoço verde... – disse, sem saber muito bem se aquilo eram pormenores que tinha tirado do artigo do *Evening Standard* ou se começava mesmo a lembrar-me. Quando me concentrei mais, outros pormenores ganharam nitidez. Conseguia quase ver-me a caminhar pela rua. – Vestia a roupa que costume usar no trabalho. Camisa branca, saia preta.

Gil apagou as luzes.

– Agora diga-me como estava o tempo.

Franzi a testa, a fazer um esforço. Quase conseguia senti-lo, mas não estava bem lá.

– Não... não consigo...

– Não faz mal – disse ele.

Zip... zip. Tinha-se tornado calmanete vê-las moverem-se, como água por cima de seixos.

– Estava horrível... o tempo, quero dizer – disse de jorro, as palavras a formarem-se sem pensamento. – Chovia e estava frio, tanto frio que pus o chapéu. Lembro-me de ter pensado que a chuva ia esborratar-me a maquilhagem.

Gil desligou as luzes.

– Estamos a ir muito bem. Qual foi a primeira coisa que viu?

Semicerrei os olhos, a espreitar para a escuridão.

– Vi a Donna. Segui-a quando saiu do estúdio e vi-a encontrar-se com ele num restaurante. Estavam a rir, a beber vinho. Foram para casa dela. Eu fui para o *pub*. Pedi uma bebida e sentei-me junto à janela.

– E depois?

– Não me lembro – respondi, a sentir-me agitada.

– São apenas imagens, Fran. Aqui nada pode fazer-lhe mal – disse a voz de Gil, grave e profunda na escuridão.

As luzes voltaram a acender-se. Zip... zip. Azuis e suaves, azuis, azuis, verdes, com novas tonalidades aqui e ali.

– Lembro-me da mão dele na cintura dela – disse, titubeante. – Vi isso, a familiaridade fácil entre os dois, uma coisa que eu não tinha.

Oh, meu Deus, ele parecia tão à vontade com ela. Zip... zip.

Depois outra vez a voz de Gil, calmante, forte:

– E como isso a fez sentir?

– Fez-me compreender que tudo o que o Martin me tinha dito era mentira.

– E que mais? Que mais, Fran?

– Não o culpei a ele. Por que não ter sexo com duas mulheres, se podia fazê-lo sem consequências?

Abri os olhos, olhei para o meu novo confidente, a provocá-lo, a desafiá-lo a reagir, mas o rosto dele manteve-se impassível.

– O que recorda do *pub*?

Gil parecia estar agora a apagar e a acender as luzes de uma maneira aleatória, ou talvez fosse eu que já não estava a acompanhar a sequência. Tinha a estranha sensação de estar nos dois lugares ao mesmo tempo; na clínica, segura e descontraída, e no *pub*, a olhar para o outro lado da rua.

– Estava cheio. Mais cheio do que é normal numa noite de segunda-feira. Pensei que havia uma festa ou um jogo de perguntas e respostas no piso de cima. Quando fui ao bar, alguém me perguntou se sabia a resposta a uma pergunta. Gosto destes jogos. E sabia a resposta, mas tinha de voltar para a minha mesa e vigiar a casa.

As recordações estavam a voltar, mas eu começava a sentir-me cada vez mais stressada. Ou melhor, sentia a tensão daquela noite, o nó no estômago quando vi Martin tocar-lhe, o acelerar da minha pulsação – zip, zip, zip –, mas ao mesmo tempo não era eu que lá estava, era outra pessoa.

– Por que acha que o Martin lhe mentiu? – perguntou ele.

– Foi para a cama com a mulher – respondi, azeda, a arrastar um pouco as palavras. Deus, precisava de uma bebida.

– Como sabe? Talvez não tenham feito sexo.

– Fizeram – respondi numa voz átona. – Lembro-me da maneira como ela olhou para ele quando chegaram a casa. Lembro-me da maneira como ele lhe tocou no ombro, encorajando-a a entrar. Havia uma luz acesa.

Uma luz azul, a acender e a apagar. A acender e a apagar.

– Que mais, Fran? Deixe-se ir.

– Acendeu-se uma luz – disse eu. – Numa janela do primeiro piso. O quarto dela.

– Por que acha que isso significa que fizeram sexo?

Eu conhecia as tácticas que ele estava a usar, e estavam a resultar, mas continuava a não conseguir entregar-me por completo. Gil tinha dito que as pessoas podiam reviver o trauma, voltar a experimentar as mesmas sensações, e era verdade. Sentia a bÍlis subir-me à garganta, sentia a queimadura do vodka, a dor no peito à medida que assimilava as implicações. Sentia tudo, como se

estivesse sentada no *pub*, a olhar para o outro lado da rua, mas ao mesmo tempo era como se não fosse real. A perturbação estava lá, a fúria da traição, mas era mais como se estivesse a ver a cena, como observadora.

– *Sei* o que estavam a fazer – disse, a minha voz baixa mas forte.

Tinha a cabeça a andar às voltas, sentia a *T-shirt* apertar-me o pescoço, mas mesmo assim a sensação era agradável, como se a imagem estivesse a focar-se. Via-os em casa, tal como os tinha visto naquela noite, como vira cada acto de prazer de que tinha desfrutado com Martin, com a diferença de que, em vez da minha cara, do meu corpo na passagem de diapositivos, era o corpo de Donna que se contorcia debaixo do dele. Mas Gil tinha razão. Eu não o tinha visto, não tinha visto nada daquilo. Só tinha visto uma luz. *Uma luz*.

– Foi o que vi – disse, e saltei do sofá.

– Fran, espere... por favor.

– Não, não posso – disse, a sentir-me de repente forte, desembaraçada de um peso. – Gil, sei o que aconteceu.

Ele pôs-se de pé e abriu as persianas, inundando o gabinete de luz solar, a sua figura iluminada por trás... como Martin. E então lembrei-me de tudo. Não apenas fragmentos, tudo, junto num todo coerente, numa recordação que fazia sentido.

– Lembro-me.

Lembrei-me de estar escuro e frio. Lembrei-me de ver Donna e Martin entrarem em casa. Lembrei-me do *pub*, do vodka tónico. Lembrei-me da pergunta do jogo: «Diga o nome do baixo dos Queen's.» Lembrei-me da luz que se acendera na janela do primeiro piso e de todas as assunções que tinha feito. E então lembrei-me de ver a porta da frente da casa de Donna abrir-se, a luz do pórtico a iluminar Martin por trás enquanto ele descia os degraus a correr e desaparecia na escuridão.

– Ele saiu, o Martin saiu – disse.

E lembrei-me de erguer os olhos para a alta e branca fachada do prédio e ver alguém entreabrir as finas tiras das persianas. E a nuvem de cabelos e as delicadas feições de Donna a vê-lo afastar-se. Donna Joy estava à janela. Ainda estava viva quando Martin saiu da casa. O que significava, quase com certeza, que ele não a tinha matado.

Que estava inocente.

Capítulo 37

Despedi-me de Gil e deixei-me ficar na recepção do Centro de Aconselhamento de West London a beber um copo de água enquanto ouvia a porta de um carro bater e o *VW* de Gil afastar-se.

Quando comecei a bebericar a água fresca, apercebi-me de que a minha anterior ansiedade tinha sido substituída por qualquer coisa mais determinada. Um desejo de resolver aquela situação, porque agora sabia que tinha a chave.

Clare apareceu na escada. Deve ter visto Gil ir-se embora da janela do seu gabinete.

– Como correu? – perguntou, quando ficámos frente a frente.

– Foi radical.

– Estás bem?

– Sinto-me embriagada.

– *Embriagada?* – repetiu ela, alarmada.

– Suponho que não tens pastilhas de mentol na tua mala?

– Talvez devêssemos ir dar um passeio. Apanhar um pouco de ar fresco – disse, confusa.

Assenti e voltei-me para a porta.

– Que aconteceu? – insistiu Clare, passado um instante.

– Ele rebentou com o raio das portas – respondi, e atirei o copo de plástico para o caixote do lixo.

Clare abanou a cabeça, sem perceber por que estava eu a citar uma frase de *Um Golpe em Itália*.

– Escuta, preciso de falar com o Martin – disse eu, os meus olhos a percorrerem a sala e a deterem-se na secretária da recepcionista. – Importas-te que use o telefone do Centro?

– Claro que não. Fran, que se passa? O Gil ajudou? Estiveste a beber?

Eu já estava sentada na cadeira desocupada da recepcionista e a usar a central do Centro para marcar o número do telefone descartável de Martin, que tinha anotado num pedaço de cartolina.

Tirei uma esferográfica encarnada do pote das canetas e pus-me a fazer rabiscos enquanto o meu coração galopava, a desejar que ele atendesse.

– Estou?

– Sou eu.

– Está tudo bem?

– Oh, sim – disse eu, e comecei a rir. – As coisas estão de facto a melhorar.

– Temos de nos encontrar.

– Vem ter comigo agora – disse, a minha voz um murmúrio urgente. – Não digas nada a ninguém, mas vem ter comigo logo que puderes. A um sítio onde possamos falar em privado. Só tu e eu e mais ninguém.



Uma parte de mim começava a sentir-se espia. O instinto de usar o telefone do Centro em vez do meu telemóvel, a sugestão de nos encontrarmos em Hampstead Heath, tudo isto tinha um toque de George Smiley. Pensei, por um instante, que talvez valesse a pena candidatar-me aos Serviços Secretos se a minha carreira como advogada fosse pelo cano abaixo. Por outro lado, tinha a certeza de que o MI5 era tão capaz de discernimento como o sistema legal.

Clare deixou-me num parque de estacionamento perto de Kenwood Park. Sentia-me zozza enquanto atravessava os prados, excitada por ir vê-lo outra vez, excitada pelas novidades que tinha para lhe dar depois da minha sessão com Gil Moore.

Não conhecia muito bem a charneca. Aliás, tinha a certeza de que uma pessoa podia ir lá todos os dias durante anos sem ficar a conhecer todos os seus cantos e recantos.

Houvera um curto período, um par de anos antes, em que decidira deixar a passadeira do ginásio e fugir para os grandes espaços abertos. Tinha a vaga intenção de participar numa corrida de dez quilómetros. A minha carreira parecia ter estagnado e eu procurava novos desafios. Por isso, todos os domingos apanhava o autocarro que atravessava Holloway, e depois Archway, e trepava a colina até ao Heath, e então corria e corria.

Foi durante esse tempo que fiquei a conhecer Wood Pond. A pista estava no nome – uma extensão de água limitado a sul por prados e bosques. Era menos conhecido do que os celebrados lagos onde se podia nadar, e, apesar de ser bastante frequentado no Verão, duvidava que andasse muita gente por lá num sábado cinzento e triste.

– Tens a certeza de que não queres que vá contigo? – disse Clare quando me apeei do carro.

– Não sejas pateta – respondi, a abotoar o casaco que me tinha emprestado no dia anterior.

– Posso esperar aqui por ti – insistiu.

Por um momento perguntei-me por que diabo estava ela tão preocupada comigo, e então percebi que não me queria sozinha com Martin num lugar remoto e solitário. Apesar das recordações que Gil tinha desenterrado, as recordações que tinha revelado a Clare a caminho de Hampstead, sabia que a minha amiga não confiava nele.

Enfiei as mãos nos bolsos e comecei a descer a colina afastando-me de Kenwood House, através das clareiras, em direcção às árvores. Encontrei um banco perto do lago, sentei-me e esperei até ver uma figura dirigir-se a mim, apenas uma silhueta escura ao princípio, até distinguir-lhe a cara.

Usava *jeans*, um sobretudo azul-escuro que não reconheci e um boné de baseball. Tinha um aspecto vulgar, como alguém da vizinhança que tivesse saído para passear o cão. Calculei que era essa a ideia.

A sorrir, resisti ao impulso de correr para ele de braços abertos.

– Bateste-me – disse ele, enquanto se sentava a meu lado no banco decorado com musgo. – Como chegaste até aqui?

– A Clare deu-me uma boleia.

– Vou ter de arranjar-te um carro – disse ele, como se fosse a coisa mais natural deste mundo. Supus que no mundo de Martin era o género de coisas que os homens faziam. Ofereciam carros às mulheres.

– A única coisa que um homem me deu tirada de uma garagem foi um ramo de flores meio mortas.

Martin olhou para mim, a arquear uma sobrancelha.

– Os homens fazem isso? A sério?

– Alguém compra aqueles cravos. – Encolhi os ombros. – E os *Ferrero Rocher*.

– Nunca foi o meu estilo – disse ele, a olhar para o lago.

Duas mulheres com um bastão de caminhada em cada mão detiveram-se para admirar a vista, apoiadas aos paus e a resfolegar como se acabassem de escalar o Everest.

– Vamos dar um passeio – sugeri, peguei-lhe na mão e afastei-o do lago.

Fechei os olhos, a saborear a sensação dos nossos dedos entrelaçados.

– Lembrei-me de uma coisa – disse quando já estávamos no meio das árvores. Estava mais fresco, ali, a luz era mais atenuada, o ambiente mais íntimo. – Lembrei-me de ter-te visto sair da casa da Donna. E vi-a à janela, a observar-te.

Martin deteve-se e agarrou-me os braços, os olhos verde-escuros muito abertos.

– Estás a brincar. Pensava que tinhas dito que não te lembravas de nada.

– Esta manhã fui consultar um terapeuta. – Senti o sorriso espalhar-se-me pela cara. – Ele usou técnicas que me ajudaram a recordar.

Olhou para mim como se fosse a única coisa que existia no mundo, e então puxou-me para si e envolveu-me num apertado abraço. Depois recuou e voltou a olhar para mim, a alegria estampada no rosto.

– És o meu álibi – disse, a apertar-me os dedos.

Eu queria juntar-me a ele na sua excitação, mas sabia que tinha de injectar uma dose de realidade.

– Não sou o que se possa chamar uma testemunha fiável, lembras-te? Estava bêbeda.

– Isso serão os especialistas a decidir.

Continuámos a andar, internando-nos cada vez mais no bosque. Falhei por pouco pisar um preservativo usado, um lembrete de como a charneca era usada por outras pessoas com propósitos secretos. O vento murmurava entre as folhas e ouvi o crocitar de um corvo nos ramos lá em cima.

– Obrigado por não duvidares de mim – disse Martin.

– Duvidei – respondi, com franqueza. – Pelo menos considere a possibilidade. Porque tu me mentiste.

– Nunca menti a respeito de coisa nenhuma – disse ele, de testa franzida.

– Disseste que caíste da bicicleta e que foi assim que cortaste a mão. Mas o inspector Doyle não acredita porque os pneus estavam limpos.

– Não caí da bicicleta – disse ele, com os olhos fixos numa linha através das árvores.

– Então por que disseste que tinhas caído?

Ele olhou para mim.

– Porque não consigo lembrar-me de como cortei a mão. Mas pareceu-me uma justificação tão fraquinha que procurei qualquer coisa plausível para dizer. Pensei que seria melhor do que admitir que não sabia.

– Não precisavas de mentir-me a respeito disso.

– Eu sei, e peço desculpa. Acho que me convenci de que era verdade. Mas o golpe não teve nada a ver com Donna. Disso tenho a certeza.

Pegou-me na mão. O dia estava frio, mas a mão dele era quente. Entrelaçou os dedos nos meus e levou-me ainda mais para o fundo do bosque.

– O Alex ligou-me depois de eu ter falado contigo, ontem – disse eu, enquanto as árvores se apertavam mais umas contra as outras e o ar arrefecia. – A Sophie disse-lhe, claro, que eu tinha ido à polícia, de modo que nos encontrámos.

– Que tinha ele a dizer?

Encolhi os ombros.

– Coisas – disse eu. – Nada de importante. Não confio nele.

Martin abanou a cabeça.

– Eu também não.

Voltei-me para ele.

– Já deste uma vista de olhos à casa dos Cole?

– E que devo procurar? Um picador de gelo?

Tentou fazer uma piada, mas não havia humor na sua voz.

– Verificaste se ele esteve na tal conferência terça e quarta-feira?

– Esteve lá nos dois dias e jantou com clientes à noite. Duas ou três pessoas que também lá estiveram disseram-me que tinha tido um comportamento um pouco estranho na terça-feira. Uma delas perguntou-lhe se estava tudo bem, mas ele descartou o assunto. Disse que era só a ressaca.

Eu não sabia se a informação era importante, mas percebi que também Martin estava a tentar juntar as peças na sua cabeça.

– Seja como for, quanto a essa questão da confiança, quero que saibas que pedi ao advogado da firma que me enviasse o contrato da sociedade – disse Martin com uma expressão grave. – Sabia que havia uma cláusula de moralidade, mas já não me lembrava de até que ponto era estrita.

– Foi um acordo entre ti e o Alex?

Ele assentiu.

– Se um dos sócios puser em causa o bom nome da firma, será razão suficiente para anular o acordo e o sócio faltoso terá de vender ao outro a sua posição.

– *Pôr em causa o bom nome?* É uma expressão demasiado vaga, passível de várias interpretações.

– Obrigado pela dica legal.

– O que achas que significa em termos práticos?

– Significa que se eu continuar implicado no desaparecimento da Donna posso ser corrido da Gassler Partnership.

– O quê, mesmo que nunca venhas a ser acusado de nada, o Alex fica com as tuas acções?

– Pode comprá-las, mas há muitas maneiras de manipular o preço, sobretudo se o Alex conseguir convencer alguns investidores a retirarem o seu dinheiro.

– Ele pode ser perigoso. Sabe coisas a teu respeito.

Martin franziu a testa.

– Todos temos cantos escuros e provavelmente o Alex conhece os teus melhor do que ninguém – disse eu, sem paragens. – Se tiver um incentivo para te desacreditar, é bem capaz de usar essa informação.

– Que cantos escuros?

– Um sujeito chamado Richard Chernin? – disse eu, após uma hesitação. – Ao que parece, o Alex está convencido de que tu mandaste «tratar dele» por causa de um negócio.

Olhei para ele, na esperança de ouvi-lo negar tudo, mas Martin limitou-se a enfiar as mãos nos bolsos e olhar em frente.

– Ganhar dinheiro pode ser um negócio sujo, Fran – disse. – Por vezes é preciso ser duro a negociar. Se fiz coisas de que me arrependo? Receio que sim.

Deixou a voz esmorecer no fim da frase.

– Como o quê? De que te arrependes?

Precisava de saber tudo de que ele era capaz.

Martin abanou a cabeça e desviou o olhar.

– Quero saber – insisti.

– Que queres tu saber, Fran? – explodiu, a cara a ficar encarnada. – Que me deitei com prostitutas porque não queria ofender um cliente? Que paguei por informações para bater a concorrência, que conspirei com outros banqueiros, que fiz negócios com déspotas africanos nos seus jactos privados, negócios que sabia serem pagos com dinheiro de sangue? Sim, fiz tudo isso. Não, não me orgulho do que fiz. Mas acontece. É a ganância que faz mover o mundo.

– Então agora sei – disse eu. – Sei quais são os teus cantos escuros.

Esperei que a minha bússola moral me proibisse de estar apaixonada por um homem assim, mas a única coisa que senti foi o mesmo desenfreado desejo que sentia sempre que estava com ele.

– Que achas que devemos fazer? – perguntou ele, após uma pausa. – Se disseses à polícia que me viste sair da casa da Donna à uma da manhã, eles vão perguntar o que estavas lá a fazer. Não quero arrastar-te para isto, Fran. Não quero que te tratem como me têm tratado a mim. Como uma criminosa.

– Estou certa de que já têm as suas dúvidas a meu respeito – disse, e falei-lhe do retrato-robô e do meu encontro com o sargento Collins e das mentiras que lhe tinha dito. Martin praguejou entredentes e passou uma das mãos pelos cabelos.

– Céus, aposto que estás a desejar nunca me ter conhecido – murmurou.

– Nem por um segundo – respondi, e estendi a mão para pegar na dele. Ficou calado, como que a pensar.

– Uma vez que não podemos contar à polícia o que viste, temos de fazer isto de outra maneira – disse ele, num tom mais resolutivo. – Temos de encontrar a Donna e temos de certificar-nos de que a polícia considera outras pessoas como possíveis suspeitos. Porque eu não tive nada a ver com aquilo.

– Eu também não – murmurei.

– Nunca pensei que tivesses – disse ele, e voltou-se para mim.

Eu estava encostada ao grosso tronco de um sicómoro. Senti a casca rugosa da árvore através do casaco quando ele me beijou, a acariciar-me o lóbulo da orelha com o polegar e o indicador.

– Amo-te – sussurrou.

– Quero-te – respondi em voz baixa, a sentir a excitação crescer em mim.

Martin envolveu-me no sobretudo, e mal fiquei escondida pelas pesadas dobras de lã abri-lhe o fecho dos *jeans*. Quando ele saltou, livre da sua prisão, agarrei-o com a mão e comecei a acariciá-lo para cima e para baixo, a ouvi-lo gemer de desejo. Debatí-me com a minha roupa, a puxar a saia para cima, a guiá-lo para dentro de mim. Estiquei o pescoço para ver o emaranhado de ramos e uma nesga de céu cinzento por cima de nós e não quis saber de mais coisa nenhuma. Nem de Alex, nem de Donna, nem da polícia. A única coisa que importava era ele e a nossa união.

Quando acabámos deixámo-nos cair na manta de musgo e folhas. Martin passou-me um braço pelos ombros e por um tempo que pareceu uma eternidade ficámos ali sentados, muito quietos.



Depois, caminhámos ao longo de todo o perímetro da charneca, de mão dada como dois jovens apaixonados, passámos pelos lagos onde se fazia natação e pelo coreto na ponta mais a sul, e depois para oeste até à bonita pérgula, e mais para cima até Spaniards Inn, onde nos sentámos cá fora, em frente da estrada, com duas canecas de cerveja artesanal, a deliciarmo-nos com as histórias no verso do menu; a referência ao *pub* nos *Cadernos de Pickwick* de Dickens e as suas ligações ao famoso saltador Dick Turpin. Se ambos tivemos consciência da loucura que era sermos vistos juntos num lugar público, nenhum dos dois o mencionou. Não que alguém parecesse interessado em nós, e muito menos fizesse notar que o homem do boné de basebol tinha aparecido nas primeiras páginas de todos os jornais como estando relacionado com o desaparecimento da mulher.

Eram quase sete quando voltámos a Kenwood House. Segui Martin até um elegante *Audi* preto parado no parque de estacionamento.

– É teu? – perguntei, enquanto ele premia o controlo remoto e o alarme emitia um curto *bip*.

– É da Sophie. A polícia ficou com o meu. Suponho que estão à espera de encontrar um porta-bagagens cheio de sangue.

– Não tem graça.

Ele encolheu os ombros e entrámos no carro.

– Onde queres que te deixe? – perguntou.

Foi então que me apercebi de que não tinha para onde ir. Nem emprego, nem casa, e não me agradava muito ter de enfrentar os olhares reprovadores de Clare.

– Achas que a Sophie se importa se formos dar uma volta? – perguntei.

– Onde estavas a pensar?

– Chelsea?

Parecia-me adequado para um veículo daqueles, com bancos de couro creme e *tablier* de nogueira. Num canto do pára-brisas havia um cartão de estacionamento de um dos ginásios mais selectos de Londres. Também eu queria um carro assim, queria ser sócia de um ginásio assim. Durante tantos anos tinha troçado das mulheres de banqueiros e das escolhas que faziam: abdicando das suas vidas e

de usar o cérebro, aceitando ser apenas propriedade de alguém. E no entanto, apesar de todo o meu esforçado trabalho e êxito profissional, fazia exercício no reles ginásio local e andava de autocarro. Queria a vida de Sophie. Queria a vida de Donna. Queria a maravilhosa casa dos Cole com os seus tons calmantes e os seus cortinados feitos por medida, queria o guarda-roupa e as malas de Donna e a sua beleza fácil e sem esforço. Queria ser a mulher de Martin.

– Onde em Chelsea? – perguntou Martin, interrompendo o meu devaneio e acelerando o motor.

– A casa da Donna – respondi, a olhar para ele.

– Fran, vá lá, isso não ajuda em nada.

– Confia em mim – pedi.

Ele ficou a olhar para mim por um momento e então assentiu e voltou o carro para sul. O trânsito de sábado à noite estrangulava a cidade e uma chuva miudinha e constante fazia brilhar o asfalto, como se estivesse oleado. Demorámos mais de uma hora a chegar a King's Road. Martin parou ao fundo da rua do *pub* onde eu me tinha refugiado na noite do desaparecimento de Donna. Tínhamos uma vista indirecta da casa e reparei que as carrinhas das equipas forenses tinham desaparecido.

Martin desligou o motor e ficámos sentados em silêncio.

– Comprámos a casa por causa daqueles candeeiros a gás – disse ele, a apontar para os característicos candeeiros de rua.

– Também os há em Spitalfields. É óbvio que tens um tipo.

Vi-o sorrir, pelo canto do olho.

Concentrei-me no que tinha ido ali fazer.

– Pensas então que saíste de casa da Donna por volta da meia-noite? – disse. – Segundo o Pete, cheguei a Islington às duas.

– Quem é o Pete? – perguntou ele, vivamente.

Não podia crer que tinha sido apanhada com tanta facilidade. Começava a esquecer-me do que tinha dito a quem.

– O meu vizinho. Encontrámo-lo na paragem de autocarro na primeira noite em que saímos – respondi, a tentar passar adiante. – Tinha bebido tanto depois de te ver entrar em casa da Donna naquela noite que nem conseguia encontrar a chave de casa. O taxista teve de bater à porta e acordou o Pete.

– Esse Pete tem a chave da tua casa? – perguntou ele, a desaprovação a crepitar no espaço entre os dois.

– Não. Deixou-me dormir no sofá.

Fiquei grata pela escuridão. Não queria que qualquer coisa, o vermelho das minhas faces ou a secura dos meus lábios, denunciasse que não estava a contar-lhe a verdade toda. Tínhamos tido uma tarde tão boa juntos, e partilhado tanto. Não tínhamos falado só do lado escuro dos negócios dele, das coisas que tinha tido de fazer para ser bem-sucedido e que tinha confessado com o envergonhado alívio de alguém que discute o seu passado com um padre. Tínhamos falado dos nossos passados, das nossas recordações felizes, dos tempos de escola, quando éramos ambos uns miúdos inteligentes e um pouco cromos desejosos de atenção.

– Dormiste em casa do Pete naquela noite? – insistiu ele.

– Não tive grande alternativa. Estava demasiado bêbeda para encontrar as minhas chaves e ele não podia deixar-me no meio da rua.

– Não podia ter-te ajudado a encontrar a chave e abrir-te a porta do teu apartamento?

– Bem, não o fez – disse eu, num tom firme. – Talvez pareça um pouco estranho, mas eu estava tão apagada que não podia objectar.

Esta pareceu calá-lo por um momento. Eu não queria contar-lhe mais nada. Lembrava-me do que Alex me tinha contado a respeito de Richard Chernin e nem queria pensar no que Martin podia fazer se soubesse que Pete Carroll andava a chantagear-me. Pensei que se soubesse que tínhamos feito sexo na minha cama era bem capaz de o matar.

– Vou sair por um instante, a ver se consigo desenterrar alguma recordação de aonde fui depois de o *pub* ter fechado.

Expirei fundo e saí para o ar frio da noite. Não me voltei para olhar para o carro. Sabia sem necessidade de ver que Martin estava a observar-me.

Demorei um segundo a situar-me. O *pub* ficava na esquina e a casa de Donna era para a direita.

Algumas casas da transversal do lado oposto tinham pequenos jardins à frente. Uns limitados por um pequeno muro, outros por sebes, outros ainda por escuros gradeamentos. Tentei evocar o meu *flashback* no gabinete de Gil, mudando de posição de modo a replicar o meu ângulo de visão naquela noite. Vi uma casa que parecia vazia com as suas janelas escuras e espelhadas. Tinha um muro baixo e uns poucos degraus que levavam a um apartamento na cave.

Fui pôr-me à entrada, sentei-me na pedra fria e olhei para a casa de Donna. Se ela estivesse à janela, eu teria a mesma visão da imagem que recordava. Devia ter ido até ali para observar a casa depois de ter saído do *pub*. Esperei um pouco, a ver o que mais conseguia recordar.

Ao princípio, nada aconteceu. Olhei para a esquerda, onde via o fluxo do trânsito ao fundo da rua, e depois para a direita, onde uma barreira metálica atravessada de um passeio ao outro impedia os veículos de continuar até à rua adjacente.

Ao cabo de alguns minutos pus-me de pé, sem ter ganho nada com a minha experiência excepto o rabo dormente.

Voltei ao carro e entrei.

– Lembraste-te de mais alguma coisa? – perguntou Martin, mais entusiasmado.

– Não. Mas descobri o lugar onde devo ter-me escondido para vigiar a casa.

O silêncio envolveu-nos, perturbado apenas pelo som da nossa respiração e pelo ruído do trânsito, ao longe.

– Diz-me por que foste a casa da Donna – pedi, passados instantes.

– Fran, por favor.

– Quando começaram a foder? Mal entraram, ou houve um pouco de sedução?

Martin ficou calado.

– Excitou-os aos dois fazerem-se difíceis um com o outro?

– Não faças isto. Não te tortures – disse ele, e pousou a mão na alavanca das mudanças.

– É o que estou a fazer – murmurei, sem o olhar. – Foi o que fiz esta manhã com o Gil. Ajuda a desenterrar as recordações.

Martin fixou em mim um olhar intenso e assentiu.

– Combinámos encontrar-nos para falar da resolução – disse por fim. – Encontrámo-nos para jantar. Um restaurante de que gostávamos. Bebemos uma garrafa de um bom vinho. Ela foi divertida, coquete. Foi um alívio, depois de todas as querelas entre nós. Por isso fui até casa dela.

– Deve ter sido bom para ti.

– A Donna sempre foi muito boa a fazer as pessoas sentirem-se especiais.

– Foi disso que gostaste nela quando se conheceram?

– Da primeira vez que a vi, só achei que era bonita. E *sexy*. Vulnerável mas sabedora, como se estivesse a fingir. Intrigou-me. Ficámos noivos ao fim de seis semanas. Casados passados três meses.

– Onde se conheceram?

– Num bar perto da loja onde ela trabalhava. Pediu-me que lhe oferecesse uma bebida. Depois pediu-me que a acompanhasse a casa.

Quis perguntar-lhe por que era que os homens se deixavam cair naquela, mas talvez fosse óbvio. Os homens gostam do óbvio.

– Ela era boa na cama?

Olhou para mim, como que a perguntar se eu queria de verdade saber.

– Era? – repeti.

– Podia foder pela Inglaterra – disse ele voz baixa. – Tinha arestas. Gostava de fazer coisas que outras não faziam. Gostava do risco. De jogos. Era capaz de dizer obscenidades melhor do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse. Fazia-me sentir um rei.

Pensei nas mensagens que ele me enviara ao longo de semanas. As que me faziam querer tocar-me. Lembrei-me das minhas tímidas respostas e compreendi, naquele instante, o que ele estivera a incitar-me a fazer. Queria que eu lhes respondesse no mesmo tom. Martin queria que eu fosse Donna. E eu não soubera.

Senti a minha respiração acelerar, o meu coração bater com mais força.

– Foi por isso que voltaste para a Donna naquela noite? Porque eu não te satisfazia? – disse, convencida de que ele achava a nossa vida sexual demasiado convencional.

– Não – disse ele, veemente. – Foi apenas uma noite que fugiu ao controlo.

– A quem o dizes – respondi, fria. – Fala-me dessa noite. Decidiste ao jantar que ias fodê-la?

– Não sei. Não me encontrei com ela com essa intenção.

– Que aconteceu quando chegaram a casa dela?

Martin expirou devagar, como se estivesse a tentar lembrar-se passo a passo.

– Tomámos uma bebida. Ela subiu ao quarto. Quando não voltou a descer, fui ver onde estava. Estava na cama, vestida com umas coisas *sexy*.

– O quê?

– *Lingerie*, sapatos altos.

– E então que aconteceu?

– Juntei-me a ela na cama. Começámos a beijar-nos, e fomos por aí adiante.

– Como o fizeste?

– Fran, por favor, pára com isto.

– Não. Quero saber – disse eu, a sentir a pressão crescer.

Estava a arder de inveja e raiva e desejo. Estava no limite, como uma moeda de dez *pence* numa daquelas máquinas de diversão de que tanto gostava quando era miúda. Aquelas em que se ia enfiando moedas até elas caírem, com um satisfatório roçar de dinheiro contra dinheiro

– Fizemo-lo de todas as maneiras, Fran. E depois voltámos a fazê-lo a gostámos ainda mais do que da primeira vez.

– Nesse caso por que te vieste embora? Se estavas a gostar tanto, por que não ficaste na cama com ela toda a noite?

– Não era uma boa ideia.

– Ela pediu-te para sair ou foste tu que tomaste a iniciativa?

– Não importa...

– Diz-me, quem fez a sugestão?

– Ela – disse ele por fim. Mais uma estalada na cara.

Não falámos durante pelo menos um minuto. Fechei os olhos e tentei imaginá-los naquele quarto. Agarrei a porta do carro e houve um lampejo de memória, tentadoramente próximo, como uma palavra esquecida a meio caminho da boca. Mas a minha mente recusou levar-me lá. Quando abri os olhos, Martin estava a olhar em frente.

– Certa vez li uma citação – disse por fim. – Uma citação de um CEO famoso que definia assim a sua mulher ideal: «Alguém capaz de me tirar de uma prisão do terceiro mundo.»

Não respondi. As palavras que ele tinha dito antes ainda doíam.

– Acho que ele queria dizer que a sua mulher ideal teria de ter coração, coragem e inteligência. Foi o que pensei da primeira vez que te vi. Foi por isso que te amei. Não só por seres bonita. – Voltou-se para olhar para mim. – Quando isto acabar, queres ir viver comigo no sótão?

Disse aquilo numa voz tão hesitante que senti a minha resistência ceder.

– Não precisas de ter pena de mim só porque tenho um vizinho que faz arrepios – declarei, a pôr-me em guarda.

– Um tipo que faz arrepios e tem uma fixação em ti e mora no andar de baixo, de modo que sim, prefiro que não continues a viver sozinha naquele apartamento nem mais um minuto do que o necessário. Mas não é por isso que quero que te mudes para o sótão.

Fez uma pausa antes de continuar.

– Quero que te mudes para lá porque pensei que seria agradável tentar viver comigo e não seres *casada* comigo. Podemos não ser casados durante algum tempo e ver como as coisas correm a partir daí.

O meu coração começou a bater muito depressa. Não sabia muito bem se ele estava a fazer uma sugestão prática porque não gostava de Pete Carroll e se sentia sozinho e com medo e queria alguém do seu lado, a seu lado. Ou se estava mesmo a fazer-me um pedido de casamento.

Senhora Martin Joy. Soava tão bem.

Capítulo 38

Já passava das dez quando entrámos em Queen's Park. Continuava a sentir-me ligada à corrente, maníaca; o dia fora demasiado estranho, demasiado emocional, e eu queria um cigarro para me acalmar. Já quase não fumava e não queria que Martin me visse a fazê-lo, mas o quarto de hóspedes da casa de Clare tinha uma pequena varanda e eu imaginei-me a abrir a porta, acender um e ficar a ver a ponta alaranjada brilhar na escuridão.

– Preciso de comprar umas coisas – disse, quando o *Audi* virou para Salusbury Road. – Podes deixar-me aqui.

– Não vou largar-te sozinha a esta hora. A que loja queres ir?

– Acho que há um pequeno supermercado perto da estação dos comboios. Estaciona numa das ruas laterais e eu entro a correr.

O supermercado estava cheio de gente, o que foi uma surpresa. Pessoas que saíam dos *pubs* e se juntavam à porta da estação do metro todas com a mesma ideia: cigarros e álcool para festas combinadas de repente ou meias-noites tristes e solitárias.

Gostei de caminhar pelas coxias sob as luzes fluorescentes, a sentir-me uma pessoa normal, para variar, a viver uma vida normal. Comprei um maço de *Marlboro Light*, que enfiei na mala, e uma *Coca-Cola* e uma embalagem de gomas de vinho, para disfarçar. *Eu, a grande mestre do crime*.

Ao sair, vi o restaurante de Dom do outro lado da rua e parei para olhar. As janelas estavam todas iluminadas, as mesas lá dentro pareciam todas ocupadas. Talvez o investimento de Clare no mais recente projecto de Dom viesse de facto a dar dividendos. Vi dois casais saírem de braço dado, a rir e a conversar. E atrás deles apareceu outra figura, a vestir o sobretudo e a subir a gola. O coração caiu-me aos pés quando reconheci Dom: tinha esperado conseguir escapulir-me para o apartamento de Clare sem ser notada, e então relaxar com a minha ilícita dose de nicotina. Dom ia chegar antes de mim e estaria sentado na sala ou na cozinha, e eu não ia poder evitá-lo nem ao seu olhar malévolos. Mas Dom não virou à esquerda, a caminho de casa. Afastou-se na direcção oposta e meteu pela sossegada rua residencial onde Martin tinha estacionado o carro. Estranho.

Esperei que desaparecesse na escuridão e então atravessei a rua a correr, a fazer gincana por entre o trânsito, de regresso ao *Audi*.

– Tens tudo o que precisavas? – perguntou Martin, e ligou o motor.

– Dá a volta e vai naquela direcção – disse eu, a torcer-me no banco.

– O quê?

– Vi uma coisa... uma pessoa. Quero saber aonde ele vai.

Martin encolheu os ombros e fez o que lhe pedia. Quando os faróis iluminaram o caminho, sondei a rua à procura de Dom, mas não o vi. Ou tinha entrado numa das casas ou tinha-se metido num dos

carros estacionados.

– Vai devagar – sussurrei, e o *Audi* reduziu a velocidade para passo de caracol. Mais à frente à direita estava parado um carro prateado com a luz interior acesa e duas pessoas nos bancos da frente.

– Que se passa? – perguntou Martin, mas eu estava demasiado distraída para responder. A rua estava escura, o que significava que conseguia ver para dentro do carro parado. Um casal a beijar-se, mas como estávamos em movimento não consegui ver mais.

– Volta atrás, volta atrás.

Com um suspiro de resignação, Martin fez uma inversão de marcha em três manobras e regressou pelo caminho que tínhamos feito. O carro prateado avançava na nossa direcção.

– Encosta para os deixar passar – ordenei, e o *Audi* chegou-se para o passeio.

O carro prateado passou por nós e eu não precisei da luz do candeeiro de iluminação pública para ver Dom no lugar do passageiro. Ao volante ia uma mulher: loura, jovem. Bonita.

– Vais dizer-me o que se passa?

Por um instante, fiquei incapaz de falar, estava demasiado furiosa, a pensar em Clare, tão leal, tão crédula, a financiar os muitos esquemas com que Dom exaltava o seu ego, à espera em casa, paciente.

– Era o Dom – disse em voz baixa. – O marido da Clare. Estava a beijar aquela loura no carro.

– E assumo que a loura não era a Clare.

– Não consegui vê-la bem. Mas não era a Clare, disso tenho a certeza.

– Uau – disse Martin, a olhar para mim. – Bem, ainda queres que te deixe ficar em casa dela?

Hesitei por um instante, e então assenti. A Clare estivera sempre pronta a ajudar-me, e agora precisava do meu apoio, ainda que não o soubesse.



Martin despediu-se de mim com um beijo e eu enfiei a chave na fechadura com uma sensação de ansiedade. A casa estava silenciosa, com todas as luzes apagadas excepto um candeeiro na sala de estar. Em cima da mesa de café estavam, abandonados, uma caneca e um livro policial formato de bolso, mas tirando isso não havia sinais de presença humana no piso inferior. Subi ao primeiro piso. A porta do quarto principal estava um tudo-nada entreaberta e vi a figura de Clare debaixo do edredão, a dormir ferrada. Ainda nem eram dez e meia; cedo para uma noite de sábado, e senti-me culpada por não ter ficado a fazer-lhe companhia.

Fui para o quarto de hóspedes nas traseiras da casa, já sem vontade de fumar. Apesar de me ter enfiado na cama e fechado os olhos, a minha mente estava demasiado activa para dormir. Acabava de cair no sono quando fui acordada pelo som de vozes. Estava meio grogue, mas reconheci as de Dom e de Clare. Pareceu-me ouvi-la chorar. Fiquei o mais imóvel que pude até que o barulho cessou. Apesar de ter os olhos fechados, senti uma presença à porta. Se os tivesse abertos, teria visto a cara de Dom a espreitar pela fresta, a vigiar-me.

Capítulo 39

Quando acordei, estava suficientemente desperta para saber que não podia ficar em casa toda a manhã. Era mais do que óbvio que Clare e Dom tinham discutido na noite anterior e eu só conseguia pensar em como seria constrangedor vê-los aos dois ao pequeno-almoço.

Saltei da cama, alisei o edredão e despejei em cima dele o conteúdo da mochila. Nem queria acreditar que tinha chegado àquilo. Viver de uma mochila, com apenas duas cuecas a que chamar minhas. Mais preocupante ainda, só me restavam comprimidos de lítio para mais um par de dias. Sabia que se tinha de deixar a casa de Clare e ir buscar umas coisas, precisava de voltar ao meu apartamento e reabastecer, mesmo correndo o risco de dar de caras com Pete.

Abri a porta e espreitei para o corredor, a perguntar-me se estaria alguém a pé. Seria embaraçoso encontrar qualquer dos meus anfitriões, mas não podia ficar fechada no quarto para sempre.

Atravessei o corredor em bicos de pés com o meu saco de artigos de higiene e entrei na casa de banho para lavar os dentes. Estava desesperada por um duche, mas não queria acordar ninguém com o barulho. Pelo menos uma loção oral com sabor a mentol e uma lavagem à gato fizeram-me sentir melhor, pronta para enfrentar o dia.

Vesti qualquer coisa e desci as escadas, na esperança de estar sozinha, mas encontrei Clare sentada ao balcão dos pequenos-almoços, ainda com os calções do pijama, os cabelos presos num confuso nó no alto da cabeça e a cara lavada. Não percebi muito bem se parecia cansada, perturbada, ou se era só de eu não estar habituada a vê-la sem maquilhagem.

– Céus, assustaste-me – disse eu, e levei as mãos ao peito. – Pensava que ainda não estava ninguém acordado.

– O rapaz dos jornais é sempre o primeiro a acordar – disse, e empurrou um tablóide dominical por cima do tempo do balcão. – É melhor leres. Acho que é aquilo a que se chama um assassinio mediático.

Voltei o jornal para mim e olhei para a página que ela tinha deixado aberta. A primeira coisa que vi foi a fotografia. Uma grande fotografia a cores de Donna a rir num campo. A imagem tinha muito grão, como se fosse uma foto antiga ou tivesse sido demasiado ampliada. Suspeitei que tinha sido tirada anos antes, porque Donna parecia muito jovem e feliz. Os cabelos apanhados num rabo-de-cavalo, o sorriso rasgado e brincalhão. Não parecia a mulher de um banqueiro, não tinha nada daquele *froideur* «olha mas não toques». Se alguém andasse à procura da foto ideal para uma campanha de relações públicas, aquela andava lá muito perto. Só faltava um cachorrinho na imagem para ficar perfeita. O cabeçalho era simples: *Onde Está a Desaparecida Donna?* Mas o texto era mais complicado.

À primeira vista, era um resumo dos acontecimentos anteriores e posteriores ao desaparecimento de Donna. Mas a justaposição das fotos complementares – Martin num jantar da alta sociedade a 10 000 libras o prato, Martin com um ar furtivo e desmazelado a sair do apartamento em Spitalfields – retratava o casamento dos Joy como um caso de *A Bela e o Monstro*.

O processo de divórcio era mencionado, mas graças a Deus não havia qualquer referência à firma ou a mim. Da perspectiva de Martin, no entanto, Clare tinha razão: era um assassínio mediático. Um assassínio mediático cuidadosamente editado por um advogado, mas mesmo assim um assassínio mediático. Não acusava Martin, de uma forma directa, de qualquer crime, mas pintava o retrato de uma esposa bonita e um pouco boémia e do marido, um financeiro implacável, recordando aos leitores que em pelo menos três ocasiões os grandes banqueiros tinham sido responsáveis pela queda da economia global e por todos os problemas sociais que se tinham seguido. Era a história que ali se contava: o malvado Martin Joy Banqueiro contra a sua encantadora e terna esposa Donna. Havia meia página dedicada ao trabalho dela com animais e crianças, coisa de que nunca tinha ouvido falar, para não referir as angariações de fundos e a sua bondade em geral.

– Vem qualquer coisa também no *The Times* – disse Clare, quase a pedir desculpa. – Não menciona o Martin, mas é mais do mesmo a respeito da Donna, implicando que o desaparecimento dela é muito suspeito.

Fui até ao lava-louça e enchi um copo de água, consciente de que Clare não tirava os olhos de mim. – Já falaste à polícia das coisas de que te lembraste? – perguntou.

Abanei a cabeça, apesar de saber que o tempo estava a esgotar-se para Martin. Aquela atenção dos *media* ia pôr a polícia sob pressão para fazer uma nova detenção ou ao menos dar algum sinal de que havia desenvolvimentos no caso.

Deus, que trapalhada! Não era nada assim que eu esperara que o dia corresse, e ainda nem eram oito horas. Olhei para as escadas.

– Onde está o Dom? – perguntei.

– Saiu. Acho que foi correr.

– Agora começou toda a gente a correr – disse eu, com um débil sorriso.

– Duvido muito que o Dom tenha mesmo ido correr – comentou ela, numa voz frágil.

Erguei a cabeça e eu vi qualquer coisa na cara dela antes de se voltar para ligar a cafeteira eléctrica.

– Está tudo bem? Contigo e com o Dom, quero dizer?

– Tivemos uma troca de palavras ontem à noite. Desculpa se te acordei.

– A respeito de quê?

– Não foi nada – disse ela, e agitou uma mão. – Nervos em franja, só isso. Ninguém disse que abrir um restaurante era fácil.

Dei um passo na direcção dela.

– Clare, vá lá. Sabes que podes falar comigo.

– Já tens o bastante com que te entreter – disse ela, e afastou-me com um gesto.

– Clare, sou tua amiga.

Ela abanou a cabeça, a não querer mostrar fraqueza.

– Só fiquei aborrecida por ele ter chegado tarde a casa. Sei que era uma noite de sábado e que ele tinha de trabalhar, mas liguei para o restaurante às dez e meia e a empregada que atendeu disse-me que tinha saído cerca de meia hora antes. Só quis saber o que diabo tinha andado a fazer.

– E ele, que disse? – perguntei, curiosa por saber até que ponto ele a tinha enganado.

– Disse que tinha estado no segundo piso, a tratar de papelada. Acusou-me de estar cansada e rabugenta.

Esboçou um débil sorriso.

Hesitei antes de dizer mais qualquer coisa. Estava farta de mentiras e detestava ver a minha amiga naquele estado. E percebi que ela sabia que a história de Dom era treta.

– Clare, vi o Dom num carro, ontem à noite. Com uma mulher. Uma loura que não reconheci.

Ela olhou para mim a semicerrar os olhos.

– A que horas foi isso?

– Um pouco depois das dez. O Martin deu-me boleia até casa. Parei no Sainsbury's em Salusbury Road. Vi o Dom sair do restaurante. Entrou num carro numa das ruas laterais.

– Como sabes?

– Segui-o.

– Está a tornar-se um hábito, não está? – disse ela, num tom azedo.

– Clare, só estou a dizer-te o que vi.

– Oh, e isso é muito fiável nos tempos que correm, não é?

As palavras dela perturbaram-me, mas fiz um esforço para manter a calma. Eu também não gostaria de ouvir uma coisa daquelas, se estivesse no seu lugar.

– E depois? – perguntou ela, os braços cruzados sobre o peito. – Arrancaram?

– A dada altura.

– A dada altura?

Inspirei fundo. Não queria magoar Clare, mas também não queria que Dom continuasse a tratar a minha amiga da mesma maneira que ela lhe tinha consentido durante anos e anos.

– Vi-os beijarem-se no carro – disse por fim.

– Ele beijou a tal loura? – Levou as mãos à garganta, a mover os dedos em círculos como se estivesse a forçar o ar a entrar-lhe nos pulmões. – Tens a certeza?

– Estava escuro, mas sim, consegui ver o interior do carro.

– Apesar de estar escuro?

Eu sabia que ela estava a desafiar-me, de modo que fiz uma pausa para pensar. Queria ter a certeza de que lhe dizia o que tinha visto.

– Não tens a certeza, pois não? – disse Clare, e havia riso na sua voz. – Não tens a certeza de que era o Dom. Tudo isso pode não passar de uma treta.

– Há uma possibilidade de me ter enganado, mas não me parece – respondi. – Não vi bem a mulher, mas tenho a certeza de que era o Dom.

Clare cerrou a mão num punho e bateu com ele no balcão dos pequenos-almoços.

– Não digas essas coisas a menos que tenhas a certeza – disse, num tom duro. – Lá por não estares feliz e teres feito as escolhas erradas, não apontes o dedo às relações dos outros.

– Disse-te porque me preocupo contigo – murmurei. – Trabalhas tanto, Clare. Tens apoiado o Dom em todos os seus negócios e pensas que estás a ajudá-lo, mas a verdade é que ele se ressentia dessa ajuda. Por vezes não vemos o que está diante dos nossos olhos e precisamos de alguém que nos diga a verdade.

– A verdade? – gritou ela. – Devias olhar para a merda da tua vida, Fran! – Pegou num dos jornais e agitou-o na minha direcção. – Lê o que os cabeçalhos dizem a respeito do teu novo namorado de sonho.

– Por favor, Clare, só estou a tentar ajudar. Se não queres...

– O quê? Vais-te embora outra vez? És boa nisso, não és? Só vens ter comigo a rastejar quando estás a cair aos pedaços.

Fiquei a olhar para ela, incapaz de acreditar no que estava a dizer.

– Por que não vais ter como os teus novos amigos ricos? – escarneceu. – Parece que têm montes de tempo para ti... pelo menos enquanto isso lhes convier.

A ferocidade daquelas palavras assustou-me.

– Clare, por favor...

– Vai-te embora – sibilou ela, a limpar os olhos.

Assenti. Conhecia-a há tempo suficiente para saber que tinha um ferrão e era capaz de usá-lo. Que embora acabasse por acalmar, de momento o melhor era deixá-la sozinha.

– Muito bem. Mas pelo menos pensa no que te disse. Pergunta ao pessoal do restaurante, pergunta ao Dom. Pergunta a ti mesma se tens o casamento que querias.

Ela cruzou os braços à frente do peito, os olhos a brilharem de lágrimas contidas.

– Há quem não tenha alternativa.

– Há sempre uma alternativa.

– Não para mim – disse Clare. – Estou grávida.

– Oh, Clare.

Avancei para a abraçar, mas ela sacudiu-me com um gesto.

– Não! – gritou, a recuar, as mãos erguidas à sua frente. – Deixa-me em paz, está bem? Vai ter com o Martin e a Sophie e deixa-nos viver as nossas vidas sem nos julgares.

– Clare, não queria...

– Por favor – disse ela, e apontou para a porta. – Vai-te embora.

Por isso fiz o que era óbvio que ela sempre esperara que fizesse. Saí porta fora.

Capítulo 40

Comecei a caminhar para sul, sem saber muito bem aonde ia. Queria sentir-me zangada, traída, mas a verdade era que compreendia a reacção de Clare. Por que havia de confiar em mim? Por que havia de voltar-se para mim quando as coisas corriam mal? Tinha razão, eu não a tratara como uma amiga, tratara-a como uma parente afastada, só fora bater-lhe à porta depois de esgotadas todas as outras opções. Clare sempre me tinha ajudado, cuidado de mim, e eu compensara a sua lealdade ignorando-a, ou pouco menos, quando a vida me corria bem.

Por isso estava magoada, mas não totalmente surpreendida, por ela não me ter falado da sua gravidez. Desde que Martin passara a fazer parte da imagem, começara a haver segredos entre nós... ou eu pelo menos escondera-lhe certas coisas. Anos antes, costumávamos partilhar sempre confidências e entusiasmos. Lembro-me da manhã seguinte a ela ter conhecido Dom, num bar em Islington a ver um jogo do Campeonato do Mundo no ecrã gigante. Tinha-me contado como ele a beijara quando a Inglaterra marcara um golo e como não se tinham largado durante o resto da noite, primeiro num clube de *jazz* em Camden, depois a passear ao acaso por North London até irem acabar, de madrugada, no apartamento que ele partilhava com um amigo em Kentish Town. Deus, como estava feliz, ainda me parecia ver o brilho nos olhos dela enquanto planeávamos juntas a próxima jogada: devia ligar-lhe, esperar por ele ou maquinar outro encontro? No fim, foi Dom quem lhe telefonou a ela e tinham estado juntos desde então. Talvez não fosse um felizes para sempre, mas houvera uma altura em que estavam os dois perdidos de amor um pelo outro. Naqueles dias já não ríamos tanto, e com toda a certeza não dissecávamos nem analisávamos uma e outra vez as nossas relações como noutros tempos. Mas quem o fazia?

Mas, mesmo assim, doía termo-nos afastado tanto, e logo num momento em que Clare, por fim, precisava de mim. Não que eu fosse nem pouco mais ou menos perita na matéria.

Tinha decidido, anos antes, que não ia ter filhos. Ou melhor, a minha doença bipolar tomou essa decisão por mim. Não era aconselhável tentar ter um filho quando se estava a tomar lítio, e eu não queria correr o risco de largar a medicação. Clare partilhou a minha decisão, claro, ou pelo menos esteve sentada a meu lado a pegar-me na mão enquanto eu chorava e falava do assunto. Penso que só isso bastaria para tornar difícil para ela falar da sua gravidez, mesmo que não nos tivéssemos afastado. Mas a amizade é uma rua com dois sentidos e eu amaldiçoei-me por nunca ter perguntado.

Detive-me de repente no meio da rua quando me ocorreu um pensamento: agora que ia viver com Martin, o tema dos filhos era uma coisa que podíamos ter de discutir.

O pânico encheu-me o estômago. Não por recear que a minha resistência a procriar pudesse aliená-lo, foi antes o contrário. De súbito, com uma intensidade muito grande, soube que queria ter filhos com aquele homem. Senti-me zozza, delirante, demasiados pensamentos para processar a

atropelarem-se-me na cabeça. Encontrar uma droga de substituição para o lítio... arranjar outro apartamento, porque o sótão nunca seria apropriado para uma criança... escolher um nome para ele ou para ela... com qual dos dois se pareceria o bebé?

O nosso futuro era excitante. Tudo o que tínhamos de fazer agora era resolver o problema de Donna Joy.

Ergui os olhos e vi que tinha chegado a Notting Hill, na Portobelo Road, perto de um café que Clare tinha mencionado e que servia *rose lattes*. Tirei um jornal da banca, o mesmo tablóide que Clare me tinha mostrado, entrei e, enquanto bebia um café cor-de-rosa, voltei a ler o artigo do princípio ao fim, a sentir a minha fúria incendiar-se mais uma vez. Era jornalismo de sarjeta do mais baixo. Como podia qualquer jornalista escrever uma coisa daquelas e manter uma consciência limpa excedia a minha compreensão. E eu sabia muito bem a quem pedir mais pormenores: Jenny Morris, a minha antiga amiga da escola, a amiga que ajudara a encontrar-me quando eu fugira de casa no Verão antes de entrar para a universidade.

Jenny subira – ou descera – uma estrada semelhante à minha, tendo ambas começado na mesma vulgaríssima escola secundária no Norte e metido depois por bifurcações opostas quando ambas sentíramos a inevitável atracção da capital: Jenny fora para Jornalismo, eu para Direito.

Não a via há anos, mas da última vez que soubera dela trabalhava na versão diária do mesmo tablóide que tinha nas mãos.

Quando teclei o nome dela no Google, apareceu-me um perfil no LinkedIn. Continuava a trabalhar no mesmo jornal, mas a sua posição actual era descrita como directora-adjunta de conteúdos – um degrau acima do último papel de que me tinha falado. O facto de Jenny ocupar um cargo algo importante no jornal era ao mesmo tempo bom e mau. Bom na medida em que teria o dedo no centro de tudo o que estava a acontecer, mau porque não ia de certeza dar-me aquela informação de borla, por muito amigas que tivéssemos sido. Sorri, a recordar um texto que ela tinha escrito para a *newsletter* dos estudantes a respeito de fraudes nos exames. Era explosivo, bem pesquisado e apoiado por uma sólida investigação no decurso da qual tinha comprado o formulário de um exame num parque de estacionamento mal iluminado. Infelizmente, o embaraçado director do colégio vingara-se argumentando que a compra ilícita de Jenny significava que ela tinha violado as regras, e expulsara-a. Jenny limitara-se a ligar para o *Manchester Evening News*, que lhe encomendara um artigo sobre como o corrupto sistema de educação da Grã-Bretanha falhara no apoio à liberdade de expressão.

Encontrei o número dela nos meus contactos e perguntei-me se ainda seria o mesmo. Há anos que não o usava. Tínhamo-nos encontrado um punhado de vezes quando ela se mudara para Londres, depois de ter sido transferida para um dos nacionais. Estava, claro, sempre cheia das últimas coscuvilhices a respeito de tudo e de todos, quase sempre uma escabrosa «verdadeira história» por trás do que os jornais se tinham atrevido a publicar, mas ambas tínhamos dificuldade em arranjar tempo para nos encontrarmos e, verdade seja dita, ainda mais dificuldade em ignorar o facto de as nossas profissões serem incompatíveis. Como podia eu contar-lhe alguma divertida historieta a respeito de um casal que estava a divorciar-se sabendo que podia – sejamos francas, *ia* – aparecer no jornal da manhã seguinte? Nada mudara naquela situação. Pelo contrário, os acontecimentos

recentes só tinham vindo agudizar o conflito de interesses. Mas eu precisava muito de ouvir a história contada de uma outra perspectiva. Não tinha visto o nome de Jenny em nenhum dos artigos a respeito da «Desaparecida Donna», mas ela havia de ter ouvido todos os pormenores nas reuniões diárias e, mais importante ainda, havia de ter uma ideia bastante clara de para que lado a polícia estava a pender. Só precisava de evitar mais surpresas e Jenny podia facultar-me isso. A que preço, só podia adivinhar. Premi o botão de chamada.



Jenny chegou ao café menos de uma hora mais tarde. A voz dela ao telefone parecera-me tão familiar que só quando me sentei para esperar me ocorreu perguntar que voltas teria ela sido obrigada a dar à agenda para estar em Notting Hill numa manhã de domingo. Cancelar um encontro para um *brunch* com um sócio? Deixar de assistir da linha lateral ao jogo de futebol de um filho? Nem sabia onde vivia. Mas o meu instinto não se enganara; como jornalista, não podia deixar passar um encontro com alguém que estava envolvido no mais mediático caso de pessoas desaparecidas em muitos anos. E lá estava ela, a avançar com passos confiantes por entre as mesas, de braços abertos.

– Olá, desconhecida – disse com um sorriso, e abraçou-me quando me pus de pé para a cumprimentar. Estava mais gorda do que a recordava, e com uma cara mais redonda, mas isso só tornava o seu sorriso mais radioso e quente. As pessoas gostavam dela à primeira vista e queriam contar-lhe coisas... e depois perdoavam-lhe quando ela as repetia em letra de forma. Eu sabia que tinha de ter isso bem presente no espírito.

– Estou bem. E estou contente por ter um pretexto para voltar a entrar em contacto – disse eu, e era verdade. Surpreendeu-me descobrir como tinha saudades dela.

Talvez fosse apenas tranquilizante ver alguém dos tempos da nossa juventude, uma ligação a uma época, mais simples, ou talvez porque ela me conhecesse de quando ambas tínhamos tudo a provar e nada a perder.

– Desculpa ter-te feito vir até aqui – disse, e fiz sinal à empregada para que trouxesse café.
– Moro aqui perto, em Kilburn – disse Jenny. – Além disso, o chefe de redacção está obcecado com a Donna Joy. A verdade é que estamos todos, como talvez tenhas reparado. – Riu, e bateu com o dedo no jornal à minha frente. – Não há nada como um caso de pessoas desaparecidas para fazer vender jornais, sobretudo quando a rapariga desaparecida é linda e casada com a versão moderna do vilão de comédia.

Sorri, a disfarçar o facto de ela estar a falar do homem que eu queria que fosse pai dos meus filhos.
– És então a advogada dele – disse Jenny, quando serviram o café.
– Advogada de divórcio, sim.
– Devo estar a perder qualidades. Se soubesse disso tinha-te ligado quando a polícia nos disse que ia deter o Martin Joy.
– Tinhas?

Ela devolveu-me o sorriso. Ambas sabíamos que a resposta era sim, mas só se isso jogasse a favor do jornal e da história. Não teria sido uma chamada de cortesia; na melhor das hipóteses, teria

telefonado para conseguir uma reacção que pudesse citar, quando o jornal estivesse quase pronto para impressão, dando à «vítima» muito pouco tempo para conseguir uma providência cautelar.

– Tenho de perguntar. Achas que o Martin Joy estaria disposto a dar uma entrevista?

Permiti-me outro sorriso e olhei para o relógio.

– Dois minutos. Estava a perguntar-me quanto tempo demorarias a fazer a pergunta.

Jenny riu, e eu não pude impedir-me de a acompanhar. Não tinha ponta de vergonha, mas ao menos uma pessoa sabia em que pé estava com ela, e não podia dizer o mesmo da maioria das pessoas com quem estava envolvida naquele momento.

– Então, que te parece? – insistiu. – Sou directora-adjunta de conteúdos há uma eternidade. Não faço parte da cena social dos editores de Oxbridge, de modo que tenho de arranjar qualquer coisa suculenta para conseguir uma promoção.

Olhei para ela, sabendo que aquelas situações eram de toma-lá-dá-cá, informação negociada como produtos da terra numa feira medieval.

– Não sei se ele quer falar – disse, como se a possibilidade acabasse de ocorrer-me. – Mas posso perguntar-lhe. Ele não teve nada a ver com o desaparecimento da Donna e talvez esteja interessado em repor a verdade depois do assassinio de carácter que o teu jornal lhe fez esta manhã.

– Edição de domingo – fez Jenny notar. – Mesmo nome e mesmo dono, mas somos equipas diferentes. E posso dizer-te que o meu editor não ficou nada feliz por a edição de domingo ter sido a primeira a publicar a história.

– Bom, talvez se anime quando eu convencer o Martin a falar contigo.

Ao contrário do inspector Doyle, Jenny conhecia bem o significado de *quid pro quo* – percebeu que era a sua vez de dar qualquer coisa.

– Por que quiseste que nos encontrássemos? – perguntou, a estudar-me com os seus olhos astutos.

– Uma pergunta muito simples, na realidade: onde está ela? – respondi. – Que aconteceu a Donna Joy? Nada poderá ajudar mais o meu cliente... e a minha firma... do que encontrar a Donna Joy e ilibar o marido de uma vez por todas.

– Percebo isso – disse Jenny –, mas eu sou conteúdos, não notícias. Por que me perguntas a mim?

– Porque tu és a melhor – respondi com franqueza. – Encontraste-me num quarto em Fallowfield quando mais ninguém fazia ideia de onde eu estava... e, como disseste, parece que o teu editor precisa que lhe recordem como és boa.

– Com lisonja tudo se consegue – disse ela, a sorrir.

– A sério, Jen, tenho a certeza de que sabes o que a polícia anda a dizer. Estás sempre a par de tudo. Até no colégio sabias que professores estavam a ter casos amorosos.

– Como disse, o editor está chateado por ter sido a edição de domingo a pegar na história. Temos uma coisa muito melhor ao lume, mas é uma coisa que a equipa legal vai ter de passar a pente fino. A edição de domingo avançou com uma história mais suave... como deves ter visto, é só insinuações, nada de factos... mas mesmo assim roubou vento às nossas velas no que respeita a publicar mais qualquer coisa esta semana.

– Então que história é essa? – pressionei.

Jenny abanou a cabeça, devagar.

– Fran, não sou estúpida. És a advogada dele. Se eu disser qualquer coisa, a tua equipa está a apresentar-nos uma ordem restritiva amanhã de manhã.

– Jen, isto é importante para mim. Diz-me, como amiga.

– Consegues arranjar-me uma entrevista com o Martin Joy?

Aquilo era Jen, a jornalista, a jogar duro, não a minha antiga amiga da escola, mas eu não podia censurá-la por isso.

– Ele fará o que eu disser.

– A sério? – respondeu ela, a arquear uma especulativa sobrancelha. – Noutras circunstâncias, era capaz de te invejar. O Martin Joy é uma brasa.

Assenti, impaciente.

Jenny deixou cair um cubo de açúcar no café e mexeu-o devagar.

– A polícia não está a dizer oficialmente que o Martin Joy matou a mulher, mas é o que pensam. Têm toneladas de coisas a respeito dele. E nós também.

Senti um aperto na garganta.

– Tais como?

– Os nossos colegas dos assuntos financeiros dizem que é implacável, desprovido de empatia. E além disso é um tirano na empresa. Uma secretária que trabalhou lá disse que uma vez ele lhe apertou a garganta. O seu único crime tinha sido cortar a ligação quando estava a tentar transferir uma chamada. Uma outra empregada foi tão assediada por ele que acabou por fazer um aborto. Ou pelo menos é o que ela diz.

Estava a sentir-me agoniada, mas não podia mostrá-lo. Agitei uma das mãos, a tentar que ela não visse que estava a tremer.

– Tudo isso são rumores, Jenny. Pouco melhor do que as insinuações sem fundamento que a edição de domingo publicou. E de todos os modos, não prova que o Martin Joy teve alguma coisa a ver com o desaparecimento da mulher.

– Talvez – disse ela, concedendo o ponto. – Mas a polícia também encontrou os diários de Donna. Ela teve medo, Fran, nas semanas que antecederam o divórcio. Martin ameaçava-a, disse-lhe que não insistisse em pedir uma parte da empresa. Disse-lhe que lhe tornaria a vida muito difícil se o fizesse.

Mais uma vez, esforcei-me ao máximo para fazer um ar céptico.

– A mim soa-me às habituais discussões tóxicas que os casais têm quando estão a separar-se. Já ouvi essa história centenas de vezes.

Tinha consciência de que começava a parecer defensiva. Jenny era esperta, intuitiva. Não queria que ela suspeitasse que a minha relação com Martin era qualquer coisa mais do que profissional.

– Mas se ela morresse antes de ser assinado um acordo financeiro, o Martin Joy ficaria com tudo, certo? O dinheiro, os bens, tudo. És advogada, sabes como funciona. É um homem implacável e a empresa significa tudo para ele. Ainda por cima, além de motivo, teve oportunidades. Disse que saiu de casa da mulher à meia-noite. As câmaras de vigilância apanharam-no a passear por Londres às duas. Mas que andou a fazer depois de ter chegado a casa dela? Mesmo que não tenha sido ele a matá-la e a fazer desaparecer o corpo, é um homem rico com contactos no mundo do crime.

Ouvimos rumores a respeito de um conhecido de negócios que foi parar ao hospital por causa de uma questão de informação privilegiada que correu mal.

Mantive uma expressão neutra.

– Mas se a Donna estava assim com tanto medo, por que aceitou ir jantar com ele na noite em que desapareceu?

Jenny encolheu os ombros.

– O Joy é encantador, não é? Quase todos os psicopatas são.

Eu devia ter ficado abalada por este dilúvio de propaganda anti-Martin, mas dei por mim a mudar para modo profissional, a assimilar toda a infirmação, a ver todos os ângulos, a criar uma imagem. E apesar de ser facciosa no que respeitava à inocência de Martin, continuava a não me deixar convencer por aqueles fracos argumentos e muito menos pela ideia de que Martin Joy era um psicopata. Tinha visto a maneira como Donna olhara para ele no restaurante. Ela é que tinha um sorriso sedutor, não ele. Sabia que Jenny estava a observar-me, à espera de uma reacção.

– Tudo isso me parece um monte de tretas – disse, e Jenny desatou a rir.

– Por que não nos mantivemos em contacto, Fran? Tinha saudades tuas.

– Não sei – respondi. – Acho que deixámos que o trabalho se metesse pelo meio.

– Duas raparigas do Norte que subiram o poste untado de Londres e acabam por encontrar-se pela primeira vez em anos para falar das nossas vidas no mundo do crime.

Olhei para ela, trocista.

– Estás a dizer que devíamos ter ficado em Accrington e arranjado um emprego no banco?

– Estou a dizer que como próximo emprego sou capaz de tentar ser a correspondente da *Country Life* para o chá da tarde – disse ela, e sorriu por cima da beira da chávena de café.

– A vida simples – assenti, distraída.

O meu telemóvel começou a tocar. Era um número desconhecido, de modo que pedi licença e levantei-me da mesa para atender a chamada.

Só reconheci a voz quando o inspector Michael Doyle se apresentou.

– Peço desculpa pela intrusão num domingo, doutora Day, mas será possível combinar uma hora conveniente para irmos falar consigo?

– Não podemos falar pelo telefone? – perguntei.

– Penso que é melhor encontrarmo-nos cara a cara – disse ele, e o seu tom foi muito mais firme do que no nosso primeiro encontro.

– Não estou em casa neste momento. Posso perguntar o que se passa?

– Venha até à esquadra, então – disse ele, e eu soube naquele instante que as coisas estavam a começar a acontecer.

Capítulo 41

O inspector Doyle tinha todo o ar de quem também não queria estar numa esquadra de polícia num domingo à hora do almoço.

– Pete Carroll, o seu vizinho de baixo, veio falar connosco esta manhã – disse, e bebeu um pequeno gole do café que tinha num copo de plástico e que parecia cinzento e frio. – Disse que na noite em que Donna Joy foi vista pela última vez a senhora chegou a casa de madrugada, agitada, ensanguentada, a dizer que Martin Joy, o seu namorado, tinha estado com a mulher e que isso a tinha perturbado.

Pete Carroll. O estômago contorceu-se-me de ódio só de pensar nele. Sabia que ele era baixo e manipulador, mas não acreditara que cumprisse as suas ameaças tão depressa. A emoção apertou-me a garganta enquanto revia uma e outra vez o meu encontro com ele. Deixara muito claro que não estava interessada nele de uma maneira romântica, mas tentara não o agitar demasiado. Pensara que era a melhor maneira de enfrentar aquela situação, mas era óbvio que me tinha enganado.

Doyle olhava para mim como que à espera que dissesse qualquer coisa, mas optei pelo silêncio. Ao cabo de dois minutos sentada em frente do inspector, soube que género de conversa íamos ter. Tinha conhecimentos suficientes de lei criminal para saber que tudo o que dissesse poderia ser usado contra mim.

– Sabe também que o senhor Joy tem uma propriedade em Dorsea Island, em Essex. Julgo que esteve lá.

Mais uma vez, não respondi.

– Falámos com o gerente do Anchor Pub, na ilha, e ele confirmou que tinham estado os dois lá, juntos, cinco dias depois de Donna Joy ter sido vista pela última vez. – Atirou o copo de plástico para o cesto dos papéis e olhou para mim. – Gostaríamos de recolher impressões digitais e algumas outras amostras, se não se importa.

– Impressões digitais? Para quê? – respondi, a sentir que a Terra começava a girar à minha volta. – Não quero dar-lhe impressões digitais nenhuma.

– Nesse caso vamos ser obrigados a detê-la – disse ele, numa voz neutra.



A única pessoa com quem eu queria falar era com Tom Briscoe. Já não queria saber da nossa rivalidade. Ele era apenas a única pessoa em que confiava.

Apareceu quarenta minutos depois – não imaginava como conseguira chegar tão depressa de Highgate até ali e permiti-me até o malicioso pensamento de que tinha vindo directo da cama de alguma namorada em Belgravia. Talvez a mesma que levara a ver a peça do irmão.

– Pensei que ias precisar disto – disse ele, e entregou-me um copo da Starbucks à porta da esquadra.

Quase nunca o tinha visto sem ser de fato. Naquele dia vestia *jeans*, um pólo e um blusão *Harrington* bege. Fez-me lembrar um professor universitário... ou pelo menos como aparecem nos filmes de Hollywood.

– O que é isto? – perguntei, depois de provar o enjoativo líquido.

– Bebida de raparigas.

Sorriu, e por um momento senti-me apoiada.

– O inspector encarregado do caso deixou-me sair para fazer uma chamada, mas está a tratar-me como se eu fosse uma criminosa.

Comecei a sentir dores de tensão no peito e levantei a mão para massajar o esterno.

– Estás aqui para responder a algumas perguntas – disse ele, com uma tranquilizadora palmadinha no ombro. – És livre de ficar ou ir embora quando quiseres.

– Mas se eu responder às perguntas com a verdade, vou ficar mal na fotografia.

Sabia que tinha de contar-lhe tudo. A verdade nua e crua – ou o que recordava dessa verdade – sobre o meu caso com Martin, a noite em que Donna tinha desaparecido, a nossa viagem a Dorsea Island e as mentiras que dissera à polícia. Sabia que tinha de dizer-lhe tudo.

– Vamos entrar e procurar uma sala de reuniões? – disse ele, cheio de eficiência.

Abanei a cabeça, aterrorizada pela ideia de poder haver escutas na esquadra.

– Não podemos ficar aqui? – perguntei, e empoleirei-me no muro, a apertar o copo da Starbucks.

Olhei em redor, à procura de câmaras de vigilância ou ouvidos curiosos, mas a rua tinha uma quietude muito dominical. Comecei a bater com o pé no chão quando abri a boca para falar.

– Estiveste com o Martin desde que ele foi detido?

– Sim.

– Continuas envolvida com ele?

Assenti com a cabeça, e então fugi ao seu olhar, a perguntar-me o que devia o meu colega pensar a meu respeito.

– Tom, segui-os até à casa da Donna. Lembro-me de ver o Martin sair e a Donna a espreitar à janela, mas não consigo lembrar-me de mais nada. A afirmação do Pete Carroll de que apareci no apartamento abalada e confusa incrimina-me. Isto vai destruir a minha carreira.

– Fran, não te precipites – disse ele, tranquilizador. – Continua a não haver um corpo. Sem um corpo, vai ser quase impossível conseguir uma condenação. E neste momento, a Met precisa de uma condenação bem-sucedida.

– Claro que precisa. Querem fazer o seu trabalho.

– Lembras-te do caso Rachel Miles o ano passado? Houve uma enfiada de homens presos depois de o corpo dela ter sido encontrado em Leas Wood. No fim, foi o patrão... alguém que quase não tinham interrogado. Apanharam o seu homem, mas houve montes de publicidade negativa e dois processos cíveis por prisão ilegal... A Met não vai cometer outra vez o mesmo erro.

– Achas então que não vou ser presa?

Era o meu primeiro vislumbre de esperança num dia deprimente.

– Com base na afirmação de um tarado de que rasgaste os *collants* num táxi? É pouco provável.

Assenti, a querer acreditar nele, mas a ter dificuldade.

– Vamos resolver isto, Fran, confia em mim. Nunca deixo que nada de mau aconteça a uma amiga ou a um cliente.



– Deixe-me ver se percebi bem – disse Doyle, depois de termos retomado a nossa conversa na sala de reuniões. A alcatifa estava quase a desfazer-se sob os meus pés. – A senhora é a advogada contratada para tratar do divórcio do senhor Joy. Começou um caso amoroso com o senhor Joy e, na noite em que a senhora Joy desapareceu, seguiu-a desde o estúdio onde ela trabalhava até um restaurante onde se encontrou com o marido. Depois seguiu os dois até casa dela e acabou por chegar ao seu endereço às duas da manhã, onde Pete Carroll, segundo o qual estava magoada e a sangrar, lhe abriu a porta.

– Não estava magoada e a sangrar – disse eu, decidida a defender a minha posição. – Devo ter caído e rasguei os *collants*. Houve um pequeno corte, mas mais nada.

Doyle não pareceu convencido.

– Teve ciúmes por o senhor e a senhora Joy terem reatado a sua relação?

– Não diria que reataram a sua relação. Achei estranho, é verdade, o Martin ter ido a casa dela, mas isso não significava que o divórcio estivesse posto de parte.

– Uma empregada do Walton Arms diz que se lembra de uma pessoa ter ficado toda a noite sentada ao pé da janela, sozinha. Pensamos que essa pessoa era a senhora.

– Estive lá algum tempo, sim. Estava à espera de ver a que horas o Martin saía.

– Mas não se lembra de o ver sair.

Todas as perguntas dele eram claras afirmações da minha culpa.

– Lembro-me, sim. Era tarde. Não recordo a hora exacta, mas foi depois de o *pub* ter fechado. Lembro-me de olhar para a casa, a ver o Martin sair, e depois ver a Donna à janela.

– Nenhum dos dois a viu.

– Não.

– O Martin Joy afirma que saiu da casa em Chelsea por volta da meia-noite. O Pete Carroll diz que a senhora chegou a casa cerca das duas da manhã. São duas horas inteiras. Que andou a fazer?

– Estava um pouco embriagada, de modo que não me lembro. É óbvio que demora algum tempo a chegar de Chelsea a Islington.

– Falou com a Donna Joy?

– Não.

Doyle deixou escapar um pequeno suspiro de reprovação.

– Doutora Day, é difícil saber em que acreditar. Temos um depoimento feito por si ao meu colega Rob Collins no qual afirmou que passou pelo estúdio da senhora Joy, mas que ao descobrir que ela não estava foi para casa.

– Fiquei embaraçada. Estava a proteger-me.

– De quê?

– De parecer culpada, ou coisa assim.

– Não queria então parecer culpada.

Nem queria acreditar que me tinha deixado apanhar com tanta facilidade.

Tom Briscoe arregaçou as mangas e olhou para Doyle.

– A Francine está aqui para responder a quaisquer perguntas que tenha para lhe fazer e tem sido franca e cooperante. Podemos sair quando quisermos, mas a nossa intenção é ajudar o mais possível.

– Nesse caso gostaríamos de dar uma vista de olhos ao seu apartamento – disse Doyle, os olhos fixos em mim.

– Porquê? – perguntei, incapaz de disfarçar o pânico que sentia.

– Receio que tenhamos de dar por concluída esta conversa – disse Tom, pondo-se pé. – Está a pisar terrenos muito delicados, inspector Doyle. Não há nada que sugira que a doutora Day cometeu qualquer crime. Nem o senhor apresentou qualquer prova de que o desaparecimento de Donna Joy seja mais do que uma mulher infeliz a querer escapar da gaiola dourada onde vivia e à vergonha de um divórcio e que tenha decidido ausentar-se por uns tempos.

Fez uma pausa, como se estivesse no Old Bailey a preparar-se para as alegações finais.

– Não me compete a mim dizer-lhe como fazer o seu trabalho, inspector, mas todos sabemos que já teve uma pessoa detida e foi obrigado a libertá-la sem acusação. Vai parecer que dispara em todas as direcções se voltar a fazê-lo. Além disso, a verdadeira história aqui é o facto de o Pete Carroll estar a explorar o facto de ter aberto a porta à doutora Day naquela noite e ter subsequentemente estado a chantageá-la, exigindo sexo e ameaçando usar a informação de que dispunha se ela não cedesse. Terei de debater com a minha cliente se vamos apresentar queixa por agressão sexual. Penso que, dadas as circunstâncias, a doutora Day merece ser tratada com tacto e respeito, não com esta barragem de insinuações danosas.

Cerrei o punho. Queria gritar *À vontade, revistem o meu apartamento, não tenho nada a esconder*. Mas Doyle olhou de Tom para mim e limitou-se a assentir.

– Contactamo-la amanhã – disse, fechando o bloco-notas e desligando o gravador. – Mantenha-se por perto, doutora Day. Mantenha-se por perto.



Já passava das seis quando voltámos a pisar a Buckingham Palace Road. Mal me apanhei cá fora, inspirei em grandes haustos. Era alguém que precisava de controlar a sua vida, mas sentia-me impotente. Naquele momento, Tom Briscoe parecia-me a minha única rede de segurança, por isso estendi a mão, agarrei a dele e apertei-lha com força.

– Está tudo bem – disse ele, sem fugir ao meu contacto.

Apressei-me a largar-lhe a mão e voltei-me para o enfrentar.

– Devia ter-lhes dito que revistassem o apartamento – disse, a abanar a cabeça de frustração.

– Isso não teria melhorado a tua posição – disse ele, cauteloso.

– Então o que a melhoraria?

– Estamos a trabalhar nisso – disse ele, e bateu com o ombro no meu enquanto caminhávamos.

Por outras palavras, nenhum de nós sabia a resposta para aquela pergunta.

- Apetece-te comer qualquer coisa? – perguntou.
- Perdi o apetite.
- As esquadras de polícia costumam ter esse efeito.
- Tens saudades? Do trabalho criminal?
- Tu não és uma criminosa – respondeu ele.
- Foste bom, lá dentro.

Tom fez-me um suave sorriso e eu pensei que ia fazer graça a respeito do assunto, mas não fez.

– Tenho saudades, sim. É o que sempre quis fazer. Todos os sábados, no colégio, ia à livraria em Windsor e comprava um policial. Li tudo, desde Sherlock Holmes a Ian Rankin. Era a minha ração semanal de enigma. Os meus pais não queriam que eu entrasse para a polícia. Por isso tornei-me advogado.

– Porquê trabalho de defesa? – perguntei, a imaginar um jovem Tom Briscoe, com a sua casaca de Eton, de nariz enfiado num livro brochado num qualquer lugar à sombra junto ao Tamisa.

– Porque nos livros os maus eram sempre os mais interessantes. – Sorriu e acrescentou. – E porque por vezes o acusado não é o mau.

– Não devias ter permitido que o caso do Nathan Adams te afastasse de uma coisa que adoravas fazer.

– Pois não – disse ele em voz baixa.

– Estou a falar a sério, Tom.

Tinha o olhar fixo em frente, perdido no lusco-fusco.

– Adorava, é verdade. Apesar de estarem sempre a perguntar-me como era capaz. Como podes trabalhar para a defesa? E eu dava sempre a mesma resposta. À minha família, a amigos curiosos ou a pessoas que conhecia em festas. Fazia-o porque acreditava no nosso sistema judicial. Porque não me compete a mim decidir quem é culpado e quem não é.

Hesitou antes de continuar.

– Mas nunca esquecerei a Suzie Willis ter-me abordado à saída do tribunal depois de o Adams ter sido declarado inocente. Depois de eu o ter safado. Tinha os olhos vermelhos de chorar. Estava a tremer. Não de fúria ou de frustração ou de injustiça. Tremia de medo. Estava com a advogada, que se voltou para mim e disse: «Vamos ter de esperar pela próxima vez.» E tinha razão. O Adams acabou por ser declarado culpado, mas na próxima vez que foi violento com a namorada, matou-a. E eu senti que a culpa era minha.

A emoção quebrava-lhe a voz e foi a minha vez de lhe pousar uma mão tranquilizadora no braço, mas ele enfiou a mão no bolso e sacudiu-me discretamente.

– Queres boleia para um sítio qualquer? – perguntou de repente.

Apercebi-me de que tínhamos parado junto do carro dele.

Não respondi logo, sem saber muito bem a que lugar podia chamar minha casa, onde me sentisse segura e querida.

– Tenho um quarto livre, se não queres voltar ao teu apartamento. Vais ter de partilhá-lo com o meu equipamento de *squash*, mas comprei uma máquina de café *Heston Blumental* nova e vais poder fazer a prova de estrada aos meus *macchiatos*.

Tive de admitir que a ideia não me era desagradável.

Acreditava há muito que o curso das nossas vidas era determinado pelas escolhas que fazíamos, não pelo destino, e naquele momento perguntei-me se devia ter escolhido melhor. Talvez se tivesse escolhido Tom Briscoe não estivesse à porta de uma esquadra de polícia numa tarde de domingo, a ser ameaçada de prisão em ligação com o desaparecimento da mulher do meu amante.

Não. A vida com Tom Briscoe, ou alguém como Tom Briscoe, podia ter tido um ritmo tranquilo; não excitação extrema, mas um reconhecimento partilhado das competências e talentos do outro e um dia-a-dia satisfeito.

Não que Tom tivesse alguma vez mostrado qualquer interesse romântico por mim, recordou-me uma voz no fundo da cabeça.

– Tentador, sobretudo o café, mas tudo bem – disse, arrancando-me a estes pensamentos. – Não quero ser mais incómodo do que já fui.

– Não há problema.

– É melhor ir para casa. Já falei com a polícia. O Pete Carroll não pode continuar a chantagear-me. Tom abanou a cabeça.

– Devias ter-me contado a respeito do Carroll. Eu podia ter feito qualquer coisa.

Arqueei uma sobrancelha.

– Como o quê? Cair-lhe em cima na paragem de autocarro? Ambos sabemos que não há nada que possamos fazer. Não posso pedir uma ordem restritiva. Não sou namorada dele e ele não foi condenado ou detido por qualquer crime.

– Há coisas que podemos fazer, Fran. Tu sabes disso.

Abanei a cabeça, para reforçar a minha resolução.

– Tenho de ir para casa. O Pete Carroll não é a coisa mais importante com que tenho de lidar neste momento.

Sentei-me no lugar do passageiro e Tom conduziu pelas ruas de Londres, a distrair-me com mexericos do ofício. A potencial fusão com a Sussex Court era já do conhecimento geral. Tom achava que era uma jogada inteligente. Se tinha algumas reservas a respeito de o descrédito da minha reputação poder ameaçar o negócio, não as referiu.

Quando o meu estômago fez um ruído audível acima da música suave do sistema de estéreo, parou em frente de uma *kebab shop* perto do meu apartamento, entrou e reapareceu pouco depois com dois hambúrgueres de galinha e duas latas de *Coca-Cola*.

Parámos o carro numa rua lateral e eu abri a caixa de poliestireno que tinha em cima dos joelhos, a lamber os dedos para evitar que pingos de gordura ou migalhas sujassem os estofos.

– Somos mesmo gente com classe, não somos? – disse, e sorri ao sentir o *ketchup* escorrer-me pelo queixo.

– Gosto de pensar que sim – disse Tom, a abrir a lata de *Coca-Cola*, que sibilou.

– É bom – suspirei, a aperceber-me de como estava cheia de fome. – Promete-me que quando fores conselheira não terás medo de que te caiam os parentes na lama por entrares numa loja de *kebab*.

– Quando chegarmos à seda, hei-de levar-te ao Kebab Kid em Parson's Green, para festejar. As melhores *shawarmas* de galinha de Londres.

Não respondi. Deixámos o silêncio pairar entre nós, a não querer dizer em voz alta o que estávamos ambos a pensar: que teria muita sorte se conseguisse evitar uma sentença de prisão, quanto mais chegar à seda.

– Obrigada por teres sido um bom amigo.

– E pensar que nunca gostaste de mim – disse ele.

– Nunca não gostei de ti.

– Ora vamos, sei muito bem que me achavas um pateta pomposo.

– Não é verdade.

– Claro que é. – Sorriu. – Foi por isso que te evitei durante quase todo o nosso primeiro ano de estágio.

– Evitavas-me porque achavas que eu era esquisita.

– Esquisita não. Segura. Demasiado segura, na verdade. Lembro-me do dia em que cheguei a Burgess Court. Com o meu fato novo, o meu corte de cabelo novo, a minha toga nova. Convencido de que era o maior. E então conheci-te. E percebi que não passava de um cromo saído de um colégio particular sem o mais pequeno conhecimento da vida. Se te evitava era por tu seres tão modernaça e inteligente que me intimidavas um pouco.

– As pessoas nunca deixam de nos surpreender – disse eu, com um pequeno sorriso.

– É por isso que deixei de as julgar há muito tempo.

Levou-me até ao meu apartamento e eu pedi-lhe para parar o carro numa rua próxima. Não queria que alguém me visse apear-me.

– Tens a certeza de que ficas bem? – perguntou Tom.

Senti uma nova vaga de pânico ao pensar que Pete Carroll podia ver-me.

– Não te importas de me acompanhar até casa, pois não?

Tom assentiu, como se compreendesse.

Foi uma sensação estranha, voltar a casa. Já tinha um leve cheiro a mofo, a desabitada. Quando acendi a luz, vi o saco do lixo com o meu edredão lá dentro. Voltei-me para a porta e tranquei-a com duas voltas de chave.

– Vá lá, por que não juntas umas coisas e passas a noite em minha casa? – disse Tom, ao ver como eu estava nervosa.

Eu sabia como seria fácil pegar nuns comprimidos de lítio, enfiar umas roupas numa mala e ir para casa de Tom, mas estava cansada, tão cansada. Só queria parar de fugir.

– Odeio a ideia de o Pete Carroll estar lá em baixo. Odeio-a – sussurrei. – Mas desde terça-feira que ando em bolandas, Tom. Além disso, o Pete já não tem nada com que me ameçar.

– Acho que devias fazer uma denúncia oficial à polícia – disse ele por fim.

Não respondi.

– Não é demasiado tarde, Fran. Em todo o caso, há algumas coisas que podes fazer. Não laves os lençóis. Conserva todas as provas que aches que possas ter.

Voltei a olhar para o saco do lixo e senti-me agoniada. Queria que Pete Carroll fosse punido, mas não tinha a certeza de ser suficientemente forte para passar pelo trauma de denunciar uma agressão sexual.

– Posso só não pensar em nada durante um bocadinho? – disse, a apertar as mãos e a torcer os dedos.

Quando Tom entrou na minha minúscula cozinha e tirou duas canecas do armário, senti uma pena imensa por não termos ido juntos ver a peça a Hampstead. Havia pessoas decentes. Pessoas em que se podia confiar.

Capítulo 42

No meu sonho estou a afogar-me. A água está a chegar-me à boca e então desliza-me pela garganta. Primeiro devagar, mas depois continua a subir e, apesar de inclinar a cabeça para trás, não consigo ar suficiente. À medida que o líquido me enche os pulmões a minha visão fica turva. Só vejo bolhas, fora do meu alcance, a subirem para um halo de luz lá em cima. Estico os braços e tento nadar, mas estou tão fraca que mal consigo mexer-me. Quando começo a afundar-me os meus olhos fecham-se, os meus braços estendem-se para cima e o meu último pensamento é que acabou tudo.

O *bip* de uma mensagem acordou-me.

Pisquei os olhos com força, ao princípio desorientada, mas depois percebi que era apenas um pesadelo, que o *bip* não tinha vindo de portões celestiais electrónicos prestes a abrirem-se. Estiquei a mão para pegar no telemóvel.

Hesitei antes de clicar no ícone do sobrescrito, a perguntar-me de quem poderia ser, mas era só a minha amiga Jenny, ao que parecia acabada de sair de uma reunião matinal, onde referira a possibilidade de Martin Joy aceder a ser entrevistado pelo editor, que ficara «muito interessado».

Uma pancada na porta do quarto fez-me saltar pela segunda vez. Demorei alguns segundos a lembrar-me de que Tom Briscoe tinha dormido no meu sofá, e mais alguns a tomar consciência de que estava demasiado embaraçada para deixá-lo ver o interior do quarto e como tinha dormido, enfiada num velho saco-cama em cima de uma toalha.

– Espera um bocadinho, vou já – disse eu, enquanto me contorcia para sair de entre as dobras do *nylon* camuflado.

Tom tinha os sapatos calçados e o casaco vestido quando desci a escada.

– Tenho de ir – disse. – Não posso aparecer no escritório com esta roupa.

– Não sei – respondi, com um meio sorriso. – Há anos que as pessoas falam de largar as roupas formais de tribunal.

– Não tenho a certeza de querer ser o primeiro a baixar o tom.

– Obrigada por teres ficado...

Pareceu inadequado, mas não consegui encontrar as palavras.

– Vais fazer uma folga no trabalho?

Encolhi os ombros.

– A Vivienne sugeriu que me afastasse por umas semanas. Na sexta-feira, pareceu tentador. Mas acho que agora as coisas são diferentes. Não me parece que o inspector Doyle considere ir para a Tailândia como manter-me por perto.

– Mantém o telefone ligado – disse Tom, de volta ao modo advogado. – O Doyle é capaz de querer falar outra vez contigo esta semana. Espero que desta vez te contacte através de mim. Está preparada.

– Vais dar um grande conselheiro – disse eu enquanto abria a porta. E estava a ser sincera. Num impulso, beijei-o na face, e durante um longo minuto o seu rosto imperturbável e sério pareceu embaraçado.



Tinha receado vir para casa, mas era reconfortante estar de novo em território familiar. Passei em revista os armários da cozinha à procura de qualquer coisa com que fazer um pequeno-almoço e tive de contentar-me com uns restos do Natal: meia caixa de *Matchmakers* e uma embalagem de *Heroes* oferecida pela minha empregada da limpeza. Não era bem torradas com abacate, mas uma louca orgia de chocolate era mesmo do que estava a precisar.

Voltei a subir a escada e despi-me enquanto deixava o duche a correr. Demasiado agitada para ficar debaixo do chuveiro mais de um par de minutos, saí, sequei-me com uma toalha e voltei ao quarto para me vestir: *jeans*, *T-shirt*, blusão e umas botas cujos atacadores apertei com força. Acendi as velas, abri as janelas e mudei o lençol e a fronha da almofada.

Depois de ter limpado, esfregado e arrumado, fiz uma pausa para preparar um café e sentei-me à mesa de jantar. Estava desesperada por uma nova sessão com Gil, mas ele tinha-me dito no Centro de Aconselhamento que ia de férias daí a um par de dias, de modo que pensei que devia estar no aeroporto, desejoso de esquecer tudo a respeito de clientes como eu. Entretanto, era mais uma animada manhã de segunda-feira para pessoas como o inspector Doyle e a sua equipa. Não duvidava que o meu nome ia aparecer nas reuniões de princípio de semana, em que os agentes, de olhos brilhantes e entusiasmados, movidos a café e «novas pistas», apresentariam as suas provas contra mim e Martin Joy.

Os meus olhos derivaram para as prateleiras muito bem arrumadas carregadas de caixas de arquivo e livros. Nos intervalos havia recordações como a pequena taça de prata que tinha ganho na universidade numa competição de debates e uma bonita caixa *David Linley* oferecida por um cliente agradecido. Recordações de que, em tempos idos, tinha sido considerada boa.

Afastei a caneca para o lado, estendi a mão para um monte de blocos-notas amarelos e puxei um para cima da mesa.

Luta até ao fim, disse para comigo. Era uma coisa que o meu avô me tinha dito no Verão em que abandonei o secundário. Depois da vergonha do baile de finalistas e de ter fugido, o meu avô tinha-me levado a dar um longo passeio pelas colinas. Quase conseguíamos ver Pendle Hill ao longe e ele falou de quando tinha estado na guerra, histórias de *Spitfires* e missões secretas em aldeias da Normandia, onde ficara encurralado atrás das linhas inimigas, mas nunca desistira e conseguira voltar a casa, onde esquecera o que tinha feito e se limitara a começar de novo.

Vai à luta, dissera ele, e apesar de eu nunca ter tido a certeza de que as suas histórias fossem verdadeiras – nunca tinha visto quaisquer medalhas ou ouvido das suas heroicidades na família –, fora aquela conversa que me fizera voltar a levantar a cabeça.

Fora aquela conversa que me fizera parar de sentir pena de mim e de armar em vítima.

Larguei a argola do nariz e arranjei um emprego em *part-time*. Troquei a minha licenciatura em História pelo curso de Direito quando uma série de notas máximas nos exames finais me convenceu

de que era boa o suficiente para fazer o que quisesse.

Vai à luta.

Estava uma esferográfica de ponta fina ao lado dos meus óculos de ler – que tinha há mese, mas que ainda não estava disposta a admitir que precisava. Olhei para a página em branco e comecei a escrever. Escrevi uma lista de motivos para Martin e Alex, e sugestões sobre o que podia ter acontecido a Donna se não tivesse sido morta ou sequestrada. Escrevi o que consegui recordar das conversas com o inspector Doyle, Phil Robertson e Jenny Morris: o sangue na cama de Donna, a reputação de Martin, a viagem de Donna a Paris e o seu caso com Alex Cole. E escrevi o que tinha visto com os meus olhos: que Martin tinha saído da casa de Chelsea mais ou menos à hora que dissera e que Donna estava a vê-lo da janela.

Olhei para a página, mas era apenas uma baralhada de nomes e palavras, uma série de formas, preto sobre amarelo, como a fita que a polícia usava para vedar os locais de uma ocorrência. Movi a caneta sobre o papel, a rabiscar setas e linhas, como se estivesse a tentar ligar os pontos, mas não tinha informação suficiente.

Por um instante, senti-me tentada a ter outra conversa com Sophie Cole. Com excepção de Martin, parecia ser quem melhor conhecia Donna. Era possível que soubesse alguma coisa importante cuja relevância não lhe tivesse ainda ocorrido. Mas depois da confrontação que tínhamos tido a respeito do possível caso entre Alex e Donna, telefonar a Sophie não era uma opção muito atraente.

À procura de inspiração, peguei na mochila que tinha deixado pendurada nas costas da cadeira, tirei de lá o tablóide que tinha comprado no dia anterior e voltei a ler o artigo a respeito de Donna:

A esteticista Jemma Banks, de 42 anos, disse à polícia que o desaparecimento da irmã era absolutamente incomum. «A Donna queria muito estar na minha festa de aniversário, na nossa cidade natal. Por nada deste mundo ia perdê-la.»

Franzi a testa e reli o parágrafo. Martin tinha dito que Donna e a irmã não eram chegadas, mas a verdade era que Jemma parecia estar a desempenhar um papel central ao ajudar a polícia nas suas investigações. E se Donna ia à festa de anos da irmã, isso significava que eram mais próximas do que ele pensava.

Foi fácil encontrar Jemma Banks. As listas eleitorais, o registo de empresas, o Facebook – havia uma imensidade de lugares onde era possível descobrir uma assustadora quantidade de pormenores gastando uns poucos segundos e umas poucas libras.

Enfiei na boca um *Bounty* mini, peguei no casaco e na mochila, tirei as roupas usadas que lá enfiara desde quinta-feira e atirei as calças e as *T-shirts* para o cesto da roupa suja quando o meu telemóvel chilreou.

Tinha estado na minha cabeça toda a manhã a ideia de ligar a Clare. Sentia-me mal por causa da maneira como tinham ficado as coisas no dia anterior, e apesar de ela ter deixado claro que não era bem-vinda para ficar em sua casa mais uma noite, ainda não tinha voltado a contactá-la para lho dizer.

Desculpa.

Voltei a ler a mensagem, mas não estava assinada e não reconheci o número.

Quem é?, teclei, ansiosa por sair de casa.

Pete

Forcei-me a respirar. Não fazia ideia de como conseguira ele o meu número e de súbito senti-me como se estivesse a espiar-me.

Fiquei a olhar para o telemóvel sem me mexer e depois abanei a cabeça. Tinha de ir à luta, recuperar o controlo. A não querer aguentar aquilo nem por mais um segundo, desci as escadas e bati com força à porta dele.

Estava possessa, consumida pela raiva. Na noite anterior, o mais pequeno barulho vindo lá de baixo fizera-me dar saltos na cama, mas naquele momento tudo o que queria era esmurrar aquela cara de fuinha.

Ele abriu a porta e deve ter detectado a minha fúria.

– Onde foste arranjar o meu número, Pete? – perguntei, sem o deixar falar.

– A rapariga que trabalha na recepção do teu escritório deu-mo.

– Não tinha o direito de o fazer – sibilei, a apontar o dedo para a cara dele.

– Acalma-te, Fran. Só queria pedir desculpa.

– Oh, então não querias ir à polícia e acusar-me de assassínio?

– Estou a ajudar as investigações. Toda a gente quer que a Donna Joy seja encontrada. Tu não?

Fez uma pausa, a olhar para mim. E eu enfrentei-lhe o olhar. Tinha um ponto vermelho no lado do nariz e uma pústula branca por cima da testa.

– Agora que estás aqui podes dizer-me: quem era o homem desta manhã, o que saiu do teu apartamento às oito horas?

– Não tens nada com isso, Pete.

Ele encolheu os ombros.

– Temos de estar atentos aos desconhecidos que andam a deambular pelo prédio. É uma questão de bom senso. Aqui há dias, um amigo meu encontrou um vadio a mijar no vestíbulo.

Encostou-se à ombreira da porta, mais descontraído, mais confiante do que quando abrira.

– Acho que é o mesmo homem que vi na sexta-feira. O teu colega. Agora andas metida num romance de escritório?

– Sim, é advogado. Por que sim, estou a receber aconselhamento legal. Estivemos a discutir a minha situação. Passou cá a noite porque, para ser franca, o meu vizinho tem tido um comportamento imprevisível.

– Estás a falar de mim, não estás, Franny?

– Vai-te lixar, Pete.

Não foi a minha melhor réplica, mas estava farta dele.

– Não digas isso, Fran. Eu preocupo-me contigo.

Fiz meia volta, a preparar-me para ouvi-lo chamar o meu nome, mas fiquei aliviada quando a porta se fechou. Desci os degraus do portal aos dois de cada vez e corri para a rua, e só parei quando cheguei à agência de aluguer de automóveis perto da minha charcutaria preferida em Highbury Fields.

Martin tinha razão a respeito de eu precisar de um carro. Jemma Banks vivia em Colchester, aonde não era muito difícil chegar partindo de Islington – apenas um pequeno salto até Liverpool Station e depois um comboio de superfície até Essex, mas eu já me sentia vulnerável que chegasse e não queria depender de ninguém fosse para o que fosse.

A ZipCars alugava veículos à hora, mas eu apresentei o meu cartão de crédito e pedi uma semana. Senti uma vaga de poder e de urgência quando o jovem funcionário pôs as chaves de um *Fiat Panda* à minha frente e eu as apertei na mão.

As únicas alturas em que conduzia era durante as minhas férias anuais em Itália, de modo que achei estranho sentar-me do lado direito do carro. Dediquei alguns instantes a familiarizar-me com o veículo, movi a alavanca de velocidades de um lado para o outro, experimentei a embraiagem devagar com a sola da bota. O motor despertou para a vida. Teclei Colchester no Google Maps do meu *iPhone* e quando a voz sintética me disse para virar à esquerda, fiz o que me diziam e tentei planear a minha próxima jogada.



Tinha ficado a saber graças à minha pesquisa na internet que Jemma Banks era proprietária de um salão de beleza chamado Tans and Talons nos subúrbios da cidade, numa fila de estabelecimentos que incluía uma loja de animais de estimação, uma loja que vendia bebidas alcoólicas para o exterior e um *takeway* chinês.

Quando o Google Maps me disse que tinha chegado ao meu destino, abrandei a velocidade quase até parar, mas depois notei que o salão estava cheio de gente, voltei ao centro da cidade e fui almoçar ao Prezzo, na rua principal.

Verifiquei as mensagens e *e-mails* enquanto comia. Não havia grande coisa – alguma correspondência relacionada com o trabalho e um sms de Tom Briscoe e perguntar se estava tudo bem. Ao ver que não havia nada de Clare, liguei-lhe enquanto esperava pela conta, mas fiquei aliviada quando a chamada foi parar ao *voice mail*.

Eram quase quatro horas quando voltei ao salão de Jemma. Como esperara, o Tans and Talons estava vazio. Vi, através da grande janela de vidro, uma figura solitária a varrer o chão e a arrumar revistas num expositor de parede. Uma rajada de vento pegou numa lata vazia caída no passeio e arrastou-a por cima das lajes enquanto eu empurrava a porta.

– Desculpe, querida, mas vou fechar – disse a mulher. Encostou a vassoura num canto e atravessou a sala até ao balcão de recepção. – Podemos fazer uma marcação para outro dia, se quiser – ofereceu, as unhas pintadas de acrílico a deslizarem sobre o livro pousado em cima do balcão. – Por acaso até tenho uma vaga para amanhã.

– Não é isso que procuro – disse eu, a observá-la. Quando ela aparecera na televisão para o apelo já tinha reparado nas semelhanças entre as duas irmãs. Na altura da emissão, o rosto de Jemma estava pálido e cansado, o que enfatizava as diferenças entre as duas mulheres, mas vistas em pessoa essas diferenças eram menos óbvias. Os olhos de Jemma eram de um tom de verde mais vulgar e a blusa às flores que vestia era das que se podia encontrar num supermercado, não numa loja de marca. Faltava a Jemma o brilho e essa subtil confiança que dá viver no luxo, mas tirando isso podiam ser gémeas.

– Mais uma jornalista? – disse, fechando o livro. O seu tom não foi duro, foi de cansaço.

– Não. Sou a advogada de divórcio de Martin Joy – expliquei, a tentar injectar uma nota de simpatia na minha voz.

Jemma mirou-me com desconfiança.

– Já falei com alguém do seu escritório.

– Como disse, sou a advogada de divórcio. Não nos conhecemos.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou ela, sem grande entusiasmo.

– Só preciso de uns minutos do seu tempo.

Jemma olhou para o relógio e fez um ar de dúvida.

– Tenho de ir para casa. É por isso que estou a fechar mais cedo. A minha filha tem estado num passeio da escola nesta última semana e deve chegar a qualquer momento. Quero estar em casa antes de ela chegar.

– Posso ir consigo. Podemos conversar pelo caminho.

Jemma arqueou uma sobrancelha.

– Já devia ter calculado que o Martin ia arranjar um *terrier*. Género campeão nacional.

Não soube muito bem se havia ali um elogio escondido. Fosse como fosse, não ia discutir o que ela acabava de dizer. Queria-a do meu lado.

Fiquei onde estava enquanto ela foi à sala das traseiras e voltou com um casaco e uma mala.

Apagou as luzes e saiu para a rua, esperou que eu a seguisse e fechou à chave a porta de vidro.

– Sinto-me mal por estar a trabalhar numa altura destas – disse, enquanto guardava as chaves na mala. – Mas trabalhar ajuda. Distrai a mente de certas coisas. Não acha?

E sem esperar resposta para a primeira pergunta, continuou:

– Veio então de Londres?

– Sim. O meu carro está aqui, se quiser uma boleia.

Ela abanou a cabeça e puxou para cima o fecho da *parka*.

– É já ao virar da esquina. É mais fácil ir a pé.

Apressei o passo para a seguir até uma urbanização dos anos de 1930, afastada da avenida.

Jemma apontou com o queixo para um prédio de tijolo encarnado não muito diferente daquele onde eu tinha crescido.

– Vivíamos aqui com a mamã e o papá. Agora a Donna vive num mundo diferente, mas eu só mudei cem metros mais para o fim da rua. As pessoas são assim mesmo, não acha? Ou querem afastar-se o mais possível do sítio onde cresceram ou ficar agarradas a ele. Deve ser mais ou menos ela por ela... lutar ou fugir. De onde é? O seu sotaque não é do Sul.

– Cresci no Lancashire. Vim trabalhar para Londres.

– Não há advogados em Manchester? – troçou ela.

Tomava-me por uma Donna. Uma Ícaro Tipo-A que se achava demasiado boa para a sua cidade natal.

– Houve muita cobertura mediática esta semana. Tem sido muito citada.

– Mal citada, quer dizer – disse Jemma, e enfiou as mãos nos bolsos.

Olhei para ela, surpreendida.

– Está a dizer que inventaram frases suas?

– Penso que a expressão correcta é «dar-lhes um toque». Tinha muito a dizer àquele jornalista, mas não era a altura nem o lugar. Nunca achei que os julgamentos nos *media* fossem muito úteis, e receei que pudesse turvar o nosso caso. Pode acontecer, não pode?

Dessa vez olhou para mim à espera de uma resposta, e eu percebi que queria de verdade o meu conselho. Uma vez que queria uma coisa dela, pensei que o melhor seria fazer o jogo.

– Tem razão, o aparecimento nos jornais de assassínios de carácter ou incitamentos à caça às bruxas nunca ajudam em nada. Além disso, o Martin só foi detido, não acusado. E foi libertado em menos de vinte e quatro horas. As insinuações nos *media* podem ser um tiro que sai pela culatra. Um frenesi alimentar pode resultar nos jornais a serem processados por desrespeito ao tribunal.

– É aqui – disse Jemma, a apontar para uma pequena casa um pouco destacada das outras. Havia um velho *Corsa* no caminho de acesso e um grelhador enferrujado à espera que a recolha do lixo o levasse.

Abriu a porta da frente e eu entrei, tirando um minuto para olhar em redor.

– Quantos filhos tem? – perguntei, à espera de ser convidada a ir mais adiante.

– Dois. A Ella tem quinze e o Josh entrou para o primeiro ano da universidade em Bournemouth em Setembro passado.

A casa estava escura. Jemma acendeu uma luz, entrou na sala e sentou-se no sofá.

– Chá?

Assenti e ela desapareceu na cozinha. Aproveitei para examinar a divisão. Parecia um lugar feliz. Um velho piano decorado com fotografias dos miúdos: num trampolim, no dia dos desportos na escola. Retratos emoldurados dos filhos na parede: todos eles sardas e sorrisos desdentados.

Nunca tinha estado no interior da mansão de muitos milhões de libras de Donna em Londres, mas sabia que havia de ficar a um mundo de distância daquela casinha aconchegada.

– Por que quer falar comigo? – perguntou ela, depois de ter servido o chá e ter-se sentado numa cadeira junto à janela.

Tinha a minha história preparada, a mesma que contara a Jenny.

– O Martin é meu cliente. E por isso é cliente do escritório onde trabalho. E eles estão preocupados com os possíveis danos infligidos à reputação da firma.

Jemma pareceu à beira das lágrimas.

– Sempre me perguntei quando iriam as pretensões sociais da Donna metê-la em sarilhos. Sempre teve grandes sonhos. Esta vida não era suficientemente grande para ela. – Olhou em redor. – Queria mais, e para conseguir mais começou a dar-se com pessoas que tinham mais. Mudou-se para Chelmsford quando tinha dezassete anos, e foi nessa altura que iniciou o caminho que a levou a Londres. Misturou-se com os ricos de Essex. O seu primeiro namorado a sério, o Charlie, era filho de um *gangster*. Eu tentei explicar-lhe por que razão os ricos eram ricos. Como, para começar, é preciso ser duro, ambicioso, implacável. Mas ela não me ouviu. Nem pareceu surpreendida quando o Charlie acabou na prisão, por fraude.

Fez uma pausa para beber um gole de chá.

– A Donna costumava dizer, na brincadeira, que era o projecto do Martin.

– Não gosta do Martin? – arrisquei.

Encolheu os ombros.

– Ao princípio gostava. Achava-o diferente. Sabia que ele não vem de famílias ricas? Perdeu os pais quando era muito novo e foi criado pelos avós. Trabalhou para pagar a universidade, ganhou os seus milhões na City... Parecia generoso para com os amigos, contribuía muito para obras de beneficência. Era difícil não o respeitar.

– Que aconteceu?

– Eu quase nunca via a Donna – disse ela, a abanar a cabeça. – Durante muito tempo. Não sou parva. Sei que ela não gosta que lhe lembrem de onde veio, mesmo que isso signifique não ver a irmã mais velha. Mas, ao longo do último ano, comecei a vê-la um pouco mais. Penso que precisava de alguém com quem falar, alguém que não fosse do seu mundo. Ao princípio foi só um par de almoços, mas depois tornou-se mais frequente. Então, há semanas, tínhamos combinado encontrar-nos para o chá, mas ela cancelou o encontro. Liguei-lhe... pensei que uma conversa pelo telefone era melhor do que nada... e ela pediu-me para aparecer na casa de Chelsea. Tínhamos ficado de nos encontrar em Londres, de todos os modos, de forma que a mim não me fazia diferença. Além disso, estava preocupada com ela. Pensei que o *stress* do divórcio estava a atirá-la abaixo. Quando cheguei lá a casa, ela tinha um olho negro.

Deixou escapar um longo suspiro e continuou.

– Soube que ele lhe tinha batido ainda antes de ela mo dizer. Ao que parece, encontraram-se para falar do divórcio. Discutiram e ele perdeu a cabeça e atirou-lhe o telemóvel à cara. A Donna disse-me que não fora a primeira vez. Também lhe tinha batido depois de ela ter feito uma viagem de compras a Nova Iorque.

«Disse-me que tinha de afastar-se uns dias porque o Martin estava a ser muito mau; consumia montes de cocaína, bebia imenso, as coisas na empresa estavam tensas e ele descarregava tudo em cima dela. Quando voltou, ele estava furioso e bateu-lhe. Disse-me que temia pela vida e que fora por isso que pedira o divórcio.

Demorei alguns segundos a processar aquilo. Sabia que Martin gostava de uma bebida, mas nunca o tinha visto usar drogas. Sabia que a City funcionava a cocaína. Mas drogas, violência...? Tentei perceber quando teria acontecido o episódio do telemóvel atirado. Martin admitira que se tinham encontrado para «falar» nos dias seguintes ao nosso jantar no Ottolenghi. Quase não tínhamos discutido o que fora dito – e eu achava demasiado doloroso ir por esse lado –, mas ele não dera qualquer indicação de que o encontro tivesse corrido mal.

– Nada disso aparece referido no processo de divórcio, Jemma. Ninguém falou de violência doméstica. A Donna nunca pediu uma ordem de restrição, não havia nada que sugerisse que ela tinha medo do marido.

Jemma estava a abanar a cabeça.

– A Donna gostava de criar esta ilusão de uma vida perfeita. Tinha vergonha da nódoa negra. Nunca me teria deixado vê-la se não quisesse contar-me o que ele tinha feito e pedir o meu conselho a respeito do que devia fazer.

– E que lhe disse?

Fez uma pausa e olhou para mim.

– Disse-lhe que devia denunciar o caso à polícia, mas não estou surpreendida por não o ter feito. É natural que a Donna quisesse distanciar-se da violência doméstica. Fingir que nunca tinha acontecido, disfarçá-la de outra coisa qualquer, porque essas coisas nunca vêm a lume naquele género de círculos sociais. A imagem, a reputação, eram tudo para a minha irmã.

Deixei assentar aquelas palavras. Sempre me tinha perguntado o que teriam Martin e Donna de verdade em comum, e agora sabia. Era a aparência que mostravam ao mundo que importava, acima de tudo, para os dois.

– O que a levou a denunciar o desaparecimento da Donna? – perguntei em voz baixa. – O que a fez pensar que alguma coisa tinha acontecido?

Jemma fez um triste encolher de ombros.

– Poucos dias depois de eu ter ido a casa dela em Chelsea, a minha irmã foi passar uma tarde em Colchester. Fechei o salão e viemos para aqui. Desenterrámos velhas fotografias, falámos dos velhos tempos. Foi como nos velhos tempos. Ela gostou tanto que disse que queria voltar a ver toda a gente. Decidi fazer uma festa de aniversário e convidar toda a antiga malta. Ela estava entusiasmada com a ideia. Mas quando não apareceu, quando não me ligou no dia dos meus anos, quando não consegui entrar em contacto com ela, soube que alguma coisa não estava bem.

– Mesmo apesar de ela ir tantas vezes para o estrangeiro?

– Se está a perguntar se a minha irmã era irresponsável, acho que ambas sabemos a resposta a essa pergunta. Mas ela queria vir à minha festa. Prometeu.

Ganhei algum tempo antes de responder bebericando o chá, apesar de estar morno.

– A sua irmã disse-lhe que tinha tido um caso com o sócio do Martin?

– Um caso? – repetiu ela, de sobrolho franzido.

– A sua irmã alguma vez falou dele?

– Não. Nunca. Não acredito que ela tivesse um caso.

Olhou para mim com aqueles olhos de gato, tão parecidos com os da irmã.

– Como sabe?

– Fiquei com a impressão de que estava um pouco farta de homens.

– Não eram muito chegadas, Jemma, e trata-se de um assunto muito pessoal.

– Éramos chegadas o suficiente – disse ela, na defensiva. – As nossas vidas eram muito diferentes, mas continuamos a ser irmãs. Partilhámos um quarto durante seis anos quando estávamos a crescer, rimos, chorámos, preocupámo-nos por causa de rapazes. Costumávamos ficar deitadas nas nossas camas, à noite, incapazes de dormir, a falar durante horas. Penso que saberia se ela estivesse envolvida com outra pessoa, feliz por estar com outra pessoa.

– Mas aconteceu qualquer coisa com o sócio do Martin. Ele admitiu-o.

Olhou para mim, e dessa vez a sua expressão foi mais dura.

– Não sabemos o que aconteceu à Donna, mas não tente deitar as culpas à minha irmã – disse, num tom gelado.

– Não estou a deitar culpas...

– Está a lidar com um homem encantador, brilhante e manipulador, menina Day. Um homem que fará tudo o que for preciso para conservar o seu dinheiro.

Foi interrompida por uma pancada na porta. Puxou para o lado a cortina da janela e espreitou para fora.

– A minha filha está em casa. Penso que já disse o suficiente – declarou, pondo-se de pé.

Esperou que eu me levantasse, para indicar que a nossa conversa tinha terminado.

E enquanto saía para a rua desconhecida daquela cidade de província, perguntei-me se teria sido boa ideia ter ido até lá.

Capítulo 43

– És tu, Fran? Fala a Jenny.

– Estou a conduzir – disse eu, a esticar um pouco a verdade. – Tinha enfiado a chave na ignição, mas continuava parada à porta do salão de Jemma a passar o mural de Donna no Instagram, à procura de qualquer vestígio de um olho negro.

– Não podes encostar por um minuto? Precisamos de falar.

Recostei-me no banco, a saber que não poderia evitá-la para sempre.

– Peço desculpa por não te ter dito nada a respeito da entrevista. Ainda nem falei com o Martin. Como deves calcular, as coisas estão um pouco difíceis para ele neste momento. Eu sou só a advogada de divórcio dele, o que significa que não ocupo um lugar muito alto na sua lista de prioridades.

– Que aconteceu a «ele fará o que eu disser»? – replicou Jenny, e o comentário foi merecido.

– Vou tratar do assunto, Jen, palavra. Só quero dizer-te que não estamos na América. Tu sabes, fugitivos a aparecerem no programa da Barbara Walters.

– Fran, a equipa de reportagem quer escrever uma peça a teu respeito.

Por um instante, senti-me quase lisonjeada.

– Porquê?

– Acham que estás envolvida com o Martin Joy. Romanticamente.

– Isso é ridículo.

Esperava que ela não me conhecesse tão bem que conseguisse detectar o tremor na minha voz.

– Foram vistos juntos. Pelo gerente de um *pub* em Essex, por um vizinho do Martin...

– Sou a advogada dele – disse, a fingir indignação. – Temos de falar um com o outro. Com frequência.

– É só um alerta, Fran.

– Isso é um disparate. Um autêntico disparate – disse, a sentir-me corar.

– Estás envolvida com ele, não estás? – disse ela, em voz mais baixa. – É por isso que te preocupas tanto.

Percebi que nada a obrigava a ajudar-me daquela maneira.

– É complicado – acabei por dizer.

– É sempre.

O céu estava a escurecer. Um banco de nuvens achatadas e negras vinha do mar do Norte.

– Consegues segurá-los? – perguntei. Era a minha vez de pedir um favor.

Jenny hesitou.

– Sou a directora-adjunta de conteúdos, Fran. Organizo entrevistas com o elenco de *TOWIE*, não tenho poder sobre a equipa de reportagem. Só estou a dizer-te o que ouvi. Mas se me deres alguma coisa com o Martin, um exclusivo, talvez o editor esteja disposto a negociar.

– Ligo-te logo à noite – respondi, e desliguei. Arranquei a toda a velocidade, a descarregar a minha frustração no acelerador.



A chuva começou minutos depois, tão intensa que cobria o pára-brisas de lençóis de água.

Inclinei-me para a frente e espreitei através do vidro como uma velhota a ler um livro. Quase não conseguia ver e não fazia a mínima ideia de onde estava. Arrependi-me de não ter aceitado a opção de navegação por satélite na agência de aluguer. Com a bateria do meu telemóvel a 25%, não queria gastá-la mais só para encontrar o caminho para sair de Essex.

A viagem a Colchester não me levava a parte nenhuma. Já sabia dos rumores a respeito de violência doméstica através de Doyle, e embora parecessem mais autênticos vindos da boca de Jemma, tentei não os encarar como o evangelho. Não podia. E naquele momento, com os jornalistas a morderem-me os calcanhares por cima de tudo o mais, sentia o tempo fugir-me por entre os dedos sem que tivesse maneira de o parar.

Obriguei-me a pensar. A polícia não tinha nada de concreto contra Martin, nem contra mim, desde que não houvesse um corpo. No mapa mental que tinha desenhado naquela manhã, era esse o grande buraco, a peça que faltava. Onde estava Donna? Tinha suspeitos e motivos, mas não fazia a mínima ideia do que acontecera naquelas horas depois de Martin Joy ter saído da casa de Donna.

Teria voltado atrás depois de eu o ter visto sair? Teria outra pessoa qualquer ido visitá-la? Eu, segredou a irritante vizinha? E onde se escondia um corpo em Chelsea sem que ninguém desse por isso?

Limpei a condensação do vidro e olhei para o painel com indicações mais à frente.

Era óbvio que estava a ir na direcção errada, e preparava-me para assinalar uma inversão de marcha quando vi a palavra *Dorsea*.

Não sabia que Colchester e Dorsea ficavam tão perto, mas quando olhei com atenção para o horizonte, distingi uma linha de mar cor de carvão.

Soube no mesmo instante para onde alguém podia ter levado um corpo. Para uma casa solitária, junto ao mar, a quase dois quilómetros da aldeia mais próxima, uma casa com banda sonora de mar, onde as ondas martelavam e raspavam a costa e ninguém ouviria alguém gritar.

O estreito caminho estava desimpedido quando cheguei à ilha, dez minutos mais tarde. Não fazia a mínima ideia de quando seria a próxima maré, se ia dar por mim isolada. Passei pela fila de lojas de Dorsea, pelo minúsculo quartel de bombeiros e pelo *pub* onde eu e Martin nos tínhamos abrigado da tempestade. Senti uma pontada de ressentimento contra o gerente que nos tinha denunciado à polícia e segui em frente.

Dorsea House apareceu na estreita beira de uma falésia passados poucos minutos. Era magnífica, emoldurada por um céu violeta que escurecia. Havia uma fita amarela da polícia a envolver os portões no início do caminho de acesso. A polícia tinha ali estado. Claro que tinha. Quando havia

uma pessoa desaparecida e um marido que era o principal suspeito pelo seu desaparecimento, claro que se ia investigar a casa remota, junto ao mar, que lhe pertencia, onde seria tão fácil esconder uma pessoa, tão fácil matar uma pessoa. Por que teria sido que não pensara nisso antes?

Tudo aquilo estava deserto, e não pude impedir-me de pensar que era um trabalho mal feito. Se fosse eu a dirigir a investigação, teria passado o lugar a pente fino, de cima a baixo. Em vez disso, tinham deixado a equipa forense e os cães farejadores de cadáveres na casa de Chelsea.

Contornei o edifício até à estufa, a lembrar-me da porta que estava perra mas não fechada, e quando fiz força contra a armação lascada abriu-se com um raspar de madeiras.

A casa tinha sido revistada. Havia anéis de pó nos sítios de onde tinham sido removidos vasos e jarras de flores, e livros tirados das prateleiras.

Andei pela casa, a perscrutar todos os cantos, sem saber muito bem do que andava à procura, mas a tentar pensar como Martin se tivesse levado Donna para ali.

Estaria viva ou morta?

Estava à procura de sinais de um corpo a ser arrastado pelo soalho, ou salpicos de sangue nas paredes? Se Martin a levara para ali, como e quando acontecera? Não sabia as respostas para nenhuma destas perguntas.

Fui ao segundo piso, a ouvir os degraus gemerem à medida que subia. Uma brisa suave insinuava-se na casa através de uma racha à volta da clarabóia no tecto. Uma voz na minha cabeça, a parte sensata de mim, dizia-me que voltasse a Londres. Já passava das seis, o crepúsculo instalara-se e era quase noite. Que ganharia com estar ali, excepto mais problemas com a polícia, que já lá tinha estado e revistado o lugar sem encontrar nada de interesse.

As escadas levaram-me a um largo patamar para o qual davam vários quartos. Fui espreitando para dentro deles, uns atrás dos outros. A maior parte estava vazia, exceptuando as puídas alcatifas, mas dois outros tinham restos de mobília dos tempos em que aquilo fora uma casa de repouso, as tralhas velhas e partidas que os anteriores proprietários não tinham conseguido vender ou querido levar com eles. A zumbir de energia nervosa, meti o nariz num armário, abri as gavetas de uma cómoda, e então parei, quase a rir do ridículo das minhas acções – como se fosse encontrar o cadáver de Donna Joy atrás de um par de almofadas.

Saí pela porta da estufa e caminhei até à praia, a inspirar fundos haustos de ar salgado para me acalmar. Uma parte de mim queria continuar a avançar mar dentro até que a água me cobrisse o topo da cabeça e também eu desaparecesse.

Parei no barracão das ostras e lembrei tempos mais felizes. Quando ainda pensava que a Donna estava num *spa* ou a fazer compras algures, e que o desaparecimento dela era apenas um grito a pedir atenção. Começara aquele dia aborrecida com Martin. Zangada por ele se ter encontrado com a ex-mulher para jantar e ter-me mentido a esse respeito. Perguntei-me quantas outras mentiras me dissera.

Inclinei-me e levantei o tijolo debaixo do qual sabia que estava a chave. Abri a porta e entrei.

Os meus níveis de energia caíram a pique quando me vi dentro do minúsculo espaço. Fora ali que tudo começara – o ponto de viragem na nossa relação, quando as coisas tinham passado de uma zanga com as habituais frustrações e suspeitas para algo mais sinistro. O telefonema que nos acordara, que

tinha feito Martin regressar a Londres. Nessa altura já a polícia andava em cima dele. A nossa normalidade tinha acabado.

Olhei para o fogão a lenha e vi que ainda havia brasas na grelha, sem dúvida da noite em que ali tínhamos estado, a manta dobrada onde eu a tinha deixado. Estendi a mão e toquei na cama de ferro onde tínhamos feito amor.

Sabia que tudo apontava para que Martin tivesse alguma coisa a ver com o desaparecimento de Donna, mas não queria acreditar. A polícia não o conhecia como eu. Mas mesmo assim... era difícil não pensar no bonito rosto de Donna, difícil não pensar no que Jemma Banks me tinha dito. Sabia que ele lhe batia... A exaustão cristalizou em raiva. As minhas mãos, ainda a tocar o lençol, enclavinharam-se, a apertar as pregas brancas de tecido. Pensei em Martin e em Donna e em Pete Carroll e gritei de frustração, arranquei o lençol com um violento puxão, e então caí no chão, sufocada pelos soluços.

Por um instante, não consegui ouvir-me respirar. Foi como se o mundo inteiro se tivesse tornado silencioso. Abri os olhos, a ouvir e a ver como tudo voltava a focar-se, e ali, no chão, estava um lampejo de ouro em que não tinha reparado. Devia ter sido desalojado do seu esconderijo quando eu arrancara o lençol. Inclinei-me para a frente e apanhei-o. Era um pendente – uma peça de metal presa a uma delicada corrente. Pu-la na palma da mão e examinei-a como um caçador de fósseis a estudar uma pedra.

Era intrincada, e parecia cara. Voltei-a com a ponta do dedo e contra a pele rosada da minha palma vi que a fina curva de ouro tinha a forma de um «D». E então soube que não era a primeira vez que via aquele pendente. Naquele dia no tribunal. O dia em que aquele fio estivera suspenso do esguio pescoço de Donna Joy.

Capítulo 44

Ele tinha-me dito que ela nunca ali estivera. Tinha-mo dito na cara. Martin Joy era um mentiroso. Os poucos minutos que falara com Donna Joy no Supremo Tribunal não me permitiam recordar o fio que ela usava ao pescoço, mas lembrava-me muito bem do «D» pousado na base do seu pescoço como uma concha aninhada na areia, e sabia que era muito improvável que ela tivesse duas jóias iguais. Tinha de ser a mesma.

E agora Donna desaparecera sem deixar rasto. Não havia nenhum trilho de migalhas, nada que ajudasse alguém a encontrá-la... até agora.

Porque o facto de o fio estar ali, no barracão das ostras, significava que ela devia ter ali vindo a dada altura entre o dia em que a vira no tribunal e o dia em que tinha desaparecido.

Uma imagem atravessou-me o espírito num lampejo de luz: Martin e Donna, nus naquela cama, mãos a agarrar, dedos enfiados nas bocas, mãos levantadas, frenéticos, desesperados à medida que se aproximavam do orgasmo, como eu estivera. Seria tão fácil um delicado fio partir-se e deslizar do corpo suado e perder-se nas dobras da roupa da cama.

Era estranho eu querer que fosse verdade, porque não queria pensar na alternativa. Uma luta, ali mesmo no barracão. Onde nós tínhamos feito amor e dormido.

Sentei-me na esquina da cama, a segurar a cabeça com as mãos como se pudesse impedi-la de rebentar. Já tinha passado por ali, claro, reconheci na escuridão os negros pensamentos que rastejavam para mim vindos dos cantos... e sabia o que ia seguir-se. Senti uma lâmina rasgar-me a pele, vi as contas encarnadas subirem à superfície, senti o alívio, como uma válvula de pressão a assobiar, a guinchar, a gritar por reassumir o controlo.

Abri os olhos e tentei recompor-me. Estava desesperada por dar uma oportunidade a Martin. Mais uma. Precisava de saber se ele seria capaz de mentir-me outra vez.

Eu era tão sem valor, tão inútil, tão pouco merecedora de ser amada que ele podia tratar-me daquela maneira.

Apesar de ter tratado Donna ainda pior.

Tinha de saber. Peguei no telemóvel e liguei para ele. O coração martelava-me no peito enquanto o toque de chamada, à espera que atendesse.

– Ainda bem que ligaste. Acabo de falar com o Matthew Clarkson. Disse-me que foste interrogada pelo inspector Doyle, ontem à tarde.

– A Donna alguma vez veio a Dorsea House? – perguntei, a fazer um esforço para manter a voz calma.

– A que propósito vem isso, Fran? Correu tudo bem com a polícia?

– Responde à pergunta, Martin. A Donna alguma vez veio a Dorsea?

– Não – respondeu ele, passado um segundo. – Nunca. A irmã não vive muito longe, mas ela nunca mostrou qualquer interesse em ir. Pelo menos enquanto fosse uma ruína.

Obriguei-me a pensar. Obriguei-me a ser corajosa.

– Tens então a certeza de que nunca cá veio?

– Porquê? Onde estás? Que se passa?

– Estou em Essex. Em Dorsea.

– E que diabo estás aí a fazer?

Ouvi a preocupação na voz dele. O vento assobiava à volta do barracão, o que tornava difícil ouvir, mas o tremor do pânico era inconfundível.

– Fran, estás bem? Que diabo foste tu fazer a Dorsea? A polícia ainda aí está?

– Não, não está cá ninguém. Vim ao barracão das ostras. Encontrei o colar da Donna.

– O colar da Donna?

– Um «D» de ouro num fio.

– Como sabes que é da Donna?

Dessa vez, a pausa foi mais comprida. Conseguia vê-lo franzir a testa, a pensar apesar de estar a dezenas de quilómetros de distância.

– Vi-a uma vez. No tribunal. No dia em que pensámos que ela tinha faltado à audiência preliminar. Chegou mais tarde e eu conheci-a. Lembro-me do casaco cor-de-rosa e do fio com um «D» pendurado... igual ao que acabo de encontrar no barracão das ostras. Levaste-a a Dorsea House, Martin?

– Nunca. Juro. Nunca foi. Fran, precisamos de falar a respeito disto. Volta a Londres e encontremos-nos. Não em casa do Alex e da Sophie. Num sítio privado.

– Não quero encontrar-me contigo, Martin.

– Fran, por favor. Sê sensata. Por que não voltas? Como chegaste a Essex? Posso mandar um carro buscar-te, se é demasiado tarde para apanhares o comboio.

– Por que está o colar dela no barracão das ostras?

– Não sei. Talvez alguém o tenho posto aí. – Fez uma pausa. – Fran, isto é importante. Tens de trazer-me o colar.

– Para que tu possas livrar-te dele?

– Tens de acreditar em mim: a Donna nunca esteve em Dorsea House. Sim, é o colar dela, mas não consigo lembrar-me de qualquer razão para estar aí, a menos que alguém o tenho aí posto. Alguém como o Alex?

Tentei acompanhar-lhe o raciocínio.

– O Alex pode ter visto a Donna usar o colar – continuou ele, com o pânico a crescer-lhe na voz. – Até é possível que lho tenha oferecido. Mas se teve alguma coisa a ver com o desaparecimento dela, se queria incriminar-me, por querer a minha parte da empresa, seria muito fácil comprar outro e deixá-lo em Dorsea. Tens de acreditar em mim.

Eu não sabia em que acreditar. Ele tanto podia ser um homem desesperado e cheio de medo a tentar provar a sua inocência como um mentiroso escorregadio e astuto. Estava a ser parva?

– Por favor, não vás à polícia, Fran – pediu, a voz suave e suplicante.

– Dá-me uma boa razão para não ir – repliquei.

– Não tenho nenhuma.

Senti que aquela era a primeira coisa sincera que ele tinha dito em toda a conversa.

– Estou a ser incriminado pelo Alex, Fran. Eu sei. Ele quer a empresa. A empresa toda. Se só acreditares numa coisa que eu diga, acredita nisto. Ajuda-me a provar que estou inocente.

– Não sei, Martin. Não sei.

Terminei a chamada com um simples toque. Voltei a guardar o telemóvel no bolso e olhei para o fio, enrolado na palma da outra mão.

Fiquei assim um instante, e então, a debater-me um pouco com o fecho, pu-lo ao pescoço, e por qualquer razão senti-me mais ousada, como se em vez de um colar aquilo fosse um escudo.



Meti-me no carro e voltei à povoação. Àquela hora, seria uma viagem de hora e meia até Londres e eu precisava de comida e de uma casa de banho antes de pensar nisso.

Ao aproximar-me do café na rua principal, reparei que estava fechado. Havia dois *pubs*, um de cada lado da rua. Um deles era aquele em que tinha parado com Martin para uma bebida enquanto esperávamos que a tempestade passasse, e não tinha vontade nenhuma de lá voltar. O outro tinha um ar mais moderno, com um painel de ardósia escrita a giz ao lado da porta a anunciar que dispunha de restaurante e quartos vagos, e ambas as coisas me pareceram apelativas.

Deixei o carro no parque de estacionamento e entrei.

Detive-me junto ao balcão e olhei em redor. Havia uns poucos casais a jantar e os fumegantes pratos de salsichas e puré de batata que saíam da cozinha cheiravam tão bem como pareciam.

Peguei numa ementa.

– Isso é só para *snacks* ao balcão – disse uma rapariga que tirava uma caneca de cerveja que nem parecia ter idade para beber. – Se quer comer, escolha uma mesa e já vamos ter consigo.

– A quanto são os quartos?

– Setenta e cinco libras por noite.

Um outro membro do pessoal, um rapaz pouco mais velho do que ela, aproximou-se e disse uma graça qualquer. A rapariga riu e namoriscou um pouco antes de lhe entregar a caneca.

– Fico com um – disse eu, a tentar captar-lhe a atenção.

Ela limpou as mãos aos *jeans*, com um ar incomodado.

– *Okay*. Vou buscar a chave.

– E pode mandar qualquer coisa que se coma ao quarto?



O meu quarto ficava sob o beiral e tinha no tecto traves pintadas de preto que suspeitei serem falsas, só para dar uma aparência de antiguidade. Não havia minibar, mas havia um pequeno açucareiro cheio de biscoitos ao lado da chaleira.

Peguei nas três embalagens, sentei-me de pernas cruzadas em cima da cama e comi tudo, sem querer saber se ia estragar-me o apetite para o hambúrguer que tinha pedido ao serviço de quartos.

Recostei-me na almofada e fiquei a olhar para o tecto, para aquelas falsas traves negras, linhas escuras sobre o branco do estuque. Por um instante estava de novo no gabinete de Gil, a deixar que as fitas de luz me ajudassem a recordar a noite em que Donna tinha desaparecido. Não tinham surgido novas recordações, e eu já não tinha a certeza de as querer.

Tinha mesmo visto Martin sair da casa, ou essa recordação misturara-se com outra coisa qualquer? Pensava que tinha visto Martin e Donna, ele na rua, ela na janela do quarto no primeiro piso, mas talvez tivessem saído juntos. Seria possível que Martin tivesse arranjado maneira de levá-la até Essex? Não imaginava como teria conseguido fazê-lo depois da meia-noite, mas decidi deixar a minha mente correr com a ideia e ver até onde me levava.

Está a lidar com um homem encantador, brilhante e manipulador que fará tudo o que for preciso para conservar o seu dinheiro.

Não conseguia tirar da cabeça as palavras de Jemma. Senti um aperto na garganta ao perguntar-me se ela teria razão e tinha cometido um erro ao deixar Martin Joy entrar na minha vida.

Claro que houvera sinais de alerta, vislumbres de cantos escuros, e eu tinha-os ignorado, confundindo-os com paixão e intensidade.

Ainda tinha o telemóvel na mão e aproximei-o da cara. Teclei *encantador e manipulador* na barra de pesquisa da internet. Seria o meu cérebro de advogada a começar a funcionar?

As primeiras páginas eram todas elas histórias a respeito de psicopatas e sociopatas e lembrei-me de uma coisa que Clare me tinha dito a brincar na galeria de arte, sobre como, de todas as carreiras profissionais, banqueiros e CEO, eram os que mais tendiam a apresentar traços de personalidade psicopática.

Encontrei um artigo a respeito de psicopatas no local de trabalho, e outro a respeito de os sociopatas serem óptimos na cama.

A psicopatia, descobri, era uma condição psicológica baseada em avaliações diagnósticas. Ao que parecia, tratava-se de pessoas inteligentes e sinceras, fortes, encantadoras e muitas vezes manipuladoras ao ponto de nem os mais próximos suspeitarem da sua verdadeira natureza. As características comuns incluíam uma tendência para adoptar comportamentos violentos e dificuldade em formar relações emocionais. Mostravam disposição para correr riscos, revelavam ausência de empatia e remorso e uma baixa tolerância a terceiros. Vários psicólogos tinham sugerido que a recente crise financeira fora o resultado directo de psicopatia corporativa e da prevalência de psicopatas em Wall Street. Jornalistas, agentes da polícia e psiquiatras contavam também nas suas fileiras com uma das maiores proporções de psicopatas em comparação com a população em geral. E o mesmo acontecia com os advogados, embora eu não quisesse aprofundar muito esse ponto.

Quanto mais lia a respeito do psicopata no local de trabalho mais achava que Martin correspondia ao estereótipo. Encantador no trabalho. Encantador na vida. Encantador no amor. Tinha-me deixado seduzir desde o primeiro instante. O sorriso que parecia sempre estar a reter qualquer coisa, um sorriso que me fazia querer agradar-lhe cada vez mais. Havia os grandes gestos: a oferta da mala depois do nosso primeiro encontro, o descontraído «Vou comprar-te um carro»... Não podia negar que me sentira lisonjeada e atraída por aquela extravagância.

Não duvidava de que acontecera o mesmo a Donna. Tão socialmente ambiciosa que o tinha seduzido, e ignorado todas as falhas do seu casamento até que uma agressão violenta a fizera passar para o outro lado.



Uma pancada na porta distraiu-me destes pensamentos. Fui abrir e peguei na bandeja que a empregada que conhecera vinte minutos antes me estendia. Vi-a espreitar por cima do meu ombro, sem dúvida a perguntar-se o que fora que me levava a Dorsea Island sozinha numa segunda-feira à noite. Ocorreu-me que talvez fosse naquele momento o alvo da mexeriqueice local. Dorsea Island parecia o fim do mundo, mas os seus habitantes haviam de estar tão ligados às notícias como qualquer pessoa em Canary Warf. Martin Joy era o proprietário da maior casa da ilha; o facto fizera de certeza que fosse falado antes mesmo do desaparecimento da mulher. O gerente do outro *pub* tinha dito à polícia que vira Martin comigo, e não duvidava de que contara a mesma história a vizinhos e amigos, mais embelezada e dramatizada a cada repetição.

Fui sentar-me à pequena mesa junto à janela e pousei a bandeja com a comida à minha frente. Levantei a *cloche* prateada, debaixo da qual havia um hambúrguer um tudo-nada ensopado. O molho escorreu para cima da folha de alface que enfeitava o prato quando carreguei com as pontas dos dedos no pão húmido. Era demasiado grande para me caber na boca, de modo que o cortei com a faca de bife que brilhava na bandeja.

Quando o telemóvel tocou, estive tentada a ignorá-lo, mas uma parte de mim esperava que fosse Martin, a ligar com uma explicação a respeito do colar, a ligar para explicar tudo.

– Fran? Sou eu, o Tom. Tenho andado à tua procura. Onde te meteste?

Não era quem eu esperava, mas mesmo assim fiquei contente por ouvi-lo.

– Já leste o *Post on-line*?

Demorei uns segundos a perceber que estava a falar da edição digital do jornal de Jenny.

– Não, porquê? – disse, sem querer admitir que tinha estado na internet, mas a pesquisar sociopatas.

– Traz uma história a teu respeito, Fran.

– Oh, meu Deus – murmurei, a sentir o pânico crescer dentro de mim.

– Não chegam ao ponto de acusar-te de ter uma relação com o Martin Joy, mas andam lá perto.

Merda.

– Falaste com a Vivienne ou com o Paul? – perguntei.

– Acabo de a ler. Parece que a história foi publicada há poucos minutos, de modo que talvez consigas falar com eles antes que tenham oportunidade para te ligar.

Se tivesse um saco de papel, tinha começado a respirar para dentro dele.

– Além disso...

Não me digas, quis gritar. Não tinha a certeza de conseguir aguentar mais qualquer coisa.

– ... o inspector Doyle quer falar contigo amanhã.

– O que quer ele?

- Não sei ao certo. Mas referiu que o Pete Carroll voltou a contactá-lo. Ao que parece, ameaçaste-o no apartamento esta manhã.
 - Ameacei-o? Posso ter gritado com ele, mas foi tudo.
 - Fran, temos de denunciar o que ele te fez a semana passada. Oficialmente. Podemos ir à esquadra esta noite. Há uma excelente equipa em Islington.
 - Não posso – grasnei.
 - Já tive ocasião de tratar com membros da Unidade Safira deles... São muito compreensivos.
 - Queria dizer que não posso esta noite.
 - Por que não?
 - Porque estou em Essex.
 - Que diabo estás aí a fazer?
 - Fui a casa do Martin.
 - Estás a brincar...
 - Não te preocupes. Ele não está cá.
 - Mas tu não te devias afastar. Fran, não podes dar passos em falso neste momento...
 - A que horas temos de encontrar-nos amanhã?
 - Fran, tens de voltar a Londres.
 - A que horas vou ter contigo?
- Ele suspirou, resignado.
- Vamos ter de estar na esquadra às onze.
 - Então encontramo-nos às dez e meia – disse eu, e desliguei.



Dei uma dentada no hambúrguer, mas já não tinha fome. Afastei o prato e dobrei o joelho contra o peito, a apoiar o calcanhar na beira da cadeira.

Tom tinha razão. Que estava eu ali a fazer? Várias forças policiais um pouco por todo o mundo não tinham conseguido resolver alguns dos mais famosos casos de pessoas desaparecidas. Que esperança podia eu depositar no inspector Doyle e na sua equipa?

Restavam-me 10% de carga na bateria do telemóvel, mas tinha de ler a história do *Post*.

ADVOGADA PRÓXIMA DE MARTIN JOY

Um artigo de Jenny Morris

Soube no mesmo instante o que tinha acontecido. Soube que tinha sido tramada.

Em termos de notícia, a peça era fraca, para dizer o menos. Se Jenny andava à procura do seu Watergate, não era de certeza aquilo.

A doutora Day não comentou a natureza exacta da sua relação com o marido da beldade desaparecida, Donna Joy, mas admitiu que era «complicado».

À medida que continuava a ler, descobri que não estava desapontada pela traição de Jenny. No fundo de mim, esperava-a.

Ela soubera que conseguir um acesso exclusivo a Martin Joy seria improvável, de modo que só tinha querido salvar a sua pele. É assim que as coisas funcionam para toda a gente nos tempos que correm, não é? Trepar pela escada, lutar, conseguir, possuir, ir em frente, custe o que custar.



Mordisquei uma batata frita, a perguntar-me se devia ligar a Vivienne. Devia-lhe pelo menos isso. Só por si, ter uma relação com um cliente talvez não fosse o suficiente para me expulsarem da firma, mas juntando-lhe tudo o mais – admitir que estivera em casa de Donna naquela noite, ameaçar Pete Carroll – sabia que estava acabada.

A menos que Donna aparecesse. Ou a menos que o seu corpo fosse encontrado e o suspeito fosse outra pessoa qualquer menos eu ou Martin.

Soube naquele momento que tinha duas opções. Podia entregar o colar ao inspector Doyle e esperar que ele limpasse o meu nome, ou podia acreditar em Martin e tentar provar a ligação entre Alex Cole e o desaparecimento de Donna.

Martin tinha suplicado que acreditasse nele. Teria chegado o momento de correr esse risco?

Obriguei-me a pensar, mas era difícil. A ansiedade e o medo emperravam todas as engrenagens e rodinhas do meu cérebro.

Os meus pensamentos giravam à volta de Martin e de Donna, e voltavam a Tom.

Uma coisa que o meu amigo tinha dito a respeito de um caso anterior fê-los parar.

Quando Tom defendera Nathan Adams, alegara que embora o seu cliente tivesse fama de ser um patife, isso não significava que tinha feito mal à mulher. Mas continuava a ser um motivo de profunda vergonha para Tom Briscoe ter tido êxito com aquela tática de defesa e Suzie ter acabado por ser assassinada.

As palavras de Tom ecoaram-me na cabeça.

A advogada estava arrasada. Disse-me: «Vamos ter de esperar pela próxima vez.»

Pensei na importância das palavras que a advogada de Suzie tinha dito. Toda a gente sabia que Nathan Adams era um psicopata agressivo, mas o brilho de Tom em tribunal e a ausência de provas concretas tinham significado que escapara a uma condenação.

Nathan Adams estava preso, a cumprir uma pena de prisão perpétua por assassinio. A polícia e os tribunais tinham acabado por apanhá-lo porque ele fora violento uma *segunda* vez.

Senti-me zozza com o começo de uma ideia e deixei-a ganhar velocidade. Peguei na faca de carne que estava no meu prato e limpei-a ao guardanapo. Devagar, mudei a forma como a segurava, de tal modo que já não estava a empunhá-la como um talher, e sim como uma arma.

E então, sem pensar mais no perigo que a minha mente sugeria, vesti o casaco, guardei a faca no bolso, peguei no telemóvel e comecei a caminhar de regresso a Dorsea House.

Capítulo 45

Sabia que tinha de fazer a chamada logo que saísse do *pub*, pois caso contrário talvez nunca conseguisse chegar a fazê-la.

Hesitei ao passar a minha lista de contactos e soprei com força.

Ele respondeu quase no mesmo instante.

– Não tinha a certeza de se alguma vez voltarias a falar comigo – disse, numa voz que sugeria surpresa. – Onde estás? A julgar pelo som é num túnel de vento.

– Estou a andar – respondi, a apertar o telemóvel contra a cara para que conseguisse ouvir-me. – Preciso de contar-te uma coisa. Preciso de contar-te tudo.

Seguiu-se uma longa pausa – uma pausa que me deu tempo para reconsiderar e desistir do que tinha decidido fazer.

– Continua – disse Alex Cole.

Desejei ter um cigarro. Precisava de nicotina ou de álcool e não tinha nenhuma das coisas para me acalmar os nervos. À falta de melhor, enfiei o indicador na boca e mordi a unha até voltar a falar.

– Eu sei que todos ainda esperamos que a Donna esteja bem e a salvo num lugar qualquer. E vou ser franca, isso deve-se em parte ao meu desejo de que o Martin não tenha tido nada a ver com o desaparecimento dela.

– Penso que nesse ponto estamos todos de acordo contigo – disse Alex, num tom encorajador.

– Como sabes, pedi a um detective privado que investigasse as idas e vindas da Donna. Foi assim que soube da vossa relação.

– Jesus, Fran. Quantas vezes tenho de te dizer? Não houve relação nenhuma...

Não o deixei acabar.

– O meu detective também me disse que a Donna e o Martin continuavam a ter relações sexuais. Eu sabia que eles iam encontrar-se na noite em que ela desapareceu, e segui-os. Foram para casa dela, mas o Martin saiu algum tempo depois.

– Disseste isso à polícia? – perguntou ele, incrédulo.

– Sim, mas não sei se acreditaram. Na verdade, tenho a certeza de que não. Ontem estiveram quase a deter-me.

– Deter-te? Merda.

– Como podes imaginar, não fico nada bem na fotografia. Estar envolvida com o Martin, andar a segui-lo e à Donna. Se fosses polícia, pensarias que sou uma amante obsessiva. Talvez até perigosa.

– Por que estás a contar-me isto?

Engoli saliva. Tinha de fazer aquilo.

– Porque tenho uma prova contra o Martin. E porque não sei o que fazer com ela.

– Que prova?

Contei-lhe do colar e da insistência de Martin em que Donna nunca estivera em Dorsea.

– Se quisesse desembaraçar-me de alguém, era para onde levaria essa pessoa – murmurou Alex. –

A minha casa solitária junto ao mar.

– A polícia revistou a casa, mas não encontraram o colar.

– Nem um corpo, assumo.

– Duvido que tenham encontrado qualquer coisa importante, ou a equipa forense ainda aqui estaria

– respondi.

Fiz uma pausa antes de lhe contar o resto do meu plano. Estava a suar um pouco, apesar do frio. A mão que segurava o telemóvel estava húmida, a minha respiração era irregular e arranhava-me o peito.

– Esta noite vou ficar em Dorsea House. Amanhã entrego o colar ao inspector Doyle.

– O Martin sabe de tudo isso?

– Não – disse eu muito depressa. – E não lhe digas nada. Só te disse a ti porque acho que mereces estar preparado. Se o Martin for preso, e se desta vez for acusado, vais precisar de tempo para lidar com as consequências desta história.

– Obrigado. Agradeço tudo o que fizeste por nós.

Tremiam-me as mãos quando desliguei. Agora só tinha de esperar.



Deixei passar alguns instantes, a andar de um lado para o outro, antes de voltar a pegar no telemóvel.

– Sou eu.

– Graças a Deus – disse Martin, a parecer aliviado.

– Quando há pouco desligaste, comecei a entrar em pânico.

Tentei acalmar-me.

– Podemos encontrar-nos amanhã de manhã?

– Claro.

O tom foi esperançoso.

– Tenho de falar com o inspector Doyle às onze. Talvez possamos encontrar-nos às nove e meia em Pimlico. Se eu chegar atrasada, espera por mim. Fico em Dorsea esta noite e o trânsito na hora de ponta para Londres é capaz de ser mau.

– Não podes vir esta noite? Podíamos arranjar um hotel, como da outra vez.

– Estou aqui agora. Além disso, o tempo está tão mau que acho que o melhor é não sair. Não te importas que fique na casa, pois não? É capaz de estar demasiado frio no barracão, mas reparei que há alguns quartos no primeiro piso.

– Ainda tens o colar?

– Estou a usá-lo – respondi, e levei a mão ao pescoço.

– Já decidiste o que vais fazer com ele?

– Não sei, Martin. Falamos a esse respeito amanhã. – A apertar o colar com força, tive a sensação de que podia estrangular-me. – Temos de encontrar a Donna, é a única coisa que pode ajudar-nos agora.



- Tom, sou eu.
- Diz-me que vens a caminho de Londres.
- Não esta noite – respondi, decidida a não me deixar demover.
- Acabo de falar com o Doyle. Não se alargou muito a respeito do encontro de amanhã, mas penso que temos de estar preparados. Encontraram o condutor do minitáxi que te levou a casa. Ao que parece, apanhou-te em King’s Road à uma e meia e levou-te a Islington. O pessoal do Walton Arms confirma que às onze e vinte já toda a gente tinha saído do *pub*. O Doyle vai querer saber o que andaste a fazer em Chelsea durante duas horas.
- Sabes que não tenho resposta para isso, Tom.
- Também falei com o Matthew Clarkson.
- Soube pela pausa que não ia gostar do que aí vinha.
- O sangue que encontraram na cama da Donna. Não era menstrual.
- Tentei não imaginar a cena. Manchas vermelho-acastanhadas sobre linho italiano branco, como álcali sobre papel tornassol.
- A equipa forense está convencida de que a Donna sangrou no quarto naquela noite. Estão a trabalhar numa análise dos padrões de dispersão para tentar arranjar uma teoria sobre o que pode ter acontecido.
- Como tinha Martin ferido os nós dos dedos? Como tinha eu arranjado um golpe na perna? Por que fora que Donna sangrara? Tinha tantas perguntas a latejarem-me na cabeça que receei que estalasse.
- Fran, por favor, volta para Londres. Se a polícia descobre que infringiste as suas ordens, se descobre que estás em casa do Martin, é muito possível que te prendam.
- Vou ter de correr esse risco.
- Penso que temos de começar a reunir uma equipa legal.
- Não precisamos disso. Por enquanto. Mas preciso que faças uma coisa por mim. Preciso que venhas ter comigo. Eu sei que é pedir muito, mas pode ser a única coisa capaz de pôr fim a tudo isto.

Capítulo 46

O meu avô gostava de levar-me à pesca. Depois de os meus pais se divorciarem, a minha mãe gostava de me ver fora de casa. Não havia muito que fazer na nossa cidade para uma miúda de catorze anos. O pessoal do balcão no *pub* começara a pedir documentos de identidade e éramos corridos pelo vigário local sempre que levávamos a nossa cidra e os nossos cigarros para o parque.

Pescar nunca havia de ser o desporto ideal para uma adolescente e eu não me distinguia pela paciência, nunca conseguia ficar sentada mais de uma hora à espera que o peixe mordesse. Mas adorava a caixa de iscos do meu avô, aquelas minúsculas penas encarnadas, azul-turquesa e verdes que ele prendia ao anzol com os dedos fortes e manchados de nicotina. Eram pequenas manchas de cor no meu mundo cinzento.

Há muito tempo que não pensava naquelas tardes junto ao rio, mas de repente não conseguia pensar noutra coisa. Recordações seguras, em que podia confiar...



Quando vestira o casaco e fechara a porta do quarto decidida a voltar a Dorsea House, ao sair do *pub* tinha tirado de passagem uma tabela das marés, deixando uma moeda de uma libra na «caixa da honestidade». Na rua, puxara para cima o fecho de correr do casaco e deixara o cheiro a sal e a iodo do mar guiar-me até ao caminho costeiro. Vi uma fila de cabanas de pescadores à minha direita e uma faixa de praia de seixos salpicada de barcos amarrados à minha esquerda enquanto caminhava a passo rápido e usava o telefone, a deixar os sons da natureza acalmarem-me. O vaivém das ondas sobre os seixos e o vento a soprar por entre as ásperas ervas que ladeavam o caminho de asfalto. Os meus olhos derivaram para o mar e vi os pontos de luz moverem-se devagar na água escura; navios porta-contentores que levavam as suas cargas para a Europa, África e mais além.

Depois de falar com Tom, enfiei as mãos nos bolsos e decidi que ia considerar a possibilidade de fazer um cruzeiro quando tudo aquilo tivesse acabado. Imaginei-me a vestir-me para o jantar e a beber *martinis* num bar de inspiração *art déco* de paredes apaineladas a madeira. Conversaria com interessantes casais reformados e jogaria jogos de convés como a heroína de um romance de Agatha Christie.

Nunca tinha feito um cruzeiro e de repente estava desesperada por fazê-lo, além das muitas outras coisas que tinha querido experimentar mas nunca conseguira porque o trabalho não deixara. Cursos de culinária na Toscana, passeios a cavalo pelas montanhas da Andaluzia e longas viagens de comboio de Sampetersburgo à Sibéria ou uma travessia por estrada de Nova Iorque a Los Angeles. Aulas de olaria e cursos de dramaturgia, aprender italiano e tocar saxofone. Todas estas coisas constavam da minha lista de desejos e decidi fazer todas elas se conseguisse sobreviver àquela semana.

Dorsea House erguia-se à minha frente, recortada contra um céu riscado de azul-escuro e malva. As nuvens carregadas de chuva tinham desaparecido e as estrelas começavam a cintilar, como grãos de açúcar sobre veludo azul, a lua cheia uma flor de dente-de-leão suspensa no firmamento.

Segui a fila de luzes ao longo do caminho costeiro de regresso à casa e entrei pela porta da estufa.

O interior estava escuro e silencioso, exceptuando o suave arrulhar dos pombos que eu sabia fazerem ninho entre as traves do tecto. Usei a lanterna do telefone para procurar um interruptor, apesar de não fazer ideia de se a corrente continuava ligada. Localizei um junto à porta da estufa e suspirei de alívio quando o candeeiro do tecto se acendeu.

Fui andando de sala em sala, a acender luzes até que o lugar pareceu um pouco mais convidativo. Arranquei lençóis de cima de móveis e sofás, a tossir por causa das nuvens de pó que se levantavam.

Sentia-me como que possuída por uma estranha determinação. As engrenagens estavam em movimento, e embora eu soubesse que podia pará-las regressando a Londres, também compreendia que jogar pelo seguro não ajudaria a melhorar a minha posição.

Tinha feito as escolhas erradas ao longo daquele último par de meses. Podia ser presa ou expulsa da profissão. Não tinha a mais pequena hipótese de chegar à seda e tinha dois homens que afirmavam estar apaixonados por mim. À luz dos factos, era uma coisa boa, tendo em conta o meu prolongado celibato, mas quando se considerava que um deles era um potencial assassino e o outro um violador, podia-se com alguma razoabilidade pensar que as coisas podiam ser melhores.

Não regressar a Londres, dizer a Alex Cole e a Martin Joy onde estava – sozinha num velho casarão junto ao mar –, parecia também ser uma das minhas ideias mais estúpidas. Estar sozinha tornava-me vulnerável. Descartável. Mas era esse o ponto. À beira do abismo, estava de novo no controlo e a dar luta.

Recordei um recente caso de divórcio de que tinha tratado, na esperança de que me ajudasse a racionalizar o que estava a fazer. O Direito sempre fora a minha manta de aconchego, a minha rede de segurança, e naquele momento precisava da sua ajuda. O meu cliente era um conhecido futebolista, e embora eu não soubesse grande coisa de futebol, sabia o suficiente para saber que era considerado um dos nossos melhores jogadores de todos os tempos – como se confirmou, dentro e fora do campo. A mulher, Candace, pedira o divórcio quando a notícia do caso que ele mantinha com a fisioterapeuta dera ao *Sun* matéria para uma semana de cabeçalhos. As coisas puseram-se feias, com acusações de infidelidade a voarem de um lado para o outro e o meu cliente a recusar abrir mão de metade do seu dinheiro para alguém que passara a acusar de ser uma caçadora de fortunas.

Não me competia a mim julgar quem merecia o quê. Tinha instruções do meu cliente para salvar tanto da sua fortuna quanto pudesse, de modo que quando o caso chegou a tribunal dediquei noventa por cento da minha energia a tentar provar que ele era um génio. Que o seu talento era tão único, tão especial, que correspondia a uma contribuição especial para o casal, pelo que merecia uma parte maior dos bens conjugais.

Nem o advogado do cliente concordara com a minha estratégia; e à medida que os honorários iam subindo, o cliente também não. Era um risco demasiado grande, muito poucos homens tinham alguma vez conseguido convencer um juiz das suas excepcionais capacidades ao ponto de o fazer faltar à habitual regra de uma repartição equitativa.

Mas a jogada resultara. Como tinha explicado ao meu encantado cliente à porta do tribunal, quando se queria ganhar em grande era preciso correr grandes riscos.

Apesar de estar dentro de casa, tiritava de frio. Ou talvez fosse de medo. Se Martin ou Alex fossem àquela casa naquela noite, seria sem a mínima dúvida com o propósito de me silenciar. Não fazia a mais pequena ideia de até onde estavam preparados para ir.

Sentei-me num cadeirão de braços sob a suave claridade de um candeeiro de leitura e tentei decifrar a tabela de marés. De acordo com gráfico, a preia-mar à 01.25 provocaria uma subida de 4,94 metros do nível das águas. Segundo o que Martin me tinha dito durante a nossa última visita, isso andava no limiar do que era necessário para inundar a estrada de acesso. Recordei-me que se tratava apenas de uma previsão, e que era muito possível que ninguém atravessasse até Dorsea naquela noite. Estava a usar-me a mim mesma como isco, mas talvez não houvesse peixes no rio. Talvez nem Alex nem Martin tivessem qualquer coisa a ver com o desaparecimento de Donna. Talvez, talvez...

Sentada sozinha no escuro, dei pelos meus pensamentos a voltarem àquela noite. Que mais tinha visto? Que andara a fazer durante as duas horas passadas entre o momento em que vira Martin sair da casa e apanhara um táxi? Continuava a não saber.

Verifiquei o telemóvel. A carga da bateria tinha descido para 8%. Baixei o brilho azul do ecrã para poupar energia, mas antes de voltar a guardar o aparelho no bolso enviei uma mensagem a Clare.

Desculpa o que aconteceu ontem. Tenho saudades tuas. Esta noite estou em Essex mas amanhã falamos, por favor.

Premi o ícone de enviar e, por qualquer razão, senti que aquilo era uma despedida.



Estava a ficar com sono. O que não podia ser.

Não havia café, e nem uma cafeteira, na cozinha, de modo que tive de contentar-me com chapinhar a cara com a água fria que saía a gorgolejar da torneira.

Havia uma pequena biblioteca que calculei ter servido de sala de actividades quando a propriedade funcionava como casa de repouso. Ainda havia jogos de tabuleiro empilhados nas prateleiras: gamão, damas e *scrabble*, as caixas desbotadas pelo tempo e pelo sol. E havia também resmas de revistas: *The Field*, *Boating* e *Country Life*, com datas que remontavam a quase uma década.

Peguei num par delas e subi as escadas. Escolhi um quarto nas traseiras. Tinha um banco num dos cantos da grande janela de sacada com vista para a escuridão do mar.

Era também um dos poucos quartos onde ainda havia uma cama, feita com mantas e uma almofada. Bati no colchão para o afofar e sacudi o pó dos lençóis, e então pendurei o casaco num cabide atrás da porta.

Dez horas. Dez e meia. À espera, a vigiar.

Bateria do telemóvel a 6%.

Consegui arrancar um acesso à internet. Havia um quartel de bombeiros na ilha e a polícia estava sediada em Colchester, a alguns quilómetros de distância. Mesmo com uma chamada de emergência,

podiam demorar um quarto de hora a chegar a Dorsea, mas os bombeiros estariam ali em poucos minutos.

– Então, Tom, onde estás tu? – murmurei. Pensava que Tom seria o primeiro a chegar. Vinha de North London, de modo que era o que estava mais perto. Mas por que estaria a demorar tanto? Tinha passado hora e meia desde que lhe ligara, devia estar a chegar.

O ar cheirava a humidade e a mofo. Abri a janela para deixar entrar a brisa e ouvi a sirene de nevoeiro de um dos navios que horas antes tinha visto desaparecer na escuridão.

Sentei-me na cama a escutar o silêncio, a apurar o ouvido para o barulho de um carro a subir o caminho de acesso.

Abri muito os olhos para ficar alerta. O meu plano dependia de me manter acordada. Deixar-me adormecer podia ser catastrófico. Folhee uma das revistas e depois outra, ficando a saber tudo a respeito de ler a bússola e das estações de pesca do salmão. Tentei absorver cada palavra, cada fotografia, na esperança de que me distraísse do martelar do meu coração.



Quando o telemóvel tocou, precipitei-me a atender.

Atrapalhei-me com o ecrã quando vi que a chamada era de Tom.

– Fran, tens de sair daí.

– Porquê?

– Tive um maldito furo.

Uma energia gelada correu-me até às pontas dos dedos.

– Estou em Chelmsford, de modo que não devo demorar muito a consertar o pneu e chegar a Dorsea, mas não quero correr riscos. Sai da casa. Não podes estar aí sozinha. Arranja um lugar onde ficar. Há dois *pubs* na ilha. Ambos têm quartos. Vai para um deles e eu vou lá ter contigo.

– Está bem – foi tudo o que consegui dizer.

Hesitei enquanto tirava o casaco do cabide. Lutar ou fugir. Ficar ou ir-me embora.

Parecia-me que tinha chegado demasiado longe para voltar costas agora, mas Tom tinha razão, estaria mais segura no *pub*.

Toquei no colar de Donna que me rodeava o pescoço, a desejar que ela me ajudasse, de mulher para mulher.

O tempo piorara e ouvia a água correr com força pelas esburacadas sarjetas. Mas então ouvi-o, um ruído através do bater regular da chuva.

Saí para o escuro patamar, onde se ouvia melhor. O ronronar suave do motor de um carro, e depois os pontos de luz de uns faróis a aproximarem-se da casa. Fiquei contente por o caminho de acesso ser comprido e o carro avançar muito devagar por causa do mau tempo.

Não tinha tempo para sair dali, mas sabia que tinha de pensar depressa. Era impossível Tom ter feito o percurso desde Chelmsford em tão pouco tempo, de modo que tinha de ser outra pessoa que se aproximava da casa.

O telemóvel tremia-me na mão. Procurei a lista de contactos, mas estava a tremer tanto que mal conseguia fazer a chamada.

Não tinha o número directo do inspector Doyle, mas tinha o do sargento Collins.

Liguei e esperei que o toque de chamada começasse a soar. Mas o sargento não atendeu. Em vez disso, a chamada foi directa para o *voice-mail*.

Obriguei-me a dizer as palavras. Não tinha esperado sentir-me tão indefesa, tão paralisada.

– Senhor Collins. Sargento. Fala Francine Day. Esta é uma comunicação urgente relacionada com o desaparecimento de Donna Joy. Estou em Dorsea House, em Dorsea Island, no Essex. Repito, Dorsea House em Dorsea Island. A casa pertence ao meu cliente, Martin Joy. Disse-lhe que tinha provas contra ele e agora veio procurar-me. Por favor, ligue-me. Estou muito assustada. Tenho motivos para pensar que pode querer fazer-me mal.

Sabia que parecia uma maluca. Não parava de pensar nisso enquanto as palavras me saíam da boca. As palavras de uma mulher paranóica. Não fazia ideia de se o sargento Collins ia acreditar em mim. Falar para uma máquina não me enchia de confiança de que alguém pudesse ajudar-me.

Tentei a esquadra de Belgravia, mas outra máquina informou-me de que havia balcões de atendimento permanente em localizações alternativas.

Quem mais... 112? Bombeiros ou polícia ou ambulância.

Só queria ver alguém. Fosse quem fosse. Quem pudesse chegar ali mais depressa.

Liguei para os serviços de emergência e uma voz calma perguntou-me que serviço pretendia. Tentei visualizar a rua principal de Dorsea Island e o seu minúsculo quartel de bombeiros.

– Bombeiros – respondi, a saber que era a minha única hipótese. – Estou em Dorsea House, em Dorsea Island, e há fumo. Preciso que alguém venha cá o mais depressa possível.

A voz calma pediu-me que explicasse tudo o que tinha acontecido.

– Estou cá em cima, no quarto. Cheira-me a queimado.

– Vê chamas?

– Sim – menti. – Vejo chamas no piso térreo da janela do meu quarto. Estou em perigo. Por favor venham depressa.

Espreitei para a noite e vi a forma de um carro desportivo. Um *Audi* preto.

A tristeza avassalou-me. Martin tinha vindo. Estivera tão enganada, a respeito de tudo.

Queria confiar em que ele nunca faria nada para me magoar. Fora o que na verdade me levara a Dorsea Island. Um teste. Um teste para ver se Martin me amava, e ele tinha chumbado. Eu tinha chumbado.

Fui buscar forças não sei onde e escrevi uma mensagem para Clare e para Phil Robertson.

Martin Joy matou Donna Joy. Estou em Dorsea House, em Dorsea Island. Tenho provas e ele veio procurar-me.

Vi o círculo dar voltas e mais voltas a indicar que as mensagens ainda não tinham sido enviadas.

– Vá lá! – gemi, frustrada.

Ouvi a porta de um carro fechar-se. Corri para o quarto e fechei a porta, encostei-me a ela enquanto tentava normalizar a respiração.

Sabia que podia esconder-me ou podia confrontá-lo e dizer-lhe que era inútil tentar silenciar-me. Já tinha falado do colar a toda a gente: Doyle, Collins, Tom Briscoe, Phil Robertson. Donna Joy tinha

estado ali. Eu sabia-o. Toda a gente sabia.

Ou podia lutar. A faca do *pub* continuava no bolso do meu casaco. Tirei-a e fechei os dedos à volta do cabo de madeira.

Enfiei-me na cama e puxei as mantas até ao queixo, a mão a agarrar a faca, pronta para ferir.

Ouvi a escada ranger e os passos deterem-se do outro lado da porta.

A Lua desapareceu atrás de uma nuvem e o quarto ficou ainda mais escuro. Por mais que esforçasse os olhos só conseguia ver sombras.

A porta abriu-se com um rangido. Tinha esperado que ao menos chamasse o meu nome, mas em vez disso houve apenas silêncio, como se o mundo tivesse parado de girar.

Fechei os olhos, a fingir estar adormecida. Continuava a empunhar a faca com uma mão suada e trémula. Não acreditava que ele me fizesse mal. Não podia acreditar.

Sentia agora a sua presença no quarto. Abri os olhos e olhei para a forma aos pés da cama.

– Martin, não – disse em voz baixa.

A figura avançou para mim. No escuro, reparei que usava roupas negras como o céu nocturno e uma máscara de esqui que lhe tapava quase toda a cara.

– Martin, por favor – disse, a sentir uma lágrima correr-me pela face gelada. – Eu sabia que virias. Telefonei à polícia. E ao serviço de emergência. Alguém vai chegar aqui de um momento para o outro...

A mão dele tapou-me a cara e eu comecei a debater-me. Era forte.

Tentei respirar, mas a mão que me tapava o nariz e a boca impedia o ar de me chegar aos pulmões. Uma série de imagens relampejou diante dos meus olhos. O quarto de hotel. Martin a beijar-me, a segurar-me os pulsos, a imobilizar-me. O *pub* em Chelsea, o barulho do jogo de perguntas e respostas lá em cima, alto, como uma partida de futebol. Toda a gente a sair, pessoas a rir. Sozinha na rua. A vigiar, à espera. Uma cancela aberta para um apartamento na cave. Varões negros. Degrau frio. Sentada, à espera, a vigiar.

A mão fazia força para baixo. Não conseguia respirar, o meu corpo inteiro gritava a exigir oxigénio. Uma porta aberta. Martin na rua. Dona à janela. Enevoados, sonolentos. Demasiado álcool. A cabeça às voltas. Dona na rua. Um carro escuro. Cabelos louros. Gases de escape. Um táxi. Dor dilacerante. Sangue nos meus *collants*. Estava tudo a voltar, numa torrente.

Tentei manter-me forte, mas estava a apagar-me depressa.

– Francine!

Alguém gritava o meu nome. A pressão na minha cara e no meu corpo abrandou e percebi que o intruso estava a ser arrastado para longe de mim. Sentei-me na cama, a faca pronta na mão, e vi duas pessoas a lutar, mãos a tentarem agarrar, a desfecharem violentos murros contra o adversário.

Demorei um segundo a reconhecer Martin, e mais outro para o meu cérebro ligar os pontos, a perceber que ele estava a lutar contra o intruso, o que significava que o homem com a máscara de esqui era outra pessoa.

O meu coração batia loucamente enquanto a minha mão suada empunhava a faca.

– Alex, pára! – gritei, o meu cérebro a juntar as peças.

Sabia que tinha de ajudar Martin, mas que aconteceria se a lâmina cortasse o membro errado? Os meus olhos desviaram-se para a direita, para uma velha jarra na mesa-de-cabeceira. Larguei a faca e levantei-me da cama, peguei na jarra com mãos inseguras. À minha frente, tudo pareceu esbater-se. Barulho, movimento, sombra. Martin agarrou a máscara de esqui do atacante, puxou-a e preparou-se para bater. Houve um estilhaçar de vidros, um grito, e então vi Martin enquadrado pela janela quebrada. Voltou-se e envolveu-me nos braços. Senti o cheiro a suor e a medo, mas fiquei ali quieta por alguns instantes, grata por estar viva, antes de me voltar para a janela. E então espreitei para o pátio por entre as pontas de vidro partido e não vi nada senão o rosto muito branco de Sophie Cole voltado para o céu.



Os bombeiros foram os primeiros a chegar, seguidos pelos paramédicos, que tinham vindo de Colchester.

Eu mal conseguia falar com qualquer deles e deixei Martin assumir o controlo, sem querer ver ou ouvir. Em vez disso, encontrei um canto sossegado da casa e apertei os joelhos contra o peito, o som das sirenes e as luzes azuis a diluírem-se na escuridão, enquanto Sophie era levada para o hospital e os bombeiros se apercebiam que não lhes restava nada que fazer.

Uma voz no vento chegou até mim, a gritar que a estrada estava inundada e que só daí a uma hora seria possível circular, embora o inspector Doyle da esquadra de Belgravia já tivesse sido avisado e estivesse a caminho.

– Como vai isso, querida? – Uma agente da polícia entrou no quarto onde eu estava e pôs-me uma manta por cima dos ombros. – Há uma chaleira por aí algures?

– Não. Não vai encontrar nenhuma nesta casa – disse eu.

Ela olhou para mim, como que a perguntar-se que género de vida fazia eu ali em Dorsea House. Imaginava-me sem dúvida como uma louca Miss Havisham, e a verdade era que eu sentia uma debilidade mental muito parecida com uma das mais famosas personagens de Dickens.

– A propósito, acho que um amigo seu está aqui para a ver.

Quando ergui os olhos, Tom estava parado no umbral.

Pus-me de pé com um esforço e deixei-o abraçar-me.

– Conquistaste – disse, com a cara enterrada no ombro.

– Consegui atravessar a passagem. Mais vale tarde do que nunca.

– Bem, perdeste o espectáculo.

Ele não achou graça à piada.

– Lamento muito, Fran.

– Não precisei de ti – respondi.

– Pois não, nunca precisaste.

Aquilo era um elogio, e eu permiti-me um sorriso agradecido.

– Ouvi as pessoas falarem – disse ele. – Ao que parece, a Sophie Cole está viva. É espantoso que tenha sobrevivido à queda.

Assenti com a cabeça, sem saber se ia conseguir esquecer a imagem dela estendida no cimento, como uma marioneta a que tivessem cortado os fios.

– A Sophie pertence ao grupo dos sobreviventes. Está em plena forma, é forte. Tenho a certeza de que vai viver.

– É melhor eu ir. O Martin quer falar contigo.

– Fica mais um bocadinho – pedi, sem saber muito bem o que pensava de ficar sozinha com Martin.

– Estava enganado a respeito dele – disse Tom, passado um segundo. – Tinha a certeza de que tinha sido ele a matar a Donna. Peço desculpa. Devia ter confiado no teu julgamento.

– Não, também eu estava enganada a respeito dele – disse, mais para mim do que para o meu amigo. – Diz-lhe que vou ter com ele lá fora.

Todos me ignoraram quando apareci no caminho de acesso com passos trôpegos, a manta que me envolvia os ombros a arrastar pelo saibro. Sabia que mais tarde ou mais cedo alguém havia de querer falar comigo, mas naquele momento o meu papel era secundário. Havia um banco no relvado dianteiro debaixo de uma bétula e sentei-me na beira enquanto via Martin sair da casa e avançar ao meu encontro.

– Obrigada – disse, quando ele se sentou a meu lado. – Obrigada por teres vindo.

Ele não respondeu. Limitou-se a estender a mão e apertar-me o ombro.

– Como soubeste que tinhas de seguir a Sophie? – perguntei. Estava a tentar juntar as peças, mas sentia a cabeça demasiado enevoada.

– Porque sei como és inteligente. Quando me ligaste e me disseste que estavas em Dorsea House e que tinhas o colar, soube que estavas a testar-me, a engodar-me a vir até cá. Mas pensei, esperei, que tivesses feito o mesmo ao Alex. E não me enganei. A minha surpresa foi ter sido a Sophie a sair de casa para vir ter contigo e não o Alex.

– Estavam então nisto juntos? – perguntei, devagar.

Martin pousou a mão fria sobre a minha.

– Não sei. Mas tenho a certeza de que não tardaremos a descobrir.

Fez uma pausa antes de voltar a falar.

– Não posso crer que a Sophie tenha feito isto. Pensas que conheces as pessoas... – disse em voz baixa.

Olhei para ele e vi que estava a chorar.

– Não chores, acabou-se – disse, numa voz suave.

– Só gostava de saber o que fizeram com ela. O que fizeram à Donna.

Enfie o braço no dele, constrangida.

Senti-me como se estivesse sentada ao lado de um estranho, mas não era assim que queria vê-lo.

– Temos de encontrar o corpo – disse Martin, recuperando a compostura. – Ela gostaria de um grande funeral. A Donna adorava pessoas. Vamos reunir toda a gente. Ela havia de gostar.

Senti as lágrimas alagarem-me os olhos. Tanto que era difícil focar o que tinha à minha frente. Limpei a cara com as costas da mão e ouvi passos aproximarem-se a pisar o saibro. Ergui a cabeça e vi um polícia uniformizado, com um ar de autoridade.

– Senhor Joy? – disse, a parecer inseguro.

Martin assentiu.

– Inspector Bannister, da polícia de Colchester. O inspector Doyle da Met vem a caminho, mas pensei que devia saber disto antes de ele chegar... Um dos meus colegas está com Sophie Cole no hospital. Conseguiu ter uma curta conversa com ela... Como é óbvio, ainda não foi possível confirmar isto, mas ela diz-nos que a sua esposa, Donna Joy, está viva.

Capítulo 47

Acordei sozinha no barracão das ostras a ouvir o grito de uma gaivota que descrevia círculos no céu. As estrelas tinham-se dissolvido e o céu nocturno empalidecera. O Sol começava a erguer-se do outro lado do estuário, os seus raios rosados a traçarem compridas fitas metálicas sobre a água, a beleza desolada da paisagem substituída por qualquer coisa que era quase bonita.

Só um momento mais tarde me apercebi de que tinha sido o ruído de pancadas na madeira que me acordara.

O inspector Doyle estava à porta do barracão.

– Alguém me disse que tinha vindo para aqui para dormir um pouco.

– Estava quase a delirar. Precisava de descansar.

– Como se sente? – perguntou ele, entrando no barracão e sentando-se numa cadeira desconjuntada.

– Já me senti melhor – respondi, a sentir a secura na garganta.

– Onde está o Martin?

– Ainda na casa.

Olhei para ele, expectante.

– Já falou com a Sophie Cole?

– Os meus colegas falaram. Pelo que pude deduzir, partiu a coluna, as duas pernas, várias costelas. Estamos à espera de uma avaliação completa, mas o mais certo é ter de ficar alguns dias no hospital antes de ser transferida para outro lado qualquer.

– Foi acusada?

Ele assentiu.

– Intenção de causar danos físicos graves. E perversão do curso da justiça.

Fiquei desapontada. Sabia que Sophie tinha querido matar-me. A acusação parecia não corresponder ao crime.

– E a Donna? – perguntei, sentando-me na cama. – Já a encontraram?

Doyle fez uma pausa antes de falar.

– Ao que parece, está em França. A Sophie Cole deu-nos um endereço. Dois agentes meus vão a caminho para o verificar.

– *França?* Que está ela lá a fazer?

Fragmentos de recordações encheram-me a cabeça. Phil a ver Donna passar pelo controlo no terminal das partidas internacionais do Eurostar, Martin a comprar a quinta dos avós no Loire.

– Está escondida – disse Doyle.

Abanei a cabeça para lhe dar a entender que ia ter de explicar-se melhor.

– A Donna Joy encenou o seu desaparecimento. Ela e a Sophie. Estavam juntas na jogada.

Fiz uma pausa para assimilar aquilo. Imaginei o que estava a acontecer nos bastidores. Estaria Sophie Cole a tentar um acordo, atirando as culpas para as costas da amiga desaparecida.

– Então não foi raptada?

Doyle abanou a cabeça.

– Ainda não sabemos por que o fizeram. Arriscando um palpite, diria que queriam incriminar o Martin para se apoderarem fraudulentamente da empresa.

Assenti.

– Foi o que o Martin pensou. Há uma cláusula no contrato de sociedade segundo a qual se um dos sócios puser em causa o bom nome da empresa o outro pode adquirir a sua posição.

Sentei-me mais direita no catre, mas senti-me no mesmo instante zozza e levei a mão à testa.

– Sente-se bem? – perguntou Doyle, com um ar preocupado.

– Acho que sim.

– Devia ir ao hospital para ser examinada. É claro que preciso de recolher o seu depoimento, mas isso não deverá demorar muito tempo. Depois posso dar-lhe uma boleia até Colchester. Também tenho de voltar ao hospital. – Fez uma pausa. – Lamento que tenha tido de passar por isto, Fran. Devia ter deixado o caso connosco. O que fez foi muito perigoso.

– Eu sei – disse, a sentir-me ainda abalada. – Mas quando uma pessoa está desesperada, faz seja o que for para tentar resolver a situação.

– Assumo que foi por isso que nos mentiu.

Tentei ler-lhe o tom, mas não consegui perceber se era de apoio ou de crítica.

– Sabia a ideia que podia dar, o facto de ter seguido o Martin e a Donna naquela noite. Foi por isso que disse ao sargento Collins que tinha ido para casa depois de ter passado pelo estúdio da Donna. Fiz mal, mas estava assustada.

O meu coração batia muito depressa. Sabia ao que aquilo podia levar: ser acusada de tentativa de perverter o curso da justiça, expulsão da profissão.

– Veja se não se mete em mais sarilhos – disse ele com o reconfortante fantasma de um sorriso, e eu senti como todo o meu corpo se relaxava.

Capítulo 48

Martin foi comigo até ao hospital, mas eu não o queria lá. Donna estava viva, mas a minha relação com o marido dela tinha morrido.

Esperou comigo nas Urgências. Eu era um caso prioritário, ao que parecia, acelerado a um aceno da polícia, mas mesmo assim demorei duas horas a ser examinada e tratada. Fizeram-me uma radiografia ao tórax e deram-me paracetamol para as dores de cabeça.

– Voltemos a Londres – disse Martin, a passar-me um braço pelos ombros. – Podemos finalmente voltar ao sótão.

– Acho que é melhor ir para casa – disse eu, cuidadosa.

– Muita coisa se resolveu esta noite, Fran, mas isso não altera o facto de o Pete Carroll ser perigoso. Houve um instante em que cheguei a pensar que podia ter tido qualquer coisa a ver com o desaparecimento da Donna. Pensei que talvez estivesse tão apaixonado por ti que fosse capaz de matar a Dona para me incriminar e tirar-me de cena.

– Se alguma vez te fartares da alta finança, acho que deves considerar uma carreira como escritor de ficção. – Sorri, a tentar livrar-me dele.

Martin olhou para mim e pousou ambas as mãos nos meus ombros.

– Muda-te para o sótão. Talvez não já, esta semana, este mês. Talvez devamos esperar até que tudo isto passe e possamos recuperar as nossas vidas com um novo começo. Mas mal posso esperar para viver contigo.

Não podia negar que ele era bonito. Que os seus olhos eram de um verde extraordinário, que tinha uns antebraços musculosos e bronzeados, que era a definição mesma da masculinidade. Viver num armazém convertido de muitos milhões de libras com Martin Joy, ter sexo incrível sempre que quisesse e um estilo de vida tirado de um filme seria o sonho de milhares de mulheres. Mas não meu. Já não.

Ele semicerrou os olhos, como se sentisse a minha rejeição.

– Não acreditas nesses boatos, pois não? Que eu batia na Donna.

Fiquei calada.

– Fran, é mentira. A Donna tramou-me. Toda essa história não passa de uma mentira.

– Acredito nisso – disse eu em voz baixa, embora não conseguisse afastar dos meus pensamento a ideia de como ele se comportava no local de trabalho. Isso nunca o negara.

– Preciso de ir à casa de banho. E depois quero um café. Também queres?

– Sim – respondeu, distraído. – Espero aqui.

Afastei-me pelo corredor até que cheguei ao mapa colorido e anotado numa das paredes, a dirigir as pessoas para a cardiologia, as consultas externas e a oftalmologia; todos os departamentos, todas

as enfermarias estavam listadas e eu procurei o sítio para onde ia.

Tinha ouvido o inspetor Doyle ao telefone, sabia aonde tinha de ir para falar com Sophie Cole, e segui o mapa para lá chegar.

A dada altura fingi que coxeava – sempre disse que tinha estofos de espia – e ninguém me deteve no meu caminho para o quarto particular onde Sophie recuperava.

Não precisei de ver os dois polícias à paisana que conversavam diante da porta para saber em que quarto Sophie Cole estava. Deixei-me ficar para trás e vi um deles olhar para o relógio e desaparecer ao fundo do corredor para ir falar com uma enfermeira. Quando o segundo recebeu uma chamada e se afastou para junto da janela para conseguir melhor sinal, soube que era a minha oportunidade.

Sophie parecia um fantasma, estendida na estreita cama.

Tinha partido a coluna vertebral e ambas as pernas. Estava ligada a um saco de plástico suspenso de uma armação de onde pingava um líquido incolor, talvez soro. Um braço estava envolto em gesso, as duas pernas metidas em talas e parafusos, mas Martin já me tinha dito que os médicos não tinham a certeza de se voltaria a poder andar.

A cama estava um tudo-nada soerguida, para lhe permitir olhar em redor. Rodou o pescoço muito devagar. Perguntei-me se teria dores.

– Que fazes aqui? – perguntou num fio de voz.

– Queria falar contigo.

Deu a impressão de estar a preparar-se para fazer notar que eu não devia estar ali, mas, como se fosse demasiado esgotante falar nisso, desviou o olhar.

– Por que o fizeste, Sophie?

Esperei por uma resposta, mas ela continuou calada.

– Tens de dizer-me. Deves-me ao menos isso. Tu e o Alex têm tudo. Não era o suficiente?

– O Alex não teve nada a ver com isto.

Disse-o com uma quase indetectável nota de remorso.

– Então porquê? – insisti, dando mais um passo na direcção da cama.

O silêncio quase engoliu o quarto.

– O valor da Gassler Partnership está no seu modelo algorítmico – disse ela por fim, um fio de saliva a escorrer-lhe pelo queixo. – Toda a tecnologia deles foi construída à volta de um sistema que eu criei. A ideia foi minha.

– Mas tu não és cientista informática.

– Não. Mas puxei todos os cordelinhos. Arranjei-lhes os melhores especialistas, os melhores engenheiros e técnicos informáticos, montei tudo. Mas o meu nome não aparecia por cima da porta nem no cabeçalho das cartas. Não havia acções em meu nome, nenhum crédito do ramo. Nenhum crédito da parte do Martin ou do Alex. Correram comigo.

Vi os olhos dela voltarem-se para o vidro fosco da janela, como se estivesse a ordenar os pensamentos, sem dúvida a perguntar-se como faria as coisas de uma maneira diferente se pudesse voltar atrás no tempo.

– Fazes alguma ideia do que é estar casada com homens como o Martin e o Alex? – disse, a olhar para mim. – Homens obcecados por dinheiro e *status*, homens consumidos pelo ego e pela ideia da sua importância. Neste momento, só estás a ver a parte boa. – Tentou sorrir como uma velha e benévola sábia. Em vez disso, a sua expressão foi dorida e quebrada. – Ficas impressionada pela confiança deles, pelo seu encanto, pelas bugigangas que te oferecem, os vestidos e as malas. Usam essas coisas para te fregar. E então encurralam-te e passam a controlar-te.

Eu sabia que lhe custava muito respirar, mas estava desesperada por ouvir tudo.

– Durante muito tempo inventas desculpas para eles, e então não consegues aguentar mais, mas então eles vão buscar os advogados espertalhões... pessoas como tu... para te tramar.

– É então uma questão de dinheiro – disse eu, devagar. – A Donna ia conseguir um acordo de oito dígitos. Não era o suficiente? Seria mais dinheiro do que ela conseguiria gastar numa vida inteira.

– Foi fácil convencer a Donna de que não era o suficiente – respondeu, com um murmúrio de triunfo.

A voz dela estava a tornar-se cada vez mais fraca. Aproximei-me da cama o mais que pude. Suficientemente perto para ver os olhos injectados de sangue e ouvir a respiração superficial.

– O Alex tinha um caso. Não com a Donna. Com uma galdéria qualquer do escritório. É tão estúpido que não fazia ideia de que eu sabia – continuou, sem me olhar nos olhos. – Eu estava a ver no que aquilo ia dar. O algoritmo estava sempre a ser aperfeiçoado pela equipa que eu tinha reunido. Cada vez mais eficaz. Mas eu sabia que quanto mais lucrativa e valiosa a empresa se tornasse mais eu seria pouco a pouco espremida para fora do meu casamento, substituída por uma pega que não contribuíra com nada, excepto lisonja e sexo. Por isso decidi fazer qualquer coisa a respeito.

Olhou para a janela, como se estivesse a recordar como tudo acontecera.

– Há anos que a Donna queria deixar o Martin. Nunca o amou de verdade, mas amava o estilo de vida e foi por isso que ficou com ele tanto tempo. Nunca pensei que o Martin tivesse tomates para pedir o divórcio, mas quando ele disse que o casamento dos dois estava acabado depois da viagem de Donna a Nova Iorque, soube que era a altura de pôr a engrenagem em movimento. Disse à Donna que se adiantasse e pedisse ela o divórcio. Arranjei-lhe um grande advogado. O *Piranha*. Mas sabia que o Martin ia fazer o mesmo. Sabia que não ia abrir mão sem luta de metade de tudo por que trabalhara. E quando começou a parecer que talvez a Donna não conseguisse cinquenta por cento, recordei-lhe como era injusto. Disse-lhe que havia outra maneira.

Estava a apagar-se depressa, demasiado fraca para falar. Ajudei-a a preencher as lacunas, falando em voz alta à medida que tentava perceber o plano.

– Por isso encenaste o desaparecimento dela. Sabias que o Martin seria o único suspeito, sabias como tirar partido da cláusula de moralidade do contrato de sociedade.

– A Donna fez a sua parte, inventou meia dúzia de entradas no diário a respeito do mau feitio do Martin e começou a dar graxa à irmã. Contou-lhe umas histórias a respeito de violência doméstica... o que não é muito difícil de acreditar. Foi para casa da irmã... roubou-lhe o passaporte. A pobre vaca nunca tinha ido a parte nenhuma, nem deu por falta dele.

Fez uma pausa para respirar.

– Na semana da resolução de litígios, convidou o Martin para ir lá a casa. Ele continuava a não conseguir resistir-lhe. Fizeram sexo. Ela pediu-lhe que se fosse embora.

– E tu foste buscá-la.

– Tinha combinado sair com o Alex naquela noite. Tinha de preparar o álibi *dele*, por via de dúvidas. Fomos para casa. Pus um *Zopiclone* na bebida dele e arranjei uma discussão para ter um pretexto para dormir no quarto de hóspedes. Quando o Alex se apagou, fui buscar a Donna e levei-a para fora de Londres. Tinha uma pessoa para a meter no *ferry* para França, sem dar nas vistas. Naquele momento seria demasiado perigoso usar o passaporte da Jemma. Mas na manhã seguinte ela estava em França. Tinha de manter-se fora de Paris até eu lhe arranjar um lugar mais afastado. Queria ir para Bali. Gostava de lá estar. Não foi difícil vender-lhe a ideia de passar um par de anos ao sol.

– E depois? – perguntei, a não querer acreditar na audácia das duas mulheres.

– Uma vez que o Alex conseguisse o controlo total da empresa, o plano era ajudá-lo a desenvolvê-la. A Gassler proporciona um retorno tão grande que as pessoas depressa se esqueceriam de Martin Joy e do seu envolvimento na empresa. E eu tenho investidores a fazer fila. Fazer amizade com esposas ricas é uma estratégia poderosa. E então ia divorciar-me dele. Ao contrário de Donna, a minha reivindicação de cinquenta por cento seria muito mais forte.

– E que ganhava ela com isso?

– Faz as contas. Trinta por cento dos activos do Martin, ou dividir comigo um bolo muito maior. Donna era gananciosa. Fácil de convencer.

– E valeu a pena tudo isto? – disse eu, numa voz tão baixa que não tive a certeza de ela me ter ouvido.

– Não foi uma questão de dinheiro. Foi uma questão de princípio – sibilou ela, como se tivesse ido buscar energia a um poço sem fundo de raiva.

– E consideravas esse princípio tão importante que estavas preparada para me matar?

– Não devia acabar assim.

Olhou-me nos olhos e, naquele momento, acreditei nela.

– Só queria o Martin fora da empresa – disse devagar, num tom deliberado. – Queria-o caído em desgraça, e fora. Só precisávamos de uma suspeita suficiente para o obrigar a sair. Só isso. Foi por isso que Donna deixou a casa como deixou. Não a devastou, ninguém falou de *luta violenta*. Fomos subtis, sugestivas.

– E o sangue na cama?

– Simples. Uma picada num dedo. É espantoso o que se consegue tirar de dedos carnudos. Como disse, não queríamos a *Chacina com Motosserra do Texas*. Só uma sugestão de problemas. – Deixou escapar um breve suspiro de irritação. – Mas então o Alex disse-me que tinhas seguido o Martin naquela noite. Tinha-lo seguido até casa de Donna como um cachorrinho apaixonado. Eras o álibi dele, e como tal estragavas tudo, sendo tão patética como as outras mulheres que se apaixonam por homens como o Martin Joy.

Só consegui abanar a cabeça. Ela estava pálida, estendida na cama. Demorou alguns segundos a continuar a sua história.

– Mas eu tinha começado uma coisa, Francine, e por isso tinha de acabá-la. Convidei o Martin a ficar em nossa casa depois de ter sido detido. Queria mantê-lo debaixo de olho. Uma noite tive uma conversa de coração-para-coração com ele e perguntei-lhe como era a sua relação contigo. Disse-me que te amava mas receava que fosses mentalmente frágil. Claro que não precisava que ele mo dissesse. Já tinha visto as marcas das lâminas de barbear.

– Pensaste que seria fácil livrares-te de mim. A amante instável que já tinha tentado o suicídio.

– O Alex disse-me que lhe tinhas telefonado, ontem à noite. Disse que estavas paranóica. Mas também disse que tinhas encontrado o colar da Donna que eu tinha deixado em Dorsea, para que a polícia o encontrasse. Nem queria crer que não tinham. Incompetentes.

– De modo que era demasiado perigoso deixar-me andar à solta por aí.

– A Donna era o mesmo – murmurou ela.

Reparei que ela o tinha dito outra vez. A Donna *era*.

– Por que continuas a falar da Donna no passado, Sophie?

– No passado?

– Reparei nisso quando nos encontrámos nos escritórios da Gassler.

– E isso importa?

Senti a pele arrepiar-se-me quando comecei a compreender.

– Ela está morta, não está? Disseste à polícia que está em França, mas não está, pois não?

Sophie não respondeu.

– A Donna está morta, não está, Sophie? – disse eu, e dei mais um passo em direcção à cama. –

Podia voltar a qualquer momento quando tu estavas preocupada com o facto de o Martin ter um álibi. Mas não voltou. Porque não podia.

– Era tão estúpida como tu – murmurou Sophie. – Uma cobarde irresponsável. Não podia confiar que respeitasse o plano. Sabia que ela havia de ter uma escorregadela, comprar um telemóvel, deixar pegadas na imprensa social. Ou fraquejar e decidir que não podia continuar.

– Não querias dividir o dinheiro com ela, pois não?

Ouvi a porta abrir-se nas minhas costas. Voltei-me e vi o inspector Doyle com um copo de café na mão, a olhar para mim com um ar de desapontamento, mas não de completa surpresa.

– É melhor ir-se embora – disse, num tom firme, e eu tive o bom senso de não discutir.

– Não queria fazer-te mal, mas tu atravessaste-te no meu caminho – disse Sophie, e eu saí do quarto e não olhei para trás.

Capítulo 49

Dois meses mais tarde

O restaurante Summerhouse em Little Venice pareceu-me o lugar ideal para me encontrar com Clare para almoçar. Ficava perto do Centro de Aconselhamento e a sua localização, junto ao canal, tornava-o perfeito para passar uma tarde de início de Verão.

– Nem posso crer que foi vendido por mais cinquenta mil do que o preço-base – disse Clare, a espetar uma azeitona, quando lhe contei do leilão em proposta selada do meu apartamento.

– Durante um tempo estive tentada a conservá-lo – confidencieei, a bebericar o meu sumo de maçã.

– Pensava que o mercado imobiliário em Londres tinha arrefecido, mas parece que não.

– Não, fizeste bem – disse Clare com um ar sábio, uma mão pousada na barriga.

Assenti, a saber que ela tinha razão. Pete Carroll tinha mudado de casa uma semana depois dos acontecimentos em Dorsea. Se foi por vergonha ou por temer que eu o denunciasses à polícia, nunca chegaria a saber. Não sabia para onde tinha ido. Até o correio não tardara a deixar de chegar. Por vezes perguntava-me se ele chegara a existir.

Ainda naquela altura não tinha a certeza de ter tomado a decisão certa ao não apresentar queixa contra Pete nos dias que se seguiram à detenção de Sophie. Tinha-se aproveitado da minha vulnerabilidade. Tinha abusado de mim e merecia ser condenado e sentenciado. Mas depois de tudo o que tinha acontecido, do que menos precisava era do *stress* adicional de denunciar formalmente o que ele tinha feito, apesar dos encorajamentos de Michael Doyle e Tom Briscoe. A minha sanidade mental era o mais importante para mim, não a vingança ou a justiça. Tinha razão? Estava a ser egoísta? Não sei o que outras pessoas teriam feito nas mesmas circunstâncias, mas para mim fora a escolha certa, pelo menos naquele momento. Precisava de recompor-me e recuperar forças. Desembaraçar-me do apartamento fizera parte do processo de distanciar-me de tudo o que tinha acontecido. Mas gostava de pensar que a dada altura ia voltar a encontrar Pete Carroll e denunciá-lo, porque não tinha a certeza de conseguir sarar como deve ser se o não fizesse. Devia-o a mim e a outras que tinham estado na minha situação.

– Como correu a reunião com o Dave Gilbert? – perguntei quando a empregada trouxe uma salada a transbordar de tomates-cereja, da cor de *pennies* acabados de cunhar.

– Gostei dele.

– É o melhor advogado de divórcios que conheço. E como está o Dom a portar-se?

– Mudou-se para o apartamento do piso com a empregada. Aposto que a rapariga pensou que seria óptimo engatar o patrão. Espera só até que ela descubra como ele é de verdade com todas aquelas suas trampas de homem.

A minha amiga fez-me um sorriso triste. Tentava manter uma fachada de coragem, mas eu sabia que a separação não estava a ser fácil para ela. Como veio a descobrir-se, todos os que trabalhavam no Dom's sabiam que ele tinha um caso com a empregada polaca. Começara no mesmo dia em que a contratara, e já costumavam escapulir-se para uma rapidinha, no andar de cima ou em casa dela, ainda antes de o restaurante ter aberto.

Pelo menos, eu e Clare tínhamos o nosso cruzeiro com que sonhar. Íamos navegar pelo Adriático e pelo mar Egeu no mês seguinte e eu mal podia esperar por passear pelos mercados de fruta de Veneza, pelas estreitas ruas secundárias de Míconos, com as suas casas caiadas de branco, e ver os telhados de terracota de Dubrovnik. Tinha comprado dúzias de vestidos de Verão para a nossa viagem, muito diferentes de tudo o que havia no meu guarda-roupa, coisas com alças, atrevidas, num caleidoscópio de cores e padrões. Clare, entretanto, chamava-lhe a sua lua-de-bebé e já me convidara para ser a sua parceira de parto.

– Vá lá, como foi o teu encontro com o Gil ontem à noite? – perguntei quando acabámos de comer.
– Não foi um encontro – protestou ela, indignada.
– Pensava que tinham ido jantar – disse eu, a espicaçá-la.
– Fomos comer um hambúrguer a um *pub* onde tocava uma banda de homenagem aos Smiths. Foi só pela música.

– Pois – disse eu, e sorri.
– A que horas tens a consulta com ele?
– Às duas e meia – respondi, a olhar para o relógio. – Fica só a dez minutos a pé daqui, não é?
Clare assentiu.

– Vou contigo. – Cravou em mim um olhar mais intenso. – Estás pronta para isto?
Assenti. Tinha demorado algum tempo a aceitar a ideia de recorrer a aconselhamento para processar tudo o que tinha acontecido. Já tinha tido terapia e medicação mais do que suficientes por causa da minha doença bipolar, mas os *flashbacks* e os pesadelos não se iam embora. Continuava a ter dificuldade em ir a lugares isolados, e até os vestiários do ginásio me punham por vezes nervosa quando não estava lá mais ninguém.

Mas confiava em Gil Moore, e concordava que precisava de lidar com os vários problemas que se calhar sempre tivera, mas que tinham sido inflamados pelo que acontecera com Martin e Donna Joy e com Sophie Cole.

Tinham passado várias semanas antes que eu me dispusesse a falar daquilo fosse com quem fosse, apesar de ter lido do princípio ao fim todas as notícias escritas sobre o caso que parecia ter ganhado a alcunha de «A Vingança das Primeiras Esposas». Sophie tornara-se famosa, mas também conseguira algum apoio como um ícone ultrafeminista, um símbolo de poder por ter declarado guerra aos maridos capitalistas e controladores. Perguntava-me se as pessoas que a louvavam sabiam como tinha sido aterrador para mim em Dorsea Island. Ou que ela matara Donna Joy para levar a cabo o seu plano.



A polícia nunca encontrou Donna Joy em França, nem, já agora, em qualquer outro lugar. Continua desaparecida... uma espécie de lorde Lucan de Chelsea, apesar de ter havido «avistamentos» em lugares tão distantes como o Paraguai e a Papua Nova Guiné.

Sophie nega ter tido qualquer conversa comigo a respeito de ter feito mal a Donna. É verdade – nunca o admitiu explicitamente, mas eu vi a expressão nos olhos dela e *soube*. Soube o que ela lhe tinha feito. Como vai isto aguentar-se em tribunal, não sei. O dia há-de chegar. O inspector Doyle está a construir o seu caso contra Sophie, a tentar pegar-lhe por qualquer coisa mais do que ter entrado em Dorsea e ter-me atacado, a examinar gravações das câmaras de vigilância para vê-la sair de Londres com Donna, descobrir para onde tinham ido. Ajudarei em tudo o que puder, embora no fundo saiba que se o interesse no caso esmorecer, se o corpo de Donna nunca for recuperado, se não houver provas a sugerir que ela fez mais do que apenas esconder-se, então Sophie escapará impune.

Sei melhor do que ninguém que não há lugar para especulação e conjectura no banco das testemunhas, mas quando estou quieta e sozinha, penso no que poderá ter acontecido a Donna Joy naquelas horas que se seguiram ao seu desaparecimento.

Penso no que diria, que hipóteses aventaria, que história teceria se fosse o advogado da Coroa, não uma simples cidadã a fazer um depoimento.

Penso em Donna Joy a entrar no carro de Sophie naquela noite, depois de ter pedido a Martin que saísse da sua cama, e em Sophie, ansiosa mas preparada ao volante de um carro comprado em dinheiro, à espera dela. Penso nas duas a saírem de Londres, quais alegres Thelma e Louise, pedradas de amizade, liberdade e adrenalina, e na sua chegada a uma casa alugada fora da estação ou outro edifício ignorado e discreto, num qualquer lugar remoto e indetectado.

Penso que Donna não partiu logo para França. Na realidade, penso que nem chegou a ir para França, apesar de ter levado o passaporte da irmã e ter feito uma viagem de teste no Eurostar – as misteriosas miniférias que Phil Robertson testemunhara tantas semanas antes. Penso que Donna Joy ficou no seu solitário esconderijo à espera da próxima ordem de Sophie. Mas acredito que lhe faltou a coragem para levar o plano por diante e quis voltar antes mesmo de ser dada como desaparecida. E que foi quando Sophie apareceu para a persuadir a manter-se fiel à ideia que a matou, que escondeu o corpo numa cova pouco funda ou numa fossa séptica. Ou talvez Donna tenha conhecido qualquer outro triste fim que nunca poderia ter imaginado.

Sabia com que facilidade o advogado de defesa de Sophie poderia destruir a minha história. Tenho em casa um bloco-notas, escondido na gaveta da roupa de ginástica, com os argumentos que usaria em tribunal, se estivesse a representar Sophie.

Sei como me bateria para tornar inadmissíveis quaisquer gravações pouco nítidas de câmaras de vigilância com que pretendessem identificar Sophie e Donna. Procuraria respostas a respeito da obsessiva namorada de Martin. A mulher que vigiara a casa de Donna na noite em que ela desaparecera. A muito pouco fiável amante que tinha razões para querer Donna morta.

Mas esses pensamentos ficam no meu bloco-notas, porque não quero pensar neles mais do que o estritamente necessário.



Entrámos no Centro de Aconselhamento de West London quase em silêncio. Gostava de ver o Sol brilhar no canal e os cisnes deslizarem sobre a água. Clare tinha-me recomendado que começasse a tentar ver o lado bom de todas as coisas, recordando-me de que os prazeres simples estão por todo o lado. E tinha razão, havia na minha vida montes de coisas capazes de me fazer sorrir. O meu apartamento vendera-se depressa e com um bom lucro. Continuava na Burgess Court – a nossa fusão com a Sussex Court estava iminente – e Tom Briscoe tornara-se um amigo chegado. Tinha tentado convencer-me a não retirar a minha candidatura a conselheira, mas, como lhe tinha dito meia dúzia de vezes, não sabia se seria capaz de aceitar a rejeição naquele momento. Além disso, haveria outras oportunidades para me candidatar.

Daniyal Khan voltou ao Reino Unido após umas férias de duas semanas no Paquistão, tal como o pai prometera. Talvez a relação de Yusef Khan com a sua nova namorada em Bedford fosse mais séria do que tínhamos imaginado. Talvez Yusef não fosse o patife que tínhamos imaginado, pelo menos no que respeitava ao filho. O amor vence sempre.

Quanto à minha vida amorosa, tinha decidido que estava melhor sozinha. Pelo menos por enquanto. Martin Joy ainda me telefona de vez em quando. Continuamos ligados através de Donna, agora como testemunhas de acusação contra Sophie Cole. Havemos com certeza de voltar a ver-nos no tribunal.

Mas os meus sentimentos por ele dissolveram-se tão depressa como se tinham incendiado.

Só queria esquecer todo aquele episódio da minha vida e era como se as minhas emoções também ooubessem.

Despedi-me de Clare enquanto recolhia as suas mensagens na recepção. Disseram-me que subisse ao primeiro piso, o que era um desvio em relação à minha primeira visita.

– Muito bonito – disse a Gil, a examinar o vasto e bem iluminado espaço do seu novo gabinete.

Ele sorriu.

– Alguém que se foi embora. Eu estava preparado para pagar mais, mas gosto de dizer a mim mesmo que é uma promoção.

– Hoje não há luzes azuis?

Não tinha a certeza de que ajudassem. Quando à noite fechava os olhos, continuava a ver as rodopiantes luzes azuis das ambulâncias e da polícia a aproximarem-se de Dorsea House. Sabia que Gil queria que eu falasse daquela noite, mas eu queria que fosse o menos stressante possível.

Sentei-me numa velha poltrona e, nervosa, esfreguei as palmas das mãos na saia.

Gil sentou-se à minha frente. Perguntei-me se teria havido alguma faísca entre ele e Clare no *pub* em Putney. Seriam apenas dois amigos numa saída à noite, como Tom Briscoe me tinha convidado para ir a um *comedy club* na sexta-feira seguinte? Ou haveria mais qualquer coisa? Uma vez que eram colegas de trabalho, não sabia se seria muito boa ideia envolverem-se numa relação. Mas, por outro lado, onde deviam as pessoas encontrar um parceiro? Tinha tentado lembrar-me disto nas muitas vezes em que me amaldiçoara por ter-me envolvido com um cliente. Não era errado. Era normal. Ninguém é perfeito. Seguimos as nossas dicas e pistas, aproveitamos as oportunidades onde elas se nos apresentam, damo-nos com as pessoas com as quais temos coisas em comum. Talvez por isso tinha comprado um vestido novo para a minha saída com Tom. Talvez por isso tivesse começado

a sentir borboletas no estômago sempre que bebíamos uma caneca de chá juntos na minúscula cozinha do escritório.

Falámos de bagatelas. Gil fez-me umas perguntas, a anotar as minhas respostas no seu bloco.

– Hoje vamos falar daquela noite em Dorsea. Sente-se preparada para isso?

– Seja gentil – disse eu, com um ligeiro e nervoso bufar pelo nariz.

Gil cruzou as pernas e pousou a mão no colo.

– Eu sei que é difícil recordar aquela noite, Fran, mas sem ela a Sophie Cole talvez nunca tivesse sido apanhada. Se pensar em todas as coisas positivas que resultaram daquela noite, ajudará a sarar as emoções negativas que lhe associa.

– Por onde começamos? – perguntei, hesitante.

– Por que não me conta como se fosse uma história? Descobri que isso ajuda. Cria uma distância emocional antes de examinarmos os nossos sentimentos mais em profundidade.

Concordei com a sugestão. Era a rapariguinha que adorava livros. A adolescente que queria escrever um romance. Como adulta, as histórias pareciam-me uma boa maneira de rever tudo o que tinha acontecido.

Inspirei fundo e preparei-me. Era forte e estava pronta para seguir em frente. Fechei os olhos e deixei o silêncio transportar-me de volta a Dorsea Island quando comecei a falar.

– É engraçado como a mente consegue bloquear as recordações que já não quer guardar. Sabe como é. Mas, se fechar os olhos, ainda consigo ouvir os sons daquela noite de Maio. O uivo de um vento frio tão a despropósito da estação. O bater da janela do quarto. O mar a raspar os seixos da praia, ao longe...

Agradecimentos

Quero agradecer à minha agente Eugenie Furniss, a Liane-Louise Smith, Rachel Mills e a Lucy Steeds, da Furniss Lawton. E também a Drew Reed, Marcy Drogin e Toby Jaffe, da Original Films.

Kimberley Young, Eloisa Clegg, Felicity Denham, Claire Ward e toda a equipa da HarperCollins que não só ajudaram a trazer este livro ao mundo como tornaram o processo de publicação tão divertido que muitas vezes ia para uma reunião de *marketing* e três horas mais tarde ainda estava à conversa com elas. Obrigada também a Katherine Nintzel e à fantástica equipa da William Morrow.

Foram muitos os que me ofereceram generosamente o seu tempo e o seu saber para me ajudar a construir a teia. Os brilhantes advogados de família Michael B. e Fiona S. percorreram comigo os mais recentes desenvolvimentos do Direito de Família, do processo de divórcio e da resolução financeira. Quaisquer erros são meus. Suzanne P. foi a minha primeira leitora, caixa de ressonância e olhos de águia. Começámos juntas as nossas carreiras na advocacia e continuamos a ser grandes amigas, apesar de eu ter deixado a profissão há já muito tempo. Podemos falar de livros e de Direito enquanto bebemos um *cocktail* de ruibarbo sempre que quisermos. O doutor Jim ofereceu-me uma extraordinária perspectiva do fascinante e complexo mundo dos apagões e recuperação de memórias. Obrigada também a Goat, Scarlett Taor e Benny Harvey.

Tu És Meu foi durante muito tempo apenas um documento *word* chamado *Thriller* escondido no meu portátil. Obrigada a toda a minha família pelo apoio que me deram, sobretudo o meu filho Fin, que percorreu alegremente as ruas de Chelsea comigo, a planear as jogadas de Francine, e o meu marido, John, que foi o meu campeão desde o início e nunca pareceu importar-se por eu querer falar a respeito de pontos do enredo quando ele queria ver *A Guerra dos Tronos*. Este é para ti.

Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, TJP Media Ltd
J. L. Butler tem os direitos morais desta obra
© 2017, Planeta Manuscrito

Título original: *Mine*

Tradução: Mário Dias Correia

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: © MikeDotta – Shutterstock

1.ª edição em epub: Fevereiro de 2019

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-214-6 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

